

**EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E
CONSTRUÇÃO DE CIDADANIA VINCULADA À ECOLOGIA:**

**APROPRIAÇÕES DAS PROPOSTAS DA CIDADE ESCOLA AYNÍ PELOS
SUJEITOS EDUCANDOS**

Carine Filippi Chiella Nichele



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

CARINE FILIPPI CHIELLA NICHELE

EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E
CONSTRUÇÃO DE CIDADANIA VINCULADA À ECOLOGIA:
APROPRIAÇÕES DAS PROPOSTAS DA CIDADE ESCOLA AYNÍ PELOS SUJEITOS
EDUCANDOS

São Leopoldo

2024

CARINE FILIPPI CHIELLA NICHELE

EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E
CONSTRUÇÃO DE CIDADANIA VINCULADA À ECOLOGIA:
APROPRIAÇÕES DAS PROPOSTAS DA CIDADE ESCOLA AYNÍ PELOS SUJEITOS
EDUCANDOS

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Área de concentração: Processos Midiáticos.

Orientadora: Profa. Dra. Jiani Adriana Bonin

São Leopoldo

2024

N594e Nichele, Carine Filippi Chiella.
Educomunicação socioambiental e construção de cidadania vinculada à ecologia : apropriações das propostas da Cidade Escola Ayni pelos sujeitos educandos / Carine Filippi Chiella Nichele. – 2024.
228 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação, 2024.

“Orientadora: Profa. Dra. Jiani Adriana Bonin”

1. Apropriações comunicacionais/midiáticas. 2. Cidadania. 3. Ecologia. 4. Educomunicação socioambiental. 5. Sujeitos educandos. I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

CARINE FILIPPI CHIELLA NICHELE

**EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E CONSTRUÇÃO DE
CIDADANIA VINCULADA À ECOLOGIA: APROPRIAÇÕES DAS
PROPOSTAS DA CIDADE ESCOLA AYNÍ PELOS SUJEITOS
EDUCANDOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

APROVADA EM 29 DE ABRIL DE 2024.

BANCA EXAMINADORA

**PROFA. DRA. HELÂNIA THOMAZINE PORTO – UNEB
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROFA. DRA. NORAH SHALLYMAR GAMBOA VELA - UNESR
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



PROFA. DRA. JIANI ADRIANA BONIN - UNISINOS

AGRADECIMENTOS

Quando o Mestrado estava só no campo dos sonhos a serem realizados, poucas pessoas entenderam esse desejo. Fui questionada se já não estava cansada de estudar, se não devia focar minha energia em alguma outra coisa. A verdade é que quando me propus a fazer a inscrição no processo seletivo em 2021, ninguém sabia. Senti a necessidade de passar por esse processo sozinha, de estar focada nesse desejo sem a pressão da opinião alheia.

Nesse momento, concluindo a pesquisa de dissertação após dois anos do início da trajetória, surge um sentimento de gratidão por inúmeras questões, começando pela minha determinação durante esse processo. Mas para conseguir realizar esse sonho, tive uma rede de apoio que foi fundamental, pessoas que tornaram o caminho mais leve e foram suporte nos momentos de dificuldade.

Agradeço à minha família pelo apoio em cada decisão que tomei, pela paciência durante minhas ausências e pelo conforto que sempre tive desde a infância, de poder estudar, trabalhar, viajar e sempre ter uma casa para onde posso voltar.

Aos amigos que me apoiaram durante estes dois anos, principalmente, minha orientadora da graduação, Carina, que foi a pessoa determinante para meu desejo de seguir estudando, compartilhando materiais e auxiliando na construção do projeto de pesquisa.

À empresa onde trabalho, pela compreensão durante aulas e eventos em que me ausentei do trabalho, pelo apoio durante todo processo e pela liberdade de poder me dedicar aos estudos com a garantia de um emprego.

Ao Grupo de Pesquisa Processocom e aos colegas da Rede Amlat, pelas histórias compartilhadas e ensinamentos em cada texto e pesquisa que discutimos em nossos encontros, por ser um espaço encorajador, de acolhida e de simplicidade.

Aos colegas que compartilharam comigo aulas e eventos, à turma que ingressou comigo no Mestrado e, em especial, ao amigo Pedro Henrique e às amigas Maria Fernanda, Joice, Jaqueline e Maritcheli que tornaram o caminho afável, produtivo e divertido.

Aos professores, coordenação e secretárias do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos, pela excelência no ensino e eficácia nos atendimentos que necessitei. Em especial ao professor Efendy pelas partilhas, questionamentos e oportunidades que me apresentou.

À minha orientadora Jiani, sempre sensível e inspiradora. Suas provocações foram fundamentais para meu desenvolvimento crítico durante a pesquisa e seu apoio me faz querer seguir estudando.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa que me foi concedida, sem ela nada disso seria possível. Sou grata pelo apoio recebido durante eventos, publicações e coleta de dados da dissertação.

À toda equipe da Ayni pelos momentos vividos, pela acolhida e pela amizade que construímos e aos sujeitos coparticipes da pesquisa pela abertura e compartilhamento de saberes, essas pessoas foram indispensáveis para a construção da dissertação.

Encerro este ciclo com imensa alegria por ter sido uma experiência tão rica e transformadora, que abriu minha mente para o exercício questionador e inquieto de “ser pesquisadora”.



Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a
caminhar.

Pedagogia da Esperança - Paulo Freire

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar as apropriações das práticas comunicacionais/educativas por sujeitos educandos da Cidade Escola Ayni (Guaporé - RS), buscando compreender como colaboram para a construção de processos educacionais e de cidadania vinculados à ecologia. A pesquisa inclui uma reflexão contextual sobre o desenvolvimento social e o uso da educação socioambiental como alternativa para a inserção da temática ecológica no ambiente educativo. A fundamentação teórica foi construída a partir da problematização de aportes produtivos para pensar a educação, os sujeitos comunicantes e suas apropriações comunicacionais e midiáticas e a cidadania vinculada à ecologia. Fundamentada na perspectiva transmetodológica, a pesquisa empírica conta com o uso de estratégias multimetodológicas entrelaçadas. Foi empreendida uma pesquisa participante auxiliada por movimentos de observação, registro em diário de campo, realização de uma oficina criativa e entrevistas. A pesquisa empírica foi realizada com diferentes movimentos, iniciando com uma pesquisa exploratória, que forneceu pistas e elementos da dimensão ecológica para pensar e planejar os movimentos seguintes de interação com o campo. Por meio de minha participação nos cursos e no voluntariado ofertados pela Cidade Escola Ayni, pude realizar uma oficina criativa com as crianças e aprofundar as discussões estabelecidas na pesquisa por meio de entrevistas com sujeitos educandos adultos. A observação foi realizada de maneira complementar, compreendendo e problematizando as especificidades da realidade investigada, como também a partir da participação dos sujeitos educandos nas dinâmicas e nos processos educacionais da escola. Como resultado, entendo que as práticas educacionais desenvolvidas na Cidade Escola Ayni contribuíram para a construção e potencialização de saberes, competências e aprendizagens para uma cidadania ecológica, tomando como essenciais as vivências socioculturais dos sujeitos educandos coparticipes da pesquisa. Como limitações entendo que há debates críticos sobre temas sociais que precisam ser fortalecidos na escola a fim de se construir uma cidadania ecológica plena.

Palavras-chave: educação socioambiental; sujeitos educandos; apropriações comunicacionais/midiáticas; cidadania; ecologia.

RESUMEN

La presente investigación tiene como objetivo investigar las apropiaciones de prácticas comunicativas/educativas por parte de sujetos estudiantes de la Cidade Escola Ayni (Guaporé - RS), buscando comprender cómo contribuyen a la construcción de procesos educomunicativos y de ciudadanía vinculados a la ecología. La investigación incluye una reflexión contextual sobre el desarrollo social y el uso de la educomunicación socioambiental como alternativa para la inserción de temas ecológicos en el ámbito educativo. La fundamentación teórica se construyó a partir de la problematización de aportes productivos para pensar la educomunicación, los sujetos comunicantes y sus apropiaciones comunicativas y mediáticas y la ciudadanía vinculada a la ecología. Basada en la perspectiva transmetodológica, la investigación empírica se basa en el uso de estrategias multimetodológicas entrelazadas. Se llevó a cabo una investigación participativa, ayudada por movimientos de observación, registro en un diario de campo, realización de un taller creativo y entrevistas. Se realizó investigación empírica con diferentes movimientos, iniciando con la investigación exploratoria, que aportó pistas y elementos desde la dimensión ecológica para pensar y planificar los siguientes movimientos de interacción con el campo. A través de mi participación en los cursos y voluntariado ofrecidos por Cidade Escola Ayni, pude realizar un taller creativo con los niños y profundizar las discusiones establecidas en la investigación a través de entrevistas con sujetos estudiantes adultos. La observación se realizó de manera complementaria, comprendiendo y problematizando las especificidades de la realidad investigada, así como a partir de la participación de los sujetos estudiantes en las dinámicas y procesos educomunicativos de la escuela. Como resultado, entiendo que las prácticas educomunicativas desarrolladas en la Cidade Escola Ayni contribuyeron a la construcción y potenciación de conocimientos, habilidades y aprendizajes para la ciudadanía ecológica, tomando como esenciales las experiencias socioculturales de los estudiantes participantes de la investigación. Como limitaciones, entiendo que existen debates críticos sobre temas sociales que es necesario fortalecer en la escuela para construir una ciudadanía ecológica plena.

Palabras clave: educomunicación socioambiental; sujetos estudiantes; apropiaciones comunicativas/mediáticas; ciudadanía; ecología.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - A chegada.....	53
Imagem 2 - A descoberta dos ateliês	131
Imagem 3 - Logotipo	131
Imagem 4 - Ateliê Yaku	133
Imagem 5 - Ateliê Thimpu	134
Imagem 6 - Ateliê Uayra	135
Imagem 7 - Lá Fora (Nina).....	136
Imagem 8 - Banheiro sustentável	137
Imagem 9 - Círculo de Partilhas	138
Imagem 10 - Kuaracy Korá	139
Imagem 11 - Recanto dos Cogumelos	139
Imagem 12 - Casa das Sementes	140
Imagem 13 - Agrofloresta.....	141
Imagem 14 - Dia de chuva no voluntariado	167
Imagem 15 - Roda de conversa	172
Imagem 16 - Oficina Arte Ecológica.....	173
Imagem 17 - As produções artísticas.....	174

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Levantamento bibliográfico	38
Tabela 2 - Temáticas do levantamento bibliográfico	38
Tabela 3 - Tipos de pesquisa do levantamento bibliográfico	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABPEducom – Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEDAE – Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro

CEPAP – Centro de Experimentação para a Aprendizagem Permanente

COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

EUA – Estados Unidos da América

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

LP3 – Linha de Pesquisa 3

MEI – Microempreendedor Individual

MMA – Ministério do Meio Ambiente

NCE-ECA/USP – Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

ONG – Organização Não-Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

OMS – Organização Mundial da Saúde

PA – Pará

PIB – Produto Interno Bruto

PPG – Programa de Pós-Graduação

PPP – Projeto Político Pedagógico

PROEX – Programa de Excelência Acadêmica

ProNEA – Programa Nacional de Educação Ambiental

RJ – Rio de Janeiro

RS – Rio Grande do Sul

SP – São Paulo

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TV – Televisão

ROTA DE PESQUISA

INTRODUÇÃO: DE ONDE ESTOU PARTINDO E MAPA DE NAVEGAÇÃO.....	14
1 A PROBLEMÁTICA: PRINCÍPIO DA INVESTIGAÇÃO	17
1.1 Objetivos.....	22
1.1.1 <i>Objetivo geral</i>	22
1.1.2 <i>Objetivos específicos</i>	22
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: REFLEXÕES E PERCURSOS	24
2.1 Perspectivas epistêmicas e transmetodológicas.....	25
2.1.1 <i>Fundamentos epistêmicos</i>	25
2.1.2 <i>O fazer científico, o artesanato e a práxis metodológica</i>	30
2.1.3 <i>O lugar da transmetodologia na pesquisa</i>	34
2.2 Levantamento bibliográfico e estado da arte	37
2.3 A pesquisa metodológica.....	42
2.4 A pesquisa exploratória	47
2.4.1 <i>Primeiros movimentos exploratórios na Cidade Escola Ayni</i>	48
2.4.2 <i>Da Ayni digital para a Ayni do bosque</i>	52
2.5 A pesquisa sistemática.....	58
2.5.1 <i>Dimensões de observação e procedimentos de coleta de dados</i>	59
3 EM BUSCA DE UM DESENVOLVIMENTO INTEGRAL: HUMANO E NATUREZA COMO QUESTÕES PRINCIPAIS	63
3.1 Repensar o conceito de desenvolvimento: a dimensão ecológica no debate.....	63
3.2 Experiências em educomunicação socioambiental no contexto brasileiro.....	75
3.2.1 <i>Cidade Escola Ayni: educação, economia e agroecologia</i>	83
4 EDUCOMUNICAÇÃO, SUJEITOS COMUNICANTES E CIDADANIA ECOLÓGICA	91
4.1 Educomunicação: um caminho para a transformação social.....	92
4.2 Sujeitos comunicantes e apropriações comunicacionais e midiáticas	105
4.3 Cidadania vinculada à ecologia: assumir-se como parte do todo.....	116
5 PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS NA AYNÍ, APROPRIAÇÕES E APRENDIZADOS DOS SUJEITOS EDUCANDOS COMUNICANTES.....	128

5.1 Observar, analisar e significar: elementos que fornecem pistas e constatações da dimensão ecológica.....	129
5.1.1 <i>Cenários do processo educocomunicativo</i>	129
5.1.2 <i>Como ocorre o processo educocomunicativo</i>	146
5.1.3 <i>Os sujeitos educandos</i>	153
5.2 O trabalho e a experiência: reflexões a partir de minha participação na Ayni.....	160
5.2.1 <i>Os cursos e vivências</i>	161
5.2.2 <i>O voluntariado</i>	166
5.3 O desafio de instigar a criatividade das crianças: a Oficina Arte Ecológica.....	170
5.4 As entrevistas: trajetória comunicacional e midiática dos sujeitos educandos, relações e aprendizados na Ayni	175
5.4.1 <i>Conhecendo as(os) sujeitas(os) educandas(os) entrevistadas(os)</i>	176
5.4.2 <i>Mediações comunicacionais e midiáticas</i>	179
5.4.3 <i>Saberes e competências em relação à ecologia</i>	188
5.4.4 <i>Aprendizagens para o exercício da cidadania vinculada à ecologia</i>	194
5.4.5 <i>Esperançar mudanças: comunicação e educação para emancipação</i>	204
6 REFLEXÕES SOBRE A JORNADA	212
REFERÊNCIAS	219
APÊNDICE A- ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO: CENÁRIOS, PRÁTICAS E PARTICIPAÇÃO NA AYNÍ	225
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA: TRAJETÓRIA COMUNICACIONAL E MIDIÁTICA, RELAÇÕES E APRENDIZADOS NA AYNÍ	226

INTRODUÇÃO: DE ONDE ESTOU PARTINDO E MAPA DE NAVEGAÇÃO

Quando eu, Carine, me inscrevi no Mestrado, procurei submeter ao processo seletivo um projeto que conversasse com minhas experiências anteriores no ambiente escolar e acadêmico e que fosse conectado ao meu interesse em aprofundar questões que se relacionam com novas práticas de consumo e o caminho para uma educação preocupada com o meio ambiente. Minha inserção na Linha de Pesquisa Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação, com aportes do Grupo de Pesquisa Processocom, fortaleceu e transformou meus pensamentos e posicionamentos enquanto mulher e permanente estudante, vivendo em uma pequena comunidade no interior da Serra Gaúcha.

Na minha infância, estudei parte do Ensino Fundamental em uma Escola Estadual que existia na comunidade de interior onde vivo. Por ser uma escola com poucos educandos e de diferentes idades, o ensino acontecia de forma integrada, sem divisão de salas, turmas ou disciplinas. Essa primeira experiência na escola me proporcionou um processo de aprendizagem diferente, que prezava pela liberdade de criação e expressão.

Em 2005, quando as pequenas escolas estaduais comunitárias do Rio Grande do Sul tiveram suas atividades encerradas, fui transferida para a escola que contemplava o Ensino Médio e estava localizada no centro da cidade. Foi meu primeiro desafio enquanto estudante, começar a estudar numa escola em que eu não conhecia ninguém, com turmas com mais de 25 educandos por sala e com uma carga de timidez de uma menina de 10 anos. Apesar disso, enfrentei o processo de adaptação e percebi como essas duas escolas, localizadas na mesma cidade e na mesma realidade cultural e socioeconômica, operavam formas de aprendizagem completamente diferentes.

Partindo desta iniciação escolar, meus pais sempre incentivaram a busca por conhecimento, sem limitar ou influenciar minhas escolhas. Então, durante a Graduação em Comunicação Social, cuja habilitação foi em Publicidade e Propaganda, meu projeto de estágio foi desenvolvido em parceria com uma ONG de proteção aos animais, da cidade de Guaporé – RS. O trabalho visou angariar donativos para a ONG e também a conscientização a respeito da adoção e castração preventiva de cães e gatos. Discutir sobre o trabalho de organizações do terceiro setor levou-me posteriormente a desenvolver o TCC investigando fotografias publicitárias de uma ONG numa perspectiva de anticonsumo¹. O contato com o conceito de

¹ O anticonsumo é compreendido como uma resistência em consumir determinados produtos ou marcas, um movimento contra o consumismo e contra o capitalismo. Um dos primeiros textos que aborda esse conceito é “*Consumer resistance: a conceptual overview*” de autoria de Peñaloza e Price no ano de 1993.

anticonsumo me fez refletir sobre a relação entre cidadãos, consumo e cidadania, uma visão crítica em relação ao capitalismo e à injusta distribuição de renda. A partir disso, durante uma Especialização realizada, mantive o foco em ONGs e investiguei duas campanhas publicitárias relacionadas ao desperdício de água e alimentos. Tratando sobre esses assuntos, tive contato com movimentos que incentivam o consumo consciente e sustentável, propondo uma nova visão da educação desde a infância, em especial, a iniciativa da Cidade Escola Ayni, localizada na cidade de Guaporé - RS.

Nesse sentido, a escolha do tema da dissertação está diretamente relacionada com minhas experiências de vida. Tendo me aprofundado nas possibilidades de investigação com inspiração na Linha de Pesquisa da qual faço parte, na construção da pesquisa de dissertação investigo as práticas comunicacionais e educativas que acontecem na Cidade Escola Ayni e as apropriações realizadas por sujeitos educandos que dela participam. A partir disso busco compreender como as práticas identificadas colaboram para a construção de processos educacionais e de cidadania vinculados à ecologia.

Para caracterizar a investigação inserida na área da Comunicação, no Capítulo 1 compartilho a problemática de pesquisa, onde busco refletir sobre as mudanças ocorridas em nossa área de estudo a partir do processo de mediação e definir a questão norteadora da pesquisa realizada na Cidade Escola Ayni. Explicito também a relevância da pesquisa pensando em suas distintas dimensões e os objetivos propostos para esta investigação.

No Capítulo 2 apresento os caminhos traçados desde a concepção do projeto de pesquisa até o embrião da investigação. Metodologicamente a pesquisa se estrutura a partir de discussões epistemológicas e da vertente transmetodológica (Maldonado, 2013), compreendendo a complexidade e a multidimensionalidade do objeto que estudo. Sendo assim, não me volto aos métodos como receitas a serem seguidas, mas sim como caminhos que me ajudam a tecer toda a trama da investigação. Dessa forma, a pesquisa empírica foi construída com base em *procedimentos etnográficos* como observação e diário de campo, *pesquisa participante*, *conversa coletiva e entrevistas*, explicitados detalhadamente no capítulo metodológico.

O Capítulo 3 é constituído pela contextualização da pesquisa, que traz discussões sobre o desenvolvimento social e os problemas relacionados à ecologia, com visões sobre a modernização da agricultura e a questão do consumismo. A partir disso, discuto alternativas de mudança por meio de iniciativas em educação socioambiental. Concluindo o capítulo, compartilho a história e os projetos da Cidade Escola Ayni, objeto empírico de referência, atentando principalmente para a dimensão ecológica que é expressada e vivida na escola.

No Capítulo 4 reflito sobre as teorias relacionadas com o objeto da investigação, onde trabalho três eixos de problematização que embasam a pesquisa. Dessa forma, realizo reflexões sobre o conceito da educomunicação a partir de perspectivas de autores latino-americanos, como também propostas de uma educação transformadora. Considero importante tratar sobre os sujeitos comunicantes e suas apropriações comunicacionais e midiáticas, tendo em vista que os sujeitos educandos coparticipes desta pesquisa também carregam consigo sua história e vivências, questões importantes para entender seus aprendizados e competências em relação à ecologia. No último eixo trabalho sobre a cidadania vinculada à ecologia, uma perspectiva fundamental e necessária pensando no momento atual que vivemos e também para as gerações futuras.

O Capítulo 5 traz a reflexão analítica da investigação, com a descrição e interpretação dos dados obtidos durante as diferentes imersões na Ayni: cursos, voluntariado, oficina criativa, entrevistas; juntamente do levantamento fotográfico realizado. Neste capítulo se apresenta a confrontação do empírico e teórico a fim de responder a questão norteadora da pesquisa e atingir os objetivos propostos. Finalizando o texto, reflito sobre as concretizações, possibilidades e limitações encontradas durante a investigação.

Por fim, no Capítulo 6 apresento as considerações finais da pesquisa, onde faço um apanhado da trajetória da pesquisa expondo descobertas, aprendizados, reflexões e dificuldades durante este processo. Compartilho minha compreensão a partir da construção metodológica que foi desenvolvida para a pesquisa e exponho lacunas e possibilidades para futuras investigações dentro desta temática.

Reitero minha postura em escrever a dissertação em primeira pessoa do singular por compreender meu amadurecimento acadêmico como pesquisadora e entender que meu trabalho tem ligação com minhas experiências anteriores. Determinados pontos do texto terão considerações escritas em primeira pessoa do plural, por considerar um contexto comum à sociedade, como também a contribuição do Grupo de Pesquisa Processocom em algumas reflexões.

1 A PROBLEMÁTICA: PRINCÍPIO DA INVESTIGAÇÃO

Iniciando com a premissa que esta pesquisa se encontra vinculada à Comunicação, noto que muitas discussões sobre a relevância científica da área da Comunicação concentram-se em trabalhos que têm como principal foco a indústria midiática e o mercado. Essas temáticas podem ser identificadas nos bancos de teses e dissertações, porém, também é possível perceber um direcionamento da Comunicação para questões que envolvem os sujeitos, tratados nesta pesquisa como sujeitos comunicantes, e suas relações com as mídias na forma como se dão os usos e apropriações (Martín-Barbero, 1997).

Dentro das abordagens de notável relevância, percebo pesquisas voltadas às questões raciais, indígenas, feministas, de gênero, de pessoas com deficiência, movimentos sociais, questões ambientais entre outros temas, que de alguma forma são atravessados pelo processo de mediação. Entendo que, como pesquisadoras e cientistas do campo, empreendemos pesquisas importantes para a sociedade e para entender qual o lugar do sujeito no mundo mediado. Essa constatação me possibilita ver a transformação que estamos vivenciando, não só em um contexto pós-pandemia e globalizado, mas também na forma como entendemos a área da Comunicação como uma ciência, conceituando o processo de mediação.

Pensando no uso das tecnologias na contemporaneidade, entendo que a difusão se deu especialmente por aparelhos de uso pessoal, como *notebooks*, *tablets* e *smartphones*, transportando um universo de possibilidades por meio da internet. Dessa forma, não se estuda apenas a indústria midiática, mas as pessoas que estão convivendo diariamente com as tecnologias de informação e comunicação. Além de consumidores de produtos e conteúdos midiáticos, os sujeitos comunicantes são produtores, ou seja, é possível identificar pessoas, grupos e comunidades que se utilizam das mídias para compartilhar questões relativas à realidade em que vivem.

Apesar disso, os grandes conglomerados de comunicação ainda dominam o mercado e influenciam a mídia a partir de relações de poder. Identifico grandes empecilhos, como o fato de muitas pessoas seguirem privadas do acesso à internet e às tecnologias. Isso nos convoca a pensar em políticas públicas de integração e acesso à comunicação e em uma efetiva educação para as mídias. Porém, em muitos casos há um interesse em manter comunidades isoladas, não apenas em relação à comunicação, mas à educação e às necessidades básicas, questões que também precisam de atenção governamental e da sociedade como um todo.

Analisando o processo de mediação, tomo como exemplo a indústria do entretenimento, que em poucos anos cresceu fortemente e expandiu o consumo de conteúdos

internacionais em praticamente todo planeta. Porém, entendo que a partir da pandemia pudemos perceber como as tecnologias da informação e comunicação fazem parte da nossa vida e foram permanentemente incorporadas inclusive no contexto educativo.

Quando falo sobre usos e apropriações das tecnologias, entendo que os sujeitos são atravessados por distintas mediações como família, cultura, crenças, costumes, realidades e contextos em que esses sujeitos se encontram. Essas mediações provocam afetações sobre o uso das mídias e a forma como ocorrem as apropriações, ou seja, em como os conteúdos consumidos por meio das mídias são significados e incorporados na vida das pessoas (Martín-Barbero, 1997).

Considerando a presença das tecnologias em diversos contextos, nesta pesquisa atento para o elo que existe entre a educação e a comunicação, tendo em vista que a comunicação é constitutiva dos processos educativos que são permeados por tecnologias. Considero também que existem temáticas que podem ser discutidas nos âmbitos da educação e da comunicação a fim de fortalecer o exercício da cidadania.

Entendo que a educação é um pilar da sociedade, frequentemente negligenciado pelo poder público. A educação é a forma como podemos, desde a infância, formar cidadãos mais conscientes e críticos, assegurando a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano. A educação tem potencial de transformação, por isso, concordo com a fala de Martín-Barbero (2018), que é preciso fortalecer a educação como prática da liberdade.

Quanto à comunicação, assumo que ela perpassa todas as áreas do conhecimento e não acontece apenas pela linguagem escrita e falada, mas também pela linguagem do corpo. A comunicação é presença viva no dia a dia, é a forma como nos expressamos, como dividimos informação com nossos pares. E isso acontece em todos os idiomas, dialetos e línguas, mas também pelo significado que damos às imagens, sons, gestos e símbolos, que também comunicam.

Nesse sentido, a partir do potencial de experiências educacionais, identifico a importância de discutir a temática ecológica, que não apenas faz parte do cotidiano das pessoas, como constitui todos os seres vivos, nas formas de se relacionar com o corpo, com os outros seres vivos, com o planeta e com o cosmos. Tendo em vista os problemas ambientais recorrentes e a urgência de atitudes conscientes quanto a estes problemas, entendo que a ecologia também é uma dimensão fundamental para a construção da cidadania.

Por este motivo, minha discussão vem de encontro ao pensamento de Morin (2013) sobre como é necessária uma reestruturação da educação, compreendendo que o projeto da Modernidade não privilegiou necessariamente a preocupação com o desenvolvimento humano

e com a natureza. Dessa forma, entendo que o exercício da cidadania está implicado em diferentes perspectivas das práticas cotidianas e não é algo que adquirimos ao nascer, mas sim um processo de construção e de aprendizado.

Nesse sentido, considero os sujeitos desta pesquisa como coparticipes, por entender que suas contribuições são fundamentais para a problematização que discuto e que a pesquisa se torna mais rica com as contribuições dessas pessoas. Os sujeitos são assumidos como sujeitos educandos, pois entendo que para além do sujeito comunicante, histórico, constituído por distintas mediações, complexo e multidimensional (Maldonado, 2014), este é um sujeito que aprende, mas também ensina. Nos processos educacionais, assumo o sujeito educando como participante ativo, que carrega consigo bagagens culturais e experiências que são importantes no processo de aprendizado, com saberes e competências, inclusive os vinculados a problemática ecológica, que vem de uma trajetória comunicacional e midiática e que precisam ser considerados dentro deste processo educativo, seja para somar e fortalecer o processo, seja para desconstruí-lo quando este sujeito replica ideias estereotipadas ou negacionistas. Sendo assim, o educando é protagonista de seu aprendizado e também um construtor de conhecimento. Entre educandos e educadores considero primordial uma relação de mútuo aprendizado.

Sendo assim, esta pesquisa busca investigar as práticas comunicacionais/educativas e suas apropriações por sujeitos educandos da Cidade Escola Ayni, um projeto educativo contraturno localizado na cidade de Guaporé – RS. Assim, proponho compreender como estas práticas desenvolvidas na escola colaboram para a construção de processos educacionais e de cidadania vinculados à ecologia.

Diferente de escolas convencionais, a Ayni surgiu de uma pesquisa do seu fundador Thiago Berto pelo mundo para, segundo ele, desenvolver projetos educativos disruptivos e sustentáveis que favoreçam a autonomia das crianças e que sejam espaço para expressarem suas individualidades. A escola não segue pedagogias específicas e, por ser contraturno, não tem obrigação de seguir o currículo determinado pelo Ministério da Educação. A Ayni é fundamentada na educação alternativa, então, o ensino e o aprendizado são assumidos de outra maneira, focando no educando e em seus interesses de estudo.

A escola não se constitui apenas das crianças e educadores, mas também integra a participação dos pais, dos educandos dos cursos nela realizados e do programa de voluntariado, para que estes possam, segundo a proposta escolar, se reconectarem com sua criança interior e com a mãe terra e proporcionar uma educação libertadora às crianças. Dessa forma, entendendo que estamos em mútuo aprendizado, conforme observado durante a pesquisa todos os sujeitos

copartícipes são tratados e reconhecidos como sujeitos educandos, independente de idade ou posição hierárquica na escola.

A Cidade Escola Ayni se define a partir dos pilares *educação, economia e agroecologia*. No que tange à educação, segue uma configuração completamente distinta das escolas tradicionais, com salas de aula transformadas em ateliês, mesas grupais circulares, sem horários e conteúdos programados, sem avaliação por meio de prova. A diferença da Ayni para escolas convencionais inclui não só os espaços e materiais, mas principalmente o tratamento em relação às crianças e seus interesses genuínos de aprendizado.

Quanto à economia, a escola não cobra mensalidade e sua manutenção financeira acontece por meio da comercialização de *souvenirs*, produtos da agrofloresta e principalmente os cursos para adultos que são ministrados na escola. Está em processo inicial de trabalho o Hotel da Ayni, com toda renda destinada à escola. Pelo programa de voluntariado, a escola acolhe pessoas de todo mundo para poderem ajudar na manutenção, limpeza e agrofloresta. Sobre a agroecologia, tudo começa com a construção da escola dentro de um bosque de posse do município de Guaporé – RS, com ateliês e outros espaços construídos com a técnica de bioconstrução. Na agrofloresta podem ser encontradas árvores do bosque, árvores frutíferas, jardim e horta, com toda produção sem agrotóxicos.

Pensando na proposta da escola que busca integrar educação, comunicação e ecologia e na possibilidade que sujeitos educandos pudessem desenvolver aprendizados que colaborem para a cidadania ecológica, defini como questão norteadora de pesquisa: *de que forma os sujeitos educandos da Cidade Escola Ayni (Guaporé – RS) se apropriam das práticas comunicacionais/educativas e que aprendizados constroem na perspectiva de construção de cidadania vinculada à ecologia?* Alguns questionamentos específicos foram também norteadores da pesquisa, como os relativos à proposta educativa da Ayni; às práticas comunicacionais/educativas desenvolvidas; às mediações midiáticas e comunicacionais que podem ser identificadas; aos saberes e competências em relação à ecologia que podem ser percebidos; e a como esses saberes refletem no exercício da cidadania.

Entendo que a proposta desta pesquisa tem relação com os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável traçados pela ONU em 2015. Vislumbrar a Agenda 2030 em um momento pós-pandemia me faz discutir educação, cidadania e consumo como questões fundamentais, pensando em quais serão as condições futuras de um planeta em crise ambiental, econômica, política e social. A Agenda 2030, vista sob o prisma do ano de 2024, me dá pistas de como estamos atrasados em níveis de desenvolvimento humano e de como todas as propostas

contempladas pela agenda seriam possíveis de realizar caso trabalhássemos juntos e pensando no bem coletivo do planeta.

Para situar a proposta de pesquisa, realizei um levantamento bibliográfico² nos bancos de dados da Capes, Compós e Intercom. Tendo em vista as pesquisas acessadas que mais se relacionam com a temática desta pesquisa, percebi que as discussões sobre ecologia na área da Comunicação estão focadas principalmente no comportamento do consumidor e na comunicação institucional de empresas e ONG's.

Em relação à cidadania e educomunicação, encontro possibilidades de discussão que relacionem educação e sustentabilidade ou, como encontrei em alguns trabalhos, o conceito de educomunicação socioambiental. Dessa forma, minha pesquisa traz uma contribuição relacionada à construção de cidadania na perspectiva ecológica a partir dos processos comunicacionais e educativos que se desenvolvem na Cidade Escola Ayni.

Neste ponto, também penso na contribuição desta pesquisa para a área da Comunicação. O debate a respeito do consumo consciente, da cidadania e da educomunicação como alternativas para a transformação social, atravessa o campo de estudo do Programa de Mestrado, pois compreendo que pela comunicação e pela educação, podem-se criar movimentos transformadores, que incentivem o cuidado dos recursos naturais, uma infância que acolha as crianças como seres humanos em construção e que promova um espaço de crítica aos sistemas hegemônicos. Principalmente pensando no processo de mediatização, muitos movimentos sociais em defesa do consumo consciente e da educação libertadora encontraram maneiras de difundir seus ideais fazendo uso das plataformas de redes sociais. Além disso, pensando no PPG da Unisinos, a pesquisa traz uma perspectiva relacionada à cidadania e educomunicação, que são conceitos que trabalhamos na Linha de Pesquisa Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação.

Para além da Universidade, o desenvolvimento da pesquisa precisa contribuir socialmente. Quero com esta pesquisa provocar reflexões de como ações diárias relacionadas ao cuidado dos recursos naturais repercutem na comunidade e na forma como as pessoas vivem. É importante discutir sobre sustentabilidade, pois ela inclui o bem estar pessoal e social, a valorização de experiências e vivências, a valorização do tempo com as pessoas, a relação que mantemos com os produtos que adquirimos e com a natureza; perspectivas que podem parecer invisíveis em tempos de redes sociais. A educomunicação busca justamente unir educação e

² O detalhamento sobre o levantamento bibliográfico e seus resultados estão explicitados no capítulo metodológico.

comunicação para propor novos movimentos educativos, que sejam inclusivos e que contribuam com a formação de cidadãos conscientes e críticos.

Dessa forma, a Cidade Escola Ayni me provoca a refletir sobre minha própria realidade, tendo em vista que a região onde a escola se encontra é colonizada em sua maioria por italianos, possui produção agrícola e industrial expressiva e o contato entre os moradores é muito próximo, por justamente viverem em pequenas comunidades interioranas. Uma iniciativa como a Cidade Escola Ayni dentro desse espaço geográfico se desprende principalmente da visão de usufruir dos recursos naturais sem refletir sobre as consequências de determinadas práticas e sobre a visão que temos sobre a escola e a infância. Por isso, penso que abordar este cenário empírico de referência traz uma nova visão para minha própria comunidade sobre as diferentes formas de vida e de cuidado com os recursos naturais. Além disso, a proposta de uma educação sem barreiras e que não limite à capacidade criativa das crianças me faz vislumbrar um futuro com adultos mais confiantes e autônomos.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Investigar as apropriações das práticas comunicacionais/educativas por sujeitos educandos da Cidade Escola Ayni (Guaporé - RS), buscando compreender como colaboram para a construção de processos educomunicativos e de cidadania vinculados à ecologia.

1.1.2 Objetivos específicos

- Contextualizar aspectos relativos à problemática ambiental/ecológica, particularizando questões relativas ao cenário investigado (Guaporé, RS, Brasil);
- Caracterizar a *proposta educativa* da Cidade Escola Ayni (Guaporé – RS) e os aspectos vinculados à agroecologia;
- Observar, descrever e analisar as *práticas comunicacionais/educativas* realizadas pelos sujeitos educandos da Cidade Escola Ayni em relação aos temas/conteúdos, espaços (presenciais, digitais), metodologias, linguagens, técnicas e participação dos sujeitos educandos;

- Caracterizar e analisar os *saberes e competências* construídos pelos sujeitos educandos relacionados à ecologia;
- Reconhecer e examinar as *mediações midiáticas e comunicacionais* que configuram os processos comunicacionais/educativos;
- Analisar as práticas comunicacionais/educativas e os saberes e competências desenvolvidos na perspectiva da educomunicação e de construção de cidadania vinculada à questão ambiental/ecológica.



2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: REFLEXÕES E PERCURSOS

Ao iniciarmos um curso de Graduação, somos apresentados à disciplina de Metodologia da Pesquisa. Considerando que este pode ser o primeiro contato dos educandos com a pesquisa científica, é possível que boa parte deles pense no método como algo central na metodologia, algo que foi discutido por renomados autores e provada sua eficácia para investigações científicas. Então, pensando em nossos objetos de pesquisa, seguimos para a escolha do método que iremos utilizar nesse estudo.

Parece bem simples compreender a metodologia dessa forma, porém, com o amadurecimento do educando na Pós-Graduação e com um olhar crítico, percebe-se que a metodologia não é uma fórmula matemática ou uma receita de bolo, que seguindo determinado passo a passo chegaremos ao resultado. Por muito tempo as pesquisas científicas em Comunicação seguiram essa visão positivista e funcionalista da ciência, porém, nesta pesquisa me proponho a entender a complexidade, multiplicidade e multidimensionalidade dos objetos de comunicação.

Dessa forma, reflito sobre conceitos que são debatidos no caminho da metodologia, entendendo que o olhar metodológico acontece desde o início de um projeto em construção. O capítulo é composto pela parte inicial, onde realizo uma discussão epistemológica a partir de diferentes perspectivas, desde a complexidade até o existencialismo, seguindo para questões que envolvem a epistemologia crítica e a semiótica, para então adentrar nos debates críticos da América Latina que estão relacionados com o pensamento decolonial. Em seguida, passo a discutir a maneira como entendo a ciência e como se constrói a pesquisa, a partir de um processo que não é linear, mas que requer movimentos de ação e reflexão. Assim, dialogo também com as contribuições conceituais da vertente transmetodológica, que se propõe a ampliar os horizontes da pesquisa, de forma que não tenhamos pesquisas limitadas, mas sim um aprofundamento que seja reflexivo e problematizador.

A segunda parte do capítulo está focada na explanação dos procedimentos metodológicos que foram realizados desde o início da pesquisa, partindo do levantamento bibliográfico e estado da arte, que desenvolvi com o intuito de me aprofundar sobre as discussões relacionadas ao tema de pesquisa que investigo. Neste tópico, apresento brevemente cinco pesquisas que possuem temáticas de interesse para a construção da pesquisa. Adentro, então, na pesquisa metodológica, que discute e reflete sobre os métodos escolhidos para concretizar a investigação, onde são explanados conceitualmente, mas também assumindo a minha própria construção metodológica a partir da combinação de métodos.

A partir desta compreensão metodológica, compartilho sobre a pesquisa exploratória, que narra meus passos empíricos desde o início do projeto de dissertação, contemplando tanto as investigações documentais feitas em meios digitais da Ayni, como também meus movimentos de observação, participação nas dinâmicas, partilhas e entrevistas presencialmente na escola. Encerro o capítulo com a fase da pesquisa empírica sistemática, que explica como os métodos foram acionados, qual foi a amostra de sujeitos educandos escolhidos e quais critérios e categorizações foram utilizados para a posterior interpretação dos resultados da pesquisa.

2.1 Perspectivas epistêmicas e transmetodológicas

Nesta sessão reflito sobre como ocorre a produção de conhecimento, o papel da pesquisadora na investigação e as processualidades na realização da pesquisa científica³.

2.1.1 Fundamentos epistêmicos

O mundo, dentro de suas possibilidades, segue em constante transformação, sejam elas positivas ou negativas. Possivelmente não temos o hábito de questionar o porquê de todas as coisas em todos os momentos. Apesar disso, o ser humano é um ser curioso, que explora as possibilidades que estão à sua volta, como também as que estão distantes, por exemplo pensar na origem do universo ou no futuro da humanidade.

Acompanhando a história, conhecemos obras de estudiosos que estiveram à frente de movimentos filosóficos que visaram questionar a natureza de nossa realidade. Transportando esses estudos para a atualidade, entendo a epistemologia como um desses braços investigativos sobre o “conhecimento do conhecimento” (Morin, 2008). A epistemologia é definida como a teoria do conhecimento, ou seja, um estudo de reflexão que se debruça em torno da natureza, das etapas e dos limites do conhecimento humano. Nesse sentido, diversos autores buscaram problematizar a produção de conhecimento, entendendo que ele é dinâmico e que na incompreensão encontra-se a fonte dos conflitos.

Partindo da perspectiva da complexidade, entendo que como humanos, nossa visão sobre ser e existir envolve também a relação entre nossas necessidades e desejos, de forma que

³ Estas reflexões são alimentadas pelos aportes da disciplina de Transmetodologia, cujo texto final foi traduzido para o idioma Espanhol e compõe um capítulo do livro “*Producción emancipadora de conocimiento: transmetodología, educución y transformaciones ético-políticas*” da Cátedra Armand Mattelart – CIESPAL (2023) sob organização de Efendy Maldonado e Edizon León Castro.

o ser precisa do meio para desenvolver sua autonomia (Morin, 2008). Essa visão também se relaciona com o pensamento existencialista de Sartre (2012), onde o sujeito precisa tomar consciência de si mesmo. Dessa maneira, existe um protagonismo dos sujeitos quanto à produção de conhecimento e isso vai além quando se compartilha a visão desde a semiótica, em que a configuração existencial humana é sentir e pensar (Padilla, 2020).

Considerando que somos pessoas diferentes, quando trato sobre a interpretação da realidade, considero a *psique*, que é a mente e seus sentimentos, pensamentos e percepções e a necessidade de uma psicanálise do conhecimento conforme proposto por Morin (2008). Isso significa que é preciso considerar que o conhecimento suporta aspectos individuais, subjetivos e existenciais. Cada pessoa aprende de uma maneira e constrói e transmite o conhecimento de maneiras distintas. Como Sartre (2012) explica, num processo objetivo também se faz necessário um olhar subjetivo. Essa visão sobre a particularidade do sujeito nos leva a pensar na “transsubjetividade” conceituada por Padilla (2020), que se refere às distintas dimensões e conexões do ser, como o corpo, a mente, as plantas, os animais e o cosmos.

Nesse sentido, pensando na perspectiva do sujeito que aprende e ensina, identifica-se também uma relação de afetividade relacionada ao conhecimento (Morin, 2008). Por exemplo, quando nos empenhamos em fazer uma pesquisa, experimentamos o êxtase do conhecimento, que é quando percebemos que estamos indo além e construindo algo que provoca uma sensação de alegria e prazer. A emoção também precisa estar presente na produção de conhecimentos, mas não pode prender o crescimento ou condicionar o olhar sobre os objetos, como discutirei adiante no texto. Não posso separar a razão e a subjetividade, porque estes não são processos separados. O conceito do “ontoepistêmico” adentra as pesquisas, onde é preciso identificar a condição do ser e pensar na forma como os povos produzem conhecimento (Padilla, 2020).

Assim, é possível identificar o conhecimento analógico, que está relacionado às associações que fazemos por semelhança e o conhecimento lógico, que está relacionado ao raciocínio. Como Morin (2008) explica, essa é a divisão do duplo pensamento, que é simbólico, mitológico e mágico, mas também racional, lógico e empírico. Relaciono essa questão aos saberes que adquirimos de uma cultura, crença ou religião, que não podem ser explicados cientificamente, mas que também possuem valor e fazem parte de nosso ser.

Quando trabalho em uma pesquisa, preciso buscar a verdade para além do conhecido, pois informação não é conhecimento. Assim, é preciso problematizar o conhecimento do conhecimento (Morin, 2008). Dessa forma, é necessário situar-se no tempo e no espaço e trabalhar em movimentos de autoanálise, considerando as próprias limitações. Para isso, o uso

de saberes articulados num movimento contra hegemônico é importante, como também pensar em pontes entre diferentes campos da realidade (Morin, 2008).

Pensando em como aprendemos e dividimos conhecimento, Morin (2008) trata sobre a compreensão e a explicação. Para compreender algo, é preciso um movimento de aproximação e a partir disso um estudo que me faça refletir e entender sobre o que estou falando. Só a partir do momento que compreendo algo é que poderei explicar para os outros. Por exemplo, esta pesquisa compila minha trajetória de leitura dos textos, que é uma aproximação e depois nas aulas do Mestrado realizei um estudo e discussão juntamente com professores e colegas. Para poder explicar os conteúdos, tive que reler os textos e conversar em grupo durante apresentações e debates feitos nas disciplinas. Dessa forma, constitui-se o pensamento complexo que reúne conhecimentos separados, porém, é a partir do desenvolvimento de uma racionalidade complexa que posso reconhecer a subjetividade, ou seja, uma razão aberta que dialoga com o irracional (Morin, 2008).

Com essa visão da complexidade, também me atento à representação, pois ela pode ser enganosa, por isso deve ser contestada e reconstruída. Essas associações são possíveis quando assumo o método como uma forma de organização do conhecimento e que numa investigação se faça uso de métodos que dialoguem entre si, de forma a tornar a pesquisa mais produtiva. Sartre (2012) propõe uma vinculação entre exterioridade e interioridade, multiplicidade e unidade. Estes componentes de distinção estão presentes na multilética, a partir da problematização metodológica. Reflito então que o método, concebido como um *a priori*, não permite arranjos, dessa forma é preciso transcender os estilos de formulação metodológica (Maldonado, 2013).

A partir desse enfoque, discuto a perspectiva existencialista, que considera o ser humano um produto da história, e que a partir de sua inserção social, ele muda a sociedade, ou seja, o ser humano também faz história. No existencialismo entende-se que o ser humano é responsável por sua história, mas deve-se considerar que a existência precede a essência (Sartre, 2012).

Dessa forma, nessa vertente epistemológica existe uma crítica à perspectiva formal dialética, que vê um mesmo assunto a partir de dois lados opostos. Para Sartre (2012), a investigação científica e o conhecimento se dão a partir de um método heurístico que é progressivo-regressivo. Isso significa que existe um movimento que não é linear quando se trata do conhecimento, mas sim cíclico. O regressivo olha para trás e o progressivo para frente; assim, tem-se a realidade em conflito e contradição entre fenômenos empíricos e princípios teóricos (Sartre, 2012). Esse movimento permite avançar na produção de conhecimento, situando as pesquisas anteriores em contextos e épocas específicas. Sendo assim, enquanto

pesquisadora, devo transportar as teorias para a atualidade a fim de propor revisões e aperfeiçoamentos.

Para compreender o campo social, se faz necessário estudar as estruturas do futuro; dessa forma, é preciso reconhecer a originalidade dos grupos sociopolíticos e defini-los na sua complexidade. Não posso negar a presença da alienação em momentos distintos, mas também não posso me manter fiel à doutrina materialista, onde o protagonismo dos sujeitos não é considerado. Por isso, compreendo as filosofias como manifestações da realidade, pois a filosofia é pensada não só no campo teórico como também no campo da experiência.

Relacionando estes aspectos, penso na vertente crítica da epistemologia, onde Japiassu (1988) desenvolveu ideias que contrastavam e iam na contramão do que se discutia na ciência da época em que escreveu a obra *“Introdução ao pensamento epistemológico”*. Uma das questões para o autor é que é necessário interrogar-se sobre a significação da ciência que produzimos. Esse ponto contraria a visão positivista, que via no fazer científico uma forma de tratar sobre os assuntos sem movimentos de questionamento e problematização. Hoje, difícil é não se questionar sobre o motivo pelo qual as pesquisas existem. Sendo assim, é preciso seguir reforçando a necessidade de uma ciência responsável, onde exista também a responsabilidade da cientista sobre o conhecimento que produz (Japiassu, 1988).

Esse questionamento sobre a significação da ciência está embasado no fato de que a ciência está integrada ao processo social, industrial e político, basicamente a tudo que nos cerca. Dessa forma, trato sobre uma epistemologia histórica, que precisa entender os conhecimentos que ultrapassam seu tempo. Isso acontece com marcas e afetações que temos em nossas vivências e no aspecto sociológico, que dependendo do foco da pesquisa é uma questão importante a se discutir. Assim, entendo o conhecimento como uma construção processual, mas que também provoca uma relação de dualidade na forma que o conhecimento é um processo porque não é um processo. Isso significa que muitos conhecimentos adquirimos com as experiências que temos e até mesmo em momentos de divagação e estudo, porém, em outros momentos como a pesquisa científica, é necessário um processo para que a investigação realmente se concretize e que se possam gerar conhecimentos.

Se pensar na perspectiva histórica do conhecimento, as provocações de Japiassu (1988) são esclarecedoras, pois não posso tratar a ciência como algo imutável. O mundo se transforma e o conhecimento está em constante mudança. Basta refletir sobre teorias que foram refutadas. Isso só foi possível com a continuidade das investigações, provando que é necessário esse movimento de questionar o que nos é dado como certeza. Por isso, precisamos estar atentos aos campos de significação que distorcem o real histórico, seja por meio da desinformação que

tanto está presente no dia a dia de cada um, como nos ataques à democracia por parte dos governos.

Maldonado (2019) compartilha que desmontar o logocentrismo é um ato de urgência, pois muito perdemos com a falta de representatividade latina na academia e nos grandes centros educacionais, com pesquisas importantes que retratam nossa realidade. Nesse sentido, é preciso desmistificar a ciência, assumindo que ela não é neutra, não é pura, não é isenta, nem sempre conduz ao progresso e não é uma verdade absoluta (Japiassu, 1988).

Sendo assim, penso sobre uma dimensão cultural da ciência, que reflete a sociedade, suas ambiguidades e contradições. Como vejo em Maldonado (2019), as mediações são as formações sociais, a história, a cultura e a política. Nesse ambiente presencia-se também a midiaticização da violência, com a reprodução da cultura da violência sistêmica. Nessa relação existem alguns obstáculos, como o fanatismo, o caráter religioso do cientificismo, a ciência industrializada, o fundamentalismo de mercado e o senso comum visto de forma redutora na academia.

Possibilidades a serem pensadas de forma crítica devem considerar “as ciências” no plural, pois não estou falando apenas sobre uma ciência, são diferentes áreas que necessitam de uma confrontação entre teoria e experiência (Japiassu, 1988). Pensando na comunicação especificamente, entendo que o midiático perpassa o cotidiano e se apresenta como uma presença contínua em nossa existência. Nesse sentido, é necessária uma articulação entre midiaticização e mediações, pois existe a complexidade dos objetos de comunicação. Portanto, as investigações necessitam de redes conceituais de aproximação com o objeto, profissionais de outras áreas integrados à comunicação num sentido de transdisciplinaridade e uma postura crítica flexível por parte da pesquisadora, que possibilite arranjos metodológicos (Maldonado, 2019).

A partir dos debates críticos, chego às teorizações sobre uma epistemologia e semiótica do sul e um pensamento decolonial, tratando sobre a produção de conhecimento na América Latina. As críticas de Padilla (2020) e Saggin (2020) estão fundamentadas nas formas de repressão e apagamento do povo latino, seja pela dominação colonial, como pela invisibilidade dos discursos perante o norte global. O colonialismo é o lado oculto da modernidade e atualmente percebem-se formas de reconfiguração do positivismo.

Posso pensar em uma epistemologia do sul iniciando pela negação do discurso dominante e pela problematização necessária do poder e das marcas civilizatórias, tendo em vista que o controle informacional mundial segue sendo dos EUA e a centralidade está nos

meios de comunicação e em quem produz o discurso, ou seja, quem controla o meio tem ao mesmo tempo o poder de estimular respostas e ações das massas (Padilla, 2020).

Assim, Padilla (2020) conceitua o “lugar de enunciação”, compreendendo a importância dos sujeitos comunicantes, das subjetividades visíveis e crescentes e das rupturas na relação sujeito e objeto. Dessa forma, o lugar de enunciação não é visto como um espaço geográfico ou físico, mas como um lugar de sentir e pensar o mundo: sentipensar. Sendo assim, o discurso expressa a vivência de uma realidade, a geração de conhecimento por meio do saber coletivo, a partir das experiências de vida. Concordo com Padilla (2020), identifico os povos latino-americanos como criadores de meios em que possa colocar sua palavra e rosto, visto que o discurso é um dispositivo de poder e são necessários discursos contra hegemônicos para romper com reproduções de desigualdade. O lugar de enunciação tem relação com a realidade, tem relação com o meu ser e compreender o mundo (Padilla, 2020).

2.1.2 O fazer científico, o artesanato e a práxis metodológica

Após discutir sobre as vertentes epistemológicas que foram abordadas durante as disciplinas do Mestrado, como também nos encontros do Grupo de Pesquisa Processocom, noto que essas epistemologias se voltam principalmente a pensar em um movimento crítico, que possa realmente trazer avanços ao conhecimento. Dessa forma, me proponho a pensar como essas teorizações e ideias podem estar imbricadas nas pesquisas em comunicação.

Como Saggin (2020) defende, é necessária uma “epistemologia da comunicação”. Acredito que esta proposição tem vínculo também com a proposta de Maldonado (2011), sobre uma “epistemologia transformadora”. Assumir o lugar da comunicação dentro das ciências me faz compreender que a área da comunicação perpassa outras áreas, como a educação, a sociologia, a filosofia, a antropologia e a psicologia, por exemplo. Reconheço na comunicação uma presença que afeta a forma como os sujeitos e as sociedades se constituem.

Nesse sentido, o fazer científico em comunicação se coloca como uma oportunidade, mas também como um lugar de conflito, onde é preciso lidar com incertezas, dúvidas, questionamentos e contradições. Por isso a importância da estruturação do conhecimento, que deve ser “organizado, sistemático, operativo e aprofundado” (Maldonado, 2011, p. 279).

As críticas ao funcionalismo e ao positivismo partem justamente da questão de que, para essas vertentes, não são aceitas as subjetividades e as singularidades dos sujeitos, existe uma exclusão dos saberes milenares, como se a modernidade fosse o berço do conhecimento. Um dos desafios atuais é romper com as barreiras que silenciam a voz dos menos favorecidos e a

relutância em democratizar o acesso ao conhecimento científico. Isso envolve reconhecer o espaço em que vivemos e buscar uma superação da neocolonização teórica. É preciso compreender outras formas de produção de conhecimento e valorizar as pesquisas latinas, pois são nas vivências latinas que se encontram aportes vívidos aos problemas sociais que enfrentamos. O fazer científico na comunicação necessita propor alternativas ao modelo de exclusão social que conhecemos.

Para além das barreiras já mencionadas, se faz necessário também romper com os estereótipos que se infiltram nas pesquisas (Bosi, 2003), porque o estereótipo condiciona nossa visão, limitando-nos ao que já foi estudado, sem propor uma evolução. A profundidade do conhecimento acontece agindo, trabalhando e como vejo em Bourdieu (1999), o objeto não é dado, mas sim construído por meio de uma ruptura epistemológica, como Bachelard (1996) define. É preciso empenhar-se em uma atitude de vigilância e de cuidado com a naturalização sobre determinados assuntos. Uma vigilância epistemológica, que pode ser vista também em textos de Bachelard (Saggin, 2020).

Essa vigilância é o movimento de atenção e cautela, de dosar o envolvimento com o objeto de pesquisa, para que não seja apenas uma confirmação do que quero ouvir, como uma câmara de eco, mas sim que se crie uma investigação aberta a conhecer e poder partilhar dos conhecimentos, questionando e refletindo. Por natureza, existe a tendência de se formar noções simplificadas sobre o que se estuda; porém, cair na armadilha de reafirmar as próprias crenças é um erro. A pesquisa é um trabalho que requer dedicação e empenho, por isso, o repouso no estereótipo conduz a um estreitamento do campo mental, uma estagnação nas explicações dadas por quem detém o poder (Bosi, 2003).

Em contato com a obra de Mills (2009), entendo que a pesquisadora carrega sua subjetividade e uma bagagem de vida ao desenvolver uma pesquisa. Dessa forma, a pesquisadora precisa deixar-se afetar, atravessar e desestabilizar por aquilo que investiga (Saggin, 2020). Não significa endeusar ou se apaixonar por determinadas causas, mas saber que minha essência e minhas experiências me conduziram até minha escolha de pesquisa e isso precisa fazer parte da construção investigativa.

Nesse sentido, o trabalho artesão da pesquisadora (Mills, 2009) se dá nesses pontos de ajuste, de escolhas, de caminhos possíveis, de arranjos metodológicos. A pesquisa é uma construção, por isso o caráter artesanal da metodologia; ela se alimenta do trabalho e da vida, das experiências que compõem esse processo. Da mesma forma que a afinidade que sinto com os objetos de pesquisa começa com a negação do óbvio e do que já é conhecido, é preciso

entender que um trabalho alienado reprime as potencialidades, enquanto um trabalho artesão enriquece a pesquisa e a vida.

Apesar disso, entendo que nosso círculo de experiências é finito. Isso significa que é necessário confrontar a experiência e que ela esteja articulada com as teorias. Essa abertura possibilita discutir teorias e métodos para investigações concretas, de forma que o objeto possa ser visto sob outras perspectivas. O artesão intelectual entende os sujeitos como produtores de sentido, por isso é importante uma capacidade de expressão e de se aproximar de pessoas que estão dispostas a ouvir e a falar (Mills, 2009). Nesse sentido, utilizar-se de uma linguagem inclusiva e acessível pode me aproximar dos sujeitos da pesquisa.

Como vejo em Bosi (2003), somos formados pelas instituições que nos socializam e confiamos nessas instituições. Porém, nosso convívio pode afetar a forma como interpretamos os fenômenos, como também influenciar na reprodução dos estereótipos. Sendo assim, são necessárias mudanças, uma reorientação intelectual. Esse processo pode ser percebido na formação acadêmica, mas também nos produtos midiáticos, livros, jornais e entretenimento que consumimos. Enquanto educandos, eternos aprendizes e humanos antes de qualquer premissa, penso que temos a capacidade de nos transformarmos e transformarmos os ambientes que nos cercam.

Saliento que no processo da pesquisa somos afetados também pelos conceitos que nos são apresentados. Pensando na complexidade dos objetos da comunicação e na amplitude do mundo midiático, entendo que interagimos com grupos variados, temos inúmeras possibilidades de estudo. Por exemplo, eu tive experiências anteriores estudando sobre anticonsumidores e minimalistas, pessoas que seguem uma conduta contracultural. Para Mills (2009), a massa é organizada e poderosa. Entendo a perspectiva do autor, na forma de tratar os sujeitos como protagonistas na construção do conhecimento. Porém, minha crítica está relacionada ao termo “massa”, que segue sendo utilizado amplamente no campo da comunicação. Acredito que é contraditório falarmos de pessoas com subjetividades, vivências e experiências únicas e ainda assim classificarmos essas pessoas num grupo denominado como massa. Esse grupo, essa sociedade, não é homogênea, mas sim heterogênea e diversa. Esse exercício de pensar na forma como acionamos conceitos ou usamos determinados termos já é uma maneira de “refletir sobre a opinião” (Bosi, 2003, p.121).

Além do caráter artesanal da pesquisa, é preciso atentar-se às relações de poder que permeiam a sociedade, pois o poder define o que é verdade e o que não é. Nesse sentido, o conhecimento se configura como proposições que passam por verificação. Apesar da minha postura sobre a pesquisa não seguir um receituário e não poder ser compreendida dentro de um

manual de instruções, existem sim pontos norteadores que possibilitam produzir pesquisa científica de forma que as ideias sigam uma ordem lógica e que o texto dê sustentação sequencial para a fase exploratória, onde hipóteses são testadas e respostas ao problema de pesquisa podem começar a se delinear. Isso significa que o caminho da metodologia perpassa toda pesquisa.

Como bem percebido por Bonin (2011) perante sua experiência em docência e pesquisa, muitos projetos de pesquisa carecem de problematização, com uma costura textual pouco articulada, que reflete o sentido de fichamento, mas que não traz as contribuições autorais do educando. Maldonado (2011) também compartilha dessa percepção, demonstrando que as pesquisas seguem na configuração de receita e as citações dos autores escolhidos para a pesquisa acontecem sem problematização. A metodologia muitas vezes não é suficientemente pensada para as especificidades do objeto estudado e o foco está mais relacionado ao preenchimento de linhas do que um trabalho que faça refletir e questionar.

É neste sentido que se coloca a pesquisa. O que chamo de pesquisa está vinculada às *práxis* metodológicas que estão ligadas à ruptura epistemológica proposta por Bachelard (1996). As *práxis* são articulações entre teoria e empiria, diferente da prática, a *práxis* opera num movimento de ação e reflexão. Para isso, é preciso ter em mente que o problema de pesquisa é um eixo norteador, uma base de sustentação da pesquisa, enquanto o objeto é construído.

Esquemas podem ser redutores quando trato sobre o campo construtivo da pesquisa científica, mas podem ilustrar as dimensões da pesquisa. O problema e o objeto estão no centro e a partir disso tenho outros dois eixos que são as construções teóricas e as construções empíricas. Esse esquema está permeado por múltiplos contextos, porque os contextos são constitutivos da pesquisa.

A construção da pesquisa pode ser amparada por alguns procedimentos, como os apontados por Mills (2009). Esses procedimentos envolvem primeiro, os elementos e definições que devem ser levados em conta; segundo, as relações lógicas e a construção de modelos preliminares capazes de nortear o estudo; terceiro, a eliminação de ideias falsas; e quarto, a formulação e reformulação de questões.

Como relatei anteriormente, a metodologia percorre toda pesquisa, ela não se limita ao seu capítulo específico no trabalho científico. Ressalto que o capítulo metodológico não se dá unicamente por etapas, mas em uma contínua estruturação que envolve diversos procedimentos. Pensar em pesquisas em educomunicação me faz relacionar essa proposta com uma metodologia que seja criativa e inventiva, pois quando estou trabalhando em uma pesquisa que

possui distintas nuances, não posso pensar em resolver apenas as questões da comunicação ao eleger os métodos, é possível ir além. E isso só é possível começando a aceitar minhas subjetividades e as subjetividades dos sujeitos educandos da pesquisa.

2.1.3 O lugar da transmetodologia na pesquisa

Conforme o que foi discutido até este ponto do texto, algumas questões são recorrentes, como pensar nas subjetividades e na história dos sujeitos comunicantes, refletir sobre minhas escolhas e problematizar as questões que me são apresentadas. Reitero o caráter transformador do ser humano, portanto, o conhecimento também está em constante construção e transformação, ele é inacabado. Mas, se entendo que necessito de pesquisas com um olhar crítico na comunicação, em qual proposta posso me apoiar?

Revisitando as perspectivas epistemológicas que foram abordadas, é possível identificar que as pesquisas em comunicação passam por um processo de reinvenção, principalmente no que diz respeito à configuração restrita e “encaixotada” das pesquisas. Isso significa que o trabalho artesanal, autoral e particular de cada pesquisadora integra a essência da investigação. Essa necessidade de aperfeiçoamento e autocrítica pode ser identificada em Maldonado (2013), ao apresentar a vertente transmetodológica.

Quando penso em comunicação, lembro de todos os avanços que surgiram nos últimos anos com a informatização das sociedades, mas também com os mitos do século XXI, com o mundo prestes a acabar. As práticas comunicacionais mudam da mesma forma que as transformações tecnológicas acontecem. Talvez minha percepção sobre as mudanças aceleradas tenha relação também com a mudança do analógico para o digital, na medida em que o futuro nos configura. Vivenciamos uma cultura de informação, conhecimento e experimentação (Maldonado, 2013). Nesse sentido, entendo que as significações têm uma trajetória que é afetada também pela realidade em que se vive. Sendo assim, é possível entender o meio como um modo complexo, que envolve várias lógicas.

Dessa forma, a partir da modernização pode-se afirmar que houve a democratização dos processos. Esse é um dos pontos positivos da informatização da sociedade; porém, apesar da democratização, muitas pessoas permanecem excluídas do acesso às tecnologias. E mais do que isso, muitas pessoas não possuem as condições básicas de sobrevivência. Por isso, identifica-se que a digitalização também trouxe problemas, tendo em vista que a exclusão ocorre pela midiaticização. Para além disso, o que pode ser percebido e é criticado por diversos autores latinos é a mercantilização dos discursos, de forma que existe uma engrenagem de poder

e controle que permeia a esfera midiática. São presenças vivas de marcas civilizatórias que não podem ser esquecidas. Ao invés de os governos focarem seus esforços na privatização de empresas públicas, seria mais viável oportunizar o acesso das pessoas ao conhecimento e à comunicação, pois na coletividade e na cultura colaborativa construímos grandes avanços.

Partindo dessa perspectiva histórica que faz parte da humanidade, é possível entender em quais proposições Maldonado (2013) esteve debruçado ao propor um estudo aprofundado sobre a metodologia. Quando penso em transmetodologia, vejo algo que é capaz de transpor barreiras, atravessar diferentes perspectivas e a partir disso constituir-se. Fundamentalmente é preciso entender que nenhuma cultura é autossuficiente, sendo assim, o diálogo entre culturas é necessário e proporciona momentos de integração entre pessoas com diferentes vivências.

Pensando no processo da pesquisa e considerando o campo da comunicação, na transmetodologia encontro a possibilidade de conversa com outras áreas e outros saberes. De acordo com Maldonado (2013), a transmetodologia é a confluência de métodos, o entrelaçamento de lógicas diversas, estratégias, modelos e propostas mistas, midiáticas. Essa proposta faz uso de metodologias multifocais. Isso significa que, concebendo o mundo contemporâneo com uma mudança no processo de produção e de significação, são necessários modos de comunicação digital que superem a lógica dos monopólios, numa cultura produzida pelos meios de comunicação onde todos tem potencial de produtores e distribuidores na internet (Maldonado, 2013).

O que se propõe com a transmetodologia, é trabalhar na construção de métodos personalizados, que sejam adaptáveis às pesquisas, por isso a importância da contextualização, afinal a comunicação atravessa todos os campos sociais e é multicontextual. Sendo assim, devemos propor um pensamento que seja caminhante, dançante, resistente e em construção, propor a criação de modos multimídia de resistência.

Para situar a transmetodologia nas pesquisas em comunicação, Maldonado (2013) define as premissas transmetodológicas. Essas premissas visam caracterizar a transmetodologia, porém, não se limitam apenas a estas relações que serão apresentadas a seguir. Brevemente, posso dizer que a transmetodologia visa reaprender com a sabedoria da humanidade, de forma que a pesquisa é vista como eixo central do aprendizado. É possível identificar uma preocupação em abordar uma dimensão teórica transdisciplinar, onde os sentidos científicos são combinados aos bons sentidos culturais. Além disso, tem-se o esforço da distinção e da particularidade do mundo midiático. Dessa forma, é construída uma problematização metodológica, que está em diálogo com os objetivos, sendo necessário empreender uma interrelação entre teoria e empiria. A base é que a pesquisa tem um compromisso com o bem-

estar comum. Durante a investigação, é preciso também problematizar os objetos e os sujeitos investigadores. Assim, é possível mudar as condições de produção da ciência (Maldonado, 2013).

O que a transmetodologia me provoca a fazer, é pensar em formas de conhecimento não institucionalizado. Isso significa que encontro nos saberes populares e milenares fontes de conhecimento que também possuem valor. Não posso fazer pesquisa com lógicas excludentes ou totalizantes (Maldonado, 2013), é preciso ir além e avaliar a pluralidade de contextos. Por isso trato sobre as ciências no plural, entendendo que é hora de quebrar com a visão de que a ciência só está relacionada ao biológico/químico e não ao humano/social.

Tendo em vista a complexidade dos objetos de estudo na comunicação, entendo o método como uma mediação, uma ponte para o desconhecido. Hoje, o poder está com quem tem o conhecimento, mas, é válido ressaltar que os saberes são construídos por pessoas. Nesse sentido, a contradição é parte da formulação de novos conhecimentos e é preciso atentar-se ao esvaziamento da complexidade. Ou seja, o caminho da pesquisa é formado por experiências e necessitamos tornar acessível o que é complexo.

Como pesquisadora, preciso entender que também somos produtos de nossa cultura, na medida em que o passado influencia e afeta nosso presente. Assim, a transmetodologia pode ser trabalhada pensando nas estratégias de cada pesquisadora para aprender do melhor da humanidade. Devo me questionar sobre as escolhas de pesquisa que faço e estar aberta a recomeços. É preciso olhar e vivenciar a partir de um conjunto mais complexo de experiências, assim posso me perguntar, existem práticas culturais que precisam ser superadas?

Dessa forma, é possível perceber o caráter político das pesquisas. O trabalho científico é um compromisso com a humanidade. A pesquisa necessita sair do pensamento mercantilista para socializar-se no conjunto social e em defesa da democracia (Maldonado, 2013). Isso é possível a partir de uma postura construtivista e transdisciplinar. Nesse sentido, entendo que o conhecimento é um processo cíclico e não linear. Devo pensar em qual devolutiva dou à comunidade que estudo, afinal, os sujeitos educandos são parte valiosa da investigação.

Pensando nos sujeitos comunicantes, posso me questionar sobre quanto posso aprender com pessoas que vivem comigo, independentemente do nível de conhecimento. Esse aspecto me faz entender que os sujeitos comunicantes são produtores de sentido e possuem subjetividades que são importantes, como também os sujeitos coletivos que são fundamentais para o compartilhamento de vivências. Isso fica mais claro quando entendo que a libertação não se dá só, mas em comunidade.

A confluência e confrontação de métodos, a transdisciplinaridade e os saberes articulados num sentido de problematização demonstram as possibilidades de um estudo que não seja superficial e despreocupado. Penso em uma pesquisa que entenda a importância dos sujeitos comunicantes e que isso me provoque a pensar na responsabilidade para com a ciência, a sociedade e o campo da comunicação. É importante frisar a particularidade do campo, pois apesar de poder construir uma pesquisa que converse com diferentes áreas e percepções, é preciso lembrar que minha pesquisa faz parte da área da comunicação.

2.2 Levantamento bibliográfico e estado da arte

Instigada pela discussão sobre o fazer científico e a importância de metodologias formativas, fiz uma aproximação com as pesquisas que estão sendo desenvolvidas na área da Comunicação sobre a temática da dissertação, culminando com a realização da etapa nomeada levantamento bibliográfico. Essa etapa constitui o mapeamento de pesquisas relevantes que foram desenvolvidas nos últimos anos e que tenham relação com a temática da minha pesquisa.

Ao desenvolver o levantamento bibliográfico, meu objetivo foi encontrar possíveis lacunas que poderiam ser discutidas no decorrer do trabalho, autores importantes que deveriam ser estudados, metodologias que foram desenvolvidas e também uma maneira de justificar a execução da pesquisa, visando a contribuição para o campo, a ciência e a sociedade. Pelas proposições de Bonin (2011), compreendo que para um entendimento sobre os fenômenos comunicacionais, é preciso observar as contribuições de outras pesquisas que foram desenvolvidas na área da Comunicação.

A partir disso, analisei os bancos de dados da Capes, Compós e Intercom. A Capes possui um banco de dados com teses e dissertações realizadas em todo o Brasil; a Compós é um dos grandes eventos da Comunicação em nível nacional, reunindo pesquisas de diversos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e a Intercom é a organização mais antiga do país na área da Comunicação, reunindo pesquisas interdisciplinares. Estipulei a busca de pesquisas no período de janeiro/2017 até dezembro/2022, por considerar um período interessante e que me traria dados possíveis de análise, tendo em vista a duração do curso de Mestrado. Considerei a área das Ciências Sociais Aplicadas, com foco principal na Comunicação. Para relacionar as buscas com meu tema de pesquisa, utilizei as seguintes palavras-chave: consumo consciente; cidadania comunicativa; educomunicação; educomunicação socioambiental. Abaixo segue a tabela quantitativa dos resultados das buscas.

Tabela 1 - Levantamento bibliográfico

Banco de Dados	Período	Número de Pesquisas
Capes	2017-2022	18
Intercom	2017-2022	20
Compós	2017-2022	8

Fonte: autora, 2023.

Nas pesquisas que encontrei na área da Comunicação, a discussão sobre consumo consciente está voltada principalmente ao comportamento do consumidor, com uma visão centrada no mercado. Também pude verificar pesquisas relacionadas à comunicação de ONG's que atuam em defesa do meio ambiente, nestes casos o foco principal foi identificar os principais meios utilizados pelas instituições e os conteúdos que são discutidos. Em relação à cidadania comunicativa, não encontrei materiais específicos que estejam tratando sobre a perspectiva do consumo consciente, contudo, existe uma conexão com a educomunicação. As pesquisas encontradas dentro destas últimas temáticas citadas apresentam conteúdos relacionados às práticas educativas que usam meios digitais para mobilizarem os sujeitos comunicantes na produção de conhecimento e integração à sociedade.

Como pode ser observado na Tabela 1, pude relacionar um bom número de pesquisas que englobam as palavras-chave que selecionei como relevantes. Apresento abaixo uma divisão das pesquisas por eixo temático e por tipo de pesquisa, de forma a tratar os dados qualitativamente no estado da arte, que será apresentado a seguir.

Tabela 2 - Temáticas do levantamento bibliográfico

Temáticas	Número de Pesquisas
Cidadania comunicativa	14
Educomunicação	15
Consumo consciente	3
Educomunicação socioambiental	14
Total	46

Fonte: autora, 2023.

Tabela 3 - Tipos de pesquisa do levantamento bibliográfico

Tipo de pesquisa	Número de pesquisas
Artigo	28
Dissertação	10
Tese	8

Fonte: autora, 2023.

Com base no levantamento bibliográfico, pude verificar quais pesquisas poderiam oferecer aportes mais relevantes para a realização do estado da arte. Por isso, esclareço a seguir como se deu a escolha destas pesquisas.

O estado da arte é definido como uma leitura panorâmica das pesquisas mais relevantes que estão ligadas ao tema de pesquisa que proponho estudar. A leitura panorâmica é mais objetiva e não aprofunda as questões teóricas e contextuais dos trabalhos, como acontece na pesquisa da pesquisa. Neste momento, foram selecionadas cinco pesquisas que considere as principais dentre o levantamento bibliográfico, focando principalmente na temática e no tipo de pesquisa, as quais apresento a seguir.

Pensando no contexto do consumo consciente, trago duas discussões que tratam sobre o Instituto Akatu. Começo com uma análise comparativa entre os discursos do Instituto Akatu e Adbusters⁴, realizada por Camila Pereira Morales, que objetivou analisar dois vídeos, estabelecendo semelhanças e diferenças entre as situações comunicacionais que existem entre as organizações. A metodologia utilizada foi Análise do Discurso sob a perspectiva de Charaudeau. Concluiu-se que, levando em consideração os diferentes países onde as organizações atuam (Brasil e Canadá), com diferentes níveis de desenvolvimento econômico e com diferentes perfis de consumidores, no Brasil o discurso segue uma estratégia pedagógica, enquanto no Canadá são utilizados artifícios retóricos semelhantes aos da publicidade.

O trabalho seguinte a respeito do Instituto Akatu, feito por Camila Silva Santos, buscou analisar o discurso do consumo consciente nas redes sociais⁵. A partir da Sociologia Ambiental e dos Estudos do Consumo, sob a perspectiva da Análise Crítica de Discurso, foram analisados os perfis do instituto nas redes sociais Twitter e Facebook. O objetivo foi compreender aspectos constitutivos e pragmáticos desta matriz discursiva, pensando nas questões de responsabilidade, problemática do consumo e de possíveis soluções sugeridas pela comunicação ambiental praticada pelo instituto. Os resultados mostraram que o instituto pratica o discurso sustentável utilizado no meio empresarial e corporativo, apoia-se no conceito de desenvolvimento sustentável a partir das visões econômica, social e ambiental e se situa numa postura reformista, visando uma mudança gradual, mas sem mudar a prática social vigente. Assim, o foco da

⁴ Trabalho apresentado no GP Publicidade e Propaganda, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020. Título: Discursos do Consumo Consciente: uma Análise Comparativa entre Akatu e Adbusters. Autora: Camila Pereira Morales, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

⁵ Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2019. Título: Reduzir, reutilizar e retuitar: Instituto Akatu, comunicação ambiental e o discurso do consumo consciente nas mídias sociais. Autora: Camila Silva Santos, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE.

comunicação é a mudança de hábitos dos cidadãos, mas não se percebe um discurso contra hegemonias e governos.

Tratando sobre cidadania comunicativa e educomunicação⁶, encontrei a pesquisa de Livia Freo Saggin, que objetivou investigar e compreender as apropriações de oficinas educacionais ofertadas a jovens de classe popular da Vila Diehl, juntamente com os processos de criação e manutenção de um blog, pensando as potencialidades destas atividades na perspectiva da cidadania comunicativa. Durante o trabalho foram discutidos os seguintes conceitos: educomunicação; mediação digital e as apropriações realizadas pelos sujeitos comunicantes; culturas populares juvenis e a cidadania pensada desde a comunicação. Foi desenvolvida uma pesquisa de ação intervenção com combinação de métodos que pudessem abarcar as necessidades da pesquisa, dessa forma houve a realização de uma oficina educacional, uma dinâmica de grupo de discussão e entrevistas em profundidade. Os resultados mostram que as práticas educacionais desenvolvidas contribuíram para a construção e potencialização dos saberes, competências e expressões da cidadania comunicativa nos sujeitos.

Seguindo esta temática, temos um artigo recente de Livia Freo Saggin, que envolve também a comunicação comunitária⁷. O artigo apresenta perspectivas teóricas para debater aspectos relativos à comunicação comunitária, à educomunicação e a cidadania comunicativa. Assim, encontro um percurso histórico sobre estes conceitos e, por fim, compreende-se que a construção de cidadania comunicativa depende diretamente da democratização da comunicação, que pode ser fortalecida com práticas epistemológicas e pedagógicas que envolvem a educomunicação.

Por fim, compartilho uma pesquisa que trata sobre a educomunicação socioambiental no Projeto Babilonga Ativa⁸. O trabalho, de Patricia Zimmermann, objetivou identificar como a educomunicação está sendo trabalhada pelo Programa Nacional de Educação Ambiental no Ministério do Meio Ambiente, levando em consideração a implantação de ações, projetos e

⁶ Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 2016. Título: Educomunicação, mídias digitais e cidadania: apropriações de oficinas educacionais por jovens da Vila Diehl na produção do blog Semeando Ideias. Autora: Livia Freo Saggin, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

⁷ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cidadania do XXX Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo - SP, 2021. Título: Educomunicação e comunicação comunitária: diálogos teóricos potentes para repensar a cidadania comunicativa. Autora: Livia Freo Saggin, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

⁸ Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (ECA/USP), 2019. Título: Educomunicação socioambiental como política pública: a mobilização cidadã no ecossistema Babilonga. Autora: Patricia Zimmermann, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

programas no âmbito das políticas públicas ambientais. Também foram problematizados referenciais de educomunicação para compreender a apropriação por agentes sociais que desenvolvem projetos de educação ambiental no Brasil. A metodologia utilizada foi baseada em pesquisa qualitativa, utilizando-se de análise de conteúdo para conhecer, aprofundar e colocar em prática a interpretação dos dados da pesquisa. Concluiu-se que a educomunicação socioambiental trata de uma política pública de alcance nacional que apoia processos formativos em educação ambiental, como é o caso do conjunto de atividades de sensibilização e mobilização socioambiental e cultural promovidas pelo Projeto Babitonga Ativa que envolveu seis municípios de Santa Catarina.

Tendo em vista os trabalhos que foram analisados, percebo diferentes vertentes. Posso identificar uma questão voltada ao mercado, que busca analisar as práticas de consumo dos cidadãos e suas motivações; a questão da comunicação de organizações que atuam ligadas ao consumo consciente, buscando identificar meios e conteúdos utilizados e ainda, os processos comunicacionais que acontecem na internet e fora dela, pensando em como os discursos atuam para difundir a visão sobre consumo consciente. Quanto à cidadania comunicativa e educomunicação, entendo que foram identificadas práticas educacionais que visam integrar os sujeitos à produção de conhecimento, como também proporcionar espaços de autonomia e crescimento para crianças, jovens e adultos. Quanto à educomunicação socioambiental, percebe-se uma forte ligação com políticas públicas do Ministério do Meio Ambiente.

Os empíricos analisados são distintos, mas possuem elementos de ligação, como as instituições sem fins lucrativos que aparecem em dois trabalhos, um artigo com caráter teórico sobre educomunicação e cidadania comunicativa e, por fim, dois trabalhos que analisam práticas educacionais, sendo um deles sobre jovens de classe popular e outro sobre meio ambiente.

Observando a construção teórica e metodológica dos trabalhos, foi possível perceber uma ligação com os estudos culturais, os estudos de consumo, receptividade comunicativa e também com a economia política da comunicação. As metodologias partem da pesquisa bibliográfica e seguem para análise do discurso, pesquisa documental, pesquisa de ação intervenção, entrevistas em diferentes formatos, grupos de discussão, observação participante e análise de conteúdo.

As semelhanças encontradas em relação à proposta que estou desenvolvendo possuem ligação com o fato de ter escolhido uma instituição sem fins lucrativos e visar analisar práticas comunicacionais que acontecem *online* e *offline*. Porém, o meu intuito em analisar as práticas comunicacionais está relacionado com a construção de cidadania ecológica por parte dos

sujeitos educandos da Cidade Escola Ayni, juntamente com ações educomunicativas, diferente de um foco na comunicação institucional apenas. Outro ponto comum com as pesquisas relacionadas, é que objetivo problematizar a cultura do consumo, que é uma abordagem presente em duas pesquisas analisadas.

Focando especificamente na problemática da pesquisa e nos objetivos, existem distinções entre minha proposta e as pesquisas analisadas, pois não serão investigadas as motivações de consumo dos sujeitos educandos da escola. Porém, identifiquei nas pesquisas sobre educomunicação a possibilidade de realizar uma oficina criativa na Cidade Escola Ayni, pensando especificamente no discurso de consumo consciente e sustentável e práticas de preservação ambiental.

Por fim, após a leitura panorâmica das cinco pesquisas que foram abordadas até aqui, percebo que a combinação de métodos é uma possibilidade interessante para conseguir analisar diferentes perspectivas do objeto empírico, fazendo com que tenha conteúdo para responder ao problema de pesquisa. Considero relevante investigar as práticas comunicacionais e educacionais em primeiro plano, pois percebo que se tratando de consumo consciente e preservação ambiental, a comunicação está focada em comportamento do consumidor ou em casos institucionais, perdendo uma abordagem importante que é o potencial comunicativo para a construção de cidadania voltada à ecologia.

Concluindo o estado da arte, passo a tratar da etapa de pesquisa metodológica, onde a partir de uma aproximação com o objeto empírico de referência, pude visualizar o campo de investigação e, assim, definir com mais clareza o objeto empírico e os métodos necessários para a construção da pesquisa.

2.3 A pesquisa metodológica

A pesquisa metodológica é o espaço onde acontece a reflexão e o arranjo de métodos. Ela acontece em conjunto com toda investigação, compreendendo quais são as necessidades que o objeto investigado demanda. Se anteriormente relatei que em muitas disciplinas de Metodologia da Pesquisa o método é escolhido antes mesmo de o estudo iniciar, aqui trago uma compreensão completamente diferente, de forma a entender o caráter ético e político das pesquisas.

Os métodos são importantes para conseguirmos dar continuidade à investigação e eles dependem do contexto dos objetos. Dessa forma, a partir de técnicas e da operacionalização dos conceitos, conseguimos capturar as informações que partem do objeto. Contudo, ter acesso às

informações não é o suficiente, é preciso um trabalho de sistematização e análise para então poder avançar no conhecimento. Nesse sentido, Mills (2009) afirma que precisamos de um olhar transdisciplinar, que não se limite apenas ao campo de estudo em que nossa pesquisa se filia. O artesanato e a *práxis* na construção da investigação sustentam a vertente transmetodológica (Maldonado, 2011), onde a partir da combinação de ideias, saberes e métodos é possível empreender pesquisas mais produtivas.

Após os primeiros contatos com o objeto empírico de referência e tendo vislumbrado diferentes metodologias no estado da arte, entendo que a transmetodologia “parte da premissa de que a investigação científica em comunicação precisa da confluência profunda, cooperativa e produtora da estruturação de métodos mistos, múltiplos” (Maldonado, 2015, p. 720). Essa perspectiva me permite compreender que os métodos podem ser construídos nas particularidades de cada pesquisa, podendo integrar conhecimentos de outras áreas e considerando a importância dos saberes milenares e dos bons sentidos culturais. Dessa forma, na investigação que proponho na Cidade Escola Ayni, entendo não só como possível, mas também fundamental mesclar métodos, buscando ampliar minha visão sobre o objeto.

Tracei esta reflexão metodológica com as contribuições de Wottrich (2021), onde a metodologia é assumida como um sistema vivo, constituído em tensionamento com o estado das coisas. Em Bachelard (1996) percebo o problema como obstáculo, dessa forma, o uso das teorias e da observação precisa interagir e se tensionar para refletir o empírico. É preciso substituir o saber estático por um saber dinâmico, considerar o fenômeno sob outro ponto de vista, pois é um erro pensar que o conhecimento empírico se limita a afirmação dos fatos (Bachelard, 1996).

Pensando na construção de métodos que tragam novas perspectivas, busco problematizar a afirmação de Bourdieu (1999) sobre o objeto falar. Considero que muitas respostas realmente serão apreendidas a partir do objeto, porém, apenas se fizer as perguntas certas. Se o objeto não for questionado, ele não fala. Essa proposição vem de encontro ao pensamento de Maldonado (2011) sobre criar um espaço em que possamos gerar pensamentos esclarecidos que possam questionar o modelo de exclusão social vigente.

Quanto ao papel da pesquisadora na construção da metodologia, cabe ressaltar o que Bourdieu (1999) apresenta, sobre não existirem perguntas neutras. Sendo assim, desde o momento da contextualização e da construção teórica que embasa a pesquisa, a pesquisadora precisa submeter suas próprias interrogações, de forma que a teoria forneça material para a questionar respostas e perguntas. Vale ressaltar também, que perguntas assumem diferentes sentidos dependendo dos sujeitos educandos, ou seja, as individualidades e os contextos

precisam de um lugar na pesquisa, pois o método sem movimentos problematizadores não gera novidades (Bourdieu, 1999). Como vejo em Pereira (2010, p. 152-153), é preciso

[...] romper com o senso comum, não para criar uma ciência isolada do seu tempo, mas para descolonizar-se e socializar o conhecimento, aumentando a inteligibilidade do mundo em sociedades cada vez mais multiculturais, mas continuamente desiguais e excludentes.

A partir disso, entendo que diferentes métodos integrados proporcionam melhor entendimento sobre o objeto, pois o método não é algo fechado, ele se adapta às necessidades da pesquisa. É preciso pensar a metodologia como um modo de olhar, ouvir e traduzir o mundo social (Pereira, 2010).

Retorno à Maldonado (2014) para discutir quais os caminhos possíveis quando estudo a relação entre sujeitos e mídias. Pensando em receptividade comunicativa, preciso atentar-me aos métodos que escolho, pois eles podem afetar os resultados da pesquisa, bem como meu papel enquanto pesquisadora na interlocução. Por exemplo, a observação etnográfica não pode ficar reduzida a um registro formal de atividades. Como Maldonado (2014) afirma, a pesquisa de receptividade comunicativa não é um formulário e os números nunca são *a priori*. É necessário aceitar que a pesquisa qualitativa não tem uma receita. E quanto a pesquisadora, ela deve distanciar-se, mas precisa usar seus saberes e vivências para o fazer investigativo. É preciso ter sensibilidade e respeitar, mas buscar questionar.

Ao refletir sobre a metodologia e a operacionalização de diferentes métodos, fui entendendo que minha pesquisa necessita de uma construção metodológica própria, pensada dentro da realidade e das possibilidades de investigação do objeto. Construí, assim, uma metodologia baseada na experiência, nos diálogos, não uma metodologia fechada, pois não vejo o método como algo imposto, mas como um desafio a construir no concreto de cada investigação, onde um procedimento já utilizado anteriormente pode fornecer aportes e inspirações para seu acionamento específico dentro da minha pesquisa.

Nesse sentido, tendo iniciado meu contato com a Ayni a partir dos meios digitais em uma pesquisa documental buscando informações e entendendo como a escola funciona, considereei utilizar-me de *procedimentos etnográficos* (Travancas, 2017) como *observação* e a elaboração de um *diário de campo*.

A etnografia, amplamente difundida na Antropologia, fornece contribuições significativas para as pesquisas em Comunicação. Apesar do movimento de observação ter iniciado na internet, ele acompanhou toda pesquisa, pois ao observar também estava sendo

observada. Estou ciente que ao me posicionar como pesquisadora posso afetar o comportamento dos sujeitos educandos. Contudo, como Travancas (2017, p. 103) alerta, “os dados são formas objetivas e têm vida própria”. Sendo assim o envolvimento da pesquisadora na observação deve ser dosado prudentemente de modo a construir o melhor posicionamento e relacionamento com os sujeitos para construir a investigação.

A *observação etnográfica* assumida na pesquisa está intimamente ligada com minha sensibilidade enquanto pesquisadora, ou seja, não me impus como uma estudante a explorar o ambiente e as dinâmicas desenvolvidas, mas sim como uma estudante participante, que compartilhava suas questões durante as atividades, procurando não causar desconforto aos demais sujeitos educandos participantes das conversas e partilhas. Mesmo assim, minha participação estava imbricada com a responsabilidade científica e com meu compromisso profissional e ético com a pesquisa, sabendo que, embora haja espaço para minhas subjetividades na pesquisa, meu foco estava nos sujeitos educandos que participam da escola.

Quanto ao *diário de campo*, este tornou-se um companheiro inseparável dos meus movimentos de investigação, pois pude descrever procedimentos, situações que presenciei e questionamentos e provocações que surgiram para o confronto com a teoria. Como Mills (2009) reflete, empreender um diário de pesquisa é um procedimento útil para podermos registrar nuances, anseios e questões que surgem nos mais variados momentos da investigação. Em muitos momentos de partilha, diferentes questões tornaram-se latentes e se eu não tivesse um diário de campo, provavelmente ao redigir o texto descritivo e analítico não lembraria de detalhes importantes. O diário não é apenas a descrição dos fatos, ele comportou minhas indagações, questionamentos e interpretações sobre as situações observadas e vivenciadas. Existem *insights* que surgiram durante conversas e, como essas conversas não foram gravadas como entrevista, o diário de campo foi uma importante forma de registro.

Ao adentrar pessoalmente no bosque da Ayni e ver como as dinâmicas seguem o sentido natural da vida, senti a necessidade de utilizar-me da *pesquisa participante* (Peruzzo, 2017). A pesquisa participante se caracteriza pela inserção da pesquisadora no campo e interação com as dinâmicas e os sujeitos educandos. Para além do ato de observar e tomar nota, na pesquisa participante estive imersa nas dinâmicas desenvolvidas. Sendo assim, trago também minhas percepções particulares sobre o objeto investigado. Ao refletir sobre este método, entendo a importância de uma devolutiva aos sujeitos educandos que participaram da pesquisa, pois estive junto deles em diversos momentos e há um interesse expresso pelos participantes para terem acesso à pesquisa finalizada.

Com base nas colocações de Peruzzo (2017), entendo que a pesquisa participante assumiu um papel fundamental na minha investigação na Ayni, pois a escola fornece cursos e vivências que só poderiam ser experienciados por mim a partir da minha efetiva participação nas atividades. Tendo em vista que os sujeitos educandos da Ayni são adultos e crianças, foi necessário adotar diferentes abordagens para interagir com esses sujeitos. Com as crianças promovi uma oficina criativa com uma *conversa coletiva* para poder falar com elas, contudo, não caracterizo essa abordagem como uma pesquisa-ação, pois a finalidade não foi solucionar alguma dificuldade percebida ou incluir as crianças na formulação dos objetivos de pesquisa e discussão dos dados. O interesse da oficina foi abrir um espaço para as crianças se expressarem criativamente e conversarem comigo de forma natural e descontraída, como aprofundo a seguir.

Após as vivências e conversas durante os cursos realizados na escola, senti que para entender a relação que os sujeitos educandos têm com a Ayni e como suas vivências pessoais compõe seus posicionamentos sobre a temática ecológica, seria necessário realizar *entrevistas* (Duarte, 2017) pois considero os sujeitos educandos como coparticipes da construção de conhecimentos. Meu foco nas entrevistas esteve nos adultos, com um roteiro de perguntas, mas com abertura para ampliar a conversa conforme sentisse a necessidade. Baseada em Duarte (2017), entendo que as entrevistas proporcionam um aprofundamento na temática que investigo, captando a partir dos sujeitos educandos informações, percepções e experiências vividas no dia a dia e na relação com a Ayni. Pelo uso das entrevistas é possível “obter informações que possam dar visões e relatos diversificados sobre os mesmos fatos” (Duarte, 2017, p. 69).

Nas entrevistas, o exercício crítico enquanto pesquisadora foi necessário, e implicou um distanciamento e reflexão para não estar focada em confirmar meus pressupostos; exigiu também sensibilidade na forma como questionava os sujeitos educandos e como formulava as questões. Não basta ouvi-los, é preciso escutá-los, empreender uma escuta ativa e atenta. Minha aproximação com os sujeitos educandos propiciou combinações particulares para cada caso. Sendo assim, realizei entrevistas presenciais e digitais.

Tendo como principal base o método de pesquisa participante, compartilho a seguir as duas fases desenvolvidas durante a investigação: pesquisa exploratória e pesquisa sistemática. Na fase exploratória narro os movimentos empíricos realizados desde o início do projeto de Mestrado e na fase sistemática, baseada nas considerações obtidas no campo, explico a amostra de sujeitos educandos que fazem parte das entrevistas e os procedimentos de coleta de dados.

2.4 A pesquisa exploratória

A pesquisa exploratória está relacionada com a dimensão empírica da pesquisa, ou seja, a investigação do campo em que o objeto empírico de referência se encontra, para que se possa ter um contato que permita adentrar no ambiente da pesquisa. Ressalto que apesar do termo “exploratório” remeter ao sentido de explorar algo, entendo que na pesquisa científica é necessário romper com a visão de que o pesquisador constrói o conhecimento sozinho, pelo contrário, está amparado por pesquisas que foram realizadas anteriormente e pela contribuição dos sujeitos de pesquisa, no meu caso, a contribuição fundamental dos sujeitos educandos. Não me sinto na posição de uma exploradora no sentido de aproveitar-me do que os outros têm a oferecer, mas no sentido de alguém curiosa e atenta, disposta a ouvir e também a contribuir com os sujeitos educandos e as dinâmicas que acontecem na Ayni.

Como Bonin (2013) explica, as pesquisas estão inseridas em realidades dinâmicas e complexas, por isso, é necessário um movimento que possa perceber as singularidades dos objetos e que ajude a problematizar os processos e práticas metodológicas. A pesquisa empírica compreende o conhecimento adquirido pela prática, o conhecimento baseado na experiência (Maldonado, 2011). Assim, um movimento inicial de pesquisa exploratória pode me mostrar indícios de questões que precisam de aprofundamento teórico, além de permitir experimentação e teste de procedimentos, de colaborar na construção de amostras que incluam diversidades relevantes para a pesquisa. Concorro com Maldonado (2011) sobre cada pesquisa necessitar de formulações e estruturação de técnicas para a realização da pesquisa exploratória. Dessa forma, compreendo que é preciso tensionar o empírico, deixar que ele “fale”, podendo reconstruir os caminhos para me ajustar ao cenário problematizado.

Considero que a pesquisa não segue um *checklist*, mas penso que por meio de alguns procedimentos podemos ter pesquisas mais produtivas e relevantes. Levando em consideração as especificidades da área da Comunicação, cada pesquisa deve desenvolver uma metodologia própria e personalizada para cada objeto e problema de pesquisa.

Nesse sentido, a discussão sobre o lugar da empiria nas pesquisas em Comunicação assume uma importância significativa, pois rompemos com as barreiras investigativas que não se desenvolvem para além da base teórica. Entendo que a empiria caminha junto do problema que norteia a pesquisa, mas também das teorias que são fundamentais para um aprofundamento do que se investiga e na proposição de mudanças e descobertas. As teorias, da mesma forma que a ciência, não são verdades absolutas e estão em constante construção; além disso, a

pesquisadora também se transforma no decorrer de sua investigação. Dessa forma, o movimento empírico tem como base a tríade perguntar, observar e inferir.

2.4.1 Primeiros movimentos exploratórios na Cidade Escola Ayni

Minha trajetória até aqui iniciou com um projeto de pesquisa que buscava investigar um grupo do Movimento Minimalista⁹ no Facebook, pensando em identidades e práticas de consumo. No decorrer do primeiro semestre do Mestrado, com o aporte da disciplina de Pesquisa em Comunicação e em conversas com a professora orientadora Jiani, amadureci as ideias e percebi que minha pesquisa tinha um potencial maior. São inúmeros grupos que discutem Minimalismo no Facebook, porém, muitas vezes as discussões não vão além da performance individual. Em uma imersão inicial no grupo, não identifiquei um sentido de coletividade que problematize de modo mais aprofundado as questões do consumo como exercício da cidadania.

Por isso, decidi definir um objeto empírico de referência que tivesse seus processos comunicacionais tanto no ambiente digital como no ambiente físico e que me trouxesse questões relacionadas à cidadania. Assim, poderia integrar diferentes métodos de pesquisa para melhores resultados. Cheguei deste modo, à Cidade Escola Ayni, que propõe trabalhar educação e sustentabilidade de forma integrada, fazendo com que as famílias participem ativamente da escola e compreendam a criança como um ser humano em construção, que precisa de liberdade de criação e expressão para manifestar sua essência.

O trilhar exploratório reconstrói elementos empíricos registrados no diário de campo que está em constante uso, formulação, reformulação e testes. Tendo em vista o levantamento de dados sobre a Ayni, que serão explicitados posteriormente no capítulo de contextualização e que partiram do contato que tive com a Ayni desde meu TCC, o primeiro passo de aproximação foi avaliar os meios digitais onde podemos encontrar informações sobre a Ayni. A escola possui perfil no Facebook, Instagram, YouTube e WhatsApp, além de *site* e *blog* que oferecem diversas informações sobre suas práticas educativas, como também informações de contato, loja *online* e formas de ajudar o projeto.

Apesar do foco da pesquisa não estar direcionado aos meios digitais onde a Ayni se faz presente, considero importante dividir aqui percepções e particularidades que notei sobre esses

⁹ O Minimalismo é definido como um estilo de vida que busca reduzir o consumo na busca de uma vida mais simples e funcional, investindo em experiências e conhecimento.

meios, tendo em vista que muitas pessoas se aproximam da Ayni por conhecerem o projeto a partir das redes sociais. Em números, a maior expressividade de seguidores do perfil da Ayni acontece no Facebook¹⁰, onde estão 71 mil seguidores. Já no Instagram¹¹ podem ser vistos mais de 45 mil seguidores. É importante frisar que os perfis das redes sociais são controlados pela equipe de administração da escola e contam com auxílio de um profissional de *social media*.

A finalidade das redes sociais e demais meios digitais é a divulgação da proposta educativa da Ayni e de seus projetos, mas principalmente são uma forma de atrair pessoas para o programa de voluntariado, que auxilia a escola na parte de manutenção, limpeza, infraestrutura e agroecologia e para os cursos e vivências que são ministrados na escola. Estes cursos são pagos e viabilizam financeiramente o trabalho da Ayni, que inclui educadores e equipe administrativa, mas também gastos diversos com materiais escolares, de limpeza e higiene e materiais para manutenção da escola.

Tanto no Facebook como no Instagram os *posts* feitos pelo perfil da escola são esteticamente bonitos, seguem uma paleta de cores específica e fazem uso de fontes padronizadas. Os conteúdos que integram o perfil fazem uso de imagens reais da escola, das crianças, das dinâmicas e dos cursos, amparados juridicamente por um termo que todos assinam ao participar da escola, cedendo o uso de imagem para fins de divulgação. Os *posts* em geral apresentam a forma como a Ayni entende e vive a educação no dia a dia, como também divulgam novas turmas para cursos presenciais e *online* e grupos de voluntariado.

No *site*¹² são encontradas diferentes abas de navegação que contam a história da escola, a missão, visão e valores da instituição, os objetivos da Ayni e a explicitação dos pilares fundantes da escola: educação, economia e agroecologia. Uma das abas do *site* relaciona todas atividades que são desenvolvidas pela Ayni, desde a escola, os cursos, vivências e retiros, o turismo com propósito, o plantio agroecológico, a Pharmacia, até os projetos em construção do hotel, restaurante e espaço para *coworking*. Pode ser encontrada também a aba que compartilha como fazer parte da escola. Ali são disponibilizadas as datas para cursos presenciais e *online*, a comunidade de membros da escola, a vivência da escola para famílias, as vivências para grupos, o programa de voluntariado, o programa de afiliados, o *tour* guiado, a loja virtual e o apoia-se.

¹⁰ Em 26 de fevereiro de 2024 a página da escola no Facebook foi invadida e até a data de entrega da pesquisa ainda não havia sido recuperada.

¹¹ Disponível em:

https://www.instagram.com/cidadeescolaayni?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNIZDc0MzIxNw==. Acesso em: 26 mar. 2024.

¹² Disponível em: <https://www.ayni.org.br/>. Acesso em: 26 mar. 2024.

Ainda no *site* é possível acessar a aba de transparência financeira, que apresenta as despesas da escola e a receita de cursos, doações e investimentos. Uma das abas é de contato com a escola, então apresentam o mapa de localização, e-mail, telefone e redes sociais. Na aba do *blog* podem ser encontradas matérias sobre temas que tem ligação com a escola, por exemplo, alimentação saudável e plantio agroecológico.

Para além da interação com os conteúdos disponibilizados pela escola na internet, meu primeiro contato com a equipe da Ayni foi por meio de mensagem pelo *direct* do Instagram, no dia 5 de julho de 2022, onde fiz minha apresentação me identificando, comentando que moro em São Valentim do Sul, que é uma cidade próxima de Guaporé – RS e que acompanho o trabalho da Ayni desde sua fundação. Ressaltei que estou cursando Mestrado em Ciências da Comunicação e que tinha interesse em analisar as práticas comunicacionais e educativas dos sujeitos educandos da escola, pensando em como essas práticas conduzem a construção de cidadania vinculada à ecologia.

Minha primeira questão de aproximação foi perguntar se existem movimentos educativos relacionados à sustentabilidade e consumo consciente, tendo em vista que este é um assunto de interesse para a dissertação. Foi prontamente respondida pelo perfil da instituição, onde me foram apresentados os 3 pilares fundantes da Ayni: educação, economia e agroecologia, afinal, a escola existe baseando-se neles. Sobre sustentabilidade e consumo consciente,

Existe esse movimento educativo de uma forma sutil, nos ambientes preparados, na escolha dos itens disponíveis nos ateliês, na sugestão da alimentação, na construção do hotel para gerar sustentabilidade financeira da escola, entre outros muitos. Porém, como não temos aulas expositivas, *o ambiente ensina*. Os questionamentos dos adultos e crianças acontecem e o aprendizado também, com o exemplo (Ayni, 2022).

Fui convidada para fazer uma visita à escola, onde poderia constatar esses pontos que me foram expostos, sabendo que a proposta da escola é inspirar uma nova educação. Outra possibilidade que me foi ofertada foi de participar do programa de voluntariado, que tem duração de duas semanas, para vivenciar a Ayni na íntegra, numa imersão no ambiente e no projeto. Inicialmente ingressei no grupo de membros da escola no WhatsApp, onde recebo avisos, notícias, conteúdos e imersões na escola.

Nesse sentido, pude elaborar a sistematização das informações recolhidas na observação dos ambientes digitais da escola e chegar aos indícios, perguntas e inferências possíveis para a entrada no campo de investigação. Pensando nos indícios, como Braga (2008) pontua, é preciso

sair das especificidades para chegar na abstração e desnaturalizar nosso olhar sobre os objetos. Dessa forma, o objetivo de uma pesquisa deve ser descobrir coisas e não apenas descrevê-las, por isso a importância de articular empiria e teoria. Percebo nas práticas da Ayni uma conexão importante com a dimensão cidadã e política que discutimos na LP3 Cultura, Cidadania e Tecnologias da Informação. Nesse sentido, a questão problema está direcionada à ecologia, tomando como base meus conhecimentos anteriores relacionados ao consumo consciente, mas também pensando na importância e urgência dessa temática.

Avaliando a comunicação digital da Ayni, que pôde ser verificada por meio do *site*, canal do YouTube¹³ e perfis do Facebook e do Instagram, percebi que os conteúdos abordados nos cursos, retiros e vivências não são apenas relacionados à pedagogia, mas também ao autoconhecimento e aos ambientes sustentáveis utilizados na escola. Esses momentos podem trazer diferentes perspectivas sobre a forma como a comunicação acontece na escola e como os aprendizados reverberam para fora dela.

Levando em consideração a heterogeneidade de sujeitos educandos, tenho distintas possibilidades de abordagem na Ayni: fundador, educadores, voluntários, pessoas que participam dos cursos, pais e crianças. Entendo que é necessário focar em algum destes sujeitos atendidos pela escola, pois não terei tempo hábil para falar com todas as pessoas, além disso, focando em sujeitos educandos específicos posso me aprofundar mais. O que penso é que as relações entre essa variedade de sujeitos educandos se entrecruzam, ou seja, posso delimitar um foco, mas necessariamente outras percepções aparecerão no trabalho.

Tomando como ponto de partida a delimitação de que a pesquisa se insere no campo da Comunicação, a discussão precisa preocupar-se com a dimensão comunicacional das práticas que acontecem na escola. Por isso, nesse momento entendo que preciso compreender quais são as práticas comunicacionais/educativas propostas, como se dá a participação dos sujeitos educandos nestas práticas, quais são os saberes e competências construídos relacionados à questão ecológica, quais mediações midiáticas e comunicacionais são percebidas e quais são as concretizações, possibilidades e limitações para o aprendizado e exercício da cidadania vinculada à questão ecológica.

Uma dimensão que está trabalhada nos conceitos da pesquisa é a questão da educomunicação. Entendo que a entrada da comunicação na Cidade Escola Ayni se dá pela educomunicação, pois em nossa Linha de Pesquisa no PPG entendemos a educomunicação para

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC1S2H91Ls2HMGQzj9ZgNjuQ>. Acesso em: 26 mar. 2024.

além da mera inserção de tecnologias da informação e comunicação na educação. Consideramos a educomunicação como forma de fortalecer o pensamento criativo, inventivo, reflexivo e crítico dos educandos. Então, este será um ponto que necessariamente preciso compreender na Ayni.

Divido alguns questionamentos que fiz durante minha observação dos ambientes digitais: Como os sujeitos educandos da Ayni se apropriam das práticas e quais são os aprendizados? Como isso reverbera no dia a dia? Por que eles participam dessa escola? Como eles levam isso para outros ambientes? São percebidos benefícios na vida das pessoas que participam da escola? Como a comunidade vê essa escola? Existe um questionamento do sistema capitalista e da dominação da natureza? Existem aspectos que alimentam a construção de uma consciência ecológica crítica? Em que sentido as práticas integram uma dimensão educ comunicativa? Posso, por exemplo, presumir que os pais que participam da escola manuseiam os alimentos com mais respeito? Usam a água conscientemente? Existem rupturas de condicionamentos, saberes e conhecimentos anteriores?

Pensando nas inferências e tendo como base a discussão proposta por Verón (2013), entendo que a observação acontece em diferentes níveis, de forma que o observador também é observado. Assim, temos o observador que olha, o observador que observa a si mesmo e o observador que analisa a observação de acordo com procedimentos definidos. Dessa forma, é necessária uma reflexão epistemológica sobre as perguntas que faço e as respostas que recebo.

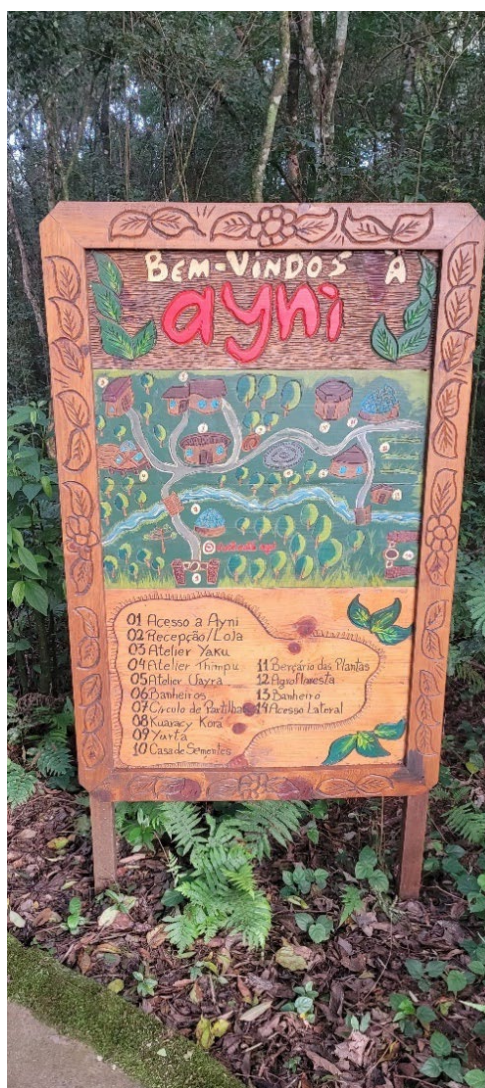
2.4.2 Da Ayni digital para a Ayni do bosque

Como mencionado anteriormente, desde a graduação eu já conhecia a Ayni, porém, meu conhecimento sobre o projeto limitava-se a informações disponibilizadas *online*, contidas nos depoimentos de voluntários e educadores, nas interações nas redes sociais com as famílias que participam do projeto e nos vários vídeos e palestras onde Thiago Berto, fundador da escola, apresenta o propósito de sua vida, a Ayni. Dessa forma, minha trajetória na dissertação também teve início com os materiais digitais, buscando fazer uma pesquisa documental sobre aspectos relativos à história da escola. Claramente as colocações tinham um cunho de descrição das etapas de construção da escola, então sabia da necessidade de uma aproximação que me proporcionasse entender os processos e as vivências que acontecem nela.

Como explicarei adiante na contextualização, como forma de viabilidade econômica, os cursos ministrados na Ayni pelos educadores e fundador garantem a gratuidade da mensalidade dos educandos. Sendo assim, com o intuito de uma aproximação com a escola, a equipe e as

dinâmicas que ali acontecem, realizei cinco movimentos distintos de forma presencial na escola. Três destes movimentos foram *cursos e vivências*, os quais foram pagos por mim e posteriormente ressarcidos via verba Proex Capes, tendo em vista se tratar da coleta de dados da dissertação. O quarto movimento foi a participação no *programa de voluntariado* pelo período de 15 dias e a última imersão na escola foi focada especificamente nas crianças com a oferta de uma *oficina criativa*.

Imagem 1 - A chegada



Fonte: autora, 2023.

Durante estas imersões na escola, meu embasamento teórico-metodológico esteve apoiado pelos *procedimentos etnográficos* e a *pesquisa participante*. A *observação* contínua e detalhada foi registrada no *diário de campo*, ao mesmo tempo em que participava das dinâmicas e partilhas juntamente dos outros participantes. Aproveitei os momentos na Ayni para elaborar

um levantamento fotográfico indispensável para a pesquisa, a fim de ilustrar meus relatos. Optei por apresentar-me nos cursos como pesquisadora, ressaltando que vivenciar as práticas educativas e comunicacionais da Ayni na íntegra traria contribuições importantes para minha pesquisa.

A primeira imersão na Ayni foi no curso *Educação para a Paz*, que ocorreu entre os dias 27 e 29 de janeiro de 2023. O curso foi realizado no Recanto São Carlos (Guaporé – RS), que é uma pousada administrada pela Congregação dos Missionários de São Carlos; assim, os participantes do curso que vieram de outras cidades ficaram hospedados neste local. No meu caso, apesar da proximidade da minha casa com a cidade de Guaporé, fiquei hospedada na casa de uma tia que mora nesta cidade.

O Recanto São Carlos é um espaço amplo, com árvores e área de lazer. O ambiente em si provoca, conforme minha experiência, um movimento de reflexão, silêncio e meditação, independente das crenças religiosas que cada um tem. As refeições, tanto no café da manhã como no almoço prezaram por uma alimentação vegetariana. Além disso, após a refeição, cada pessoa tinha a responsabilidade de lavar sua louça. As atividades de dança, música, dinâmicas e partilhas aconteceram no auditório da pousada. Em outros momentos fomos até a Ayni, que fica em localização próxima da pousada. No intervalo das atividades, participantes voluntários preparavam o lanche. Cada refeição teve uma celebração ao alimento, onde todos cercavam a mesa de mãos dadas e, balançando os braços, cantávamos ¡Que rico! ¡Que rico! ¡Que rico! em memória aos latinos que estiveram trabalhando voluntariamente no princípio da Ayni.

Neste curso estive juntamente com outras 22 pessoas vindas de diferentes partes do Brasil: Mato Grosso do Sul, Curitiba, Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Os mediadores do curso foram Thiago, que é o fundador da escola, Victória que é educadora e Priscila, que cuidava da parte relacionada à agroecologia na época. Este foi o curso de número 75 ministrado pela escola. Mais de 3 mil pessoas já passaram pela Ayni, vindas de 22 países. Só no voluntariado foram mais de 900 pessoas que participaram da construção e constante manutenção da escola. A primeira questão que chama a atenção é que as pessoas que participam desses cursos em sua maioria são de outras cidades, uma minoria participante é de Guaporé ou de cidades próximas.

Este curso contemplou um *tour* pelos espaços educativos da Ayni, conhecendo e experimentando os materiais com a explanação dos conceitos de aprendizagem. Em outros momentos, foram desenvolvidas experiências de reconexão com aspectos individuais de autoconhecimento, a fim de tornar-se uma pessoa melhor e experienciar outras formas de bem

viver. Por fim, aconteceram momentos de encontro e troca de informações sobre a proposta de educação com a equipe de educadores da escola.

O princípio do curso é educar os adultos, enquanto as crianças ficam em paz. Sendo assim, não foi um curso com finalidade puramente pedagógica e relacionada à educação, mas sim às questões que nos tocam enquanto humanos, como o autoconhecimento, reconexões com nossa criança interior, com a natureza e com nossa ancestralidade. Por ter sido realizado em período de férias, enquanto estivemos na Ayni não haviam crianças acessando os espaços. Mesmo assim, é um tipo de vivência que inspira pais, futuros pais e até mesmo pessoas que não planejam ter filhos a relacionar-se com mais respeito com as crianças e a natureza.

A imersão seguinte foi a *Formação Vivencial* realizada entre os dias 15 e 19 de maio de 2023. Diferente do curso, a vivência teve duração de uma semana. O intuito da formação é inspirar uma nova educação. Dessa forma, tive uma experiência na íntegra, acompanhando o dia a dia da equipe, das crianças, de pais e voluntários, inclusive com abertura para ajudar nos trabalhos da agrofloresta. Da mesma forma que o curso, a formação teve momentos de partilha e dinâmicas voltadas para o autoconhecimento. Com as crianças o foco esteve apenas na observação, não interferindo nos espaços e atividades.

Nesta imersão, todas as atividades foram realizadas dentro do bosque da Ayni, no período da manhã com atividades de observação das crianças e manuseio da agrofloresta e no período da tarde com partilhas sobre as observações e conversa com Thiago e a equipe de educadores da Ayni. Na ocasião estávamos em 7 pessoas representando os estados de Rio de Janeiro, Paraná, Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Esta foi a formação de número 78 organizada pela escola e, pela primeira vez, esteve participando uma diretora de escola pública de Guaporé e uma mãe com filhos que participam da Ayni. Tivemos contato com a equipe completa de educadores, formada por Victória, Allan, Melissa, Elisandra e Fernanda; o atual guardião da agrofloresta, Eduardo; e o Fabricio que, na época atuava na gestão e finanças. Durante a semana que estive na Ayni, pude acompanhar todo o funcionamento da escola, entender como são as atividades, como é o trabalho dos educadores e como os voluntários e pais participam.

Nestes dois momentos distintos que estive na Ayni, me aproximei da equipe de educadores, de Thiago e Fabricio, que expressaram a importância da minha participação no programa de voluntariado ofertado pela escola. Para participar do programa é preciso entrar em contato com a escola e preencher um formulário de interesse. A partir disso, a equipe entra em contato para a realização de uma entrevista, onde passam as informações sobre o voluntariado e procuram conhecer os interesses da pessoa voluntária. No meu caso a entrevista aconteceu no

início de março de 2023, pois meu intuito era participar do voluntariado na primeira quinzena de junho. Na entrevista falei sobre mim, minhas experiências, meus gostos, meu dia a dia. Da mesma forma, Fabricio me explicou sobre os combinados do voluntariado, como prezar pelo cumprimento do horário de trabalho, permanecer no programa pelos 15 dias acordados e hospedar-se na casa do voluntariado junto de outras pessoas que farão voluntariado. Sendo assim, a voluntária tem como despesa sua locomoção até Guaporé, sua alimentação e itens de higiene pessoal. A voluntária divide a casa com 3 a 6 pessoas, as quais devem manter a casa limpa e organizada. O trabalho voluntário é na parte da manhã, das 7:30 às 11:30 horas de segunda a sábado. O turno da tarde é livre, mas em dias específicos acontece um encontro com o Thiago e a equipe de educadores, há tempo para experienciar os ateliês e espaços da escola com a visita guiada e um momento de observação das crianças.

Dessa forma, minha terceira imersão na Ayni foi por meio do *Programa de Voluntariado*. A intenção de realizá-lo em junho não se concretizou, pois eu era a única pessoa inscrita no programa. Como desejava uma experiência com outras pessoas, pedi o adiamento do voluntariado para o mês de novembro. Porém, fui informada novamente que não haviam inscritos no voluntariado, pois a maioria prefere o período de férias, tanto no início como na metade do ano. Tendo em vista o cumprimento do prazo de entrega da dissertação e meu pedido de férias no trabalho, optei por participar do voluntariado sozinha.

Como já era conhecida por toda equipe, ao invés de ficar sozinha na casa do voluntariado, novamente hospedei-me na casa da minha tia. Meu período de trabalho foi de 06 a 16 de novembro de 2023. Não fiquei exatamente 15 dias no voluntariado por conta de um compromisso pessoal, que foi prontamente aceito pela equipe da escola. Durante os dias de trabalho, o foco esteve na limpeza, manutenção e agrofloresta, acompanhada por Eduardo que cuida destes serviços na Ayni e de sua esposa Lucilene que assumiu o lugar do Fabricio na acolhida dos voluntários.

O voluntariado, conforme experienciei, é uma vivência de redescoberta de si mesmo e de reconexão com a natureza. Essa experiência no bosque da Ayni difere das outras imersões porque a partir do momento que você está no voluntariado, consegue perceber outras dimensões da escola, entender os bastidores, as relações de trabalho e o fluxo de distintas histórias que passam diariamente por ela. No período em que estive trabalhando, passei a maior parte do tempo na limpeza dos caminhos do bosque e dos banheiros e nas atividades da agrofloresta. Um dia específico eu e Eduardo fomos até a casa do voluntariado para fazer a limpeza, pois chegaria um grupo de pessoas que participariam de um curso na Ayni.

Participar do voluntariado me oportunizou um quarto movimento imersivo que foi a *Vivência (Des)aprender*, realizada nos dias 14 e 15 de novembro de 2023. Na ocasião estávamos em 16 pessoas, sendo toda equipe de educadores, que agora conta com Ana Carolina, pois Elisandra, que estava na equipe anteriormente, precisou se mudar de cidade; Thiago, pais que participam da Ayni, moradores de Guaporé e visitantes vindos de Novo Hamburgo - RS e Mato Grosso do Sul. A vivência teve coordenação de German Doin Campos¹⁴, diretor do documentário argentino “A Educação Proibida” de 2012.

Nesta vivência o objetivo foi desconstruir marcas de uma educação opressora e discutir sobre possibilidades de uma educação amorosa, sensível e transformadora. As dinâmicas aconteceram dentro de um dos ateliês da Ayni e envolveram momentos de partilha, dança, experimentação e alusão a elementos da natureza, como água, terra, ar, fogo e plantas. Durante os dois dias de vivência discutimos sobre tipos de educadores que tivemos e que muitas vezes somos, replicando práticas autoritárias ou diretivas que não conduzem ao processo do verdadeiro aprendizado e não são práticas libertadoras e emancipadoras. Utilizei deste encontro para definir a amostra de sujeitos educandos que seriam entrevistados na pesquisa e planejar, junto com a equipe de educação, uma oficina artística com as crianças, minha última imersão presencial na escola.

A *Oficina Arte Ecológica* aconteceu no dia 13 de dezembro de 2023, última semana de aulas na Ayni. Minha proposta foi disponibilizar folhas de papel e materiais artísticos para as crianças e deixar que elas desenhasssem, pintassem, fizessem colagens, enfim, o que quisessem fazer sobre o tema do meio ambiente, da ecologia e sobre aprendizados que elas tivessem sobre esses assuntos. No final, reuniria os trabalhos em um cartaz onde as crianças poderiam contar sobre o que produziram. A oficina foi mediada pelo educador Allan e, apesar da temática ecológica ter se convertido nos temas que cada um quis abordar, considereei um momento muito especial de contato direto com as crianças que tanto observei durante outras imersões, mas pouco falei. Este foi um espaço para conversar com as crianças sem que se sentissem envergonhadas ou pressionadas a falar sobre determinado assunto.

A partir das observações e conversas durante as imersões na escola, alguns pontos puderam ser percebidos com mais clareza, como o sentido de coletividade, participação e autonomia, respeito à natureza e animais, o aproveitamento dos materiais, as noções sobre

¹⁴ Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/a-educacao-proibida-diretor-argentino-alia-cinema-e-ativismo-para-romper-padroes-na-educacao/>. Acesso em: 26 mar. 2024. Maiores informações sobre o documentário são apresentadas no Capítulo 5, pag. 164.

economia e cuidado com o lixo, incentivo a uma alimentação saudável e o cuidado e organização dos espaços.

Como carências, percebi que a agrofloresta é um espaço que pode ser melhor aproveitado, a equipe é reduzida perante as demandas da escola, a atuação em turno único e o voluntariado dos pais em horário comercial podem limitar a participação efetiva na escola. Além disso, percebi a necessidade de ampliar convites para que a comunidade local conheça a Ayni, pois senti um distanciamento da cidade de Guaporé em relação ao projeto desenvolvido dentro de um bosque de propriedade do próprio município. Também é importante expandir a visão crítica além da educação para os temas da economia e ecologia.

Após a explanação dos movimentos exploratórios realizados na Cidade Escola Ayni, adentro na fase de pesquisa empírica sistemática, onde apresento os procedimentos de coleta de dados, as dimensões de observação que levei em conta no período em que estive na escola, os critérios de seleção da amostra de sujeitos educandos entrevistados durante a pesquisa e a formulação do roteiro de entrevista.

2.5 A pesquisa sistemática

A fase de pesquisa empírica sistemática teve por objetivo o aprofundamento das informações obtidas durante a fase exploratória. Enquanto na fase exploratória a aproximação com o objeto empírico de referência proporciona percepções capazes de auxiliar na reformulação do problema de pesquisa e dos objetivos que foram traçados, além de perceber as necessidades metodológicas que o objeto demanda, na fase sistemática são sinalizados quais movimentos necessários para concretizar e aprofundar a investigação.

Dentro do horizonte traçado nesta pesquisa, a fase sistemática se estruturou a partir de movimentos de *observação, conversa coletiva e entrevistas*. Para um olhar detalhado ao objeto investigado, propus três eixos de observação: *cenários do processo comunicativo, como ocorre o processo comunicativo e a participação dos sujeitos educandos*. A organização da observação em eixos teve por objetivo um direcionamento para as questões que interessam à pesquisa, culminando com uma observação mais atenta e detalhada. As observações foram realizadas durante as imersões na Ayni e este movimento, apesar de complementar, foi separado das entrevistas. Optei por essa separação principalmente por conta da disponibilidade dos sujeitos educandos entrevistados, tendo em vista que prezei por conversas individuais e aprofundadas, o que necessita de um tempo particular para cada sujeito educando.

As entrevistas foram divididas em quatro blocos, sendo o *perfil dos sujeitos educandos entrevistados*, os *usos e apropriações midiáticas/comunicacionais e relações com ecologia, meio ambiente e consumo consciente*, *aspectos culturais* e a *relação com a Ayni e o tema da ecologia*. Nesse sentido, pude entender com mais clareza como os sujeitos educandos chegaram até a Ayni e como suas vivências compõe suas percepções sobre o tema da ecologia.

2.5.1 Dimensões de observação e procedimentos de coleta de dados

Entendendo a complexidade do objeto investigado e assumindo minha limitação na compreensão da totalidade do fenômeno pesquisado, compartilho meu trilhar teórico-metodológico na busca por arranjos metodológicos que fossem capazes de exprimir as nuances avistadas na Cidade Escola Ayni. Por esse motivo, a partir da minha participação nos cursos e vivências, o primeiro movimento investigativo foi a realização de observações que foram amparadas por um roteiro (Apêndice A) disposto em três eixos.

O primeiro eixo de observação se coloca em relação aos *cenários do processo educacional*, onde busquei contextualizar os materiais disponíveis na escola e a espacialidade dos ambientes, quais conteúdos são trabalhados e como são as abordagens, quais dinâmicas são realizadas e como elas acontecem, os equipamentos tecnológicos disponíveis e as possibilidades de utilização nas atividades.

O segundo eixo se refere a *como ocorre o processo educacional*, que orientava as observações para as práticas e os processos pedagógicos desenvolvidos na escola, para o uso de tecnologias, para saberes e competências comunicativas expressados pelos sujeitos educandos, para as pistas e elementos da dimensão ecológica vivida na escola e para as marcas de mediações identificadas durante o processo, ou seja, as afetações externas à escola que compõe os sujeitos.

Por fim, o terceiro eixo esteve focado nos *sujeitos educandos*, dessa forma observei como a participação nas atividades pode ser percebida, identifiquei pistas de aprendizados e potencialidades para o exercício da cidadania vinculada à ecologia e busquei identificar as carências, oportunidades de melhoria e elementos de contradição que estão presentes entre o discurso e a prática da escola.

Durante minha experiência no voluntariado mantive as observações, mas também busquei dedicar-me ao que foi proposto no voluntariado que é o trabalho. Dessa forma, busquei escrever no diário de campo durante intervalos, tomando nota inclusive de conversas que tive

nesse período e pontos relevantes para serem abordados na etapa seguinte, que foram as entrevistas. Foi durante o voluntariado que criei o roteiro das entrevistas.

A partir dos movimentos de observação, entendi que a realização de entrevistas seria a melhor maneira de inteirar-me nas vivências, concepções e aprendizados dos sujeitos educandos que participam da Ayni. Assim, a partir da observação e de conversas nas imersões, consegui definir a amostra de sujeitos educandos entrevistados e elaborar o roteiro de entrevista (Apêndice B).

O roteiro orientador da entrevista foi organizado em quatro blocos. O primeiro é focado no entendimento do *perfil dos sujeitos educandos entrevistados*, dessa forma abordei questões como nome, idade, cidade de nascimento e onde mora atualmente, com quem mora, qual a profissão do sujeito educando e qual nível de estudo o mesmo tem. O segundo bloco trata sobre *os usos e apropriações midiáticas/comunicacionais e relações com ecologia, meio ambiente e consumo consciente*. Sendo assim, foca nos artefatos de informação e comunicação que o sujeito educando tem acesso, qual o contato com os meios de comunicação e a forma como os utiliza, a relação com as redes sociais e o uso da internet, sendo que cada uma destas indagações interpela o sujeito educando a pensar em conteúdos que teve acesso e aprendizados que teve sobre as questões ambientais a partir dos meios de comunicação. O terceiro bloco expande o entendimento sobre quem é o sujeito educando, trazendo partilhas sobre os *aspectos culturais* que fazem parte do sujeito. Sendo assim, traz perguntas sobre o dia a dia do sujeito educando, espaços que frequenta, atividades que gosta de fazer, como gosta de se expressar e se nestes ambientes existem conversas, práticas e vivências que estão ligadas à questão da ecologia, meio ambiente e consumo consciente. O último bloco se debruça especificamente na *relação com a Ayni e o tema da ecologia*, então, inclui questões sobre como o sujeito educando conheceu a Ayni, há quanto tempo participa e por que participa, o que gosta nas atividades desempenhadas na escola e o que mudaria. A partir disso, instiga sobre as concepções e aprendizados que o sujeito educando tem sobre o tema da ecologia, práticas que adotou a partir da inserção na Ayni, rupturas de condicionamentos anteriores, se existe uma consciência crítica em relação às questões ambientais e sociais e, por fim, abro um espaço para sugestões e pontos a serem melhorados na escola.

Definidas as questões da entrevista e tendo conversado com diversas pessoas de diferentes lugares do Brasil durante as imersões na Ayni, defini uma amostra de 11 sujeitos educandos a serem entrevistados. Lembro que por sujeitos educandos entendo todas pessoas que estão em aprendizado na Ayni; isso inclui as crianças, os pais, os educadores, os voluntários, os participantes dos cursos, o fundador da escola e demais colaboradores que fazem

parte da equipe. Minha intenção era entrevistar 12 sujeitos educandos da escola. Contudo, tive muitas dificuldades para agendar as entrevistas e meu cronograma da dissertação não me permitiu esperar a disponibilidade do último sujeito educando que seria entrevistado. Sendo assim, mantive a amostra de 11 sujeitos educandos.

Com essa diversidade de sujeitos educandos, em relação aos métodos, percebi que poderia realizar entrevistas com os adultos, porém, com as crianças necessitaria de outra abordagem. Por isso tive a ideia de ofertar uma oficina criativa com uma conversa coletiva. Diferente dos movimentos de observação e entrevista, fui para a oficina criativa sem roteiro. Primeiro, por sentir que crianças de 3 a 12 anos – faixa etária presente na escola na ocasião – perderiam o interesse em participar da oficina se eu comesse a estipular uma agenda de atividades. E segundo, porque limitar ou direcionar as crianças para atividades que nós adultos, queremos, é algo que vai contra o princípio da educação assumida pela Ayni.

Sendo assim, a oficina foi um convite aberto, onde 10 crianças escolheram participar, sendo 7 meninos e 3 meninas. Deixei a mesa no ambiente externo, debaixo de uma árvore, preparada para receber as crianças com folhas de ofício em branco, tesoura, cola, revistas de recorte e materiais de desenho. Fiz minha breve apresentação e pedi para que o professor Allan conduzisse a conversa. A partir dessa introdução, cada um criou o que quis naquele momento. A Oficina Arte Ecológica teve duração de 1 hora e se transformou em um momento de descontração onde pude conversar com as crianças, que deram abertura para a interação. Fiz provocações sobre o que elas mais gostam na Ayni, o que aprenderam lá e o que gostariam que tivesse na escola. No término, montamos um cartaz com as produções e deixamos exposto na área externa para todos verem.

Para o movimento de entrevista com os adultos, utilizei como critério de seleção conversar com pessoas que participam ativamente da escola e em períodos mais longos. Durante os cursos e vivências, tive contato com pessoas de diversos lugares, porém, entendo que foram experiências pontuais na Ayni e meu interesse foi ouvir pessoas que convivem ou conviveram por mais tempo na escola, para compreender em que medida suas concepções sobre ecologia foram afetadas. Dessa forma, dos 11 sujeitos educandos entrevistados decidi conversar com 5 famílias, 4 educadores, 1 voluntária e 1 guardião da agrofloresta.

Considerei conversar inicialmente com o guardião da agrofloresta pois é quem mais tem contato com os voluntários e conversas relacionadas ao meio ambiente. Como estive sozinha durante o voluntariado, convidei para a entrevista uma família que fez voluntariado e que conheci durante um curso na Ayni. Sobre as famílias, estabeleci contato com pais que vi durante

meu período de voluntariado e os educadores entrevistei os que mais estive próxima e demonstraram interesse em conversar.

Até este ponto do texto explicito o caminho da metodologia e os procedimentos de coleta de dados que foram utilizados. Ao passo que este caminho foi construído, estive empenhada em leituras e construções teóricas que estavam diretamente relacionadas ao cenário que investigo. Dessa forma, no próximo capítulo compartilho uma contextualização sobre a realidade social que vivemos no Brasil, argumento que fundamenta minha escolha por tratar sobre educação, comunicação, ecologia e cidadania durante a pesquisa. Compartilho também a história e o contexto em que a Cidade Escola Ayni está inserida, na cidade de Guaporé – RS, interior da Serra Gaúcha.



3 EM BUSCA DE UM DESENVOLVIMENTO INTEGRAL: HUMANO E NATUREZA COMO QUESTÕES PRINCIPAIS

Compreendo que a contextualização é parte importante da construção do trabalho científico, pois possibilita reflexões e aprofundamentos sobre as questões que perpassam a pesquisa, referindo seu valor sócio-histórico e científico (Maldonado, 2011). A contextualização situa as relações do objeto de pesquisa com a realidade. Dessa forma, pensando no momento em que vivemos, é importante situar o objeto de pesquisa em um contexto pós-pandemia e com ataques à educação, à ciência e ao meio ambiente, lembrando que trabalho com perspectivas comunicacionais e midiáticas. Da mesma maneira é preciso considerar que “a realidade sociocultural e histórica que atravessa o objeto” (Maldonado, 2011, p. 283) me proporciona um desdobramento sobre a problemática da pesquisa, dessa forma colaborando para a definição do objeto de pesquisa.

Sendo assim, para uma melhor compreensão dos cenários que envolvem esta pesquisa, neste capítulo proponho abordar dois pontos fundamentais. Primeiro, uma discussão sobre a concepção que temos sobre desenvolvimento e suas implicações em termos ecológicos, trazendo questões relacionadas às consequências da Revolução Industrial, das Guerras Mundiais, do processo de modernização da agricultura que foi vivido no Brasil e da expansão do consumismo. O segundo ponto traz o conceito de educomunicação socioambiental e a iniciativa da Cidade Escola Ayni, compreendendo que as temáticas social e ambiental precisam fazer parte das práticas educativas das escolas. Assim, divido as especificidades da Cidade Escola Ayni, compartilhando sua história e os projetos desenvolvidos, como também o vínculo entre educação e ecologia.

3.1 Repensar o conceito de desenvolvimento: a dimensão ecológica no debate

Sabe-se que com a Revolução Industrial a produção em série passou a dominar o sistema produtivo. A questão é que a industrialização não se deu de forma organizada e planejada, culminando com a precarização dos empregos, o êxodo rural e a poluição ambiental, entre tantos outros problemas que se estendem até os dias atuais. Posteriormente, com as Guerras Mundiais, muitas invenções tecnológicas surgiram, apesar de o preço ter sido a vida de milhões de pessoas. Ainda assim, o mercado capitalista encontrou uma forma de devolver a esperança às pessoas, retomando a produção industrial e se utilizando da propaganda para aumentar o consumo.

Pensando na constituição da era do consumo, entendo que ela é caracterizada pela produção em larga escala, com produtos de modelos novos em curto período de tempo e com seu descarte acelerado. O conceito de obsolescência programada explica esta lógica de uso dos produtos e é uma das bases do sistema capitalista. Ligada a estes aspectos, a publicidade contribui com a manutenção deste sistema, principalmente por ter entendido como explorar a emoção e o desejo dos consumidores.

Percebo em Baudrillard (1995) a visão de que o consumo carrega consigo uma determinação social e cultural, onde mantemos relações com humanos e objetos. “Vivemos o tempo dos objetos: quero dizer que existimos segundo seu ritmo e em conformidade com sua sucessão permanente” (Baudrillard, 1995, p.15). Isso me faz entender que o consumismo se tornou presente inclusive nas classes sociais subalternas, mesmo que as condições de vida destas populações permaneçam precárias. Essa lógica de consumo pode ser sustentada pelo conceito de “sociedade do espetáculo” na afirmação das aparências, onde “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (Debord, 2003, p. 17).

Em termos práticos, o consumo assumiu um papel cultural, compondo a sociedade e as identidades dos cidadãos. Neste sentido, García Canclini (1997) argumenta que existe um descontentamento ocasionado pela globalização, em que o que é possuído torna-se a cada instante obsoleto ou fugaz. Por meio da publicidade criam-se falsas necessidades para que as pessoas consumam algo que verdadeiramente não necessitam. Dessa forma o lucro está acima das questões ambientais e sociais. Lipovetsky (1989) reflete sobre a relação do ser humano com o mito do bem-estar, onde o consumo é concebido como elemento de *status*. Apesar disso, o ser humano é tomado pelo sentimento do vazio. Isso significa que o consumo proporciona uma felicidade instantânea que logo é substituída por um novo desejo a ser saciado.

De acordo com Baudrillard (1995), o consumidor passou a ter escolhas automáticas e inconscientes, aceitando o estilo de vida de determinada sociedade, dessa forma, isso culmina com a perda de autonomia e soberania do consumidor. Porém, entendo que a visão do autor reflete uma postura que não contempla a complexidade do fenômeno do consumo. Há modos de vida que resistiram e resistem à cultura do consumo, seja em povos ou comunidades, como em grupos contraculturais. Como García Canclini (1997, p. 51) pontua, “o consumo serve para pensar”. Isso significa que é necessário considerar o consumo constituído por processos socioculturais, são muitas esferas que estão envolvidas e não podem ser esquecidas ou generalizadas. Além disso, identifico que atualmente se configuram movimentos críticos ao consumismo e que defendem o debate sobre sustentabilidade e consumo consciente, fazendo

uso inclusive das redes sociais. Dessa forma, neste âmbito, não posso considerar os cidadãos como personagens passivos em relação ao consumo, mas sim, agentes de mudança.

Como observo em Bauman (2008), a definição de consumo está relacionada a algo banal, uma atividade que fazemos todos os dias. Para todos os seres vivos, o consumo é necessário para a manutenção da vida. Diferente do consumismo, que é um arranjo social, dependente do desejo, que se torna a força propulsora da sociedade capitalista. Os desejos que nos levam ao consumismo, coordenam “a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos” (Bauman, 2008, p. 25). O comportamento social que se desenvolve por meio das relações de consumo confirma que a “sociedade do espetáculo” é “a economia desenvolvendo-se para si própria” (Debord, 2003, p.18), ou seja, ignorando os inúmeros fatores que compõem uma sociedade.

A partir disso entendo que se criou uma cadeia de processos que resulta em degradação dos recursos naturais, poluição e lixo acumulado. Os problemas sociais aumentam com as crises econômicas sucessivas, a insegurança e a polarização política reforçada por meio das redes sociais. Apesar da visão pessimista de Bauman (2008) sobre as redes sociais e seu papel no enfraquecimento de relações sociais, percebemos que elas também se configuram como espaços de troca e manifestação contra hegemônica em relação a problemas sociais e ambientais.

Fazendo menção a todas estas questões que foram citadas, Lipovetsky (1989) explica que o individualismo atual é marcado pelo sentimento de autonomização e responsabilização. Isso significa que os indivíduos não dependem de grupos para tomarem suas próprias escolhas e estão conscientes sobre suas atitudes e o impacto que elas têm, deixaram de vincular-se a grandes causas para agir localmente em suas ações diárias (Lipovetsky, 1989). Esse movimento que Lipovetsky (1989) cita sobre o individualismo explica a mudança de comportamento de muitos consumidores, podendo estar relacionado também a movimentos que defendem a educação para sustentabilidade e consumo consciente.

O sistema capitalista alimenta uma engrenagem de consumo que é prejudicial ao planeta, mas também aos sujeitos enquanto seres sociais. Sabe-se que o preço pela degradação da natureza e a acumulação de lixo pode demorar a ser cobrado, porém, presenciam-se diariamente as manifestações naturais de problemas climáticos que estão diretamente relacionados ao consumismo. Dessa forma, cabe não apenas criticar o sistema vigente, mas proporcionar condições alternativas para seguir vivendo e melhorando as condições de vida.

Em relação à questão ambiental no Brasil, é importante considerar que ela permeia nossa história desde o “descobrimento”. Vale dizer que os povos originários do Brasil e de toda América viviam em harmonia com a natureza, sentindo-se e afirmando-se como parte dela.

Com a chegada das primeiras embarcações europeias, que curiosamente afirmam ter descoberto a América, as práticas de exploração e extrativismo tiveram seu início.

De acordo com Graziano da Silva (1982), no Brasil o extrativismo do pau-brasil foi a primeira atividade econômica, culminando inclusive com a destruição da floresta litorânea. Com a colonização, houve uma mudança nas relações de produção e do uso da terra no país. Assim, surgiram os cultivos de cana de açúcar e a partir do século XVIII, a cultura do café e a ocupação da região sul do Brasil. Pensando não apenas no Brasil como em diversos países da América, Gudynas (2015) reforça que a exploração e o extrativismo tinham (e ainda têm) grande foco nos minérios e no petróleo. Sendo assim, entendo que a biodiversidade do nosso país vem resistindo há mais de 500 anos de exploração, onde a maior parte das riquezas naturais serviu para fortalecer a hegemonia eurocentrista colonizadora.

Uma reflexão a partir dessa realidade é que a exploração não se resumiu à natureza, mas ao povo brutalmente exterminado e escravizado. Conforme Graziano da Silva (1982) explica, as atividades econômicas que estavam centralizadas no setor cafeeiro passaram para o setor industrial. Após a Segunda Guerra Mundial, o país deixa de ser eminentemente agrícola e a indústria passa gradativamente a assumir o processo de acumulação do capital. Para Peruzzo e Volpato (2019) tudo parte de uma ideia desenvolvimentista, onde a visão ocidental implica a necessidade de modernização de sociedades vistas como atrasadas ou subdesenvolvidas.

Nesse sentido, a solução era modernizar e industrializar os países tidos como subdesenvolvidos. Assim, entendo que o paradigma da modernização apoiou um desenvolvimento baseado no crescimento econômico. Analisando a história mais recente do Brasil, Graziano da Silva (1982) destaca que na década de 1960 a agricultura já se apresentava como capitalista, beneficiando grandes produtores e seguindo com o problema da má distribuição de terras.

As críticas que são tecidas por Graziano da Silva (1982) estão relacionadas com alguns pontos específicos, como a concentração de terra e desigualdade, assim, as pequenas propriedades com produção para subsistência passaram a sentir cada vez mais dificuldades na manutenção da renda. Tem-se também a expansão da fronteira agrícola, especialmente em áreas de florestas e ecossistemas sensíveis onde ocorre a derrubada de áreas de vegetação nativa para dar lugar às monoculturas, o que pode causar danos ambientais significativos, como o desmatamento, a perda de biodiversidade e a degradação dos solos. Outro ponto é a dependência de insumos químicos, como fertilizantes e agrotóxicos, que podem ter consequências negativas para o meio ambiente, a saúde humana e a segurança alimentar, além de criar um ciclo vicioso de dependência econômica para os agricultores.

Dessa forma, Graziano da Silva (1982) aponta para a perda de conhecimentos tradicionais, onde a modernização da agricultura muitas vezes desvaloriza e suprime conhecimentos e práticas tradicionais de agricultura sustentável e agroecologia, que são fundamentais para a preservação da biodiversidade, a resiliência dos sistemas agrícolas e a adaptação às condições locais. Por fim, outra questão são os impactos sociais negativos em que a modernização pode levar à migração forçada de populações rurais, à precarização do trabalho agrícola e à perda de direitos trabalhistas. Isso pode gerar problemas sociais e econômicos, como o êxodo rural, a pobreza e a marginalização. Por isso, o autor defende a importância de uma abordagem mais sustentável, socialmente justa e culturalmente diversa para a agricultura, que valorize a agricultura familiar, a agroecologia e a preservação dos recursos naturais.

A questão da exploração e do extrativismo dos recursos naturais possui duas dimensões muito importantes que são ressaltadas no trabalho de Gudynas (2015), a dimensão ética e cultural. Essas dimensões englobam a responsabilidade social diante dos problemas ambientais e também a constituição da sociedade replicando ações prejudiciais ao meio ambiente. Ressalto que, no Brasil, a reforma agrária foi o projeto mais próximo de propor uma exploração de recursos naturais que não fosse predatória. Porém, vejo que nada disso se confirmou. Sendo assim, é inevitável não relacionar a agricultura intensiva com diversos problemas ambientais.

A agricultura intensiva, especializada e permanente no Brasil, visou o aumento de produtividade do trabalho. O projeto de modernização da agricultura não está ligado apenas à tecnologia e aos insumos agropecuários, mas também à organização da produção, incluindo assim as relações de trabalho (Graziano da Silva, 1982). A modernização tem o lado positivo e negativo. Como Peruzzo e Volpato (2019) explicam, o problema da modernização é que ela veio nos moldes dos países industrializados,

(...) sobretudo na agricultura, incluindo as técnicas de cultivo e o uso de agrotóxicos, mas também a produção de alimentos em abundância, a generalização da produção, o incentivo ao consumo de produtos industrializados, o uso indiscriminado de antibióticos, a priorização do leite industrializado em detrimento do materno (Peruzzo; Volpato, 2019, p. 13).

A crítica ao processo de modernização, chamado por Graziano da Silva (1982) de “modernização dolorosa”, tem relação principalmente com o fato de que ela não é sinônimo de desenvolvimento, afinal constata-se que não há melhoria na vida da população em geral. Pelo contrário, a modernização da agricultura, ao invés de eliminar a fome, a miséria e as injustiças sociais, promoveu um agravamento desses problemas com relação direta na concentração da

posse da terra. Isso se relaciona com a colocação de Gudynas (2015) sobre os impactos sociais e ambientais, pois existem muitas promessas de bem-estar da população, porém, grande parte dos empreendimentos extrativistas geram resistências cidadãs e culminam com conflitos de todos os tipos.

As críticas ao domínio da natureza se apresentam principalmente porque este domínio se dá de forma irracional, ameaçando a própria sobrevivência da espécie humana. A mudança climática é algo natural, o problema é a aceleração dessa mudança a partir da era do antropoceno. Assim, pode-se identificar a poluição da água, da terra e do ar, questões que influenciam nas doenças que contraímos, na biodiversidade e na estrutura social.

A alternativa que corriqueiramente ganha *status* é do desenvolvimento sustentável, que visa minimizar o impacto humano no meio ambiente. Em teoria a sustentabilidade se propõe a unir as esferas ecológica, econômica e social a partir da utilização racional dos recursos naturais. Porém, como Peruzzo e Volpato (2019) explicam, a questão é que existe um desenvolvimento desigual. Sendo assim, é necessário considerar as especificidades regionais para que sejam adotadas posturas em prol da sustentabilidade. E que seja não apenas uma sustentabilidade ambiental, como também social e econômica.

Quando penso em desenvolvimento, provavelmente a primeira associação que faço com este conceito está relacionada à economia. Porém, tomando como partida a discussão de epistemologias críticas e olhando para o âmbito social, percebo que o desenvolvimento vai muito além da economia, apesar de ainda estar atrelado a este tipo de mensuração, que é baseada no capital.

Essa dualidade pode ser percebida no Prêmio Nobel de Economia, onde em um período de pouco mais de 20 anos, dois economistas contemporâneos com pensamentos completamente diferentes foram premiados. Em 1976, o norte-americano Milton Friedman foi homenageado. O economista, líder da Escola de Chicago, defendia o neoliberalismo, a dessocialização da economia, o lucro sem limites das empresas e era contra o *New Deal*¹⁵. Em 1998 o homenageado foi o indiano Amartya Sen, que defende o bem-estar social, a melhora da vida e as liberdades individuais. O economista tem um posicionamento considerado liberal-social, marcado pela preocupação com a pobreza e a fome no mundo.

Esse breve apanhado histórico me faz refletir sobre os paradigmas pós-modernos e a forma como entendo a hegemonia e a pluralidade. Se na pré-modernidade a religião era a

¹⁵ O *New Deal* foi um pacote de medidas econômicas e sociais adotadas nos EUA para retirar o país da Crise de 1929. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/o-new-deal.htm>. Acesso em: 07 jun. 2023.

questão central, na modernidade a centralidade estendeu-se à razão e na pós-modernidade entendo que o protagonismo está nos movimentos sociais. As revoluções científica e epistemológica, política, industrial e produtiva, abriram espaço para a necessidade da emancipação do sujeito, que pode ser construída a partir da cidadania e de seu pleno exercício. Isso significa que é necessário ampliar o conceito de desenvolvimento, de forma que o fator humano passe a ser parte essencial das discussões.

Pode-se identificar que desde a Idade Média iniciou-se uma forte arbitrariedade contra os menos favorecidos, com iniciativas que partiram da Igreja e da Monarquia. Nesse sentido, a ciência e a sociedade desenvolveram-se sobre paradigmas contestáveis. Então, o projeto da Modernidade esteve baseado no domínio da natureza, na emancipação e na liberdade. Lander (2005) explica que a separação religiosa que dividia Deus, ser humano e natureza, passou a ser uma separação entre razão e mundo.

Dessa forma, com o processo de colonização houve um desaparecimento da verdadeira identidade nacional, onde a sociedade moderna ocidental considera-se superior e na perspectiva constitucional, os povos indígenas não têm direitos. Esse pensamento culminou com o extermínio de povos originários e com uma lógica futurista onde a ideia do desenvolvimento é inalcançável, tendo em vista as promessas da modernidade ocidental e os fantasmas do fascismo e do autoritarismo e, em tempos mais recentes, a criação e consolidação do neoliberalismo, ou seja, um discurso hegemônico de um modelo civilizatório (Lander, 2005).

Sendo assim, entendo que o estado liberal defende os interesses dos dominantes e, como Ferrarini (2008) reforça, existiu e ainda existe uma imposição de saberes e práticas a partir do norte global, que iniciaram com a morte e silenciamento dos povos colonizados, mas que seguem nas formas como entendemos o desenvolvimento social, a ciência e a sociedade. Quando falo em emancipação e liberdade, considero que até hoje seguimos com práticas discriminatórias e excludentes que marginalizam grupos como pretos, pobres, doentes, idosos, crianças, pessoas com deficiência, pessoas LGBTQIAPN+, entre outros. Como Ferrarini (2008) afirma, a barbárie ainda existe e pode ser facilmente identificada na desigualdade social e econômica.

Como pesquisadora, assumo que a ciência não é neutra; desde o início de minhas pesquisas fiz escolhas e assumi posicionamentos quanto às relações sociais e políticas. Por isso, existe a necessidade de uma desconstrução do caráter universal e natural da sociedade capitalista liberal e a descolonização do pensamento. Isso significa compreender a América Latina como um lugar de culturas híbridas, tendo em vista que os processos da modernidade se dão de forma desigual e contraditória (Lander, 2005).

Sendo assim, compreendo que um paradigma expressa uma visão de mundo, uma epistemologia. No positivismo não há espaço para questionamento e reflexão, existe uma naturalização de coisas da vida, inclusive uma naturalização da sociedade liberal de mercado. Para além, presenciam-se mecanicismos nas ciências humanas, que não consideram o sujeito em sua individualidade e multidimensionalidade. O sujeito passa a ser entendido como produto de sua realidade e dessa forma concebe-se a classe proletária com o ser humano econômico.

O capitalismo como regime do capital traz consigo o poder de dominação e o controle dos meios de produção. Os problemas advindos da globalização do capitalismo podem ser percebidos, por exemplo, na privatização da natureza, onde um bem comum torna-se uma mercadoria (Acosta, 2016). Esse tipo de atividade segrega o acesso aos recursos naturais, de forma que cada vez mais a riqueza está em menos mãos (Lander, 2005), ou seja, poucos com muito e muitos com pouco. O capitalismo cria riquezas, mas muitas pessoas não participam de seus benefícios (Acosta, 2016). Nesse sentido, vejo em Ferrarini (2008) que o fervor do lucro pode ser comparado ao fervor religioso. Além da natureza, o ser humano também se torna mercadoria, à medida que as riquezas atraem a atenção do mundo e o rico se apaixona por sua riqueza. Percebe-se uma riqueza crescente e concentrada, enquanto o PIB *per capita* omite e ilude o que realmente é desenvolvimento.

Nesse ponto fica visível o problema do conceito de desenvolvimento social, justamente porque a preocupação ainda está marcada pelo lucro. “Desenvolvimento é compreendido como toda ação ou efeito relacionado com o processo de crescimento, evolução de um objeto, pessoa ou situação em uma determinada condição” (Ferrarini, 2022, p. 2). Desde a colonização até o êxodo rural, com a mercantilização da sociedade, o cercamento e privatização do uso das terras (Rodrigues; Santos, 2017), muitas pessoas passaram a viver às margens. Sendo assim, pode-se afirmar que existe uma gênese estrutural da pobreza. “Os países mais pobres não são apenas versões primitivas dos países ricos, mas encontram-se na condição de pobreza devido às características particulares dos próprios países e a condicionamentos estruturais” (Ferrarini, 2022, p. 4). Vivenciamos rápidas e profundas mudanças na vida social, o que culminou com a globalização da pobreza. Essa conduta baseada em meios e fins mostra o paradoxo da modernidade: temos condições para terminar com a pobreza e não o fazemos porque seguimos aceitando marcadores sociais de exclusão.

Como bem pontuado por Ferrarini (2008), a pobreza é a maior causadora de mortes do mundo, por manter pessoas em situação de fome e miséria, sem condições de subsistência e vida digna. Apesar dos esforços no âmbito social e estatal, há muito a fazer, pois “o nível de pobreza extrema decai de forma lenta e insuficiente” (Ferrarini, 2008, p. 9). Nesse sentido,

entendo que os recursos investidos necessitam ser potencializados, porque o capital viaja além das limitações das fronteiras geográficas (Lander, 2005). Percebe-se isso ao olharmos o caso do Brasil. Existe muita pobreza, mas somos um dos países que mais fornecem *commodities*¹⁶ para o mundo, chamados de “celeiro do mundo”.

O paradigma do desenvolvimento econômico e social é fundamentado em uma ilusão de progresso, onde o crescimento é medido pelo mercado e não pela qualidade de vida das populações. O desenvolvimento segue sendo relacionado à expansão capitalista e a industrialização é vista como única forma de desenvolvimento. Assim, acontece a individualização dos problemas sociais e a marginalização do conceito de lugar e das identidades.

Como mencionado por Ferrarini (2022, p. 1), existe “uma carência de compreensão conceitual aprofundada e atualizada sobre desenvolvimento econômico”, dessa forma é necessário entender o econômico em articulação com o social e o ambiental, um desenvolvimento que seja sustentável e multidimensional, que gere uma mudança na visão da economia unicamente ligada ao mercado. Seguindo nessa linha de pensamento, Rodrigues e Santos (2017) tratam sobre a proposta de Karl Polanyi¹⁷ sobre a pluralidade do sistema econômico, onde o fundamento não se resume exclusivamente ao mercado. Sendo assim, o processo de desenvolvimento é multifacetado. Assim, assume-se a economia como um processo “de interações entre o homem e o seu ambiente, que resulta em contínua oferta de meios materiais para satisfazer as suas necessidades” (Rodrigues; Santos, 2017, p. 176).

Vejo em Rodrigues e Santos (2017) a ideia de visibilizar outras economias, como a pública, a doméstica, a natural e a social. Dessa maneira o futuro é uma construção que não acontece de forma linear. Com essas explicações, entendo como o conceito de desenvolvimento social fundamentado pela economia de mercado não se sustenta e não conduz ao progresso e ao crescimento. Enquanto muitos não possuem as condições básicas de sobrevivência, poucos desfrutam de riquezas exorbitantes. Por isso, existe a necessidade de propor uma globalização alternativa e pensar nos movimentos sociais e práticas comunitárias que desenvolvemos nos últimos anos. Dessa maneira, discutem-se outras formas de compreender o desenvolvimento social, levando em consideração que a superação da pobreza é um projeto amplo de cidadania

¹⁶ Produtos de origem agropecuária ou de extração mineral, em estado bruto ou pequeno grau de industrialização, produzidos em larga escala e destinados ao comércio externo. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/commodities-definicao>. Acesso em: 04 jun. 2023.

¹⁷ Foi um cientista social, historiador da economia, antropólogo econômico, sociólogo e economista político húngaro, conhecido por sua oposição ao pensamento econômico tradicional, inserindo-se na chamada vertente heterodoxa. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/569555-o-pensador-mais-perigoso-da-esquerda>. Acesso em: 04 jun. 2023.

e desenvolvimento; por isso Lander (2005) fala sobre a libertação através da *práxis* e da resistência. Dessa maneira o sujeito passa a ser visto como um ator social e construtor do conhecimento, de forma que é preciso compreender a constituição histórica dos sujeitos e suas relações com o lugar, a cultura e a tecnologia digital.

O desenvolvimento precisa incluir outras esferas que realmente constituem a vida das pessoas e a manutenção da vida do nosso planeta, com tantos outros seres vivos que direta ou indiretamente são afetados pelas atitudes do ser humano. Como ponto importante, tem-se em Rodrigues e Santos (2017) a pluralidade no sistema social, com as ideias de Karl Polanyi sobre a redistribuição, a reciprocidade e a domesticidade. Nesse ponto, o Estado tem possibilidade de atuar na redistribuição, os grupos sociais capazes de agir em reciprocidade, e a subsistência familiar ligada a ideia de domesticidade (Rodrigues; Santos, 2017).

Pensar na subsistência familiar é algo que remonta aos povos originários, onde este era o principal foco de produção, enquanto hoje é o lucro. Nesse sentido, Polanyi conceitua a natureza plural da economia em duas vertentes: a economizadora, que é proveniente da insuficiência de meios e a vertente de orientação técnico econômica que rege o significado formal e substantivo da economia. Polanyi defende o significado substantivo, porque acredita que a economia humana deve ser reconhecida como uma atividade social que serve à satisfação das necessidades materiais. O significado formal está em relação aos meios e fins, uma escolha induzida pela insuficiência de meios; enquanto o significado substantivo é a subsistência do ser humano, a satisfação das necessidades, um fenômeno material e social, um processo de institucionalização (Rodrigues; Santos, 2017).

Atualmente a economia é conceituada como a gestão dos recursos e a otimização destes em prol do lucro, onde criou-se uma visão utilitarista, em que tudo tem preço. Nesse sentido, pensando nas ideias de um estado de bem-estar social, seria possível aplicar os princípios plurais da economia, que são baseados na ideia de intercâmbio. O Estado é fundamental, mas pode favorecer tanto a sociedade como o mercado. Ainda assim, o Estado é importante no processo de redistribuição da riqueza e na democratização da economia. Em outras esferas posso ver alternativas nas comunidades por meio da economia solidária, do cooperativismo, do empreendedorismo social, da inovação social e dos movimentos sociais.

O desenvolvimento é um processo para além do econômico, onde é preciso avaliar o fator humano, o ser humano como preocupação do desenvolvimento e como agente de desenvolvimento. Existem condições técnicas para suprir as necessidades humanas de toda a população do planeta, porém, isso não se trata de um problema de produção, mas sim de distribuição. Nesse sentido, pensar no desenvolvimento sustentável implica avaliar suas

dimensões que são econômica, social e ambiental e entender que não se trata de um processo linear, mas sim horizontal e em construção. Além disso, é preciso atribuir uma importância fundamental da cultura no processo de desenvolvimento, pois existem muitas culturas distintas que interagem em sociedade. Assim, pode-se identificar os sujeitos como atores sociais enquanto forças externas promotoras do desenvolvimento (Freitas *et al.*, 2017).

Nesse sentido, é válido ressaltar a perspectiva dos povos originários, onde o senso de comunidade é o principal. De acordo com a socióloga Silvia Rivera Cusicanqui (2018), o pensamento decolonial precisa fazer parte do dia a dia do povo latino, tendo em vista a história de exploração e colonização que segue disfarçada no mercado. A ideia de um mundo *ch'ixi* parte da concepção de que, apesar de existirem realidades muito distintas convivendo lado a lado em um mesmo território, compomos uma mesma sociedade. A autora defende um olhar descentralizado do norte global, critica a visão decolonial elitista que se desenvolveu nas universidades e propõe um contraponto com pesquisadores que convivem com a realidade indígena.

É neste mesmo sentido que o geógrafo brasileiro Milton Santos (2001) trouxe em suas pesquisas uma contribuição importante sobre a concepção da territorialidade enquanto fator fundamental na construção da identidade dos sujeitos. Sendo assim, não basta viver e habitar um lugar, é preciso se manter em comunhão com este lugar.

O que pode ser vislumbrado no diálogo entre Santos (2001) e Rivera Cusicanqui (2018) é reestabelecer ligações com o passado, com as origens, atentar-se às cosmovisões indígenas que são capazes de demonstrar a importância da natureza e de outros seres vivos para a sobrevivência humana. Quando volto a pensar na questão do desenvolvimento, pela perspectiva indígena posso associar ao bem-estar da comunidade, à preocupação com cada membro do povoado, à manutenção do sentido natural da vida sem criar uma obsessão pelo progresso e pelo futuro.

Como Acosta (2016) destaca, a importância não está no que produzimos, mas sim, no que fazemos pelos outros, ou seja, um desenvolvimento que se preocupe com o bem-estar dos cidadãos, com a redistribuição de renda e poder. O desenvolvimento deve integrar dimensões abrangentes que incluam a perspectiva econômica, ambiental, social, institucional, política e cultural. Penso inclusive na política porque além do ato político cidadão cotidiano, a política representativa não representa todos os grupos sociais, por isso a importância de discutir essa perspectiva do desenvolvimento.

Quanto à visão ambiental, me questiono se realmente a sociedade vem dialogando com seu entorno e com a natureza, pois são muitos os problemas relacionados ao antropoceno e ao

capitalismo de crise, que vê nos desastres naturais ou econômicos mais chances de crescer e expandir seu domínio. Nesse sentido, Acosta (2016) propõe abolir o desenvolvimento com uma transformação paradigmática onde o biocentrismo é uma das alternativas ao desenvolvimento. A questão não é uma natureza intocada, mas um projeto econômico e social que ande junto com a natureza. Em todo período da história, houve conquistas e avanços, mas o preço foi alto demais. A redução de estoques de riqueza não é pensada no PIB. “A questão é que a economia de mercado não inclui em seus cálculos os efeitos da degradação ambiental, e tende a menosprezar os interesses das futuras gerações e os direitos de outras espécies” (Acosta, 2016, p. 209). Sendo assim, é preciso pensar em alternativas que estejam preocupadas em aumentar a qualidade de vida das populações e do planeta de forma integral.

Pensando nessa dimensão que envolve o meio ambiente, Acosta (2016) propõe construir novos padrões de produção e consumo que tenham foco na satisfação das necessidades fundamentais dos sujeitos. Dessa forma, podem ser pensadas estratégias políticas de redistribuição partindo do local, regional, estadual, nacional e assim por diante. Além disso, o desenvolvimento precisa ser algo intrínseco ao sujeito, a pessoa deve desenvolver-se. Quando os sujeitos se assumem como agentes de transformação social, podem ser descobertas e fomentadas as potencialidades individuais e coletivas (Acosta, 2016).

Nesta mesma direção está a discussão proposta por Freitas *et al.* (2017), onde os autores debatem as ideias de Amartya Sen sobre a questão da diversidade humana. Em 1993, Sen e o paquistanês Mahbudul Haq propuseram o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Esse levantamento se preocupa em pensar como estão as condições de vida das pessoas nas diferentes esferas, não apenas na econômica. Como relacionado por Freitas *et al.* (2017), o desenvolvimento humano está relacionado à expansão das capacidades e este “pode ser alcançado quando os indivíduos dispõem dos meios pelos quais podem realizar os fins que almejam” (Freitas *et al.*, 2017, p. 69). Dessa forma, além das questões relacionadas aos meios de sobrevivência das famílias, como a renda, avalia-se as condições de saúde e educação.

Sabe-se que pensar em um projeto de alternativas à globalização não é uma tarefa fácil, pois vivemos em um mundo populoso, diverso e em muitos pontos, desconhecido. Porém, como já foi mencionado, partindo da cultura e da educação é possível introduzir pensamentos e práticas capazes de reduzir e de construir alternativas aos impactos ambientais e às desigualdades sociais. E a cultura tem uma ligação direta com a educação, da mesma forma que a cidadania está ligada à democracia.

Basta prestar atenção na quantidade de vezes que ouvimos falar nos jornais sobre a economia e sobre o desenvolvimento econômico. Porém, em comparação, em menor número

estão as reportagens que se interessam em abordar iniciativas e possibilidades aos problemas globais da pobreza, da fome e do meio ambiente. Os índices de desenvolvimento econômico seguem deturpando a compreensão integral do conceito de desenvolvimento social. Dessa forma, é preciso compreender os fatores que nos levaram a tal ponto de degradação ambiental para propormos alternativas de mudança.

Como colocado anteriormente, o projeto de uma globalização alternativa nasce da insatisfação com a “sociedade do consumo” e da desilusão com a modernização. Ao analisar as situações precárias em que muitas pessoas vivem, entendo com clareza que a modernização simplesmente não funcionou para atuar no combate de desigualdades sociais. Nesse sentido, Peruzzo e Volpato (2019) compartilham as possibilidades de um desenvolvimento participativo, sustentável, humano, local, comunitário e integrado; com a preocupação voltada à satisfação de necessidades, à erradicação da pobreza e à harmonia com o meio ambiente. O desenvolvimento participativo é construído e conquistado, caminha na busca da sustentabilidade do mundo, do crescimento cognitivo das pessoas e coloca também a felicidade das pessoas como um parâmetro. Por esse motivo a proposta de desenvolvimento participativo contribui com a promoção de cidadania.

Associo a dificuldade em gerir um desenvolvimento genuinamente pensado para as especificidades locais brasileiras por conta de nossa recente história na lida democrática. A vivência na democracia é um aprendizado diário que também está permeado por desafios e ameaças constantes. Percebo que muitas marcas civilizatórias ainda imperam no comportamento cidadão do país; sendo assim, entendo que a colonização que tivemos nos conduziu a um movimento de não-participação na solução dos problemas comuns, o que associo à falta de vivência comunitária.

Dessa forma, compreendo que as dimensões do desenvolvimento podem e devem se expandir para pensarmos desde uma perspectiva comunicacional e educacional, por exemplo. No Brasil, encontramos práticas educativas que entendem ser humano e natureza em uma conexão de bem viver. As iniciativas estão sendo conceituadas como *projetos de educomunicação socioambiental*, como apresentarei a seguir.

3.2 Experiências em educomunicação socioambiental no contexto brasileiro

Como proposto em minha problematização inicial, entendo que meu cenário de investigação está permeado pela educomunicação, conceito que será aprofundado posteriormente na parte teórica. Apesar disso, penso em compartilhar no contexto de

investigação algumas especificidades da educomunicação socioambiental e a iniciativa da Cidade Escola Ayni no município de Guaporé – RS, que se relacionam diretamente com a preocupação ecológica que estou nutrindo nesta pesquisa.

A educomunicação é um campo recente da ciência, com as primeiras proposições de estudo realizadas em meados dos anos 1970 por pesquisadores latino-americanos. Na época a conceituação do termo ainda não havia sido cunhada, porém, até mesmo antes deste período é possível identificar a relação dos primeiros estudos pensando em uma ligação entre educação e comunicação. Na década de 1990 surge no Brasil o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-ECA/USP). A partir daí ampliam-se os estudos sobre a temática e a educomunicação passa a ser discutida como campo de diálogo que propicia desenvolvimento crítico e criativo, questões fundamentais para a cidadania.

A intenção em propor estudos sobre educomunicação parte da necessidade de as práticas pedagógicas estarem ligadas à formação dos indivíduos frente a manipulação midiática, o que mais tarde viria a ser chamado de educação para as mídias. Contudo, não podemos reduzir o conceito apenas à educação para as mídias, pois o principal é proporcionar condições para que as pessoas possam produzir pensamento crítico em relação à realidade em que vivem.

Dentre iniciativas que acontecem na América Latina, compartilho o trabalho do CEPAP – Centro de Experimentação para a Aprendizagem Permanente, localizado na Universidad Nacional Experimental Simón Rodríguez na Venezuela. O CEPAP atua em prol da transformação universitária, promovendo o diálogo entre o saber científico e os saberes populares por meio de propostas educacionais. Nesse sentido o educando é protagonista de seu aprendizado e o CEPAP reforça a importância da formação de profissionais cidadãos capazes de promover uma sociedade mais justa e democrática.

A exemplo de organizações latinas, no Brasil em 2012 foi fundada a ABPEducom – Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação, com objetivo de ampliar as discussões sobre o conceito da educomunicação e criar projetos educativos a partir desses fundamentos. Dessa forma, acontecem encontros de pesquisadores anualmente e a associação investe em iniciativas variadas que atuam em consonância com os princípios da educomunicação.

Em contato com pesquisas realizadas na Venezuela e no Brasil, tanto nas propostas de Padilla (2020) como de Saggin (2020), encontro vínculos entre comunicação, educação e organização popular; a América Latina sendo vista sob uma perspectiva de luta e resistência contra a dominação. Dessa forma, educação e comunicação são dimensões constitutivas da ação emancipadora. Percebe-se em diferentes países latinos a organização de comunidades que

passam a desenvolver uma comunicação alternativa e popular. Nesse sentido, as pesquisas em comunicação necessitam de abordagens que considerem os saberes que não são aceitos pela academia na visão ocidental, entendendo que os sujeitos produzem sentido, constroem discursos e podem possuir saberes esclarecidos que podem nutrir a compreensão aprofundada das problemáticas que investigamos. A partir de uma semiótica de desconstrução e não apenas de interpretação, pode-se pensar o mundo desde outras formas não modernas (Padilla, 2020).

Trazendo o debate para a América Latina, fica visível a necessidade de reconhecer o espaço em que vivo e largar as amarras coloniais que ainda imperam nas pesquisas em comunicação. Isso significa que é preciso compreender outras formas de produção de conhecimento e valorizar a produção de conhecimentos situados realizada por pesquisadores latinos. Portanto, existe a necessidade de diálogo de saberes e como Saggin (2020) argumenta, o uso de uma vertente epistemológica fecunda para investigações em comunicação.

Quando falo sobre educomunicação, reforço que ela vai além do uso das tecnologias em práticas educativas. O vínculo entre educação e comunicação não se resume à inserção das tecnologias de informação e comunicação à educação. Primeiro porque é preciso quebrar com a visão da educação instrumental que ainda impera no país, onde o uso da tecnologia em sala de aula ocorre por simples cumprimento de agenda e sem um planejamento que realmente possibilite compreender conteúdos de forma distinta. Esse uso não agrega possibilidades de entender e utilizar as mídias. O segundo ponto é que a tecnologia permanece como forma de demarcador social, onde muitos jovens não possuem acesso aos aparelhos e à internet. Dessa forma, as tarefas que fazem uso de tecnologias podem não ser acessadas e resolvidas por todos os educandos (Saggin, 2020).

O uso das tecnologias de informação e comunicação deve servir ao propósito de fortalecer o pensamento criativo, inventivo, reflexivo e crítico dos estudantes. Essa dimensão é urgente pois é necessário um aprendizado sobre a forma como operar e interpretar as mídias, os conteúdos e redes sociais, como também os produtos de entretenimento. Oportunizar o desenvolvimento do pensamento crítico dos educandos é fundamental pois cada vez mais percebe-se os efeitos da educação instrumental, onde não existe questionamento e reflexão, apenas se replicam práticas e se aceitam ideias sem pensar nas consequências.

Pensando a dimensão ecológica, entendo que parte da poluição ambiental se dá pelo descarte acelerado de aparelhos tecnológicos. Porém, por estes mesmos aparelhos é possível realizar grandes feitos. Nesse sentido, utilizar-se das tecnologias para bons usos colabora na difusão de pensamentos conscientes sobre a preservação ambiental, o conhecimento de iniciativas que existem pelo mundo todo com este enfoque, como também produzir

conhecimentos e conteúdos relacionados a esta temática que podem propiciar aos educandos uma nova visão sobre a realidade em que vivem.

Além disso, a educomunicação assume outro aspecto que parte da conceituação do educador Paulo Freire, sobre uma “educação não bancária”, que não limite e reduza as potencialidades dos educandos, uma educação que seja proposta em horizontalidade, onde educandos e educadores estejam em aprendizado mútuo através do exercício do diálogo. Essas questões me conduzem a assumir uma proposta de “educação libertadora”, como Freire conceitua. Nesse sentido, concordo com Saggin (2020), a educomunicação pode ser vista como uma forma de reestabelecer o sentido dialógico da comunicação, poder compartilhar conhecimento em nossas trocas do dia a dia.

Por esse motivo, vejo nos estudos de Martín-Barbero (2014) o sentido da educomunicação, onde a escola incorpore a comunicação como unidade central no ambiente escolar, tendo em vista que não existe educação sem comunicação, da mesma forma vice-versa. Sendo assim, assume-se a educomunicação como um processo educativo onde os educandos podem se apropriar dos meios de comunicação, de forma que sejam reconhecidos como produtores de conhecimento no ambiente comunicativo escolar, melhorando assim a participação dos educandos dentro e fora da escola. Prezando por um ambiente que investe na autonomia dos educandos, podemos contribuir com a ruptura de paradigmas e com a transformação social (Martín-Barbero, 2014).

Dessa forma, entendo a importância dos estudos teóricos em educomunicação a partir da ampla utilização das tecnologias nos ambientes escolares, como também o convívio diário com os aparelhos e meios de comunicação e a necessidade de compreensão dos funcionamentos, usos e conteúdos que podem ser acessados por meio deles. Sabe-se que a quantidade de informações que recebemos diariamente pelas mídias é demasiada e precisamos de filtros ao consumir esses conteúdos. A relevância está em entender como nossa constituição enquanto sujeitos sociais é afetada pelas ferramentas digitais, influenciando comportamentos e hábitos, dessa forma a compreensão deste viés é fundamental, auxiliando os educandos a desenvolver o pensamento crítico.

Para além do caráter interdisciplinar da educomunicação, considero seu caráter transdisciplinar, por isso nesta pesquisa foco na dimensão pedagógica dos processos comunicativos ambientais, tendo em vista que a educomunicação também pode ser utilizada para fins específicos, como o caso da educomunicação socioambiental. No Brasil existe uma política pública do Governo Federal chamada ProNEA, que é o Programa Nacional de Educação Ambiental. O objetivo desse programa é “produzir, gerir e disponibilizar, de forma

interativa e dinâmica, as informações relativas à Educação Ambiental” (ProNEA, 2023). São mais de duas décadas de projetos sendo desenvolvidos com a finalidade de preservação ambiental.

A educomunicação socioambiental é uma das linhas de ação do ProNEA, que visa proporcionar um ambiente interativo e democrático para a produção de conhecimentos em comunicação ambiental voltada para a sustentabilidade. Dessa forma, compreendo a importância da educomunicação, onde educandos e educadores podem compartilhar e produzir conhecimentos relacionados à questão ecológica, de forma que as práticas educacionais são meios e recursos para a construção de uma aprendizagem significativa sobre esta problemática.

Para a criação das práticas educacionais não há uma receita, é preciso que o educador perceba as necessidades dos educandos e molde a *práxis* pedagógica a partir disso. Dessa forma, entendo o educador como sujeito comunicante atento às subjetividades e sensibilidades dos educandos. Vejo a relação das práticas que vem sendo desenvolvidas pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) com o pensamento de Paulo Freire, com a “filosofia da libertação” onde possam ser desenvolvidas redes colaborativas de economia solidária e opções de vida digna e sustentável, ou seja, que existam condições para que cada pessoa possa desenvolver-se, compreendendo que a visão de mundo latino-americana necessita ser desocidentalizada.

Ao longo dos anos foram desenvolvidas iniciativas por meio do MMA¹⁸. Posso citar os projetos Coleção: Fichário do Educador Ambiental; Circuito Tela Verde: Mostra Nacional de Produção Audiovisual Independente; Projeto Salas Verdes; Plataforma Educare: Práticas de Educação Ambiental e Comunicação Social em Resíduos Sólidos. Todos estes projetos visam ampliar a compreensão dos educandos quanto às questões socioambientais, compreendendo que cada ação individual reflete no todo, ou seja, a preocupação socioambiental depende do engajamento coletivo.

Ao investigar os princípios norteadores da educomunicação socioambiental, percebo sua ligação direta com os estudos de Maldonado (2013) sobre a transmetodologia. Os princípios são assumidos como compromissos sociais; sendo assim, existe uma responsabilização pela conduta dos projetos que envolvem a educação e a comunicação ambiental. Brevemente posso mencionar os compromissos com o diálogo permanente e continuado; com a interatividade e

¹⁸ Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/educacao-ambiental/programas-projetos-e-a%C3%A7%C3%B5es.html>. Acesso em: 26 mar. 2024.

produção participativa dos conteúdos; com a transversalidade; com o encontro/diálogo de saberes; com a proteção e valorização do conhecimento tradicional e popular; com a democratização da comunicação e com a acessibilidade à informação socioambiental; com o direito à comunicação; com a não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana (ProNEA, 2023).

Durante o levantamento bibliográfico e construção do estado da arte, consegui identificar uma pesquisa¹⁹ que discutiu sobre projetos realizados em diversas partes do Brasil que tiveram como linha de ação a educomunicação socioambiental, para além das iniciativas citadas que são de organização do Ministério do Meio Ambiente. Dentre as iniciativas apresentadas na pesquisa, cito a Babitonga Ativa, um projeto focado na preservação da água em Santa Catarina; o projeto PainelMar, uma plataforma colaborativa para preservação dos oceanos; o Programa Imprensa Jovem de São Paulo, com objetivo de envolver os educandos na produção de conteúdos; o videoclipe ambiental realizado na Embrapa de Rondônia; o projeto Educom.Saúde de São Paulo, com finalidade de manter o diálogo entre profissionais da saúde e a população; as rádios comunitárias da Província de Gaza-Moçambique, pesquisa realizada pela UFSM-RS que retrata o projeto educacional; projeto que discute a água a partir da perspectiva quilombola, pesquisa realizada na Bahia; e o projeto IDEMA no Rio Grande do Norte, que tem como foco o desenvolvimento sustentável. Estes são alguns dos exemplos de projetos que usam a mídia para produzir conhecimentos vinculados ao meio ambiente.

Aproximando a abordagem da educomunicação socioambiental dentro das escolas, compartilho especificamente o caso de uma escola do Rio de Janeiro que atua de forma diferente da escola tradicional. Em episódio do Globo Rural²⁰ exibido em 15 de outubro de 2023, foi apresentada a Fazenda Escola Rei Alberto I em Nova Friburgo – RJ, que possui 27 hectares de área utilizada e conta com mais de 400 educandos entre Ensino Fundamental e Médio. A escola utiliza a pedagogia da alternância, que é uma pedagogia que trabalha com a realidade, o saber empírico e o saber técnico em movimentos de ação-reflexão-ação. Essa pedagogia surgiu em 1935 na França e no Brasil passou a ser implantada em 1968. Atualmente são 399 escolas nesse modelo, conhecido em algumas partes do país como escola agrícola.

O aprendizado é construído entre família e escola, pois a pedagogia da alternância permite que os educandos fiquem uma semana na escola em tempo integral e uma semana em

¹⁹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2022. Título: Duas décadas de Educomunicação Socioambiental: tendências de práticas sociais em interface com outros campos. Autor: Felipe Gustavo Guimarães Saldanha, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

²⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12028677/?s=0s>. Acesso em: 15 out. 2023.

casa, para assim poderem praticar o que foi visto em aula. É a alternância entre escola e prática no campo que possibilita conhecimentos da agricultura sustentável focada na produção local.

Um dos aprendizados na escola foi a mandala agroecológica feita em formato circular com diferentes culturas plantadas. Além da mudança de olhar no plantio, a mandala possibilita que as plantas mais resistentes fiquem do lado de fora e se houver doenças, não agredirão as plantas mais frágeis que estão na parte interna da mandala. Combinado a isso se utiliza a adubação orgânica e estratégica.

As vivências na escola proporcionaram uma mudança de mentalidade, compreendendo que existe uma economia possível sem agredir o meio ambiente. Uma iniciativa para aliar a restauração da floresta com a vida no campo foi o auxílio do programa socioambiental da Cedae “Replantando Vida”, em parceria com o “Projeto Regenera Mata Atlântica”, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que doaram mais de 1,5 mil mudas de árvores de espécies como juçara, aroeira e ingá, nativas da Mata Atlântica. Assim, os educandos puderam levar mudas para suas casas, auxiliando na cobertura vegetal do solo a partir da implantação de um sistema agroflorestal.

A exemplo de escolas com pedagogias que fogem da visão tradicional da educação, a Fundação Escola Bosque²¹ localizada em Belém – PA foi fundada em 1995 e atua da educação infantil até o ensino técnico profissionalizante, tendo como eixo norteador da prática pedagógica a educação ambiental. Dessa forma os educandos estão em contato com projetos de preservação ambiental e convivem em um ambiente preparado para estimular o cuidado com a natureza. Durante minha participação no Intercom 2023 conheci também o projeto “Vamos lá para fora?”²² formulado no processo de doutoramento de Joana da Silva Pinto em Portugal, que tem foco em experiências educativas ao ar livre para crianças. O projeto compila iniciativas em educação infantil realizadas em vários países, que usam da experiência das crianças na natureza para construir aprendizados significativos, então podem ser vistas atividades como brincar na chuva e se sujar na terra. Boa parte dos projetos tem inspiração nos princípios da Forest School²³, que nada mais é que a escola da floresta, com as crianças aprendendo fora das salas de aula, com a natureza.

Diversas escolas alternativas que podem ser encontradas na América Latina são de uma potência significativa para a mudança do sistema educacional, contudo, muitos projetos acabam “morrendo” por conta das dificuldades financeiras. Escolas comunitárias que operam sem ajuda

²¹ Disponível em: <https://funbosque.belem.pa.gov.br/>. Acesso em: 06 mar. 2024.

²² Disponível em: <https://vamoslaparafora.wixsite.com/vamoslaparafora>. Acesso em: 08 mar. 2024.

²³ Disponível em: <https://www.forestschoollpatastenras.pt/>. Acesso em: 08 mar. 2024.

do governo e sem a cobrança de mensalidade acabam tendo suas chances de manutenção financeira reduzidas e infelizmente muitos projetos chegam ao fim, rompendo com a possibilidade de mudança de micro até macro realidades sociais. Entendo a partir das experiências em educomunicação socioambiental o quanto faz sentido a discussão que empreendi anteriormente sobre o que realmente é o desenvolvimento. A questão é que nos moldes atuais é possível identificar a perspectiva do decrescimento, ou seja, é o crescimento sem progresso. Há um foco no capital e no crescimento econômico, enquanto o ser humano, sua construção como cidadão e a natureza, fundamental para nossa sobrevivência, são totalmente esquecidos. Isso é compreensível quando percebemos que grandes empresas e negócios são os que menos colaboram para a questão ambiental.

No Brasil, a ativista e Deputada Federal indígena Célia Xakriabá²⁴ discute sobre a educação ecológica e defende a demarcação das terras indígenas. Para Célia, a sociedade é como uma floresta; sendo assim, quanto mais diversa, mais sustentável. Um mundo mais sustentável passa necessariamente pela visão de mundo indígena, onde o equilíbrio é o que proporciona o bem-estar da comunidade. Nas falas de Célia é possível perceber sua preocupação com uma educação que não apenas transmita conhecimento sobre o meio ambiente, mas que também promova uma conexão profunda e respeitosa com a natureza. Sendo assim, é necessário incorporar na educação ambiental os saberes tradicionais dos povos indígenas, reconhecendo sua longa história de convivência harmoniosa com a natureza.

Compreendo que os conhecimentos ancestrais são fundamentais para a construção de uma relação sustentável com o meio ambiente e este ponto também é destacado por Célia ao reforçar a importância de uma abordagem intercultural na educação ecológica, que reconheça e respeite a diversidade de perspectivas e experiências relacionadas ao meio ambiente. Isso inclui não apenas os saberes indígenas, mas também os conhecimentos científicos e as experiências das comunidades locais. Em suas falas e ações, Célia busca inspirar uma transformação na forma como a sociedade encara a relação entre seres humanos e natureza, promovendo uma educação que forme cidadãos conscientes, responsáveis e comprometidos com a preservação do meio ambiente.

Entendo assim, que as práticas educomunicativas visam tensionar a educação para que se estabeleça um diálogo com outras áreas. Dessa forma posso identificar a formulação de

²⁴ Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (UNB), 2018. Título: O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada. Autora: Célia Nunes Correa, Universidade de Brasília, Brasília, DF.

arranjos com mais abertura para a inovação, mais criativos e participativos, afirmando que o saber é um direito de todos e não pode ser hierarquizado. Desde meu primeiro contato com a Cidade Escola Ayni, contexto empírico de realização desta pesquisa, identifiquei a ligação das práticas comunicacionais/educativas com a educomunicação socioambiental, como apresentarei a seguir.

3.2.1 Cidade Escola Ayni: educação, economia e agroecologia

Como discuti até este ponto do texto, tendo em vista os problemas de ordem social e ambiental que se multiplicam, iniciativas com foco na educomunicação socioambiental são alternativas que podem gerar mudanças de impacto positivo não só em realidades micro, mas também macro, expandindo projetos locais para âmbitos maiores. Para caracterizar a Ayni como um destes projetos considero as práticas comunicacionais/educativas que são realizadas e o foco da escola vinculado à agroecologia.

Nesse sentido, busco sistematizar aspectos do contexto investigado, trazendo informações sobre a história da Cidade Escola Ayni, seus pilares, valores, áreas de atuação e projetos desenvolvidos. As informações foram obtidas por meio da pesquisa documental nos ambientes digitais da escola, como também no meu contato com o idealizador do projeto, Thiago Berto, durante o curso *Educação para a Paz* realizado em janeiro de 2023, a *Formação Vivencial* realizada em maio de 2023 e o *Programa de Voluntariado* e a *Vivência (Des)aprender* realizados em novembro de 2023. O detalhamento das experiências empíricas pode ser encontrado no capítulo analítico.

Sendo assim, para compreender melhor o contexto em que a Ayni atua enquanto escola contraturno e projeto de voluntariado, preciso descrever as especificidades da cidade de Guaporé – RS²⁵, local onde esta iniciativa acontece. Guaporé é um município da região da Serra Gaúcha com cerca de 25 mil habitantes (dados prévios IBGE 2022)²⁶ e completou 120 anos de fundação em dezembro de 2023. A colonização da cidade foi majoritariamente italiana, porém, desde o início de sua construção, contou também com imigrantes alemães, poloneses, russos e austríacos.

²⁵ Disponível em: <https://www.guapore.rs.gov.br/pagina/historia>. Acesso em: 20 jan. 2023.

²⁶ Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2022/Previa_da_Populacao/POP2022_Municipios.pdf. Acesso em: 04 jun. 2023.

Devido à colonização italiana, a crença religiosa mais expressiva ainda é da Igreja Católica. Atualmente Guaporé é reconhecida pelo planejamento urbano e também por ser o polo gaúcho e o 2º polo brasileiro de joias folheadas, com mercado nacional e internacional. Além disso, a indústria de lingerie também se destaca, tendo iniciado as atividades com as primeiras fábricas nos anos 1990. É considerada hoje referência estadual e nacional em lingerie, juntamente com moda praia e *fitness*.

Conhecida como Capital da Hospitalidade, a cidade de Guaporé possui diversos atrativos gastronômicos como restaurantes, cafeterias e vinícolas, e também atrativos naturais. A consolidação do turismo partiu principalmente pela rota de compras nas mais de 150 lojas de fábrica que atendem atacado e varejo. A rota turística une tanto destinos da Serra Gaúcha como do Vale do Taquari, onde recentemente foi inaugurado o passeio do Trem dos Vales, que passa pela Ferrovia do Trigo. Neste passeio, pode-se vislumbrar as belezas naturais e também conhecer um pouco da área rural do município. Outro destaque é o Autódromo Internacional de Guaporé, que conta com eventos automobilísticos e de lazer.

Apesar de ser uma cidade de pequeno porte no interior do Estado do Rio Grande do Sul, atualmente a população de Guaporé é 90% urbana. Contudo, seguindo a tradição agrícola do período de construção da cidade, junto do desenvolvimento industrial também existe produção agropecuária diversificada, onde podemos citar as lavouras de milho, soja, parreirais e a criação de animais como bovinos, aves e suínos. Estas informações sobre a cidade são importantes porque, ao pensar em um projeto socioambiental, preciso compreender quais problemas e carências ocorrem nesse contexto.

Nesse sentido, pensando em um cenário interiorano, a Ayni difere das escolas convencionais que comumente conhecemos, pois toda sua história e construção estão diretamente ligadas à ecologia. A relação da Ayni com o consumo consciente e sustentável parte das experiências do idealizador da escola, Thiago Berto, que se desfez de todos seus bens materiais para viajar pelo mundo por 3 anos em busca do verdadeiro propósito de sua vida.

Natural de Guaporé, Thiago mudou-se para Porto Alegre aos 16 anos e, apesar de não ter cursado nenhuma faculdade, consolidou uma carreira promissora na área de informática e tecnologia. Em 2011, próximo de seus 30 anos, com a experiência da perda dos pais, do casamento e da paternidade, ele, que se descreve como uma pessoa com Síndrome de Asperger e TDAH, sentiu a necessidade de conhecer outras realidades e buscar uma jornada de autoconhecimento. Vendeu seus bens e passou por uma experiência de 6 meses em Nepal, Tibet e Butão, onde trabalhou voluntariamente com segurança informacional para o governo, que enfrentava problemas com ataques cibernéticos.

Desta experiência transformadora e após algumas viagens, em setembro de 2012 Thiago voltou para a América do Sul e viajou para o Peru, onde conheceu um projeto educacional chamado “Aldea Yanapay”²⁷. Esta escola é um espaço de aprendizado e convivência de muitas crianças que vivem na pobreza e em meio à violência em Cusco. Thiago passou 8 meses trabalhando voluntariamente na escola e o que chamou sua atenção foi a preocupação com uma educação amorosa e respeitosa, que preza pelo desenvolvimento integral das crianças e que funciona de forma gratuita, apenas com doações, trabalho voluntário e economia sustentável.

A partir dessa vivência ficou claro que o sentido da vida dele seria construir uma escola que pudesse ser inspiração. Este projeto visitado o inspirou a dar início a uma jornada pelo mundo. Foram 42 projetos visitados em diversos países; muitos foram pesquisados em uma viagem de 8 meses em uma pequena motocicleta desde o Alasca até o Uruguai, aventura que objetivou conhecer as iniciativas em educação, pedagogia e comunidades sustentáveis que estão dando certo pelas Américas. A Ayni é, segundo seu fundador, o resultado dessa viagem interior que proporcionou uma reconexão entre o Thiago adulto e o Thiago criança e de muita observação das diferentes culturas e práticas educacionais pelo mundo.

Após essa jornada, Thiago pensou em diferentes cidades que poderiam abraçar a ideia da construção de uma escola de educação alternativa. Mas, foi voltando para Guaporé, sua cidade natal, que tudo fez sentido, como um ciclo que precisava ser encerrado para que outro iniciasse. Assim, a Cidade Escola Ayni foi construída dentro de um bosque, em uma área de 30.000 m² que integra o perímetro urbano da cidade, cedida pelo Governo Municipal em 2015 pelo período de 20 anos. Para conseguir utilizar esse terreno e construir a escola em meio ao bosque, que é uma reserva ecológica do município de Guaporé, Thiago apresentou um projeto na Câmara Municipal de Vereadores, onde conseguiu aprovação para iniciar as obras, reiterando que a instituição é sem fins lucrativos e que a mata nativa deve ser respeitada.

Tive acesso ao projeto apresentado na Câmara, que se encontra na Área de Membros da Ayni, material que pode ser acessado a partir da compra dos cursos da escola. O documento conta todo caminho percorrido pelo fundador e apresenta um projeto de execução para a construção e funcionamento da escola. Muito do que estava no projeto não se concretizou por uma série de questões, sejam financeiras, ambientais e operacionais.

Para financiar a construção da Ayni, Thiago começou a ministrar cursos, palestras e retiros por diversos países, onde compartilhou aprendizagens de sua viagem, de suas experiências com o voluntariado e de contatos que teve com educadores de diferentes partes do

²⁷ Disponível em: <http://aldeayanapay.org/quienes-somos/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

mundo. A construção da escola partiu de trabalho voluntário e de doações de empresas e de pessoas de diversos países por meio de financiamento coletivo (*crowdfunding*). Esse movimento cooperativo remonta à palavra “Ayni”, que é de origem *Quechua*, idioma falado pelos Incas e até hoje reconhecido como a terceira língua mais falada na América do Sul. Seu significado quer dizer cooperação, solidariedade e reciprocidade. A escola é um convite ao ser humano para praticar uma forma diferente de se relacionar consigo mesmo, com a terra e com os ciclos da vida.

A motocicleta, que fez parte dessa história, hoje tem seu espaço reservado na Ayni, demonstrando o início do projeto. Atualmente são 12 espaços construídos em bioconstrução²⁸, utilizando *hiperadobe*²⁹, *cordwood*³⁰ e pau a pique³¹. Os banheiros da escola também são sustentáveis, dispensando o uso de água para descarga. Dessa forma, depois de um período de cura, o material orgânico é utilizado para compor o solo da agrofloresta.

As propostas da escola seguem leis e parâmetros curriculares do país, as quais permitem autonomia pedagógica e administrativa para as escolas. Apesar disso, é importante ressaltar que a escola atua em regime de contraturno na parte da manhã; sendo assim, as crianças frequentam a escola regular e participam da Ayni como atividade extra. Inspirada por pedagogias como Montessori, Waldorf, Escola da Ponte, Educação Viva e Consciente³² e outras, a Ayni quer inspirar o governo e demais escolas mostrando que é possível uma nova forma de ver a criança e propondo um espaço acolhedor onde elas se sintam seguras, honradas e respeitadas a expressarem quem elas realmente são.

A visão da Ayni, enquanto instituição, é de “uma sociedade onde exista consciência expressada na forma de cuidado com o próprio ser, com as crianças, com os antepassados, demais seres vivos e com o Planeta” (Ayni, 2022). A missão da escola é “através de cenários

²⁸ A bioconstrução é uma forma de construir que tem como princípio causar o menor impacto ambiental possível. Isso é feito tanto na implantação, quanto na escolha dos materiais utilizados, que geralmente são captados no próprio local. Disponível em: <https://pindorama.org.br/casas-ecologicas/o-que-e-bioconstrucao/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

²⁹ O hiperadobe é uma técnica de bioconstrução onde sacos raschel são preenchidos com terra e através de compactação manual, as camadas se estabilizam em um material seguro. Disponível em: <https://sustentarqui.com.br/hiperadobe-o-que-e-vantagens/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

³⁰ A construção cordwood utiliza como material principal troncos de árvores, cortados em volta de 20 a 50 cm de comprimento, dependendo da largura das paredes. Essa utilização pode ter uma vertente muito econômica se forem utilizadas árvores provenientes de abates de limpeza em áreas densamente arborizadas. Disponível em: <http://www.dicadaarquitectura.com.br/2017/10/voce-sabe-o-que-e-cordwood.html>. Acesso em: 04 jun. 2023.

³¹ Pau a pique é uma técnica construtiva antiga que consiste no entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo, com vigas horizontais, geralmente de bambu, amarradas entre si por cipós, dando origem a um grande painel perfurado que, após ter os vãos preenchidos com barro, transforma-se em parede. Disponível em: <http://www.ecoeficientes.com.br/taipa-de-mao-ou-pau-a-pique/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

³² As pedagogias citadas configuram práticas educativas com princípios voltados à inclusão, liberdade e autonomia das crianças.

reais e disruptivos nas áreas da educação, economia e agroecologia inspirar e encorajar uma nova relação do ser humano consigo mesmo, com seu propósito e por consequência com seu entorno” (Ayni, 2022).

Pela educação a escola propõe convidar “os adultos a um trabalho interno de reflexão sobre a vida, de reconexão com sua essência, para a partir daí, criar uma nova relação com as crianças” (Ayni, 2022). Trabalha a educação dos adultos, enquanto as crianças ficam em paz, para serem quem são. Propõe dinâmicas de aprendizagem sem direcionamento de atividades, sem o conceito de recreio, sem castigos, sem provas, sem padrões de classes, sem divisão de turmas por idade, sem as aulas como conhecemos hoje, mas com toda a energia e vontade das crianças – que são chamadas de pequenos mestres – em aprender o que desejam em um ambiente que inspira a autonomia e a busca por conhecimentos úteis para a criança.

Após a conclusão da construção dos ateliês, a Ayni iniciou as atividades com crianças no ano de 2018. Nesta escola as salas de aula assumem outra função e são chamadas de ateliês, os educadores são formados em distintas áreas do conhecimento, não apenas em pedagogia, e a formação acadêmica não é um pré-requisito. As crianças podem cozinhar, fazer artesanato, estudar biologia, química, matemática, ler, escrever, acessar computador e impressora, comer, ir na horta, brincar no bosque, entre tantas outras possibilidades. O educador não direciona, atua como um mediador, estabelecendo limites de convivência e práticas que não atentem contra a segurança de ninguém. Nesse sentido, a criança também aprende a lidar com conflitos e problemas. O foco é no aprendizado e não no ensino, cada criança tem seu próprio tempo.

A participação acontece no fluir da vida, as crianças são livres para escolherem o que querem fazer. Existem atividades programadas semanalmente, chamadas de oficinas, onde ninguém é forçado a participar. A participação nas oficinas vem do interesse autêntico de cada um. O mesmo acontece durante as brincadeiras, pois a criança tem seu espaço individual respeitado e pode ficar sozinha se assim preferir.

Por esse motivo, a Ayni é um projeto educativo para adultos e crianças. Os pais se matriculam e a partir daí os filhos recebem uma vaga na escola. Isso acontece porque a escola acredita que adultos reconectados com sua essência interior relacionam-se de maneira mais consciente e honrosa com as crianças, com sua ancestralidade, com o dinheiro, com sua saúde e com a Terra. Assim, os pais participam ativamente das atividades da escola pelo trabalho de voluntariado, replicando as práticas pedagógicas em casa e mantendo frequência de 70% em respeito às pessoas que estão na lista de espera para participar da escola.

Na perspectiva da economia, segundo a proposta da escola, discute-se

(...) que os preceitos atuais que sustentam a economia sejam cada vez mais direcionados para o bem maior, que o lucro de operações de produtos e serviços seja utilizado para melhorar o mundo. A escola acredita na economia consciente onde empresárias e empresários se colocam a serviço com suas habilidades e com a força motriz de suas empresas. A Ayni acredita no consumo com propósito, onde consumidores estejam atentos ao ciclo dos produtos e serviços que estejam comprando (Ayni, 2022).

A escola é particular e gratuita, não recebe apoio financeiro do governo, o incentivo foi a cessão do terreno municipal, que na época se encontrava em condições adversas de preservação, pois por ser um local sem visitação, as pessoas acabavam descartando lixo e depositando no bosque de forma irresponsável e criminosa. Desde o início da construção da escola até os dias atuais o solo e riacho do bosque seguem em processo de regeneração.

A forma de viabilidade econômica e manutenção da escola acontece a partir de doações e voluntariado, como também da economia sustentável que surge dos cursos, vivências, retiros e turismo com propósito realizados pelos educadores da escola. Atualmente, a renda parte também da Pharmacia, que dispõe de produtos naturais, veganos e orgânicos como cosméticos e produtos de limpeza e higiene. Além disso, a partir da feirinha de orgânicos acontece a comercialização de alimentos que são provenientes da agrofloresta da escola. A Ayni também possui uma loja física e *online* de produtos como camisetas, cobertores, garrafas e canecas personalizadas e os produtos da agrofloresta também podem ser adquiridos via *app* Goomer.

Outros projetos para financiar as atividades da escola estão em andamento, como a construção de um hotel e restaurante, que incluirão um espaço para *coworking*³³. A ideia é que a equipe do hotel seja formada por pessoas com Síndrome de Down e Autismo, não focando apenas na inclusão, mas na forma como essas pessoas também podem ter autonomia para trabalhar e viver. Com esta sustentabilidade financeira será possível fornecer bolsas e estágios para educadores de todo país que queiram estar na Ayni e depois levarem essas práticas para suas cidades.

Sobre a agroecologia, segundo a proposta, a escola desenvolve “uma relação de honra e respeito à terra, um convite à reconexão com a energia da natureza e a sentir como isso ressoa nas relações humanas. Honrar a terra é honrar o feminino, é honrar a mãe. A mensagem da escola é cuidar da terra e dos filhos da terra” (Ayni, 2022). Os ambientes da escola inspiram o zelo pela natureza, como o banheiro ecológico, os materiais para brincar e estudar pensados em

³³ Modelo de trabalho que se baseia no compartilhamento de espaço e recursos de escritório, reunindo pessoas que não trabalham necessariamente para a mesma empresa ou na mesma área de atuação. Disponível em: <https://coworkingbrasil.org/o-que-e-coworking/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

todos os detalhes para incentivar o cuidado e sustentabilidade ambiental, o contato com a horta e a agrofloresta, o ateliê de sementes crioulas e o oferecimento de uma alimentação vegetariana.

Neste sentido, os objetivos da instituição incluem:

(...) rede municipal de ensino de uma cidade do país adotando as práticas inspiradas na Ayni como política pública de educação; com o funcionamento do hotel, restaurante e loja da Ayni, inspirar o surgimento de novos negócios que podem servir para sustentar propósitos para um bem maior; por fim, com o sistema de cultivo inspirar produtores e consumidores a eliminar os agrotóxicos do sistema produtivo (Ayni, 2022).

No período da pandemia a Ayni precisou se adaptar, pois os sujeitos educandos não frequentavam mais o espaço escolar e os cursos presenciais também precisaram ser adiados. Dessa forma, como tantos outros projetos, escolas e empresas, a presença digital da Ayni foi fortalecida, tanto nas redes sociais com *lives* e palestras, como no *site*, com uma série de cursos sendo disponibilizados de forma *online* e com valor de investimento mais acessível. Atualmente as atividades escolares seguem acontecendo presencialmente na escola, mas a Ayni também segue atuando *online*, fazendo com que pessoas de diversos lugares do mundo tenham contato com a proposta pedagógica e com o modo de viver difundido pela escola.

O projeto desenvolvido na Ayni tem ligação com o que Ferrarini (2016) discute sobre a inovação social. O desenvolvimento surge inicialmente pelo sujeito educando que está na escola e a forma como as práticas ali trabalhadas podem ser replicadas em sua casa e comunidade. A inovação social surge em decorrência dos diversos problemas sociais e ambientais. Uma visão pedagógica não bancária, como conceituada por Paulo Freire, tem capacidade de alterar realidades e propor projetos com foco na coletividade, como visto em projetos de inovação social por todo país, por isso a conexão entre a educação e a inovação.

A inovação social contribui para diminuir desigualdades sociais e introduz uma perspectiva de sustentabilidade socioambiental. Aqui entendo que são necessárias metodologias próprias dependendo dos contextos. A Ayni enquanto escola propôs transcender o empreendedorismo de necessidade para a oportunidade. Existe também uma quebra com a visão de que a inovação está intrinsicamente relacionada à tecnologia, abrindo espaço para a satisfação de necessidades sociais não atendidas (Ferrarini, 2016).

Como o próprio nome da escola remete à reciprocidade, também entendo como práticas de redistribuição podem ser soluções para problemas locais, levando em consideração a realidade em que a Ayni está inserida: um município no interior da Serra Gaúcha, com grande desenvolvimento industrial no setor de joias e lingerie. Apesar disso, a cidade de Guaporé

vivencia problemas relacionados à degradação ambiental vinculados à agricultura intensiva, a barragens de água para manutenção de hidrelétricas, ao tráfico de drogas e a marginalização de bairros mais pobres. Nesse sentido a inovação social tem papel fundamental na construção de cidadania e na ampliação da vida social além da geração de valor econômico.

Como bem pontuado por Ferrarini (2016), a inovação social necessita oportunizar participação e empoderamento dos envolvidos no processo. Sendo assim, “as iniciativas precisam garantir que cada um dos atores envolvidos realize a parte que lhes cabe como copartícipes da inovação” (Ferrarini, 2016, p. 464). Como visto na Ayni, existe uma diversidade de sujeitos educandos: idealizador do projeto, educadores, pais, crianças, voluntários, participantes dos cursos e comunidade. Dessa forma, entendo que uma visão alternativa de desenvolvimento passa necessariamente pelo senso de coletividade, onde criamos lógicas complementares e não excludentes.

Como percebo na Ayni, a inovação é um processo e ao mesmo tempo é um produto. A mudança de uma visão simplista de desenvolvimento social pode sim iniciar com práticas educativas desde a infância, pensando em um conhecimento livre de preconceitos e amarras coloniais e políticas públicas de educação libertadora. Pensando na natureza, o sistema de cultivo com uma agricultura regenerativa pode inspirar produtores e consumidores a eliminar os agrotóxicos do sistema produtivo, preservando nascentes de água e investindo em sistemas de agrofloresta. A questão da economia também está presente na forma de sustentabilidade econômica, ao inspirar o surgimento de novos negócios que podem servir para sustentar propósitos para um bem maior.



4 EDUCOMUNICAÇÃO, SUJEITOS COMUNICANTES E CIDADANIA ECOLÓGICA

Este capítulo teórico compreende a discussão dos principais conceitos que embasam a pesquisa. Entendo que cabe a mim, enquanto pesquisadora, um distanciamento crítico que leve a uma compreensão profunda do objeto estudado. Assim, assumo que a pesquisa teórica não pode ser reduzida à revisão de literatura, mas sim que seja construída em um processo de problematização (Maldonado, 2011). A partir da problematização teórica, posso analisar o empírico com maior propriedade e fundamentação, como também me propor contribuir com a geração de conhecimentos que possam servir a demais pesquisadores e à sociedade.

Devo ser consciente e reflexiva ao escolher as teorias e autores que darão suporte ao meu estudo, por isso é necessário manter os conceitos em articulação, diálogo e confrontação (Bonin, 2011). Teorias são técnicas em ato, conjuntos de conhecimentos ou tentativas de compreensão sobre algum fenômeno. As teorias podem ser refutadas e aprimoradas, estão em constante transformação. Um trabalho necessário é reformular as teorias para a atualidade, verificando as especificidades e os pontos que devem ser questionados.

Dessa forma, pensar sobre as teorias me faz compreender que existe um caminho que é traçado desde o início da pesquisa, com um projeto com uma ideia em amadurecimento. Desbravando as percepções de França e Simões (2016), compreendo que a teoria necessita de um movimento de prática, pois caso contrário ela será apenas uma abstração. Isso significa que o lugar da teoria na pesquisa não é a descrição dos fatos, mas sim a produção de reflexão sobre o significado social de minha pesquisa.

Nesse sentido, compreender que as teorias são feitas para serem acionadas a serviço do objetivo da pesquisa é uma atribuição da pesquisadora, pois a teoria sem um movimento reflexivo e questionador não será capaz de apresentar novidades e perguntas sobre o empírico que se estuda. Assim, as teorias devem ser compreendidas como corpos vivos que podem propor questões, perspectivas, hipóteses, percepções, conceitos, fatos, distinções e argumentações (Braga, 2019).

Quando trato sobre as teorias, preciso considerar o campo heterogêneo em que elas se inserem (França; Simões, 2016). Sendo assim, é preciso avaliar os contextos, a cultura e a história do que estou investigando. Isso significa que é preciso ir além das divisões entre certo e errado, procurando fazer conexões entre o conhecimento estabelecido e a realidade. Dessa forma, não devo acionar diversas teorias para preencher páginas, pois o principal é criar articulações e tensionamentos entre as teorias e o senso comum, gerando um sistema flexível

que possibilite ajustes metodológicos. É importante refletir sobre o que as teorias fazem e o que podemos fazer as teorias fazerem (Braga, 2019).

Acredito que a escolha das teorias precisa estar alinhada ao problema de pesquisa e aos objetivos que pretendo atingir. Quanto mais me aproximar de perspectivas teóricas relacionadas ao objeto, poderei extrair informações relevantes que me proponham questões e reflexões a partir da investigação. Assim, terei um movimento ativo e problematizador, conforme proposto por Braga (2019).

Entendo que o campo da Comunicação é permeado por questões que envolvem a produção de sentido, o poder e a política. Por isso, acredito que as pesquisas em Comunicação necessitam de um olhar crítico, que transponha as vertentes teóricas clássicas para a contemporaneidade, compreendendo os fenômenos comunicacionais integrados ao processo de midiaticização.

Tendo discutido o contexto da investigação, entendo a importância de relacionar teorias aos eixos que considero fundamentais para a pesquisa. Dessa forma, neste capítulo me proponho a refletir sobre a educomunicação e suas contribuições tanto para a área da educação como da comunicação; a realizar uma conceituação sobre os sujeitos comunicantes e as apropriações comunicacionais e midiáticas; e por fim a empreender uma discussão que relaciona cidadania e ecologia, entendendo a importância de debatermos sobre essas questões.

4.1 Educomunicação: um caminho para a transformação social

Como mencionei anteriormente, a educomunicação é um conceito que compõe esta pesquisa, não unicamente por estar tratando sobre uma escola, mas por entender que a comunicação dentro do contexto escolar pode proporcionar aos educadores e educandos aprendizados que se relacionam com suas vivências e que podem colaborar na ampliação da consciência crítica e no desenvolvimento individual e coletivo.

No decorrer da pesquisa eu imaginava que o debate sobre a reforma educacional no Brasil havia se revelado em tempos mais recentes, tendo em vista que a maioria das escolas continua seguindo um modelo educacional tradicional, com foco no currículo e não na aprendizagem. Porém, na América Latina a educação vem sendo discutida há quase 200 anos, junto aos movimentos pela independência de diversos países latinos. Nesse sentido, considero importante dialogar com a contribuição de alguns pensadores latinos sobre a educação e pensar os desdobramentos destes pensamentos até os dias atuais. A escolha dos autores que compõe

esta discussão se justifica pela forma como estes pensadores consolidaram em seus estudos uma perspectiva crítica em relação à educação e à comunicação.

Dessa forma, minha discussão inicia com os escritos do educador e filósofo venezuelano Simón Rodríguez que, apesar de lutar pela independência da América Latina e contribuir com pensamentos relacionados à educação que estavam à frente de seu tempo, só veio realmente a ser reconhecido após muito tempo. Parte deste reconhecimento está relacionado ao fato de Rodríguez ter sido mentor do líder venezuelano Simón Bolívar e pela adoção do projeto político de Bolívar por Hugo Chávez na Venezuela. Rodríguez teve papel importante no processo de independência da América Latina porque não influenciou Bolívar apenas em termos de conhecimento, mas principalmente, em sua formação moral e ideológica.

Como pude identificar no compilado de obras feito pela Universidad Nacional Experimental Simón Rodríguez (2016), ele deixou em seus textos além de uma proposta pedagógica crítica, uma expressão artística e conceitual, onde a estruturação das ideias não acontece de forma linear, mas como mapas mentais e sistemas visuais que expressam ideias. Pensando em sua época, o uso da imprensa foi fundamental. Foi preciso conhecer a técnica e estabelecer uma relação entre conteúdo e forma, por exemplo, a diagramação usada por Rodríguez, que foi tipógrafo, mudava o sentido do que ele queria expressar. Esse formato de texto peculiar me instiga a compreender a realidade da época em que o autor se dedicou a estes escritos, tendo em vista que Rodríguez teve papel fundamental na defesa da educação popular, lutando contra desigualdades, preconceitos e exclusões que aconteciam repetidamente no ambiente educativo.

Até hoje as ideias de Rodríguez são de grande relevância e influenciaram gerações de educadores e pesquisadores na busca de uma educação inclusiva, emancipadora e que promova a transformação social. Um dos principais pontos discutidos por Rodríguez (2016) é a educação como um direito universal; dessa forma, a educação deve ser acessível a todos, inclusiva e tratar todos em horizontalidade, independentemente dos fatores sociais e econômicos. Parte deste pensamento se deve ao fato de Rodríguez ter inaugurado a primeira escola pública que aceitava meninas, porque ele acreditava que era necessária a interação entre meninos e meninas, uma educação para todos. Assumir a educação como um direito fundamental de todos os cidadãos implica defender a importância de se garantir igualdade de oportunidades educacionais. Esse aspecto é compreensível, pois sabe-se como as pessoas em situação de vulnerabilidade social ainda têm o acesso à educação restringido. A lei de cotas no Brasil é um mecanismo que auxilia a ampliação de oportunidades para os grupos excluídos, como também as escolas e universidades públicas. Porém, são muitas as resistências estruturais no país que se recusam a

entender nossa dívida histórica com os povos originários e escravizados e o direito à educação de pessoas com baixa renda e com deficiência.

A conceituação da educação popular, eixo central da obra de Rodríguez (2016), extrapola o estado material da educação para um estado revolucionário, onde já pode ser vislumbrado um pensamento decolonial. Ou seja, a libertação latina não seria dada unicamente nas lutas de Bolívar, mas pela educação. A escola popular de Rodríguez subverteu a ordem social vigente, tendo como base os princípios de irreverência, comunismo, hospitalidade e a pergunta. Todos princípios tinham como base a subversão, ou seja, não se deixar governar.

Em contato com as pesquisas de Livia Saggin, colega do Grupo de Pesquisa Processocom, tive acesso a uma perspectiva atual a respeito da educação popular. Seu trabalho foi realizado em comunidades juvenis que expressaram a potência da educação vinculada à comunicação. Deste ponto de vista, entendo que a educação popular explicita o poder das comunidades e a necessidade de recuperar o poder do lugar, aprender a dizer a própria palavra. Foi a partir dessas vivências e reflexões que Saggin (2020) estruturou uma visão da educomunicação comunitária, com os sentidos de reconhecimento e apropriação, a efetiva participação dos sujeitos, a autogestão e mobilização de ideias transformadoras e a educação libertadora e emancipadora.

Essa perspectiva também pode ser vista em Kaplún (1998), que enfatiza a participação e o protagonismo dos sujeitos no processo educativo e comunicativo. Dessa forma, ele também assume que todos têm o direito e a capacidade de contribuir e serem agentes de mudança, independentemente de sua posição social ou seu grau de instrução. Acrescento nesse ponto a importância da diversidade nos ambientes educacionais entendendo que, quanto mais diverso, mais rico é o ambiente. Rodríguez (2016) foi defensor da diversidade na escola porque acreditava que o sistema educacional só seria igualitário quando refletisse a sociedade diversa de seu país, ou seja, não deveria existir divisão entre raça, gênero e classe social.

Pensando nesse aspecto, Freire (1987) compartilha no livro *“Pedagogia do Oprimido”* que a educação tradicional, centrada na transmissão de conhecimentos de forma unilateral, do educador para o educando, mantém as pessoas oprimidas e reproduz as desigualdades sociais. Por isso, o educador propõe uma pedagogia baseada no diálogo, na participação ativa e na construção coletiva do conhecimento. Essa obra tornou-se uma referência fundamental para a pedagogia crítica e a educação popular, inspirando educadores ao redor do mundo a repensarem suas práticas e a lutar por uma educação libertadora e emancipatória.

Um ponto importante mencionado por Freire (1987) é a concepção de que tanto o opressor quanto o oprimido são desumanizados pelo contexto de dominação. Cabe ressaltar que

a experiência de opressão foi vivida pelo autor no exílio durante o regime militar, quando escreveu a obra em questão. Sendo assim, Freire (1987) afirma que a libertação só pode ser alcançada quando os oprimidos se conscientizam de sua condição e se tornam sujeitos ativos na transformação da sociedade. Por esse motivo, ele defende a importância da leitura crítica do mundo e a valorização dos saberes e experiências dos educandos.

A desumanização retratada por Freire (1987) se refere à forma como as contradições da sociedade acabam por “coisificar” as pessoas e as relações humanas. Dessa maneira, ele propõe que a educação seja um processo de humanização, no qual educador e educandos se engajem em uma relação dialógica, promovendo a conscientização, a reflexão crítica, a desalienação e a ação transformadora. É importante frisar que a vocação ontológica humana é ser sujeito e não objeto; por isso, inevitavelmente a educação é um ato político, capaz de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Portanto, entendo que a educação tem o poder de libertar as pessoas da opressão e da ignorância. A educação torna-se um caminho para a emancipação individual e coletiva, permitindo que as pessoas se tornem conscientes de seus direitos e capacidades para lutar por uma sociedade mais justa, como Rodríguez (2016) também defendia. A educação como ferramenta de libertação, problematizada por Freire (1987) com sua proposta de pedagogia crítica, entende que a pedagogia tradicional reforça a hierarquia no ambiente educacional e não reflete o protagonismo dos educandos. Nesse sentido, é preciso romper com a educação bancária, fazendo da educação uma forma de tornar acessível o conhecimento e proporcionar ao educando a autonomia e o aprendizado e exercício do pensamento crítico.

A educação popular discutida por Freire parte da premissa da conscientização, onde os educadores devem ajudar os educandos a compreender criticamente sua realidade social e política, capacitando-os a se tornarem agentes de mudança em suas próprias vidas e comunidades. Assim surge a ideia de um diálogo horizontal e participativo entre educadores e educandos, no qual o conhecimento deve ser construído de forma colaborativa. Freire via a educação como um processo de troca mútua de conhecimentos, no qual tanto educadores quanto educandos aprendem uns com os outros. Nesse sentido, a educação deve estar enraizada na realidade concreta dos educandos, abordando questões relevantes para suas vidas e comunidades. Para Freire, a educação popular tem como objetivo principal capacitar as pessoas a compreender e transformar suas realidades sociais e políticas. Ele via a educação como uma ferramenta de empoderamento, que pode ajudar as pessoas a superar a opressão e a injustiça e a construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Nesse sentido, pensando em minha pesquisa reflito sobre as contradições do processo de midiaticização. Percebo como o conhecimento é libertador, proporcionando que as pessoas possam acessar os meios e interpretar os conteúdos. Porém, o interesse negacionista que atua por meio da desinformação deixa claro como muitas pessoas são reféns de informações equivocadas por falta de conhecimento sobre as mídias e pensamento crítico relacionado aos conteúdos que consomem.

A educação bancária retratada por Freire (1987) concebe o educador como detentor do saber e o educando como um depósito, um espaço vazio a ser preenchido, por isso a analogia com o ato de depositar dinheiro no banco. Essa concepção considera o educando como um sujeito passivo no processo de aprendizagem. Nesse sentido, Freire (1987) discutiu uma proposta para romper com esse modelo de educação, defendendo a pedagogia da libertação. Essa nova visão sobre a educação também se relaciona com o pensamento de Kaplún (1998), que enfatiza que a educação faz parte do processo de emancipação dos sujeitos e da transformação social. Kaplún (1998) entendia a educação como um meio de empoderar as pessoas, permitindo dessa forma que desenvolvessem habilidades críticas e participassem ativamente na construção de uma sociedade igualitária.

Para o desenvolvimento crítico dos educandos há a necessidade da curiosidade, por isso a importância das perguntas, de saber o porquê das coisas. Como Rodríguez (2016) defendia, as perguntas são necessárias, é preciso ensinar as crianças a serem “perguntonas”, assim se aprende a ser crítico. No livro *“Pedagogia da Autonomia”*, Freire (2002) discute a necessidade de os educadores se comprometerem com a formação de indivíduos autônomos, capazes de pensar criticamente e de agir de forma consciente e responsável em suas vidas. O autor argumenta que a educação deve ir além da mera transmissão de conhecimentos e se voltar para o desenvolvimento da consciência crítica dos educandos. Por isso a importância de os educadores estabelecerem um diálogo horizontal com os educandos, reconhecendo seus saberes prévios e incentivando sua participação ativa no processo de aprendizagem. Para Freire (2002) há a necessidade de os educadores estarem constantemente em busca de sua própria formação, refletindo sobre sua prática e buscando aprimorar suas habilidades pedagógicas. Ele enfatiza a importância de os educadores estarem abertos ao diálogo com seus pares e de se engajarem em uma prática educativa transformadora.

Por esse motivo, considero importante justificar minha escolha em usar os termos educador e educando durante toda pesquisa. Diferente do que se popularizou recentemente, que a palavra “aluno” vem do latim e significa “sem luz”, em uma busca no dicionário etimológico da Língua Portuguesa, a palavra aluno tem origem no latim *alumnus* e remete ao sentido de

alimentar, nutrir. Porém, a crítica está na noção de que então o aluno é aquele que está sendo nutrido ou criado. Entendo que o educador não está na posição de “alimentar” os educandos com o conhecimento, mas sim despertar neles a vontade de buscá-lo. Por esse motivo, durante toda pesquisa incorporei os termos educador e educando, porque essa é a visão que temos que ter sobre a educação e o processo de aprendizagem, onde educador e educando estão ensinando e aprendendo juntos em uma relação de horizontalidade.

Outro aspecto que encontrei nos textos de Rodríguez (2016) é a não aceitação da educação apenas como base teórica. O autor defendia a educação baseada na prática e na experiência, ou seja, uma educação capaz de conectar o conhecimento escolar com a realidade vivida pelos educandos; assim, seria possível construir um aprendizado significativo. Além de pensar na formação de habilidades práticas úteis para o cotidiano das pessoas, a educação precisa proporcionar o desenvolvimento do pensamento crítico, uma educação que promova o desenvolvimento integral do sujeito educando.

A proposta de Freire de alfabetização de adultos no Rio Grande do Norte partiu deste fundamento, pois o conhecimento era construído de forma coletiva, dividindo experiências e podendo ser aplicado no cotidiano, o que gerava um valor maior para as pessoas. Seu método foi capaz de ensinar 300 adultos a ler e escrever em um período de 45 dias.

Para Freire, o método de alfabetização necessita de personalização, ou seja, é preciso uma adaptação relacionada à realidade dos educandos. Dessa forma, parte-se da investigação, que é a busca entre educador e educando de palavras e temas relacionados à vida do educando; em seguida vem a etapa de tematização, que é onde apresentam-se os significados sociais e a tomada de consciência do mundo; e por fim, a problematização, em que o educador instiga o educando a superar a visão acrítica do mundo para assumir uma postura consciente.

Em uma publicação de Kaplún (1984), encontrei uma perspectiva relacionada à promoção e educação de adultos por meio do projeto *Cassette Foro*, onde pessoas de distintas comunidades se comunicavam por meio de fitas cassete e assim compartilhavam experiências e conhecimentos úteis. Essa atividade combinava a comunicação coletiva com a comunicação interpessoal, colaborando para a construção de uma comunicação verdadeiramente participativa e dialógica. Nessa proposta de comunicação comunitária, entendo que todos são emissores e todos são “receptores”. Com o desenvolvimento das fitas, qualquer dos grupos participantes podia propor temas de discussão, dividir inquietudes e problemas que eram vividos em comunidade, pois a comunicação também colabora na solução de problemas e conflitos. Kaplún colaborou para a ideia de expressão e criação livre, onde meios como o rádio e o jornal assumiam um papel crucial na estruturação educativa. Além das fitas cassete, produziam

programas educativos com temas de interesse para o rádio e jornal, inclusive programas de música. A partir dessa experiência, Kaplún (1984) passa a conceber educação e comunicação como processos relacionados e interdependentes.

Em contato com textos de Freire, comecei a pensar em sua trajetória como Patrono da Educação Brasileira. Esta reflexão me provoca a questionar quantos brasileiros continuam em situação de analfabetismo por inúmeros motivos, incluindo não apenas a falta de condições, acesso e oportunidades, mas muitas vezes a forma como a educação brasileira ainda se afirma sob a forma de uma educação bancária. Sei que existem diversas instituições e educadores mudando essa realidade, mas ainda assim o caminho mais fácil é seguir replicando um sistema educacional que se mostra ineficiente há décadas. Observo também as nuances do analfabetismo, pois existe o analfabeto funcional, que sabe ler e escrever, mas não sabe interpretar, faltou-lhe a prática, a conexão com sua realidade, a adaptação às suas necessidades de aprendizado. Pensando também nos educandos com alguma deficiência, existem espaços preparados para eles? Existem instituições e profissionais realmente empenhados em promover um desenvolvimento integral do educando com deficiência?

Dentre os pensadores que compartilho, Kaplún (1999) também propõe que é necessária uma conexão entre teoria e prática, ou seja, para que algum conhecimento que adquirimos faça sentido, ele precisa ser apropriado por meio do seu uso e exercício. Por isso, comunicar é conhecer, precisa existir uma relação entre aprendizagem e exercício da expressão. Kaplún (1999) explica que o educando consegue expressar uma ideia para que outros compreendam somente quando ele mesmo a compreende e a apreende. Essa perspectiva se relaciona com o que Morin (2008) fala sobre a compreensão e a explicação, reforçando que o aprendizado necessita de um movimento reflexivo, que realmente se debruce na compreensão do que é estudado, uma crítica ao modelo de memorização imposto no sistema educacional tradicional.

Nesse sentido, Rodríguez (2016) também via os educandos a partir de outra perspectiva, de forma que estivessem participando ativamente do processo educativo. Os educandos não como meros receptores de conhecimento, mas como partícipes na construção dele. Por isso a importância de envolver os educandos no processo educativo, com estímulo à participação, reflexão e diálogo. Por esta perspectiva humanista, os educandos são considerados agentes de mudança e suas contribuições devem ser valorizadas no ambiente escolar, fazendo parte da construção do conhecimento.

No Brasil, Freire se dedicou em problematizar o sistema educacional que conhecemos. O autor propõe que ao falarmos sobre educação podemos tanto praticá-la como negá-la; por isso, é importante percebermos quais os problemas da escola tradicional. Um dos pontos é o

fato de o saber acumulado não ser valorizado, ao educando lhe cabe apenas receber, agradecer e memorizar o pacote de conhecimentos que lhe é ofertado. Sendo assim, as experiências de vida do educando não são levadas em consideração no processo de aprendizagem. A visão tradicional da educação segue com parâmetros discriminatórios e não aceita quem pensa diferente, dando espaço para práticas de autoritarismo e posições intolerantes, reforçando a desconfiança nas possibilidades e habilidades dos outros (Freire, 1998).

Dessa forma, na educação tradicional, que reflete uma postura instrumental de aprendizado, as aulas seguem como pacotes de conteúdo e a escola está desconectada dos problemas que acontecem fora dela. Além disso, posteriormente acontece a avaliação para provar que o pacote de conhecimento recebido pelo educando foi realmente memorizado (Freire, 1998). A partir da crítica do autor, entendo o quão problemático é agrupar os sujeitos educandos numa mesma “caixa”, não dando atenção para as singularidades de cada pessoa e não considerando que a memorização não é sinônimo de aprendizado. Nesse sentido, Freire (1982) nos questiona sobre o currículo, qual é seu significado e qual é sua aplicação, levando em consideração que é necessário pensarmos a prática e o saber, mas entendendo que a prática não é individual, é social. O currículo se mostra fechado e definido, independente das aptidões e preferências do educando. As avaliações também são limitadas, porque são incapazes de refletir o aprendizado do educando. A capacidade de cada pessoa começa com a prática. A avaliação precisa ser da prática educativa como um todo e é fundamental que o educando faça parte deste processo.

Como vejo em Freire (1998), a educação tradicional é autoritária porque reflete a negação da liberdade, da dúvida, do sonho, da incerteza, da inquietude e isso culmina com a proibição ou inibição total da participação. O autor reforça que o sistema educacional tradicional esmaga a curiosidade, a criatividade e a coragem de invenção e nomeia este processo como “castrador da curiosidade e da inventividade”. Assim, precisamos discutir para quê conhecer e como conhecer, assumindo que há um método rigoroso de conhecer, mas que o método precisa ser considerado caminho de conhecimento (Freire, 1982). O autor explica que alimentamos um pensar estático, não dinâmico e não dialético; dessa forma, reproduzimos a dicotomia entre a pedagogia e a ação pedagógica. Isso pode ser percebido na forma como agimos a partir dos métodos e técnicas como se eles fossem postos em si mesmos e para si mesmos, como se escravizassem o pensamento. A partir desse ponto de vista, relaciono o pensar estático com a forma como muitas escolas e educadores se esforçam em seguir pedagogias determinadas como manuais de instrução. A não abertura para arranjos flexíveis culmina com a perda de possibilidades educativas produtivas e instigantes para os educandos.

Em acordo com a ideia de participação comunitária e educação popular, Kaplún (1999) se empenhou na defesa da comunicação como diálogo e construção coletiva, ou seja, a comunicação não é um processo unilateral de transmissão de informações, mas sim um diálogo ativo entre os sujeitos do processo. A comunicação se dá como uma construção coletiva de significados; dessa forma, todas as partes envolvidas no processo têm voz e participação.

Em relação ao ambiente educativo, a superação da visão de educandos passivos também é reforçada, pois a crítica de Kaplún (1998) se coloca entre os modelos exógenos, que são compreendidos como externos ao destinatário e onde o educando é visto como objeto da educação. Nestes modelos, um com ênfase nos conteúdos e outro com ênfase nos resultados, se reforça um sentido de competitividade entre educandos e não coletividade. Por isso o autor compartilha também um modelo endógeno que tem ênfase no processo e o educando é compreendido como sujeito da educação. Dessa forma, se assume a importância do educando e da comunidade para além dos conteúdos e aprendizados adquiridos na escola.

O modelo educacional tradicional tem origem na Revolução Industrial, segue um modelo militar e fabril. Desde o formato das salas de aula até as práticas educativas, basta pensar como existem horários para cada atividade, o horário de intervalo, a sirene que indica a entrada e saída da sala de aula, as mesas dos educandos enfileiradas como um sistema de produção em larga escala, o tema de casa, lembrando os trabalhadores que precisavam levar trabalho para casa após o expediente, a uniformização, enfim, uma série de elementos que remonta um período de mais de dois séculos. E, posteriormente, com as Guerras Mundiais se reforça uma educação baseada em resultados, seguindo o modelo militar estadunidense, com o objetivo de doutrinar soldados. Essa educação é autoritária e manipuladora, conforme pode ver em Kaplún (1998).

Algo fundamental que é mencionado por Freire (1998) é quebrar com a visão apenas pedagógica da escola, onde existe um manual a ser seguido. É preciso conhecer a escola por dentro, pois quem a faz não são as pedagogias, mas sim as pessoas. Para o autor, é necessário seguirmos com a luta de classes populares para que o estado cumpra seu dever, pois a democracia pede estruturas democratizantes que não inibam a participação comunitária.

Para Freire (1998), a melhora da qualidade da educação implica na formação permanente dos educadores. A mudança precisa acontecer, começando na democratização do poder, no reconhecimento do direito de voz dos educandos e dos educadores e na participação ativa de pais e comunidade. Essas mudanças são possíveis se rompermos com administrações autoritárias, elitistas, tradicionais e de gosto colonial. Além disso, Freire (1982) reforça sobre a natureza política da educação e nossa posição, nossa não neutralidade, nosso compromisso. É

necessário educadores com clareza política que expressem coerência entre o discurso e a prática.

Kaplún (1999) também provoca a compreender o caráter social e comunitário da educação, que além de ser uma condição natural é também um valor. Sendo assim, pela educação criam-se vínculos entre as pessoas, compartilham-se conhecimentos e possibilita-se um ambiente capaz de fortalecer a liberdade. Nesta linha, Freire (1982) destaca que é preciso criar pontes e conexões entre a sabedoria popular e o conhecimento científico. Para tanto não podemos perder nossa capacidade de sonhar sonhos possíveis, fazer descobertas, entender o limite entre esses espaços e que alguns problemas antigos permanecem no Brasil até os dias atuais, inclusive pensando especificamente no sistema educacional. Por isso, Freire (1982) propõe a educação libertadora enquanto prática utópica. Mas a utopia se coloca no sentido de dinâmica dialética, compreendendo a denúncia e o anúncio.

Como encontrei nas contribuições de Kaplún (1999), um ponto fundamental em nossos estudos e na forma como entendemos o campo da comunicação é ultrapassarmos a visão de que a comunicação está unicamente ligada aos meios e tecnologias da comunicação. Como mencionei na problemática inicial da pesquisa, a comunicação está em todos os lugares e faz parte da nossa vida. É fundamental assumir que a comunicação está presente em todo processo educativo, não apenas no uso dos meios. Sendo assim, a comunicação vai além da instrumentalidade midiática e tecnológica, necessitando ser pensada como um componente pedagógico.

Para Kaplún (1999) não basta falar sobre a educação bancária descrita por Freire, é preciso compreender que existe uma versão moderna em que a educação é o caixa automático dos bancos. Nesse sentido, existe um projeto de educação informatizada, onde somos seres tecnologicamente hipercomunicados, porém, socialmente isolados. Acrescento a esta perspectiva de Kaplún o fato de estarmos atualmente hiperconectados, com aparelhos que são chamados de computadores vestíveis, ou seja, já integram e fazem parte de nosso corpo. A questão são quais limites estamos dispostos a impor ao uso das tecnologias, pois as afetações não se dão apenas no campo de interações sociais, mas também em nossa saúde mental e em até na possibilidade de atrofia de pensamentos.

Fazendo menção ao uso das tecnologias na educação, Kaplún (1999) discorre sobre o ensino à distância, propondo que sem uma compreensão crítica sobre o uso das tecnologias na educação, o ensino à distância estaria propenso a causar “(in)comunicação”. Entendo o ponto de vista do autor, que está situado em uma época em que poucas pessoas tinham acesso às tecnologias como computadores, internet e celulares. Acrescento à perspectiva do ensino à

distância minha preocupação com a qualidade das formações, pois percebo centros universitários cada vez mais acessíveis, porém, não se comprometem com o ensino e aprendizagem dos educandos, tornando o trabalho dos educadores desvalorizado ou dando abertura para pessoas sem preparo teórico-metodológico tornarem-se educadores. Considero um problema dual, pois sei que muitas pessoas só conseguem estudar por meio destas instituições devido à diversas questões pessoais, mas também percebo que estamos em um mercado onde universidades tornaram-se fábricas de diplomas.

Apesar disso, hoje, vivendo em uma realidade pós-pandemia, percebo como as tecnologias de informação e comunicação foram necessárias e viabilizaram a manutenção do sistema educacional. Claro, estou ciente de que não estávamos estruturalmente preparados para tamanha interação tecnológica, principalmente por grande parte da população não ter acesso às tecnologias. Mesmo assim, relembro que minha efetiva participação no Mestrado somente foi possível por conta das aulas remoto-presenciais que tivemos no PPG. Minha turma de Mestrado é umas das provas que as tecnologias podem ser muito úteis, importantes e fundamentais no sistema educacional. Conseguimos produzir trabalhos de excelente qualidade, participamos ativamente das aulas, de eventos, apresentamos trabalhos e tudo foi possível porque uma combinação de fatores como o esforço dos educadores e nossos próprios esforços proporcionaram isso, inclusive contando com a participação de colegas de diversos estados brasileiros e pesquisadores de outros países convidados para as aulas.

Essa partilha de uma vivência pessoal que tive tem relação com a proposta de Kaplún (1999) de que o emprego dos meios na educação deve fortalecer o pensamento crítico e criativo. Dessa forma, compreendo que o uso da tecnologia no sistema educacional deve estar a serviço de um projeto pedagógico, ultrapassando a racionalidade técnica dos meios para que sirvam como espaço de fala no ambiente educativo. Concordo com Kaplún (1999, p. 75), a educação à distância deve ser “um alargamento da comunicação cara a cara e não como sua substituição virtual”.

Nesse sentido, entendo que no processo educativo a comunicação é fundamental e ela se dá por meio da linguagem. Como Kaplún (1999) compartilha, o pensamento vive através das palavras e a linguagem é a ferramenta do pensamento. Dessa forma, o objetivo é que os educandos possam desenvolver sua competência comunicativa. Kaplún (1998) desenvolveu uma abordagem crítica e participativa, o comunicador entendia que ao integrar os processos de comunicação e educação seria possível estimular a participação ativa das pessoas em diferentes esferas, de forma a promover a transformação social. Por isso o autor contribuiu para os estudos relacionados à comunicação comunitária.

Retomando o sentido dialógico e problematizador da educação, Kaplún (1998) também seguiu as teorizações sobre a pedagogia crítica. Dessa forma, entendia que a abordagem educativa necessitava problematizar a realidade vivida pelas pessoas e que pudesse estimular uma reflexão crítica, isso partia da premissa “ação-reflexão-ação”. A educação sob esta perspectiva estaria fundamentada no princípio de desenvolvimento das capacidades dos educandos para que pudessem questionar, analisar e transformar sua própria realidade, promovendo a consciência e a ação social.

Sendo assim, para Kaplún (1998) existe uma “pedagogia da comunicação” que deve ser entendida como um campo interdisciplinar que utiliza os meios de comunicação como ferramentas educativas, permitindo a expressão, a participação e a construção de conhecimento pelos próprios educandos. Essas ideias contribuíram para o desenvolvimento de práticas educativas mais participativas, críticas e transformadoras, que buscam promover o empoderamento dos sujeitos e a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Nesse sentido, a partir destes pensadores latinos que discutiram educação e comunicação desde uma perspectiva crítica, a educomunicação passa a ser conceituada como um campo importante na formação de indivíduos críticos e participativos. Um dos principais pontos de ação da educomunicação é viabilizar a voz e o poder de decisão dos educandos, que se reconhecem como sujeitos ativos na produção de conhecimentos e no desenvolvimento de habilidades comunicativas. A comunicação dos educandos vai além da capacidade de ler e escrever, inclui construir aprendizados relacionados à interpretação crítica e a produção de conteúdos multimídia.

A educomunicação ocupa o espaço de estímulo à curiosidade dos educandos, assim acontece também o estímulo ao questionamento, à reflexão e à investigação sobre a realidade. Assim, percebe-se a educomunicação, como processo dialógico, onde o papel dos educadores é a mediação do conhecimento, fortalecendo a participação crítica dos educandos. Porém, não deixo de mencionar a necessidade da inclusão social e digital neste processo, pois tanto a educação como a comunicação são direitos dos cidadãos. A democratização do acesso aos recursos tecnológicos tem relação direta com a cidadania.

O objetivo é fortalecer a expressão e o protagonismo dos educandos, usando os meios de comunicação e as tecnologias da informação como ferramentas educacionais. Dessa forma, a educomunicação reforça a importância da comunicação nos processos educativos, considerando seu caráter inerente às relações humanas e ao aprendizado. Reconhece-se as individualidades dos sujeitos comunicantes que estão envolvidos no processo educativo e se

preza pela capacitação no uso dos recursos tecnológicos a partir de uma perspectiva dialógica, dialética e participativa.

A partir das perspectivas teóricas que discuti até este momento e do diálogo estabelecido com os autores, parto da ideia de que para entender os processos educativos e comunicacionais do objeto empírico de referência são necessárias conexões e pressupostos fundamentais no tratamento das temáticas e na forma como entendo a educomunicação nos processos desenvolvidos na Cidade Escola Ayni.

Inicialmente penso no sentido de participação e igualdade, tendo em vista que a escola em questão é gratuita apesar de não ter apoio governamental. Considero que precisa existir uma participação genuína, um interesse em fazer parte da escola que envolva os pais, as crianças e os voluntários, mas, além disso, uma abertura para que outras pessoas possam integrar o projeto, independente de questões sociais, raciais ou de gênero.

Fazendo menção ao projeto de educação como ferramenta de libertação, acredito que a primeira associação está vinculada à visão crítica do sistema educacional tradicional e na forma como acontecem os processos educacionais, pois na Ayni pressuponho que exista uma quebra da visão de educação verticalizada. Identifico isso na forma como a escola se apresenta, apesar de ser contraturno, reforçando a mudança no sistema com ateliês que integram múltiplas idades, mesas e cadeiras grupais dispostas em círculo, sem direcionamento de atividades, sem concepção de recreio, sem sirene, sem tema de casa, sem provas. Essas particularidades me fazem relacionar a Ayni com uma concepção de educação não bancária.

Por isso, penso que a participação ativa e o protagonismo dos educandos também são pontos a serem relacionados, pois o diálogo é um aspecto fundamental para a construção de aprendizados relevantes para o sujeito educando. Com a proposta de não direcionamento das atividades, entendo que o educador atua como mediador nas atividades e que o educando é livre para se expressar e se dedicar aos projetos que são de seu interesse, tendo acesso à diversos materiais que possibilitam estímulo à criatividade e inventividade, como também a ideia de autonomia do educando. A comunicação está presente neste processo seja nas mediações midiáticas e comunicacionais que compõem cada sujeito educando ou educador, mas também no convívio entre colegas diariamente.

Considero que a autonomia tem relação com o princípio educomunicativo da conversa entre teoria e prática. Entendo que na Ayni existe um fortalecimento da ideia de livre aprendizagem e de conhecimentos úteis para a vida, ou seja, imagino que há um incentivo para que as atividades desenvolvidas na escola tenham relação com a vida fora dela, seja em casa, na comunidade e até mesmo na escola regular frequentada pelas crianças. Assim, teoria e prática

estão presentes em todos momentos, seja cozinhando, plantando, limpando os espaços, brincando ou criando projetos.

Da mesma forma, se considero que teoria e prática estão vinculadas, também preciso considerar os saberes e competências de cada sujeito, mas sabendo que são níveis diversos de competências e trajetórias, tendo em vista que as crianças e os adultos possuem diferentes experiências e vivências. Isso também precisa ser levado em consideração quanto aos diálogos que expressam a visão de cada sujeito educando sobre as questões de ecologia, que são o foco da pesquisa. Assim, entendo que a temática ecológica pode ser abordada de distintas formas, pois cada sujeito educando demanda uma metodologia personalizada que leve em consideração seus conhecimentos prévios sobre o assunto.

Em relação à dimensão ecológica vivida na Ayni, pressuponho que se formem pensamentos críticos sobre o assunto, independentemente da idade dos sujeitos educandos. Isso pode aparecer na forma como os sujeitos educandos usam os materiais e experienciam o ambiente, como a questão da economia, da reutilização, da reciclagem, do sentido de coletividade que demonstra uma preocupação com o planeta, no uso consciente da água e dos alimentos, no respeito ao bosque e aos animais e insetos que ali vivem.

A próxima discussão teórica está voltada à forma como os sujeitos comunicantes são atravessados pelo processo de midiaticização e como isso causa transformações no aprendizado e nos ambientes educativos.

4.2 Sujeitos comunicantes e apropriações comunicacionais e midiáticas

Como propus na problemática de pesquisa, entendo que ao investigar uma escola estou em contato direto com os sujeitos que ali interagem. Sendo assim, esses sujeitos precisam estar presentes na investigação e serem assumidos como sujeitos educandos e também, como sujeitos comunicantes. Mas, como cheguei até este conceito? Parte desta discussão tem ligação com os estudos culturais e a economia política da comunicação, mas fundamentalmente com os estudos em consumo e recepção, que problematizo a partir deste ponto do texto. Compreendo também que é importante uma discussão que considere a forma como os sujeitos comunicantes interagem, consomem e se apropriam dos meios digitais para além dos meios tradicionais de informação e comunicação.

Como bem colocado por Sodré (2014), a comunicação humana em toda sua diversidade assume um papel político e democrático para a difusão cultural. Dessa forma, é preciso compreender que os fenômenos comunicacionais são atravessados por dimensões culturais que

envolvem questões territoriais, costumes, comportamentos, linguagens, afetos e práticas sociais que estão relacionadas à historicidade e religião, por exemplo. Assim, compreendo que a cultura se desenvolve no cotidiano e sustenta uma teia de relações que são formadas no dia a dia pela experiência e vivência de cada pessoa, expressando a realidade em que se vive.

Partindo das definições de Hall (2016), entendo que os estudos culturais em comunicação viabilizam fundamentos epistemológicos e políticos, articulações, sentidos e relações de poder. Por isso, o autor defende a importância da cultura na interpretação da realidade e dos comportamentos, além da construção de identidade dos sujeitos e da representação. Dessa forma, Hall (2016) compreende a cultura como uma maneira de dar sentido e significado às coisas, sendo possível sua existência a partir do compartilhamento com outras pessoas. Tendo em vista estas definições, é preciso compreender que os processos midiáticos fazem parte de nossas vidas e é importante pensar como as identidades são representadas na mídia e quais são as políticas de enquadramento e representação vigentes.

Nesse sentido, Gomes e Antunes (2019) apresentam questões da obra de Raymond Williams, pensador dos estudos culturais que discute a questão da estrutura de sentimento. Williams conceitua a cultura como um sistema social, material e produtivo, pois os meios de comunicação tornam-se meios de produção comunicativa e cultural. Para Gomes e Antunes (2019), a teoria precisa estar engajada com a transformação social e isso só é possível com a articulação da mudança cultural. Semelhante a este pensamento, Hall (2016) propõe que é preciso teorizar a comunicação como um campo cultural.

A estrutura de sentimento proposta por Williams avalia a historicidade, conformação das relações sociais, compreensão, cognição, gestos, interpretações e linguagem interligados e incorporados nas práticas culturais. Isso significa que é preciso assumir os estudos culturais a partir de uma visão crítica, onde sejam considerados os aspectos específicos da vida cultural e das práticas, como também a forma como as pessoas experimentam essas vivências (Gomes; Antunes, 2019).

Trazendo uma visão sobre as questões de identidade e ideologia, Hall (2016) afirma que a comunicação deve ser compreendida como um campo interdisciplinar onde o pluralismo democrático precisa ser problematizado. Dessa forma, é preciso ter consciência que os meios de comunicação são permeados pelo domínio de sentido e que a teoria e a pesquisa em comunicação estão ligadas às questões ideológicas. Assim, compreendo que “a produção e a transformação do sentido são parte integral das relações culturais nas sociedades modernas” (Hall, 2016, p. 43). Outro ponto importante é refletir as formas como a ideologia constrói os

sujeitos sociais e, além disso, como a ideologia também pode posicionar esses sujeitos em relação às práticas sociais e políticas.

Entendo que as identidades individuais são reveladoras ao estudar consumo e recepção, porém, também é preciso atentar-se para as identidades coletivas. Para Hall (2006, p. 31), ao pensarmos em grupos e normas coletivas temos

(...) uma explicação alternativa do modo como os indivíduos são formados subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas; e, inversamente, do modo como os processos e as estruturas são sustentados pelos papéis que os indivíduos neles desempenham.

Sendo assim, apesar da individualidade ser uma peça fundamental, as relações mantidas em sociedade também moldam a identidade. A partir disso, considero as paisagens afetivas discutidas por Gomes e Antunes (2019) juntamente com as lutas identitárias. Essas questões estão relacionadas com a forma como defendemos determinadas agendas, seja pela organização, disciplina, mobilização, atenção, humor ou paixão; ou seja, é a importância que cada pessoa dá a certas instâncias de sua vida. Nesta esfera também é necessário compreender que existem identidades variáveis, híbridas, heterogêneas e fragmentadas (Gomes; Antunes, 2019). Assim, deve-se considerar os sujeitos em sua individualidade, sabendo que suas experiências afetam a forma como compreendem os fenômenos comunicacionais.

Considerando que os meios participam da construção identitária dos sujeitos e também são agentes de poder, é relevante pensar no processo de dataficação, que busca converter todos os aspectos da vida em dados. Como Couldry (2019) apresenta, é preciso avaliar quanto do mundo *online* tem feito parte de nossa cultura e constituição como sujeitos. Essa posição do autor pode ser relacionada com a tecnocultura de Williams, problematizada por Gomes e Antunes (2019). Os autores assumem a tecnocultura como um campo de disputa e conflito. A ligação entre tecnologia e cultura conceituada por Williams considera que os fenômenos comunicacionais são incorporados na vida cotidiana. Por isso, é necessário avaliar a heterogeneidade que constitui as tecnologias, as apropriações das tecnologias e como vivemos individualmente e compartilhamos tecnologias (Gomes; Antunes, 2019).

Por esse motivo, Couldry (2019) compreende os rituais como dependentes do mundo social. Assim, considera as redes sociais como um lugar onde existe um processo de socialização. Apesar disso, o autor provoca a pensar quanto tempo despendemos em plataformas de mídias sociais, considerando que muitas pessoas possuem sua vida social

basicamente resumida ao ambiente digital. Então me pergunto: em qual ambiente a vida social acontece?

As plataformas são construções de softwares complexos, promovem o processo de vigilância e coleta de dados generalizada sobre o mundo, por corporações de todos os tipos. Dessa forma, a tomada de decisão acaba sendo baseada em algoritmos, o que pode contribuir com a discriminação econômica e social, pois os dados atuam como recurso para gerenciar a população (Couldry, 2019).

Considerando que ao tratar sobre cultura existe uma negociação de sentidos o tempo todo, assumo os estudos culturais como uma disciplina política, pois compreendo que o domínio cultural se dá por meio da comunicação. Assim, é preciso refletir sobre a capitalização da vida humana e estar ciente que a ordem social está sendo construída para interesses corporativos, onde a mídia ordena o que fazemos.

Além dos pontos relacionados ao trabalho e aos conflitos sociais que são vistos nos meios digitais, o que permeia a discussão das plataformas é a forma como elas tornaram-se lucrativas. Nas relações de disputa de poder, a economia política discute quem detém os meios e as plataformas, como os meios de produção funcionam em seu interior e como se dá a gestão desses processos. Como vejo em Srnicek (2018), é preciso atentar-se ao capitalismo de plataforma, onde a gestão de mídias pode ser vista como uma prática cultural. Pelo capitalismo de plataforma percebe-se a exploração de dados por meio do *Big Data*. Para Srnicek (2018), o capitalismo de plataforma demonstra a mudança ocorrida no polo produtivo, onde a matéria-prima são os dados para além do consumidor-produtor.

Em tempos de expansão de plataformas, identifico um movimento de reestruturação de grandes meios de comunicação, que passam a encontrar alternativas para a difusão de seus produtos midiáticos. Nesse sentido, percebe-se a preocupação com a relevância dos algoritmos, pois pode-se interpretar um falso engajamento que permeia a lógica de criação e extração de valor.

Como explica Gomes (2016), é preciso considerar que a sociedade se constitui por meio da comunicação e esta mesma sociedade viveu inúmeras transformações sociais e tecnológicas que nos levaram ao processo de midiaticização. Nesse sentido, “a midiaticização é usada como um conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural” (Gomes, p. 1, 2016). Isso significa que existe uma complexidade em analisar esse processo, porém percebe-se que pelos meios digitais a comunicação passa a ser potencializada. Sendo assim, ao estudar a sociedade contemporânea é inevitável não assumir a midiaticização como uma ambiência.

Para Figaro (2018, p. 178) a comunicação deve ser compreendida como “atividade fundante do Ser social”. Isso significa que, da mesma forma que o trabalho, a comunicação é fundamental para a evolução humana. Para além da perspectiva relacionada pela autora, nesta pesquisa reforço como a comunicação é parte integrante dos processos educativos e da vida dos sujeitos comunicantes. Sendo assim, entendo que a midiatização é um processo que fez amplificar a presença dos meios de comunicação nas sociedades e esta expansão não passa em branco, quando ela entra nos âmbitos sociais, inclusive no âmbito educativo, ela vai transformando as lógicas destes ambientes.

Essa discussão me leva a compreender como se dão os estudos em consumo e recepção, entendendo que por muito tempo estes estudos preocuparam-se apenas com a relação entre os meios de comunicação tradicionais e os sujeitos. Dessa forma, havia uma predisposição em considerar os sujeitos como personagens passivos neste processo, sem considerar as individualidades e nuances que cada sujeito possui. Porém, percebo que na América Latina há muitos anos se discute a forma como consumo e recepção, ou receptividade comunicativa como estudos mais recentes conceituam, são fenômenos complexos e não podem ser estudados sem uma visão multidimensional dos sujeitos e fenômenos comunicacionais. Com o surgimento da internet e da constituição dos meios digitais que conhecemos atualmente, consumo e recepção são assumidos com uma visão problematizadora, que busca analisar as particularidades de cada objeto, pois a recepção está intimamente ligada com as experiências de cada pessoa. Isso compreende também o lugar de fala da “massa” conectada, que considera os cidadãos receptores como produtores de sentido (Winques; Longhi, 2020).

A midiatização abrange dois movimentos simultâneos e dialéticos. De um lado, ela é fruto e consequência das relações, inter-relações, conexões e interconexões da utilização pela sociedade dos meios e instrumentos comunicacionais, potencializados pela tecnologia digital. De outro, ela significa um novo ambiente social que incide profundamente nessas mesmas relações, inter-relações, conexões e interconexões que constroem a sociedade contemporânea. A sociedade é em midiatização. O ser humano é em midiatização. Isso, hoje, sublinhe-se, configura um novo modo de ser no mundo (Gomes, p. 18, 2016).

Essa concepção da midiatização me faz pensar nos usos e apropriações a partir da crítica de Martín-Barbero (1997) sobre a perspectiva tradicional da comunicação, onde as discussões se concentravam exclusivamente nos meios de comunicação como rádio e televisão e deixava-se de lado a compreensão das mediações sociais e culturais pelas quais as mensagens são propostas e interpretadas.

Nesse sentido o conceito de midiatização a partir de Sodré (2006) traz novas visões sobre a relação dos sujeitos com as mídias. Ele destaca a crescente influência dos meios de comunicação na sociedade contemporânea, onde a m dia não apenas transmite informações, mas também molda valores, comportamentos e relações sociais. Para Sodré (2006), a midiatização não se limita   simples presença dos meios de comunicação na vida cotidiana, mas sim   sua capacidade de reorganizar e reconfigurar diversos aspectos da sociedade. Sendo assim, compreende a midiatização como um fenômeno complexo, um processo multifacetado e em constante evolução, que desempenha um papel fundamental na formação da identidade e da cultura contemporânea e que envolve a interação entre as mídias e outros sistemas sociais, como a política, a economia, a cultura e a religião (Sodré, 2006).

Foi baseado nestas reflexões que Sodré (2006) passou a abordar o “*bios* midiático” como uma dimensão em que a sociedade contemporânea está inserida, para  l m das três dimensões definidas por Aristóteles: conhecimento, prazer e política. Esse quarto *bios* não se trata de um espaço físico, mas a vida como espectro, a média como ambiência. No *bios* midiático o objeto predomina sobre o sujeito. Diferente disso, o “*ethos* midiático” é a articulação entre os meios de comunicação e informação e a vida social. Sodré (2006) reforça que o *ethos* midiático está intrinsecamente ligado ao contexto cultural, político e econômico em que os meios de comunicação estão inseridos e que sua construção e manutenção são influenciadas por esses fatores.

Seguindo a ideia de uma conceituação para o processo de midiatização, Maldonado (2019) discute sobre a linha que articula a midiatização e as mediações. Para o autor, ao longo dos anos com a transformação tecnológica na comunicação, o sentido de “tornar comum” foi enfraquecido e a comunicação passou a seguir em uma direção “transmissional” com foco na circulação das mensagens de forma eficiente. Sendo assim, “pode-se pensar a midiatização como um processo histórico singular que aconteceu de forma expansiva e intensa no século XX” (Maldonado, 2019, p. 192).

No livro “*Ciência do Comum*” Sodré (2014) compartilha novas perspectivas, destaca o papel central da tecnologia na midiatização, enfatizando como as novas mídias digitais têm ampliado ainda mais o alcance e o impacto da média na sociedade contemporânea. Dessa forma Sodré (2014) explora a ideia do “comum” como uma categoria central para entender as dinâmicas sociais e culturais da contemporaneidade. Ele argumenta que a comunicação desempenha um papel fundamental na construção do comum, tanto como espaço de interação e compartilhamento quanto como arena de conflitos e disputas. Semelhante a este pensamento,

Maldonado (2019) entende a midiatização como um processo, atuando na construção e desconstrução de saberes.

Entendo assim, que nos processos comunicacionais há questões que são atribuídas à midiatização, mas uma dimensão fundamental não pode ser esquecida ao tratarmos sobre este assunto, que são as mediações. De acordo com Maldonado (2019)

A compreensão dos processos comunicacionais contemporâneos supõe, portanto, uma articulação de fundo entre processos de midiatização – como constructos, campo e materializações técnicas– e processos de mediação – como elementos históricos, sociais, políticos e culturais de base, estruturadores das matrizes dos jogos, dos pactos, das configurações e das produções de sentido (Maldonado, 2019, p. 203).

A partir desta reflexão é possível aprofundar-se nos estudos de receptividade comunicativa. De acordo com Figaro e Grohmann (2017), os estudos de recepção na América Latina visam afastar-se das teorias funcionalistas, saindo da perspectiva que vê indivíduos e interesses para uma visão de sujeitos em distintas classes. Como Livingstone (2018) explica, existe um enquadramento das audiências em relação ao seu tempo e é preciso compreender que o que o público diz e o que é dito sobre ele está aberto a múltiplas leituras. Isso significa que questões de representação e identidade permeiam os estudos de recepção e somente a partir da inserção no ambiente estudado é que conseguiremos propor questões e reflexões. Os estudos de consumo e recepção devem trabalhar em um processo teórico-metodológico que leve em conta a comunicação, a cultura e a política.

Pensando nos ambientes digitais que incorporam as relações entre sujeitos, artefatos e produtos midiáticos, é válido considerar que não tratamos de públicos homogêneos, pois os sujeitos são multiculturais e multidimensionais. Isso se refere também à pluralidade e hibridez dos perfis presentes na rede.

O conceito de sujeito é o que precisa ser problematizado. O indivíduo/social, sujeito, ao ser contextualizado na complexidade das relações sociais com a coletividade, no cotidiano, nas instituições, nas relações de poder, nas relações de classe, nos conflitos, nos discursos e nas mídias passa a ser compreendido como ser particular e histórico, paciente-agente da transformação social (Figaro; Grohmann, 2017, p. 149).

Assim, entendo que estudar a receptividade comunicativa é uma tarefa que envolve distintas perspectivas, é preciso discutir os usos, as apropriações e as produções de sentido que

são dependentes do contexto familiar, histórico, institucional, cultural e político em que o sujeito está inserido (Winques; Longhi, 2020).

Nesse sentido, identifico uma ressignificação dos espaços. Livingstone (2018) vai além e esclarece que o meio não define o público, por isso se deve pensar mais nos sujeitos do que nos meios. Entendo que a constituição do sujeito como cidadão precisa considerar o consumo e as mediações pelas mídias e tecnologias da informação. Mais do que pensar o fenômeno da recepção, é preciso avaliar, problematizar e pesquisar sua inserção social e cultural, pois se apresentam as identidades culturais e vivências cotidianas dos sujeitos (Winques; Longhi, 2020). Sendo assim, é fundamental levar em consideração o contexto e as experiências que fazem parte do cotidiano dos sujeitos, pois tudo isso afeta a forma como interagem com os meios e como se dá a produção de sentido.

Ao pensar nas dificuldades enfrentadas nos estudos de receptividade comunicativa na internet, identifico que a recepção também está relacionada aos rastros digitais que deixamos; dessa forma, o sistema de recomendação pode influenciar o comportamento e a ação do sujeito. Livingstone (2018) afirma que os dados treinam a partir do que fornecemos na internet. Assim, quando recebemos algum serviço gratuito, talvez seja porque nós somos o produto.

De qualquer forma, fica perceptível que “a produção de sentido se dá por meio da combinação das diversas mediações que intervêm no processo de recepção” (Winques; Longhi, 2020, p. 17). Isso me faz entender que as identidades são construídas por comunidades de apropriação e a audiência precisa ser assumida como ativa e interpretativa (Livingstone, 2018). A partir disso, discuto a teoria de consumo e recepção³⁴ na comunicação, problematizando a posição dos sujeitos na relação com as mídias. De acordo com as colocações de Mattelart e Mattelart (2004) sobre os procedimentos do consumo, a questão da recepção era vista a partir de uma abordagem funcionalista que envolvia o polo emissor e polo receptor. Era clara a tendência estruturalista de isolar emissores e mensagens, sem avaliar o que estava nesse entorno. A partir dessa perspectiva, o consumo era compreendido como um fenômeno e não como um processo, que envolve várias questões.

Em diálogo com Maldonado (2014), entendo que a produção de sentido não ocorre de forma fixa, pois as culturas são distintas e complexas. Por isso, estudar a receptividade

³⁴ Trechos do texto sobre consumo e recepção e sobre cidadania que será apresentado no próximo tópico podem ser encontrados no artigo “*Cidadania em transformação: os desafios de uma sociedade multicultural, multidimensional e midiaticizada*”, apresentado por mim no GP Comunicação para Cidadania, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação que foi realizado na Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, PB, em setembro de 2022.

comunicativa requer um olhar inclusivo sobre as diferentes dimensões dos sujeitos e das mídias com as quais eles se relacionam.

Como Mattelart e Mattelart (2004) reforçam, houve uma época em que a mídia era tratada como onipotente, por isso os sujeitos não eram vistos como determinantes no processo de receptividade, ou seja, um consumidor passivo em face de uma mídia ativa. Outro ponto que é abordado por Mattelart e Mattelart (2004), é a mudança que acontece a partir do momento que o povo-popular passou a ser o homem-massa. Assim, se começa a discutir sobre os meios de comunicação de massa, quando esses meios passam a estar ao alcance de classes inferiores. É importante considerar a problemática nos usos do termo “massa”, porque se pressupõe uma sociedade homogênea e isso exclui a diversidade cultural em que vivemos. Essa questão também pode ser percebida nas provocações de Maldonado (2014) sobre como é importante entender que os sujeitos são multidimensionais, isso significa que as relações entre sujeitos e mídias perpassam suas culturas, realidades, sensibilidades e subjetividades.

Pensando nos estudos em comunicação que desenvolvemos na América Latina, a receptividade comunicativa precisa levar em conta os processos de cidadania insurgente vividos pelos sujeitos latino-americanos. Isso significa que por trás da concepção do sujeito existe um processo de luta por sua identidade e por seu lugar no mundo, como Martín-Barbero (2018) apresenta ao tratar que a constituição do sujeito é uma construção, que leva o ato de viver como conteúdo primário. Assim, a existência e o corpo tornam-se lugares onde se realizam as apropriações do mundo. Por isso, Mattelart e Mattelart (2004) propõem pensar na problemática do termo recepção, pois o sujeito tem sua história e essas vivências afetam o consumo das mídias.

Como foi discutido anteriormente sobre os problemas de acesso aos meios que muitas pessoas enfrentam, Bonin (2016) traz uma contribuição relevante. “As apropriações digitais dependem, também, das possibilidades de acesso dos sujeitos a essas mídias, bem como do domínio efetivo de competências tecnológicas e multimidiáticas, entre outros elementos, para realizarem-se plenamente” (Bonin, 2016, p. 218). Sendo assim, entendo que as apropriações midiáticas e comunicacionais ocorrem de forma particular, dependendo de cada sujeito, de cada experiência e história com as mídias.

Como pude ver no estudo de Maldonado (2014) sobre a receptividade comunicativa da televisão por famílias brasileiras, se configuram diferentes espaços e existem distinções importantes entre sujeitos de uma mesma família, desde comportamentos até os significados que cada um credita ao produto midiático que assiste. Pensar em recepção e consumo implica

entender o sujeito e suas necessidades, que além das básicas também englobam o desejo do consumo. (Martín-Barbero, 2018).

Sendo assim, estudar a relação entre objeto e sujeito implica considerar que os sujeitos são ativos. Como Mattelart e Mattelart (2004) explicam, cada pessoa tem uma forma de ler, de ver e de escutar. Possuímos personalidades e vivências singulares que nos fazem perceber e compreender os fenômenos de diferentes maneiras. Além disso, a forma como somos afetados pelos acontecimentos também é única para cada um, pois pode despertar diferentes ideias e conexões. Dessa forma, é preciso considerar os sujeitos como produtores de sentido.

Chego assim à questão que Maldonado (2014) apresenta, que é compreender os sujeitos como sujeitos comunicantes. Esse conceito está relacionado à importância da construção de uma cidadania comunicativa. Da mesma forma que Mattelart e Mattelart (2004) compreendem a cultura popular como uma cultura do presente, Maldonado (2014) faz pensar os sujeitos com cada individualidade, o que melhor expressa a diversidade. Pensar no sujeito comunicante me faz discutir o que Martín-Barbero (2018) fala a respeito do sujeito como suporte abstrato do ato de pensar, considerando que o corpo é a primeira palavra. Assim, penso nas diferentes formas de se comunicar, o corpo fala e a palavra vai sendo adquirida em nossa inserção no mundo, pois a linguagem não é apenas traduzir ideias, mas sim habitar o mundo. (Martín-Barbero, 2018).

Quando se compreende os sujeitos como produtores de sentido, abre-se espaço para a liberdade de opinião e expressão a partir dos meios de comunicação. Como vejo em Mattelart e Mattelart (2004), é possível identificar uma relação entre o conteúdo e a forma como a comunicação acontece, mostrando compreender os diferentes públicos que os meios atendem, pois existe a capacidade de intervenção da audiência.

Compartilho a discussão proposta por Bonin (2016) a respeito das apropriações midiáticas, onde a autora destaca a importância de compreendermos como as pessoas interagem, produzem e consomem conteúdos em ambientes mediados pela tecnologia. Bonin ao longo de seus textos enfatiza que os sujeitos comunicantes não são meros receptores passivos de mensagens, mas agentes ativos que participam ativamente da produção e circulação de significados na era digital. Ela observa como a internet e as redes sociais têm possibilitado novas formas de expressão e colaboração, dando voz a grupos antes marginalizados e desafiando as hierarquias tradicionais da comunicação.

Pensando nas formas coletivas de manifestação pelos meios, reconheço um campo de inovação para as práticas de intervenção social. Os meios de comunicação assumem um papel estratégico na reprodução das relações sociais (Mattelart; Mattelart, 2004). Por isso, Martín-Barbero (2018) considera que a linguagem precisa ser vista como uma comunidade, uma rede

de relações que se nutre, considerando a subjetividade de cada pessoa e como se dá o processo de significação. É preciso reconhecer que a linguagem expressa o mundo em suas dimensões natural, histórica e social. Dessa forma, reconheço a palavra como objeto de existência militante, que carrega sua história. Sendo assim, tomar consciência é se situar no discurso e na vida (Martín-Barbero, 2018).

Entendo, assim, que na Cidade Escola Ayni a midiatização pode estar atravessando e transformando os processos educacionais nas suas múltiplas possibilidades tecnológicas. Não posso pensar os processos educacionais sem entender que os sujeitos comunicantes estão situados dentro de um ecossistema comunicacional. O processo de midiatização atravessa a experiência dos educadores e educandos de distintas formas, como também a experiência das pessoas que vão na escola, que inclusive chegam até ela por conta das mídias digitais.

Sobre os temas que discuto, por exemplo, se os sujeitos educandos já não tiveram prévias concepções sobre ecologia, hoje aprendem em todos os lugares. As mídias são ambientes onde as pessoas aprendem muitas coisas. Seus prévios aprendizados podem vir de diversas mídias, como a TV ou as redes sociais. Hoje os meios são elementos fundamentais na configuração das culturas, nas identidades, nos saberes, nas práticas, nos costumes, etc. Sendo assim, a trajetória de experiências com as mídias deve ser considerada ao pensar nos sujeitos educandos.

Da mesma forma, os saberes e competências no espaço geográfico que discuto podem estar fortemente ligados às práticas familiares em relação à agricultura e ao meio ambiente. Assim, devo considerar que os conhecimentos prévios podem ser produtivos ou ser precários, descontextualizados ou ainda vinculados à exploração capitalista do meio ambiente. As concepções prévias podem ser certas ou não, mas precisam ser discutidas porque são a forma como os sujeitos coparticipes pensam. Dessa forma, a pesquisa se coloca no lugar de proporcionar a desconstrução de saberes equivocados e de fortalecimento de saberes situados. Os pontos negativos são geradores de temas de discussão e problematização, confrontação dos conhecimentos prévios. E quem já tem uma visão crítica sobre a temática ecológica, pode pensar nas formas como esse discurso pode ser nutrido.

Posso encontrar sujeitos educandos que já vem de uma trajetória de movimentos de preservação ambiental e conscientização, da mesma forma que posso encontrar outros que não acreditam no aquecimento global. As abordagens precisam ser sensíveis às nuances, vivências, experiências e oralidades dos sujeitos, pois além de distintas idades, cada sujeito educando faz parte de uma realidade particular, uma vida familiar e comunitária que pode divergir em relação aos outros.

Nesse sentido, a seguir problematizo a perspectiva teórica que relaciona a cidadania com a ecologia, compreendendo que existe um vínculo entre os dois temas, pois, pela minha visão, tratar sobre uma plena cidadania requer pensar na totalidade e integridade do planeta Terra.

4.3 Cidadania vinculada à ecologia: assumir-se como parte do todo

Discutir sobre sujeitos comunicantes está intimamente ligado à cidadania, pois a essência de cada sujeito se expressa em sociedade. Ao pensar em cidadania, uma série de questões podem surgir inicialmente. Talvez este conceito esteja relacionado com direitos e deveres do cidadão, à vida em sociedade, à constituição de espaços para debate, ou então, no acesso à saúde, educação, trabalho, saneamento básico e moradia. Porém, a cidadania está implicada em diferentes perspectivas do nosso cotidiano.

Historicamente a definição de cidadania começou a ser discutida ainda na Idade Média, quando algumas pessoas começaram a debater sobre os direitos dos súditos na sociedade. Transportando o conceito para a Modernidade, já se percebia a constituição de Estado, por isso a necessidade de definir a relação entre os cidadãos e o poder que governava. Como Cortina (2005) aponta, em meados dos anos 1960, o entendimento sobre cidadania se reduzia basicamente aos pactos sociais que envolviam os direitos e deveres do cidadão. Essa conceituação de cidadania social parte da autoria de Marshall³⁵, que trata sobre o Estado de Bem-Estar.

Hoje, compreendo o conceito com uma problematização mais ampla, assumindo que a cidadania não pode ser reduzida apenas a direitos e deveres, mas deve ser pensada como um campo de disputa de sentidos e poder, de luta por espaços e de contestação por movimentos sociais. As sociedades ainda são atravessadas por discriminação, exclusão e subdesenvolvimento e isso independe de o cidadão cumprir com seus deveres. Por isso, é importante compreender a evolução histórica a respeito da cidadania, pois ela faz parte do dia a dia de todos nós. Por exemplo, ao pensar rapidamente nos direitos das mulheres, são conquistas recentes, que anteriormente não eram compreendidas como exercício da cidadania, seja votar, estudar, dirigir ou trabalhar.

Então, me volto para pensar em uma sociedade que engloba inúmeras culturas e saberes, uma sociedade que ocupa distintos espaços geográficos do planeta, que interage com

³⁵ Thomas Humphrey Marshall (1893-1981) foi um sociólogo britânico, conhecido principalmente pela obra *"Citizenship and Social Class"* de 1950.

tecnologias e espaços virtuais, uma sociedade atravessada pelo processo de midiatização. Como é possível compreender a cidadania com todas essas complexidades?

Quando discuto sobre cidadania é inevitável não pensar em um movimento pela liberdade. A história da humanidade foi construída sobre práticas questionáveis em relação aos direitos humanos e a compreensão sobre os princípios religiosos que estariam regendo os comportamentos sociais. Pela perspectiva de Moglen (2014), vejo a constituição revolucionária da sociedade, passando pela luta de classes e a divisão entre a burguesia e o proletariado. Com a Revolução Industrial, houve a transformação de trabalhadores industriais em consumidores em massa, de uma produção em massa feita por eles próprios.

Considero que após a 2ª Guerra Mundial, muitos países viveram um processo de reestruturação econômica, que passou pela utilização das tecnologias para incentivar o consumo, como apresentei anteriormente na contextualização da pesquisa. Moglen (2014) apresenta um exemplo muito interessante a respeito do desenvolvimento de novos produtos e relações de consumo. De acordo com o autor, é possível observar o envolvimento das crianças com os anúncios, onde mesmo ainda não alfabetizadas, ou nem sequer dominando a língua falada, já conseguem identificar marcas por meio da identidade visual.

Porém, para além do consumo, muitas tecnologias desenvolveram-se e atualmente dependemos delas para trabalhar, estudar e realizar tantas outras tarefas. Assim, é preciso considerar que barreiras de isolamento geográfico e desigualdade social podem dissolver-se a partir do exercício da cidadania e da democratização do acesso a obras de cultura. Por isso, é importante compreender como se constroem as identidades individuais e coletivas, para então questionar os modelos hegemônicos e constituir-se como sociedade.

Como Cortina (2005) descreve, as sociedades passam pela necessidade de gerar identidade entre seus membros, onde possam se reconhecer e se sentir pertencentes. Este sentimento de pertença está relacionado com o fato de que o desejo de participar socialmente aumenta a civilidade. Porém, existem movimentos excludentes que fazem com que determinados grupos marginalizados não sintam os laços de pertença, como imigrantes, refugiados, pobres, LGBTQIAPN+, negros, idosos e pessoas com deficiência. Neste ponto, reconheço a importância do fortalecimento do espaço público, que é heterogêneo, flexível e diverso. O espaço público é capaz de assegurar a economia comum, que visa uma distribuição mais justa da riqueza e promove ações democráticas que podem integrar os grupos desfavorecidos aos ambientes coletivos.

Considerando esses aspectos, relaciono as proposições de Cortina (2005) com a ideia que Maldonado (2011) tem a respeito da construção da cidadania comunicativa, pois comunicar

significa tornar comum, compartilhar. Assim, é necessário o protagonismo dos cidadãos na comunicação, cidadãos estes que possuem suas individualidades compondo suas identidades. Como Maldonado (2011) esclarece, a América Latina ainda vive um processo de alfabetização política, depois de ter passado por longas ditaduras.

Traçando o percurso de uma sociedade construída pela força do proletariado, Moglen (2014) mostra que é preciso entender o espaço do trabalhador na produção do conhecimento. Dessa forma, vivemos em um momento de agir democrático, que precisa ser fortalecido com a participação dos cidadãos nos modos comunicativos. Acompanho em diferentes países movimentos antidemocráticos tomando força e é preciso lutar contra as distorções que alguns governos estão incentivando. Neste sentido, Maldonado (2011) e Moglen (2014) pensam de forma semelhante. Maldonado (2011) afirma que é preciso integrar os cidadãos à produção de conhecimento científico e Moglen (2014) defende que o acesso livre ao conhecimento permite que o cidadão invista seu tempo no cultivo de sua mente e de suas aptidões.

Essas ideias estão diretamente relacionadas ao que Dowbor (2020) expos recentemente em seu livro *“O Capitalismo se Desloca”*, tratando a tecnologia como principal fator de produção, onde o conhecimento é um pilar. O deslocamento do capitalismo está relacionado ao fato de que, diferente de máquinas e trabalho físico, o conhecimento é imaterial. Por isso, mesmo anos antes, Moglen (2014) já defendia a união entre trabalhadores, cientistas, criativos e estudantes, assumindo que suas ideias e criações abalam os proprietários do sistema de produção e distribuição cultural. A partir disso, o autor propõe a abolição da propriedade de ideias, ou seja, que se possa constituir um espaço de livre circulação do conhecimento e restauração da cultura como domínio público.

Problematizando a concepção sobre cultura, Cortina (2005) observa a necessidade do diálogo entre as culturas, em que é preciso entender que a compreensão de outras culturas é indispensável para compreender a própria cultura. Pensar em cultura me faz refletir sobre a valorização dos saberes milenares e o senso comum, aprender que na diversidade humana é onde se encontra a riqueza cultural. Como Martín-Barbero (2018) explica, o mundo é um lugar de encontro e conflito, e é preciso reconhecer o sujeito histórico, o sujeito que atribui significações aos fatos e às coisas. Estes pensamentos também me fazem refletir a partir das colocações de Cortina (2005), onde o lado racional da cidadania vê uma sociedade justa para seus membros, onde se pensa nos direitos coletivos além dos individuais. Em contraponto, o lado obscuro apresenta laços de pertença que não escolhemos, mas que já fazem parte de nossa identidade, ou seja, os traços de uma identidade coletiva.

É possível relacionar este pensamento com questões culturais que adquirimos ao fazer parte de uma sociedade, por exemplo, os saberes religiosos sobre vida e morte ou algumas visões distorcidas sobre práticas de racismo, xenofobia, machismo e homofobia. Algumas culturas ainda assimilam práticas desumanas como ritos culturais, porém, é preciso estar ciente que a cidadania requer mínimos de justiça, por isso essas práticas não podem ser aceitas como naturais, tendo em vista que violam os direitos humanos.

Por esse motivo, Maldonado (2011) convoca ao verdadeiro exercício da cidadania, terminando com a divisão entre a ciência e o mundo social. Incluir os cidadãos na produção científica proporciona o questionamento do modo de vida, considerar-se produtor de conhecimento para além da visão positivista estadunidense e europeia. A América Latina tem muito potencial e precisamos aprender a valorizar a ciência e questionar identidades nacionais que visam privar a diversidade de pensamento.

Compartilhando da visão desde a América Latina de Maldonado (2011), Martín-Barbero (2018) explica que a opressão moldou a consciência, as escolas serviam e ainda servem de controle e falsificação da palavra. Por isso, é preciso desmistificar a neutralidade da ciência e a liberdade científica irrestrita, tendo em vista que a ciência nem sempre é positiva e segue um regime que privilegia determinados grupos. O povo latino-americano foi calado, mas precisamos fortalecer a educação como prática da liberdade. O verdadeiro analfabetismo latino é o que nos impede de dizer nossa palavra. A palavra que Martín-Barbero (2018) se refere, é o direito de nos expressarmos em sociedade, de diferentes formas possíveis.

Os movimentos questionadores que Cortina (2005) e Maldonado (2011) apresentam, fazem ver que somos cidadãos com direitos que precisam ser reconhecidos. Os empecilhos que são impostos estão justamente relacionados à uma legislação repressiva, onde a elite define o que é uma vida feliz e onde a justiça varia de acordo com o poder que se exerce em sociedade. É relevante acrescentar o que Cortina (2005) diz a respeito das dimensões do cidadão: econômico, político e social. Levando em consideração que as relações são estabelecidas pelo processo de globalização, pensar em uma cidadania econômica, implica compreender que as pessoas criam táticas para sobreviver. Não podemos nos omitir generalizando que todos os cidadãos disfrutem dos mesmos direitos e privilégios. Não há como negar que a injusta distribuição de renda é um dos grandes problemas sociais. Por isso, vejo em Martín-Barbero (2018) alguns pontos que me provocam a mudar: considerar a necessidade e desejo de liberdade, o livre arbítrio, a consciência de classe e compreender que não há liberdade sem processo comunitário de libertação.

Alternativas para a transformação cidadã podem ser apreendidas no texto de Maldonado (2011), quando o autor incentiva a questionar os conservadorismos na busca por novos processos, concepções e modos de vida social. Uma cidadania cosmopolita, como Cortina (2005) chama de “cidadãos do mundo”, possibilitaria buscar uma sociedade sem miséria, pobreza, analfabetismo funcional, exploração do trabalho, dominação, exclusão social, entre tantos outros problemas; questões que Maldonado (2011) reflete serem possíveis de mudança a partir do momento que criamos um campo científico democrático. Compartilho desta perspectiva, pois vejo a educação e o conhecimento como bases para uma vida cidadã.

Após esta breve explanação de algumas das dimensões da cidadania e da transformação histórica que nos cerca, é preciso pensar nos desafios e problemas enfrentados pela sociedade que saiu da Era Industrial para a Era da Informação. Dowbor (2020) demonstra como o conhecimento tornou-se a base produtiva da sociedade e como este conhecimento é multiplicado, não tem estoque reduzido. A imaterialidade do conhecimento encontra-se no fato de que ele pode ser passado para os outros e ainda ficar conosco.

Neste sentido, novamente relaciono os pensamentos de Maldonado (2011), quando trata sobre a necessidade de construirmos uma cidadania científica. Essa construção se refere a aproximar as populações discriminadas para que possam fazer parte da produção de conhecimento, afinal, o que ainda vejo são grandes empresas comandando os meios produtivos e reforçando o logocentrismo como prática da sociedade capitalista. Percebo uma tendência em tentar considerar os sujeitos como se fossem iguais, enquanto na realidade cada sujeito é único e sua identidade se constrói em múltiplas dimensões. Inclusive, uma das dimensões que me interessa discutir nesta pesquisa é a *dimensão ecológica da cidadania*, tendo em vista que vivemos em um planeta repleto de possibilidades e riquezas naturais que estão gradativamente sendo exploradas desmedidamente e destruídas em benefício do lucro.

Como Krenak (2020) reflete, pensar nas condições do planeta é um dever comum a todos, pois as previsões são bastante pessimistas quanto à Terra não suportar nossa demanda. Enquanto alguns se beneficiam da exploração desenfreada dos recursos naturais, a pobreza se naturaliza, deixando uma parcela da humanidade vivendo em condições de miséria, sem perspectivas de melhoria. O autor se refere a esta população como uma “sub-humanidade”. É preciso compreender que a espécie humana não é o sal da terra, mas apenas uma pequena parte de um ecossistema complexo, repleto de vida além da humanidade.

Em matéria publicada pela Revista National Geographic³⁶, de acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde) 99% da população mundial respira ar insalubre. Apesar da expectativa de vida da população ter aumentado, os dados sobre degradação e poluição não podem ser camuflados. As pequenas melhoras na preservação ambiental precisam ser mantidas e aprimoradas, como o caso do Brasil, que registrou uma queda de 22% no registro de desmatamento no ano de 2023 e há previsão de queda de emissão de gases no ano de 2024.

No entanto, como pontuado por Krenak (2020), a humanidade está imersa em uma abstração civilizatória que suprime a diversidade e nega a pluralidade de formas de vida. A visão de mundo que prevalece é a de uma sociedade que valoriza o progresso material, enquanto negligencia a importância da coexistência harmoniosa com outras espécies e ecossistemas. Um dos problemas é a falta de consciência de si mesmo, da coexistência com o cosmos, de entender que nossa vida faz parte da natureza.

Como bem pontuado por Krenak (2020), a economia é uma invenção humana que depende de nós para ser transformada em uma força positiva para o planeta. O autor compartilha um pensamento de Michel Foucault, sobre a humanidade somente ser valorizada quando é produtiva. Isso nos leva a uma constante busca por “vender o amanhã”, ou seja, são inúmeras promessas e planos futuros, negligenciando o impacto que isso tem na sustentabilidade do planeta e na vida de tantas pessoas no presente.

Por esse motivo, entendo como fundamentais as reflexões do teólogo e filósofo brasileiro Leonardo Boff (2015), que argumenta que a crise ambiental enfrentada pela humanidade é, em última instância, uma crise espiritual e ética, resultante da visão antropocêntrica que coloca os seres humanos como dominadores e exploradores da natureza. O autor propõe uma mudança fundamental nessa visão utilitarista, buscando uma ecologia profunda que reconheça o valor intrínseco de todas as formas de vida e promova uma ética de cuidado e respeito para com o meio ambiente. Nesse sentido as proposições de Boff (2015) estão relacionadas com os “direitos da natureza”, onde a natureza não é apenas um recurso a ser explorado pelos seres humanos, mas um sujeito de direitos que merece ser respeitado e protegido em sua própria existência.

Lembrando das mudanças ambientais percebidas durante a pandemia e tomando como base que Krenak escreveu o livro *“O amanhã não está à venda”* no ano de 2020, o autor divide o sentimento de que a pandemia trouxe consigo uma oportunidade de refletir sobre o senso de

³⁶ Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2023/05/oms-alerta-sobre-poluicao-atmosferica-99-da-populacao-mundial-respira-ar-insalubre>. Acesso em: 10 mar. 2024.

normalidade. Se o mundo voltar ao “normal” significa simplesmente retornar ao modo de vida insustentável e desigual que tínhamos antes, então a morte de tantas pessoas terá sido em vão. Em sua obra anterior, Krenak (2019) questionava o mito da sustentabilidade e o problema em generalizar a humanidade, sendo que 70% da população vive totalmente alienada do mínimo exercício de “ser”. O autor também reforça a necessidade de reconhecer que a humanidade caminha para viver em ambientes artificiais criados pelas mesmas corporações que destroem as florestas, montanhas e rios.

Essas colocações me levam a pensar como a noção de comunidade necessita ser repensada e como é preciso fortalecer um pensamento crítico em relação à ideia de uma humanidade homogênea; afinal, cada realidade e cenário tem suas próprias particularidades. Avaliando a dimensão ecológica, é inevitável não pensar na forma como o consumo substituiu o que antes era cidadania. Como Krenak (2019) compartilha o pensamento de Pepe Mujica, também relaciono os pensamentos de García Canclini (1997) quanto ao humano ser antes de consumidor um cidadão. Por esse motivo, é fundamental valorizar a resistência e a continuidade dos povos que vivem em equilíbrio com a natureza, pois eles mostram que é possível viver de forma sustentável, com menos impacto e preservando as subjetividades, as visões e poéticas sobre a existência (Krenak, 2019).

Na mesma direção desta discussão, Rivera Cusicanqui (2018) discute a ecologia a partir da perspectiva indígena, entendendo-a não apenas como uma questão ambiental, mas como uma questão social, política e cultural. A autora enfatiza a importância das cosmovisões indígenas, que veem a natureza como parte integrante da vida e da sociedade, em contraposição à visão dominante ocidental que muitas vezes separa o ser humano da natureza. Ela destaca a sabedoria ecológica dessas comunidades, que têm desenvolvido práticas sustentáveis de uso da terra e dos recursos naturais ao longo de gerações.

Por esse motivo Rivera Cusicanqui (2018) critica o modelo econômico e político dominante que promove a exploração desenfreada dos recursos naturais em detrimento das comunidades e do meio ambiente. Ela defende uma abordagem “ecossocialista” que reconheça os direitos das comunidades indígenas à terra e aos recursos naturais, bem como promova a justiça social e ambiental.

Entendo que a diversidade é essencial para a vida e deve ser celebrada e não negligenciada com um conformismo que homogeneiza as formas de viver e se expressar. Dessa forma, concordo com Krenak (2019) que cada escolha feita tem uma consequência e este deve ser um pensamento constante para não nos tornarmos incapazes de desvincular nossa identidade da mercadoria, projetando nela todas as nossas experiências e vivências.

Assim, entendo que a cidadania ecológica provoca a reflexão sobre o papel de cada ser humano no mundo e o agir de forma consciente e comprometida com a preservação do meio ambiente. Percebo essa dimensão cidadã como uma chamada para reconhecer a interconexão entre todas as formas de vida e para um trabalho coletivo em busca de soluções sustentáveis. Esta é uma das formas possíveis para construir um futuro onde a vida seja valorizada acima de qualquer ganância ou interesse individual, garantindo a preservação do planeta para as gerações presentes e futuras.

Como vejo em Krenak (2019), o dilema enfrentado é ver que aparentemente a única maneira de as comunidades humanas continuarem a existir é à custa da exaustão de outras partes da vida. No entanto, é necessário sair da negação da vida e comprometer-se com ela. Sendo assim, um exercício diário é abandonar a mentalidade de exploração desenfreada e adotar uma postura de responsabilidade e respeito para com todas as formas de vida. Nesse sentido Rivera Cusicanqui (2018) reforça que é preciso refletir sobre o significado de palavras que por vezes nos confortam, como mercado, cidadania, desenvolvimento e descolonização. É preciso um exercício reflexivo, principalmente em momentos de crise, para não aceitarmos falsas promessas de melhoria.

Como Rivera Cusicanqui (2018) defende, o intercâmbio é um modelo básico de relacionamento com o mundo. Sendo assim entendo que ser um cidadão ecológico significa não apenas cumprir com as leis e regulamentos ambientais, mas também, adotar uma postura ativa em prol da sustentabilidade e da preservação dos recursos naturais. Isso pode incluir a redução do consumo de energia e água, a prática da reciclagem, o uso consciente dos recursos naturais, o apoio a projetos e iniciativas ambientais, a participação em movimentos ecológicos e a defesa de políticas públicas voltadas para a proteção do meio ambiente.

Nesse sentido, as contribuições de Gudynas (2014) são muito importantes ao pensar no cenário latino-americano, pois o autor aborda questões relacionadas à ecologia, desenvolvimento sustentável e políticas ambientais alinhadas a uma perspectiva crítica e alternativa em relação ao modelo dominante de desenvolvimento. Assim, da mesma forma que vi em Krenak (2019) e Rivera Cusicanqui (2018), nas discussões de Gudynas (2014) existe uma preocupação com a valorização dos saberes tradicionais e indígenas que possuem uma profunda ligação com a natureza e os ecossistemas, conceituando esta *práxis* como “ecologia dos saberes”.

Compreendo que a cidadania ecológica também está relacionada à conscientização e ao conhecimento sobre as questões ambientais. Sendo assim, é importante estarmos informados sobre os desafios e problemas ambientais enfrentados atualmente, como as mudanças

climáticas, a perda de biodiversidade e a poluição, a fim de tomar decisões mais conscientes e contribuir para a busca de soluções sustentáveis. Para Gudynas (2014), é preciso pensar em um “decrescimento ecológico” que visa repensar o modelo econômico vigente a fim de buscar alternativas que promovam a qualidade de vida, a equidade social e a regeneração dos ecossistemas.

Por esse motivo entendo a importância da obra de Santos (2001) trazendo o debate sobre ecologia dentro de um contexto geográfico e social. Ele enfatiza a importância da compreensão da relação entre os seres humanos e o meio ambiente, especialmente no que diz respeito à organização do espaço e à distribuição dos recursos naturais. Dessa forma, a ecologia não deve ser vista apenas como uma questão ambiental, mas como uma questão social e política, onde os direitos humanos e da natureza tem que ser também direitos econômicos e sociais.

De acordo com Santos (2001) a degradação ambiental está intrinsecamente ligada às desigualdades sociais e econômicas e as comunidades mais vulneráveis são as mais afetadas pelos impactos negativos da exploração descontrolada dos recursos naturais. Basta observar como a população periférica é a mais afetada por variações do clima, por viverem em lugares com risco de desabamento e alagamento, ondas de calor ou quedas bruscas de temperatura, convivendo com acesso precário a água potável e energia elétrica. Esse fato pode ser observado nas estatísticas de eventos climáticos extremos³⁷ no Brasil no ano de 2023 que afetaram milhares de famílias, inclusive na região onde vivo com a ocorrência de enchentes históricas que destruíram cidades.

Nesse sentido, a dimensão ecológica da cidadania envolve a promoção da educação ambiental e a disseminação de práticas sustentáveis em diversos setores da sociedade, como escolas, empresas e comunidades. Ao compartilhar conhecimentos e engajar outras pessoas, é possível criar um impacto positivo mais amplo e fortalecer uma consciência coletiva em relação à importância da preservação ambiental.

Dessa forma se colocam dois pontos defendidos por Gudynas (2014), “o *buen vivir* e a justiça ambiental”. O bem-viver é uma abordagem baseada nos valores das culturas indígenas, que enfatiza o equilíbrio entre os seres humanos, a natureza e a comunidade. Esse modelo propõe a superação da lógica de acumulação e crescimento material em favor de uma vida digna, em harmonia com a natureza e em comunhão com os outros seres vivos. Quanto à justiça ambiental, se enfatiza que as questões ambientais não afetam a todos de forma igual e que os

³⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/01/23/eventos-climaticos-extremos-causaram-numero-recorde-de-desastres-naturais-no-brasil-em-2023.ghtml>. Acesso em: 10 mar. 2024.

impactos negativos muitas vezes recaem sobre as comunidades mais vulneráveis e marginalizadas. Assim, deve-se defender o acesso equitativo aos recursos naturais e a participação inclusiva nas decisões que afetam o meio ambiente.

Entendo assim, que em uma analogia o pensamento ecológico poderia ser um vírus capaz de infectar todas as pessoas, pois hoje não é mais possível pensar sem incluir a dimensão ecológica. Com as tecnologias aprendemos mais rápido, mas nos falta senso crítico, inclusive a concepção crítica sobre ecologia. Fazemos tudo sentados, olhando para telas e esquecemos que o ser humano é mais importante que a ferramenta porque o ser humano não é uma ilha, é comunicação. Na forma como Sartre (2012) afirma que a existência precede a essência, entendo que em um pensamento ecológico é preciso assumir que a coexistência precede a existência, como discutido pelo filósofo alemão Peter Sloterdijk³⁸.

A escassez de recursos historicamente fez a humanidade procurar novas fontes de energia, como a chamada economia verde que incorpora a energia eólica e solar e até mesmo a criação dos carros elétricos. Nesse sentido, entendo que a atividade econômica traz benefícios, porém, traz também prejuízos naturais irreversíveis. Assim encontra-se o valor da escassez e se percebe que a disponibilidade de recursos é diferente da abundância de recursos. Por exemplo, quando entramos em contato com tecnologias modernas e inovações tecnológicas, precisamos estar conscientes que existe um gasto maior de recursos.

Para mudar essa realidade, como vi durante as disciplinas cursadas no PPG em Ciências Sociais e no PPG em Educação³⁹, é importante avaliar que nem sempre a economia circular conduz à sustentabilidade, porque se perdem muitos recursos no meio do caminho. Sendo assim, há espaço para o fortalecimento do prefixo “re”, não apenas reutilizar e reciclar, mas reeducar e pensar em uma (re)economia. Os aprendizados podem partir da própria natureza, que não produz resíduos, vive e se regenera. Como citei na contextualização sobre a inovação social, há espaço para novos modelos de consumo que incluam perspectivas de conscientização, comunidade e solidariedade, questões que também são discutidas por Gudynas (2014).

Ao pensar na transição energética, também é preciso levar em conta que ela não se aplica à todas realidades, da mesma forma que a concepção de desenvolvimento sustentável

³⁸ Disponível em: <https://www.fronteras.com/leia/exibir/peter-sloterdijk-a-fronteira-entre-artes-ciencias-filosofia-e-outros-saberes#:~:text=A%20coexist%C3%A2ncia%20%C3%A9%20que%20precede,funda%20um%20projeto%20estruturalmente%20interdisciplinar>. Acesso em: 21 jul. 2023.

³⁹ Em acordo com o Regimento Interno do PPG em Ciências da Comunicação, tive a oportunidade de cursar disciplinas do PPG em Ciências Sociais e do PPG em Educação da Unisinos. Destaco a disciplina *Sociedade, Economia e Emancipação* e os seminários *Saberes Decoloniais: inquietações e saídas às crises de hoje* e *Ciclo de Estudos Inteligência Artificial e Transição Energética: possibilidades e desafios*.

problematizada por Peruzzo e Volpato (2019). Muitos países não possuem condições estruturais e até mesmo naturais para modificar seus sistemas produtivos. Para desenvolver-se, esses países necessitam gerar mais energia e pela geração de energia acontecem inúmeros problemas sociais e ambientais. No Brasil, por exemplo, estamos adiantados na questão de energias renováveis, porém precisamos entender que a transição energética requer a transição de um sistema econômico. O uso dos recursos naturais depende do contexto vivido pelos países.

As reflexões relacionadas até este ponto do texto me fazem perceber que cultura e natureza não se separam e a cidadania não é posta e não é perfeita. Sendo assim a cidadania ecológica é um processo. Pensando em uma abordagem multidimensional da ecologia, Boff (2015) propôs uma divisão de cinco dimensões para serem refletidas: ecológica, social, política, econômica e cultural.

A dimensão ecológica refere-se à relação dos seres vivos entre si e com o meio ambiente, incluindo a interdependência dos ecossistemas e a necessidade de preservação da biodiversidade. A dimensão social aborda as relações entre os seres humanos e suas interações com o ambiente, considerando aspectos como justiça social, distribuição de recursos e impacto das atividades humanas sobre a natureza. A dimensão política diz respeito às estruturas de poder e decisão que afetam o meio ambiente, incluindo políticas públicas, legislação ambiental e participação cidadã na gestão dos recursos naturais. A dimensão econômica analisa como os sistemas econômicos influenciam a relação entre sociedade e natureza, considerando questões como consumo, produção sustentável, efeitos das atividades econômicas no meio ambiente e distribuição de riquezas. Por fim, a dimensão cultural refere-se aos valores, crenças, mitos e tradições que moldam a relação das sociedades com o ambiente, incluindo saberes tradicionais, visões de mundo e estilos de vida que promovem ou prejudicam a sustentabilidade ambiental (Boff, 2015).

Apesar de poder subentender que comunicação e educação estão inseridas na dimensão social e cultural proposta por Boff, reflito durante minha pesquisa que é possível pensar na dimensão comunicacional e educativa da ecologia. Essa compreensão surge a partir das discussões teóricas que foram estabelecidas na investigação, entendendo a comunicação como constitutiva do ser humano, desde nossos ancestrais mais primitivos, mas também como a comunicação que acontece na própria natureza, seja entre plantas, entre animais, a comunicação como fundamental na manutenção da vida. Já a perspectiva educacional está voltada essencialmente no sentido da promoção da criticidade aos problemas ambientais e na possibilidade de transformação social a partir da mudança de pensamento dos sujeitos, na forma

como saberes críticos podem ser disseminados a partir de uma população preocupada com a educação.

As perspectivas teóricas que discuti sobre cidadania e ecologia me permitem partir da compreensão de que a produção de processos educacionais que operam no sentido de uma cidadania ecológica precisa assumir uma posição crítica sobre as práticas difundidas em relação ao meio ambiente e recursos naturais. A criticidade é um componente fundamental para entender o presente e proporcionar mudanças para o futuro.

Na Ayni, considero que para chegar a uma plena cidadania, os sujeitos educandos precisam utilizar-se dos aprendizados obtidos na convivência escolar e replicar as práticas realizadas em suas casas e comunidades, como a economia de água, o aproveitamento da luz solar, o cuidado com a alimentação, a reutilização e reciclagem de materiais, a redução do uso de plástico, o consumo com propósito e consciência. Para isso, considero importante a distinção entre consumo e consumismo. O consumo é algo que a pessoa necessita para viver, enquanto o consumismo está relacionado aos desejos e bens supérfluos.

Da mesma forma que mencionei anteriormente sobre a importância dos saberes dos sujeitos educandos, na dimensão da cidadania ecológica espera-se que os saberes críticos e conscientes da realidade ambiental vivida no planeta possam ser nutridos e os saberes estereotipados e negacionistas possam ser superados. Pensando nos adultos, o trabalho é revisitar e compreender esses saberes, pois faz refletir sobre o que já foi aprendido. Em relação às crianças, entendo que o trabalho inclui propiciar as informações corretas e confiáveis para que possam construir aprendizados. É claro que é preciso considerar os aprendizados anteriores das crianças que podem ter vindo da relação com as mídias, da sociedade e cultura e do convívio familiar.

Estou partindo do pressuposto que uma cidadania ecológica precisa problematizar o processo de desenvolvimento; sendo assim, espera-se um questionamento dos sistemas hegemônicos e um pensamento que seja problematizador e não aceite as informações obtidas pela mídia sem um processo reflexivo e questionador.

Tendo buscado discussões pertinentes à pesquisa durante o capítulo teórico e a partir das reflexões que foram feitas, adentro no capítulo analítico da dissertação, que discute detalhadamente os movimentos empíricos realizados, a aproximação com os sujeitos educandos coparticipes da pesquisa e a confrontação entre teoria e prática.



5 PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS NA AYNÍ, APROPRIAÇÕES E APRENDIZADOS DOS SUJEITOS EDUCANDOS COMUNICANTES

Após toda trajetória da pesquisa, que iniciou com minhas motivações pessoais para a escolha deste tema, chego ao capítulo analítico com uma bagagem advinda do meu amadurecimento na leitura e escrita acadêmica por meio das reflexões acerca da produção de conhecimento e do significado de se fazer pesquisa. Ao realizar a explanação do contexto da pesquisa, expandi minha visão sobre o que é desenvolvimento social e como a compreensão deste conceito passa pela educação. No contexto da investigação, pude apresentar um pouco sobre a cidade de Guaporé – RS com a qual, apesar de não ser a cidade onde vivo, tenho uma proximidade muito grande. Dessa forma, ao tratar sobre a Ayní empreendi uma pesquisa documental que buscou narrar a história do projeto. Nesse sentido, as teorias discutidas durante a pesquisa foram pensadas para fortalecer a compreensão sobre o objeto empírico, para entender as realizações e contradições e para discutir possibilidades e melhorias.

É inevitável não pensar em todas questões que foram discutidas até este ponto do texto e nas provocações que surgiram em cada leitura teórica e imersão na Ayní. Por isso, este capítulo não compreende apenas a descrição dos pontos observados e debatidos durante conversas e entrevistas, mas essencialmente uma elaboração analítica que se aprofunda no questionamento levantado no início da pesquisa: *de que forma os sujeitos educandos da Cidade Escola Ayní se apropriam das práticas comunicacionais/educativas e que aprendizados constroem na perspectiva de construção de cidadania vinculada à ecologia?*

No capítulo metodológico no início da dissertação, compartilhei os movimentos exploratórios que foram realizados durante a construção da pesquisa. Retomo agora em detalhes os cinco movimentos realizados: curso *Educação para a Paz, Formação Vivencial, Programa de Voluntariado, Vivência (Des)aprender* e a *Oficina Arte Ecológica*. Tomando como base os procedimentos de coleta de dados compartilhados na pesquisa sistemática, neste capítulo adentro nas informações coletadas e busco realizar o tratamento dos dados de forma que empiria e teoria conversem para gerar novos conhecimentos a partir desta investigação.

Sendo assim, a primeira parte do capítulo é dedicada aos dados coletados durante as observações. Nesse sentido procuro explicar como são os espaços, as dinâmicas e a participação dos sujeitos educandos na escola. Em seguida trago meu relato pessoal sobre a participação nos cursos e no voluntariado; dessa forma, compartilho sobre o funcionamento dessas atividades e como foram essas experiências na escola. O tópico seguinte aborda a oficina artística, momento em que estive mais próxima das crianças e pude conversar e produzir artes

junto delas. O último tópico do capítulo tem como foco as entrevistas realizadas com os sujeitos educandos, onde aprofundo a discussão sobre educomunicação, ecologia e cidadania baseada nas vivências compartilhadas pelos 11 entrevistados, divididos em famílias, educadores e voluntários que participam da Ayni.

5.1 Observar, analisar e significar: elementos que fornecem pistas e constatações da dimensão ecológica

Como discutido na pesquisa exploratória, o primeiro movimento de coleta de dados foi realizado a partir da observação dos ambientes digitais da Cidade Escola Ayni. Esta observação inicial foi aprofundada a partir de uma pesquisa documental, pois li e assisti reportagens sobre a escola e acessei gravações de palestras que Thiago Berto fez por inúmeras cidades do Brasil apresentando a história da escola e a proposta educativa da Ayni. Esse levantamento de dados foi fundamental para a contextualização da escola, mas também deu abertura para a elaboração do roteiro de observação que utilizei durante minhas imersões na escola.

De forma presencial no bosque da Ayni, as observações estiveram focadas em três eixos: *cenários do processo educ comunicativo, como ocorre o processo educ comunicativo e os sujeitos educandos*. Durante as observações, mantive o diário de campo, onde posteriormente fiz o tratamento das informações colhidas formulando a descrição do que foi visto e trazendo fotografias feitas por mim durante o período, que colaboram no entendimento dos espaços disponíveis na Ayni. Junto da descrição dos espaços, atividades e comportamentos dos sujeitos educandos, compartilho reflexões e análises que fiz, tomando como direcionamento a dimensão ecológica vivida na escola e sua ligação com a educomunicação e a cidadania.

5.1.1 Cenários do processo educ comunicativo

Como relatei na contextualização da pesquisa, a Ayni é uma escola contraturno que fica dentro de um bosque. Parte deste bosque teve a área cedida para a Ayni pelo período de 20 anos. Por ser uma área de preservação ambiental do município de Guaporé, todo o espaço está cercado pensando na segurança das crianças. Atualmente o município administra uma parte do bosque onde existe o projeto de construir uma área de recreação para educandos de todas as escolas do município poderem acessar.

Nesta parte específica do bosque encontra-se a Casa Ubuntu, que é também conhecida como Casa da Floresta. Ubuntu é uma antiga palavra africana e tem origem na língua *Zulu* e

significa que "uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas", ou seja, é a capacidade humana de compreender, aceitar e tratar bem o outro, uma ideia semelhante à do "amor ao próximo". Na África a palavra remete a uma filosofia de vida, sendo inclusive relacionada ao movimento de luta contra o *Apartheid*. A Casa da Floresta foi por muito tempo morada dos voluntários que passaram pela Ayni. Porém, pela questão de umidade e pouca luz solar, optou-se por abrigar os voluntários em uma casa em um bairro próximo da Ayni. Assim, por ora a Casa Ubuntu vai fazer parte do projeto de recreação municipal.

Ao chegar na entrada principal do bosque, vejo a placa "Cidade Escola Ayni / Cultura de Paz / Escola para adultos e crianças". Passo pelo portão com acesso por senha e a partir daí estou dentro do bosque, com um caminho feito de pedra e cimento em meio às árvores e com bancos em madeira para sentar e desfrutar do ar puro que emerge da floresta. No chão, a cada instante surgem mandalas coloridas feitas em azulejos, deixando o caminho colorido. As placas de localização que estão no bosque são todas feitas artesanalmente em madeira e pintadas à mão, questão que me trouxe a sensação de estar vendo um mapa vivo, pois as placas também são sensoriais e podem ser tocadas (Imagem 1, pag. 53).

O primeiro espaço em formato de domo geodésico que pode ser visualizado pelo caminho é a Recepção e Loja, um espaço que ainda não foi concluído e a gestão da escola aguarda investimento privado para sua conclusão. Atualmente as atividades da recepção e loja são realizadas em uma sala dentro de um dos ateliês.

Seguindo pelo caminho do bosque encontro a motocicleta Honda 150cc e seu capacete, que foram utilizados por Thiago em sua viagem do Alasca até o Uruguai de setembro de 2013 a abril de 2014, juntamente com um mapa da América esculpido em madeira. Foram 21.500 km percorridos em 15 países conhecendo iniciativas em educação e sustentabilidade que inspiraram a construção da Ayni.

Próxima da moto está a homenagem à grande araucária que, como uma das mais longevas araucárias do bosque, cumpriu seu ciclo ao cair de forma natural no final de 2021. Agora em seu lugar encontra-se uma escultura em madeira que representa sua grandiosidade. Chego assim ao rio que cruza o bosque, com uma ponte em madeira que nos possibilita sua travessia. Essa ponte tem também espaços contemplativos para sentir a natureza e o som da cidade se dissipando em meio aos pássaros. Com uma leve subida no caminho encontro uma corda branca pendurada de uma extremidade a outra na largura da calçada. Desprendo o engate que segura a corda, passo adiante e fecho novamente. Agora já consigo ver onde as crianças exploram suas inúmeras possibilidades.

Imagem 2 - A descoberta dos ateliês



Fonte: autora, 2023.

Como publicitária, inevitavelmente fui atraída por todos os elementos visuais possíveis e considero importante contextualizar a identidade visual da Ayni, pois ela é desmembrada em cada um dos espaços de livre aprendizagem. A construção da identidade visual e o nome dos espaços da escola partiram das viagens de Thiago para o Butão e para o Peru. Segue a inspiração no Himalaia com a energia masculina e nos Andes com o Lago Titicaca a energia feminina (Yin Yang). O logotipo da escola simboliza a história dos quatro irmãos harmoniosos (elefante, macaco, coelho e pássaro)⁴⁰, uma alegoria contada na região da Cordilheira do Himalaia que simboliza paz, harmonia, cooperação, interdependência e amizade.

Imagem 3 - Logotipo



Fonte: Ayni, 2023.

⁴⁰ Os quatro irmãos harmoniosos. Disponível em: https://www.facebook.com/cidadeescolaayni/photos/a.1431753867115360/1435824290041651/?type=3&locale=pt_BR. Acesso em: 13 jul. 2023.

Essa história contada no Butão reforça uma identidade nacional para que as pessoas vivam em harmonia com a natureza, para que cooperem uns com os outros, mesmo com as diferenças culturais, e para que as famílias trabalhem em conjunto.

Retomando o significado da palavra Ayni, sua origem é da língua *Quechua* e significa cooperação, solidariedade e reciprocidade. Mas por que chamar de Cidade Escola? O sentido é que a Ayni forma um ecossistema de relações que envolve crianças, adultos, arte, terra e economia por meio da educação e da liberdade. Nesse sentido, os aprendizados obtidos nos espaços da escola extrapolam o currículo e são inclusive aprendizados para a vida em sociedade. A intenção da Ayni é ir além de uma escola, atravessar esses conceitos, repensar os formatos e expandir a mensagem de amor, reconexão e respeito entre todos seres humanos e seu meio.

Antes de apresentar cada um dos ambientes da escola, destaco elementos gerais que se apresentam em todos os ambientes. O sistema elétrico da escola é subterrâneo, nenhuma árvore do bosque foi derrubada para a construção, os ateliês foram construídos adaptando-se ao espaço disponível, utilizando-se de técnicas de bioconstrução e seguindo um formato circular, representando a comunidade e a simbologia do útero materno. Todos os espaços têm filtro de água, claraboia no teto para deixar os ambientes bem iluminados e aproveitar a luz solar e dispõem de lareira e aquecedores. As mesas e cadeiras dos educandos são todas de madeira, grupais e também seguem o formato circular com o senso de coletividade e estímulo a atividades que desenvolvam o diálogo entre as crianças. Todos os espaços ficam sempre com as portas abertas para que as crianças não se sintam inibidas a sair e entrar dos ateliês a qualquer momento.

O primeiro espaço que compartilho é o Ateliê Yaku, que é o espaço corpo em movimento. Yaku é uma palavra de origem *Quechua* e significa água; dessa forma, a energia do ambiente também está ligada a este elemento. Este espaço é representado pela figura do macaco, que simboliza a mente inquieta e pode ser acessado por todos os educandos de 3 a 14 anos. O ateliê tem as portas com representações indígenas representando a ancestralidade. Neste ambiente encontram-se materiais como fantasias, máscaras, espelho, espaço para teatro, acessórios como pulseiras, colares, brincos, maquiagem, fantoches, instrumentos musicais, tapete, colchonetes, almofadas, cadeiras estofadas, tecido no teto para brincar, bambolê, caixa de som, móveis em madeira para guardar os brinquedos, projetor e tela de projeção. O intuito do ateliê é proporcionar aos educandos as possibilidades de manifestação corporal e respeito à espacialidade dos colegas.

Imagem 4 - Ateliê Yaku



Fonte: autora, 2023.

No caminho ao lado é possível acessar o Ateliê Thimpu, chamado de espaço dos pequenos por ser o ambiente destinado às crianças de 3 a 7 anos. Este espaço tem como símbolo o elefante, que simboliza nosso corpo e o nome se refere à capital do Butão, a energia do ambiente é da terra. Este espaço tem um *deck* de madeira para as crianças brincarem e uma minicozinha à disposição. Os brinquedos disponíveis são todos em madeira e pano, não tem plástico. Pude ver materiais como: papelão, objetos quebrados, folhas de papel, lápis, canetinhas, giz, tintas, cola, cola brilho, minicozinha de madeira, bonecas, ursos, massinha de modelar, tecidos, jogos lúdicos, quebra-cabeça, jogo de letras e números, cobertinhas, tapetes e almofadas para ficar no chão, livros e quadros na altura das crianças, máscaras, papéis para recorte e colagem, revistas, papel crepom, algodão. Neste ambiente percebi que o objetivo é estimular a criatividade, imaginação e inventividade das crianças.

Imagem 5 - Ateliê Thimpu



Fonte: autora, 2023.

O espaço mais amplo fica ao alto do bosque e é o Ateliê Uayra, espaço dos grandes pois é destinado exclusivamente aos educandos de 8 a 14 anos. O símbolo deste ambiente é o pássaro que representa a alma e a energia do ambiente é do ar. O significado do nome é vento e também é de origem *Quechua*. Este espaço também tem materiais de papelaria como o espaço dos pequenos, porém, diversos elementos extra chamaram minha atenção: computador, internet, impressora 3D, cozinha completa, máquina de costura, tecidos, tintas, celular, mapas, sistema solar, corpo humano, esqueleto, tabela periódica dinâmica, cola quente, relógio feito em dominó, filtro dos sonhos em árvore, mecânica, robótica, ferramentas, almofadas grandes, tapete, circuito elétrico, microscópio, telescópio, tablet, impressora cores, notebook, fones de ouvido, câmera fotográfica, jogos de xadrez e quebra cabeça, estanhador, lupa, balança,

estetoscópio, peças Lego, insetos para estudo, violão, harpa, percussão, teclado, experimentos de biologia com a germinação de plantas.

Neste ateliê no momento também fica a recepção e loja. A loja é autogestionada, ou seja, você compra, anota o que comprou e paga. Todo valor é revertido para a manutenção da escola. Podem ser encontrados diversos *souvenirs* como citei na contextualização anteriormente. Como mencionei, na entrada da escola está em construção um espaço específico para estas atividades, por isso, no futuro o interesse é ocupar este espaço do ateliê com uma sala dedicada ao audiovisual com televisão disponível. Especificamente neste ateliê percebi que as tecnologias já ocupam um espaço maior e senti que o objetivo do espaço é inspirar projetos, criações e atividades que demandam maior concentração.

Imagem 6 - Ateliê Uayra



Fonte: autora, 2023.

Próximo do Ateliê Uayra existe um depósito de lenha que também funciona como almoxarifado, se chama Casa de Ferramentas. Esse espaço permanece sempre fechado por segurança, tendo em vista que são guardadas tintas, cordas, soprador, motosserra, facões e outros materiais de jardinagem.

Outro espaço de convivência e livre aprendizagem é o espaço Nina, também conhecido como Lá Fora. O ambiente externo é livre para todas as idades, o símbolo é o coelho que representa as emoções. O significado do nome de origem *Quechua* é fogo e a energia do ambiente é o mesmo elemento. Materiais identificados: cama elástica, corda bamba, escorregador, escada, cordas de escalada, caixa de areia, campinho de futebol, balanço de madeira e pneu, rede, triângulo para escalar, casinhas imaginárias entre as árvores, mesinhas e

bancos feitos de troncos de árvores, saco de boxe, fitas coloridas penduradas nas árvores. No tempo em que estive observando, percebi que logo cedo pela manhã as crianças preferem ficar nos ateliês e conforme o sol vai aparecendo elas começam a sair para brincar lá fora. O ambiente externo é onde a energia do corpo e da mente pode ser gasta como também recuperada.

Dando sequência no percurso, compõe o ambiente externo o Jardim de Contemplação, um espaço que fica especificamente no teto do Ateliê Yaku. Este espaço tem cadeiras para sentar e desfrutar da copa das árvores, dos pássaros e insetos que voam pelo ar. É um lugar com a superfície coberta por esferas de argila, um caminho em pedras que imitam madeira para caminhar, decorado com pedrinhas brancas. No jardim encontram-se várias flores e plantas ornamentais. As crianças só podem acessar esse espaço com supervisão de um educador.

Imagem 7 - Lá Fora (Nina)



Fonte: autora, 2023.

Um dos espaços que mais me intrigou foi o banheiro. Primeiro por não existir separação de gênero e segundo por estar cercado de conceitos sustentáveis que realmente fazem sentido. O banheiro segue uma configuração específica, onde existem dois assentos sanitários em cada compartimento, sendo um para urina e outro para fezes. Não existe descarga com água, mas sim, uma placa que explica como agir de maneira correta ao fazer suas necessidades. Nas minhas primeiras imersões na Ayni, tanto para limpeza como para eliminar a urina, utilizava-se de desinfetantes industrializados. Porém, quando fiz o voluntariado já vi mudanças com o uso de desinfetantes naturais a base de vinagre branco e frutas cítricas. Então, se for urinar, ao terminar deve-se despejar um pouco do desinfetante que está em um litro plástico ao lado. Se for defecar, deve cobrir as fezes com um copo de serragem que está ao lado e despejar um pouco do “líquido amarelo” que está em um litro plástico. Neste caso, o líquido é uma mistura de água com microrganismos, que explico melhor ao falar sobre a agrofloresta.

No banheiro estão à disposição papel higiênico e lenços umedecidos. No caso da urina, por hora ela vai diretamente para o solo; já as fezes ficam condicionadas em recipientes de até 15 litros e aguardam período de cura de 9 meses para que o material orgânico possa ser reaproveitado como adubo na agrofloresta. A utilização de água se dá somente para lavar as mãos, com pedras na pia que filtram a água. Para secar as mãos utiliza-se toalha de pano.

Imagem 8 - Banheiro sustentável



Fonte: autora, 2023.

Ao lado do banheiro tem uma pequena área voltada à compostagem, onde a matéria orgânica advinda das refeições dos educandos e até mesmo das famílias é adequadamente manejada para tornar-se adubo utilizado na agrofloresta, principalmente na área da horta.

Mudando de direção, retorno ao Ateliê Yaku e sigo pela direita, onde mais uma vez encontro uma corda branca que impede a passagem. Passando deste ponto, a área geralmente é mais utilizada pelos educandos adultos como pais, voluntários e participantes dos cursos. As crianças só podem acessar este ambiente com a presença de um adulto. O primeiro espaço neste caminho é o Círculo de Partilhas, onde geralmente acontecem conversas com pais, voluntários e participantes dos cursos e imersões. Na ocasião, durante a *Formação Vivencial* tive a oportunidade de ajudar no trabalho de manutenção do círculo com a técnica de bioconstrução. Utilizamos barro, cimento e água e com as mãos sempre no mesmo sentido íamos cobrindo a superfície com a massa de forma uniforme e procurando deixar a construção com aspecto liso.

Imagem 9 - Círculo de Partilhas



Fonte: autora, 2023.

Seguindo pelo caminho, encontro pedras agrupadas que formam três círculos no chão. Este espaço se chama Kuaracy Korá e foi pensado para honrar os povos originários. O sistema Kuaracy Korá tem origem *Tupi* e representa os três mundos: da emanção da vida, da modelação da vida e da manifestação da vida. Este espaço foi construído por Kaká Werá⁴¹ em um curso que ministrou na Ayni.

⁴¹ Kaká Werá é escritor, tradutor, ambientalista e conferencista indígena brasileiro. É descendente do povo Tapuia e acolhido pela comunidade Guarani, com a qual desenvolve uma extensa pesquisa histórica, linguística e cultural.

Imagem 10 - Kuaracy Korá



Fonte: autora, 2023.

Logo adiante está o Circuito da Grande Araucária, que foi elaborado a partir do tronco da araucária que caiu no bosque em 2021. Esse circuito é um semicírculo com o tronco dividido em várias partes para podermos subir e descer percorrendo o caminho.

Em meio à floresta encontro também o Recanto dos Cogumelos, um espaço com troncos de madeira empilhados e constantemente umedecidos, pois receberam as sementes de cogumelos Shitake que ali irão crescer. Logo em frente está a estufa onde os cogumelos têm um ambiente propício para maior proliferação e é o método que vem sendo utilizado semanalmente para a produção de cogumelos.

Imagem 11 - Recanto dos Cogumelos



Fonte: autora, 2023.

Enfim chego à Agrofloresta, um ambiente pensado em todos os detalhes para recuperar uma área do bosque que antes estava repleta de lixo. Na agrofloresta também tem um banheiro à disposição, seguindo as mesmas especificidades do banheiro dos ateliês. Aqui descubro que os microrganismos utilizados na decomposição do material orgânico dos banheiros são criados na própria agrofloresta, a partir de uma pasta de arroz cozido sem sal que é deixada no solo da floresta por 15 dias. Após esse tempo o material é recolhido e separado para compor uma mistura juntamente com água e melaço. Em litros plásticos, essa mistura irá liberar gás até finalmente estar pronta para a utilização nos banheiros.

Na agrofloresta existem quatro espaços em bioconstrução. O primeiro deles é o Ateliê Yurta, nome que tem origem asiática e remonta às casas ou cabanas dos nativos do norte e centro da Ásia. Neste espaço encontram-se utensílios para manuseio da agrofloresta, como enxada, ancinho, luvas, botas, máscaras, chapéus, pás, baldes, carrinho de mão, regador, machado, foice, tesoura de poda, facões, sacos de adubo e fertilizante.

Outro espaço é a Casa das Sementes, que reúne variedades de sementes crioulas que são utilizadas na agrofloresta, como milho, pipoca, feijão, melancia, melão, abóbora, trigo, soja, bucha vegetal, girassol, vagem, entre outros. Ao lado está o Berçário das Plantas, que é uma estufa em formato de domo geodésico onde ficam as mudas de verduras, vegetais, árvores, flores e chás. Porém, a estrutura superior do domo acabou se degradando e foi removida no último ano por segurança.

Imagem 12 - Casa das Sementes



Fonte: autora, 2023.

O sistema agroflorestal reúne as culturas de importância agrônômica em consórcio com as plantas que integram a floresta. Este modelo de plantio de alimentos é sustentável e ainda faz a recuperação vegetal e do solo. Algumas das plantas que identifiquei: bananeira, figueira, framboesa, amora, ora-pro-nóbis, tomate, pimentão, alface, goiaba, bergamota, laranja, alecrim, cidreira, batata, chás, temperos, flores, couve, brócolis, cebola, beterraba, cenoura, alho, coentro, cebolinha, rúcula, batata doce, açafrão, aipim, fisális, alcachofra. Antes de fazer o voluntariado, nos dias em que estive na escola durante a *Formação Vivencial*, limpamos os canteiros das amoreiras, plantamos cebola e alface, mexemos nos canteiros com esterco e compostagem e ajudamos na criação da horta em formato de mandala, juntamente com um casal que estava participando do programa de voluntariado. Deste casal que mantive contato, posteriormente realizei uma entrevista para a pesquisa. A horta mandala é um sistema que possibilita diversidade de plantio, praticidade no cuidado e otimização do espaço.

Imagem 13 - Agrofloresta



Fonte: autora, 2023.

Na agrofloresta há um espaço para descansar com bancos de madeira e também é possível caminhar pela calçada; tem um caminho que cruza o riacho com uma pequena ponte que liga até outra parte da agrofloresta, onde estão canteiros maiores com verduras e legumes. Nesse local especificamente fica a última construção da agrofloresta, que é o Círculo da Fogueira, onde as pessoas se reúnem em determinadas imersões para momentos de reconexão com o cosmos e com a natureza. É também um excelente local para observar as estrelas com o telescópio.

Estar na agrofloresta também possibilitou vislumbrar animais nos mais distintos momentos. Quando estava cruzando a ponte vi um gambá andando pela floresta e mergulhando no rio. Vi lagartos passeando tranquilamente, vi uma cobra em um pé de bergamota, vi gatos que são vizinhos da escola e gostam de dormir nos ateliês da agrofloresta. Durante meu período na agrofloresta, senti que o trabalho acontece conforme você sentir a necessidade, ninguém vai determinar o que deve ser feito ou não, apesar de ter sempre o guardião Eduardo presente.

Após explanar cada um dos espaços em que estive na Ayni, vale dizer que, diferente da escola regular que precisa cumprir o currículo determinado pelo Ministério da Educação e seguir o planejamento estipulado pela Secretaria de Educação do Estado, a Ayni não tem a obrigação de seguir um currículo ou conteúdos previamente estipulados. Burocraticamente, o registro da Ayni no MEC é como escola contraturno. O interesse é que esse modelo de educação passe a integrar uma parceria público-privada daqui a 2 anos, com a entrada do município de Guaporé ofertando mais vagas para crianças participarem da escola. Um importante passo foi dado no ano de 2023 com a apresentação do Projeto Político Pedagógico da Ayni (PPP) para a Secretaria de Educação do município de Guaporé. Este documento é constituído, entre outros pontos, pela metodologia e proposta pedagógica da escola. Esse contato, com a presença da Secretária da Educação do município dentro do bosque da Ayni, reforçou o objetivo de no futuro tornar a escola pública e regular, sob administração do município de Guaporé.

Pensando na parte operacional da escola, em entender quais conteúdos são trabalhados e como são as abordagens, na Ayni o ambiente dispõe de inúmeras possibilidades para que o educando desperte seu interesse genuíno em algo que realmente seja importante para ele. Dessa forma, os conteúdos surgem conforme a demanda dos educandos. Por exemplo, se existe um interesse em arte, haverá um educador para acompanhar o processo e ajudar o educando em sua busca. E isso se estende a quaisquer áreas do conhecimento em que o educando esteja interessado. Por isso, os educadores consideram que estão em constante formação e aprendizado juntamente dos educandos.

A partir das minhas observações e conversas com a equipe de educadores, entendi que o educador como mediador é algo realmente presente no dia a dia da escola. A rotina na Ayni é seguir o fluxo natural da vida; dessa forma, não existe uma determinação de qual conteúdo será trabalhado. O protagonismo do aprendizado está no educando, logo cada criança tem a liberdade de escolha do que quer aprender, do que quer fazer. Atualmente são 30 crianças atendidas no turno da manhã, com supervisão de 5 educadores.

Existem momentos em que uma criança demonstra interesse em algo específico, por exemplo, biologia. Foi de uma dessas provocações que as crianças fizeram o experimento da

germinação com semente de abacate. Quando uma criança propõe algo ou traz sua dúvida ao educador, é possível perceber que outras acabam se aproximando e querendo participar da discussão. Então, apesar de não haver uma grade curricular com matemática, linguagens, ciências da natureza e ciências humanas, cada momento na Ayni pode se tornar uma aula sobre determinado assunto que tem ligação direta com as áreas do conhecimento.

Enquanto estive no voluntariado, identifiquei que algumas crianças estavam com um interesse aflorado para decifrar o cubo mágico e outros jogos de raciocínio lógico. Outras estavam interessadas em *games*, outras em esportes, outras em artes, outras em leitura, outras em pesquisar na internet, outras em simplesmente brincar lá fora, e assim cada uma amplia seus conhecimentos em áreas de interesse. Brincar também é aprendizado, porque a criança imagina, representa, se comunica e se desenvolve enquanto indivíduo e coletivo.

As dinâmicas também não seguem um roteiro ou cronograma, são realizadas de acordo com o sentimento que é percebido nos ambientes da escola e nas iniciativas dos educandos. Uma atividade que geralmente é oferecida são as oficinas. Nelas é desenvolvido algum assunto específico ou atividade, como estudo dos pássaros, dos insetos, arte, dança, astronomia, agricultura, culinária etc. As oficinas são convites, nenhum educando participa contra sua vontade. Como assisti a oficina de pintura voadora, percebi como as crianças ficaram instigadas em descobrir o que ia acontecer nela. Depois de um tempo, algumas se dispersaram, então saíram do ateliê e foram brincar com outras coisas. Recentemente realizaram uma oficina sobre yoga e meditação, outra sobre capoeira e eu mesma ofertei uma sobre arte e ecologia, como vou explicar melhor adiante.

Ao compreender a criança como um ser de vivências e de personalidade única, aceitando que cada uma tem seu próprio tempo e tem escolhas particulares, entendo que o aprendizado acontece de forma personalizada e individualizada, mas também coletiva, pois não existe incentivo à competição, mas sim à participação e ao diálogo. No PPP elaborado pela Ayni, afirmam estarem atuando em consonância com a proposta pedagógica da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), onde se deve assegurar os direitos de aprendizagem, buscando o desenvolvimento integral da criança e do jovem. Para isso, leva-se em consideração os eixos estruturantes conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Desde o início da pesquisa, me posicionei favorável a projetos de educação alternativa, pois eu mesma tive uma experiência diferenciada na iniciação escolar. Contudo, vejo o quão complexo é pôr em prática um projeto como o da Ayni em escolas públicas e privadas. Muitas escolas já seguem metodologias pedagógicas consolidadas, porém, meu questionamento é que

para este tipo de escola funcionar é preciso engajamento e esforço notáveis, entre outros aspectos, porque existem questões burocráticas e pessoas alinhadas ao sistema educacional tradicional que impedem a mudança. Há uma grande resistência em aceitar iniciativas diferentes e isso pode estar vinculado à cultura capitalista, em que uma criança já nasce com o destino traçado para trabalhar, ou seja, a escola é uma preparação para o mundo do trabalho. Nesse caminho, pontos importantes acabam sendo esquecidos, como o incentivo à autonomia, à participação, ao diálogo, à criatividade e à criticidade.

Além disso, com um processo de aprendizagem personalizado são necessários mais profissionais para atenderem as necessidades de todas as crianças e isso esbarra novamente na questão operacional e financeira. Não é um movimento único do Brasil, vários países convivem com protestos de educadores por melhores condições salariais e de trabalho. Este problema explicita cada vez mais como há um interesse em dificultar a melhoria da educação em países taxados como subdesenvolvidos. Uma tentativa de conectar a escola com a realidade vivida pelos educandos foi a implantação do Projeto de Vida no currículo escolar das escolas públicas brasileiras, porém, como são muitos educandos e poucos professores, nem todos os educandos têm a oportunidade de desenvolver projetos para áreas que realmente tenham interesse. No Brasil, sabe-se que muitas crianças nem sequer frequentam a escola. Outras têm a escola como refúgio, é onde conseguem comer e se distrair dos problemas que enfrentam. Educação é questão social e projetos alternativos necessariamente precisam ser pensados nas especificidades de cada realidade.

Então, se imaginarmos uma escola regular que não segue um currículo de aulas determinado e é baseada em uma educação alternativa, tendo em vista o sistema econômico em que vivemos e a realidade brasileira, podemos chegar numa dualidade. Por um lado, podemos ter os benefícios de uma educação de livre aprendizagem, onde o educando deposite sua dedicação em áreas que goste. Por outro, surge a dúvida se este educando realmente está preparado para competir no mercado de trabalho com outras pessoas que tiveram uma educação formal. O educando de uma escola alternativa tem prejuízos em relação aos outros ao pensarmos no seu aprendizado? Pela experiência que tive na Ayni e baseada nas teorias que discuti pensando a ponte entre educação e comunicação, reflito que é possível ter um aprendizado genuíno em uma educação alternativa, porém, há a necessidade de um mediador, neste caso educador, que tenha a sensibilidade de deixar a criança livre, mas ao mesmo tempo instigá-la, provocá-la a querer aprender. Me pergunto como seria o processo de alfabetização, por exemplo. A presença do educador é fundamental e a metodologia de ensino necessita do

educador em uma postura diferente de apenas mediador, uma postura ativa capaz de estimular, encorajar e despertar o interesse na leitura e escrita.

Tendo em vista os objetivos traçados na pesquisa, um dos pontos observados na Ayni foram as tecnologias da informação e comunicação e as possibilidades de utilização pelos sujeitos educandos. Como mencionei anteriormente, existem vários equipamentos tecnológicos disponíveis, principalmente, para os educandos de 8 a 14 anos, como computador, impressora, celular, tablet, câmera fotográfica. Mas a intenção da disponibilidade dos equipamentos é pedagógica, ou seja, o uso da internet e dos equipamentos não tem o objetivo de entretenimento, mas sim de auxílio para desenvolvimento de projetos e conhecimento. Nas minhas primeiras observações na Ayni estive focada nos aparatos e não no verdadeiro significado do que são as tecnologias de informação e comunicação. Apesar da tecnologia estar em todos os ambientes, na forma como se aplicam os métodos de bioconstrução, no sistema elétrico subterrâneo, nos ambientes digitais da escola e nos cursos, a produção e o compartilhamento de conhecimento extrapolam a ideia de olhar para as tecnologias como restritas a aparatos tecnológicos.

Por estar imersa na ascensão das mídias digitais, comecei a pensar no processo educ comunicativo da Ayni e me questionei se realmente poderia chamar as práticas desenvolvidas de educ comunicativas, afinal, não percebi nenhuma produção dos educandos que acontecesse utilizando as mídias. Foi durante minha banca de qualificação que surgiu a questão de pensar para além da internet e de outros meios de comunicação, pois a tecnologia não se reduz a isso. Então, ao refletir sobre as observações que fiz na escola, me dei conta de que as tecnologias utilizadas na Ayni são muito anteriores à internet. Eles usam diariamente papéis, papelão, cartazes, produções artísticas, projetos e experimentos coletivos.

Nesse sentido, a produção de conhecimentos começa com a curiosidade, passa para a investigação e compreensão para então externar o que foi aprendido. As formas de compartilhar os conhecimentos se dão principalmente por meio dos desenhos e cartazes que estão expostos nas paredes dos ateliês, nos projetos feitos com a impressora 3D e nas construções em papelão e em outros materiais que ficam nas prateleiras. Aos poucos, o interesse de uma criança passa para a outra e assim constroem projetos juntas, como os meninos que aprenderam por meio de vídeos do YouTube como montar o cubo mágico. Uma atividade que tem um alto nível de dificuldade, com o aprendizado coletivo propiciou que várias crianças desenvolvessem a habilidade de raciocínio lógico ao montar todos lados do cubo em menos de um minuto.

5.1.2 Como ocorre o processo educ comunicativo

Entendo que no Brasil, quando se escuta falar sobre escolas com práticas pedagógicas que fogem dos padrões seguidos há décadas, talvez exista um sentimento de estranheza. A Ayni deixa claro a finitude do projeto, tendo em vista que a concessão do terreno da prefeitura encerra em 2035. Até lá o objetivo é ter inspirado outras escolas Brasil afora, mas principalmente na própria cidade de Guaporé tornar a Ayni uma escola regular e pública. O projeto é inspirar e não “encaixotar”. Percebi que uma das discussões que se relaciona com meu processo de pesquisa é a menção de que para a Ayni a educação é artesanato. Essa perspectiva conversa diretamente com minha reflexão sobre o fazer científico a partir da obra de Mills (2009).

Pensando no funcionamento da escola, a equipe entende que ela não é um negócio, por isso não cobra mensalidade. A pedagogia é assumida como um modo de viver, não são seguidas pedagogias específicas. A equipe da escola apenas procura deixar claro o que não querem fazer pedagogicamente. Entendo que um ponto importante a ser mencionado é que na Ayni a equipe de educadores não precisa necessariamente ter formação acadêmica na área de pedagogia. O principal é estar aberto a este modelo de educação e entender que as formações pedagógicas acontecem a todo momento, por isso, os educadores são chamados de guardiões da Ayni. Nestas formações, ou como são chamadas “desformações”, a equipe divide suas angústias pessoais, porque na escola a pessoa é compreendida em sua totalidade.

Entendo e respeito tudo que foi construído na Cidade Escola Ayni, pois estive presente em distintos momentos durante o ano de 2023 e participei de praticamente todas experiências que são ofertadas. Entendo as limitações da escola principalmente relacionadas à questão financeira, que só permite atuar no turno da manhã e com uma equipe reduzida perante todos movimentos educativos que ali acontecem. Porém, como pesquisadora é meu papel estar atenta às contradições que surgem no processo da pesquisa.

Reflito sobre a escola não se considerar um negócio, pois apesar de não cobrar mensalidade, há toda uma estrutura organizacional para a sua manutenção financeira. Isso inclui a venda dos cursos, dos produtos orgânicos e *souvenirs* e do hotel, que teve os primeiros quartos inaugurados em janeiro de 2024. Em conversa com Thiago, o fundador da escola, percebi que apesar de todo esforço para uma economia sustentável, estar à margem de um sistema econômico voraz é algo que o incomoda. E esse incômodo faz sentido, pois o capitalismo apreende nossas pautas e nos devolve projetos sociais de outra forma, com outros mecanismos para conseguirem sobreviver e que muitas vezes destoam da proposta inicial.

Nesse sentido, a escola transita no contexto da educomunicação socioambiental e na relação com a economia, está em um “território fronteiro”, como Santos (2001) problematiza. O autor reflete sobre como os limites territoriais extrapolam o espaço físico. As fronteiras não são apenas linhas divisórias entre países ou regiões, mas também locais de interação e intercâmbio cultural, econômico e social. De acordo com Santos (2001), as fronteiras não devem ser vistas como barreiras estáticas, mas como zonas de contato e trocas que geram novas identidades, práticas e formas de organização. Isso significa que há uma linha tênue entre a educação para a sustentabilidade e o fortalecimento da pauta a partir do incentivo à compra de produtos. A importância dessa consciência é para que justamente o projeto permaneça vivo. Assumir as contradições não desmerece o que está sendo realizado, mas é um sinal de alerta para que a educação que se defende na Ayni não caia em uma armadilha e acabe fugindo de seus valores fundamentais.

Basicamente é possível resumir a visão pedagógica da Ayni a partir de uma pirâmide, onde a base é o autoconhecimento, primeiro um novo adulto para depois pensar nas crianças. A pirâmide segue com o princípio de não direcionamento, assim o educador é apenas um mediador no processo de aprendizagem. Em seguida, outra dimensão importante é o ambiente, o cuidado com os espaços, o capricho em tudo que se faz e o fazer coletivo. Chegando na metade da pirâmide tem-se o princípio da convivência, e isso é explicitado pelo convívio de turmas de múltiplas idades, porque se entende que o aprendizado e o cuidado entre os educandos são fortalecidos. A ponta da pirâmide tem pontos específicos que estão relacionados com a liberdade, como a não aplicação de provas, com o formato e *layout* dos ateliês e a não determinação de horários de refeição, banheiro ou recreio.

A maior crítica da escola ao sistema educacional tradicional é seguir o modelo fabril e militar e defender a concepção de pedagogias determinadas há séculos. A Ayni defende que a escola deve manter o correr da vida e causar o menor dano possível às crianças. Isso não recusa o erro, mas o reconhece e o considera como uma forma de aprendizado. Pelas atividades desenvolvidas na escola, a equipe da Ayni entende que as crianças aprendem mais experienciando.

O aprendizado que tem como base a experiência está presente em escolas alternativas⁴². Esse modelo de educação foge do sistema educacional tradicional que tem como foco o

⁴² Disponível em : <https://www.ip.usp.br/site/noticia/estudo-no-ip-trata-das-diferencas-entre-escolas-alternativas-e-tradicionais-em-sao-paulo/#:~:text=As%20escolas%20tradicionais%20direcionam%20o,de%20entregar%20autonomia%20ao%20aluno>. Acesso em: 20 jan. 2024.

conteúdo, para uma visão onde o foco é a autonomia e liberdade do educando. A Ayni, seguindo a inspiração de diferentes metodologias, criou sua própria forma de ensino. Um dos pontos é não haver a progressão de série ano após ano. Como expliquei, em cada ateliê, a divisão se dá entre educandos de 3 a 7 e 8 a 14 anos. Essa abrangência da aprendizagem é consonante com os conceitos da Educação Integral e de Comunidade de Aprendizagem da BNCC.

Pensando na forma como a escola entende os limites, na Ayni eles são considerados importantes e podem ser afáveis. Nesse sentido, são chamados de combinados e tem inspiração na filosofia Tolteca difundida no México e na Guatemala: seja impecável com sua palavra, não leve nada para o lado pessoal, não tire conclusões e sempre dê o melhor de si. Os combinados da escola são feitos pelos adultos, mas consideram a opinião das crianças. A base dos combinados é a repetição, então, cada vez que um combinado não for cumprido, ele será repetido quantas vezes forem necessárias, até tornar-se natural às crianças. Outra forma de reforçar os combinados é falar sempre olhando nos olhos das crianças e na altura delas, repetindo os combinados com o sujeito “nós”, por exemplo, nós não corremos dentro do ateliê, podemos correr lá fora. Alguns dos combinados que pude observar: as crianças pequenas não usam o espaço dos grandes, todos usam botas lá fora e pantufas ou meias dentro dos espaços, as crianças não podem passar a cordinha branca sem um adulto acompanhando, não se grita e não se corre nos ateliês, não se briga, mas conversa, não se joga bola dentro dos ateliês, quando terminar de usar os materiais, deve-se guardar no lugar adequado, se sujou algo, deve limpar.

Dessa forma, quando um combinado é descumprido e a criança não reconhece seu erro, não existe castigo, mas sim consequência dos atos. Ou seja, se jogar bola dentro do ateliê e continuar fazendo isso apesar do aviso dos educadores, a bola será retirada e o educador explicará o motivo: nós não jogamos bola dentro do ateliê, como você não cumpriu com nosso combinado, hoje você não pode mais brincar com a bola.

Quanto ao comportamento das crianças, os educadores relatam que não presenciaram situações de violência ou preconceito, mas sempre fortalecem o diálogo sobre as diferenças e o não julgamento. Quando o educador percebe que uma criança está com algum distúrbio em seu comportamento, existe uma conversa franca com os pais para descobrir a origem do problema, porque a escola entende que a família, a comunidade e a escola regular frequentada pela criança também fazem parte das vivências da Ayni. Discussões e situações de *bullying* já aconteceram e foram resolvidas por meio do diálogo, inclusive em uma dinâmica no Círculo de Partilhas onde as crianças puderam expor como se sentiam, o que não gostavam nas brincadeiras e como gostam de ser tratadas pelos colegas. Uma das formas de os educadores se manterem próximos das famílias vai além das reuniões de pais, pois os educadores visitam a casa das famílias uma

vez por semestre. Outra atividade que aproxima a escola da família é o momento em que os pais podem fazer a observação das crianças durante o período em que estão na Ayni.

Alguns pontos importantes na visão pedagógica da escola partem da autenticidade dos espaços e dos momentos. Nesse sentido, cada criança é livre para brincar, comer, estudar, dormir ou ir ao banheiro a qualquer momento que quiser. Se entende que o lazer não deve ser visto como um prêmio ou respiro, porque isso gera ansiedade nas crianças. Por isso na Ayni não tem sirene, não tem classe enfileirada, não tem tarefa de casa, não se condiciona a forma como a criança deve sentar.

Sobre os materiais disponíveis nos ateliês, se pensa em todos detalhes e cuidado para que possam ser convites à criança. A cada 6 meses a equipe de educação empreende uma curadoria de materiais, fazendo mudanças de escolhas e trazendo novas possibilidades para as crianças. Se privilegia que todos os materiais estejam ao alcance das crianças para que tenham autonomia de utilizarem o que quiserem. Da mesma forma, as oficinas realizadas também são convites em que são dados os primeiros passos e a criança segue se for de seu interesse.

Quanto ao trabalho dos educadores, eles estão na Ayni como aprendizes, são mediadores do processo de aprendizagem. Todo dia existem novas situações, não existe um cronograma ou definição do que acontecerá em cada dia. Por isso, o trabalho é muito intenso e necessita cuidado, olhar atento e acolhida. Como mediadores, auxiliam os educandos em seus projetos e prezam pela segurança física e emocional de cada um.

Como relatei que as crianças menores não podem acessar o espaço dos maiores, o motivo é que no Ateliê Uayra existem equipamentos e materiais que necessitam maior cuidado e maturidade em seu manuseio. Os pequenos ficam empolgados em pensar que quando fizerem 8 anos poderão brincar no espaço dos grandes. Já as crianças maiores podem acessar o Ateliê Thimpu a qualquer momento.

Quanto à agrofloresta, apesar de ser majoritariamente acessada pelos educandos adultos que participam da escola, as crianças também podem ir para lá, sempre com a presença de um adulto. Dessa forma, a escola reforça que não se criem expectativas, mas sim motivações. Isso se refere também ao interesse das crianças em participar das atividades desenvolvidas na agrofloresta. Pelo que identifiquei, o interesse maior das crianças em ir para este espaço é no verão, onde tem um canteiro especial para as crianças fazerem suas plantações. No dia a dia geralmente convidam os educadores para ir até a agrofloresta quando querem colher frutas, chás ou temperos.

Nesse sentido, a maior participação na agrofloresta se dá com os pais, voluntários e participantes dos cursos. A produção da agrofloresta é destinada às famílias que participam da

escola e também à feira de orgânicos. Porém, senti que o foco principal está em proporcionar às pessoas o contato com a terra e perceber como isso ressoa no seu cotidiano.

Dessa forma, presenciando a rotina desenvolvida na escola, entendo que a configuração do processo educomunicativo na Ayni acontece de forma diferente. Como mencionei anteriormente, a produção e circulação de conhecimentos não passa necessariamente pelas mídias digitais ou pelas tradicionais. Pelo contrário, há um resgate de mídias que foram utilizadas no princípio da imprensa, como descrito nas experimentações de Rodríguez (2016). Sendo assim, o produto comunicacional das experiências realizadas na escola é muito mais simples, intuitivo e funcional. Não há uma ênfase nas ferramentas, mas sim na forma de fazer que também é uma forma de pensar. Então, surgem muito mais produções manuais com desenhos, construções, projetos e artesanato que são fruto da criatividade e inventividade das crianças a partir de todos materiais que estão disponíveis nos ateliês e no próprio bosque.

Na construção destes projetos, percebi sentidos essenciais dentro de um processo educomunicativo, como a liberdade que a criança tem em poder se dedicar aos seus próprios interesses de aprendizado, não a algo imposto pelo educador. Junto deste ponto está a autonomia, pois há um estímulo para que as crianças explorem e descubram como fazer as coisas de forma independente. A relação entre teoria e prática está presente nas formas como os conteúdos são trabalhados. Por exemplo, se há uma questão sobre química, o educador encontrará uma forma de trazer a teoria para o cotidiano da criança, para que assim ela entenda com mais clareza os conceitos aplicados no seu dia a dia. Os sentidos de participação, igualdade e diálogo são fundamentais nas atividades desenvolvidas na Ayni e podem ser percebidos em todos os momentos. Além do incentivo de produções coletivas e trabalhos realizados e discutidos em grupo, a forma de lidar com os conflitos está intimamente ligada ao diálogo, onde a criança é incentivada a entender a origem do conflito e como pode solucioná-lo.

Pensando nos saberes e competências comunicativas, nos dias em que estive na Ayni percebi como brincar é uma linguagem e é comunicação. Foram inúmeras experiências e observações com pequenas atitudes e movimentos que expressam o sentido da comunicação e entendo que é importante mencionar a escola nesse processo, assumindo um lugar de abertura ao diálogo. Uma prática recorrente nas observações foi o reconhecimento do que o educando faz, os educadores falando com clareza e postura, olhar nos olhos, acolhimento e carinho. O contato entre educadores e educandos me fez perceber como a comunicação é afago, é atenção, é respeito, é fundamental na resolução de conflitos.

Cada ateliê tem próximo da porta um mural como se fosse uma lista de presença. Ninguém faz chamada ou coisa parecida, mas as crianças colocam seu nome nesse mural

quando chegam ou até mesmo quando percebem que não haviam lembrado de registrar que estão presentes na escola. Identifiquei esse movimento como uma noção de identidade e pertencimento, pois algumas crianças viam os nomes dos colegas que estavam presentes na escola e também colocavam o seu no mural.

Nos cursos, no voluntariado e nos encontros com pais, as partilhas não se dão apenas por meio de linguagem verbal, mas também pela linguagem corporal, com dinâmicas de dança circular, meditação e silêncio, porque o silêncio também tem muito a dizer. Nestas partilhas acontecem trocas de experiência entre completos estranhos e isso reafirma como a comunicação é uma dimensão fundamental no ambiente escolar, porque precisa existir diálogo entre crianças, educadores, pais e comunidade.

E a dimensão ecológica? Entendo que pelos relatos que fiz até aqui e pelas imagens que compartilho durante a pesquisa, fica evidente como a terra é algo muito importante para a Ayni, algo que toca no íntimo e profundo do ser. Resumidamente a escola afirma que o que não faz sentido, não é feito. Isso tem uma ligação com a simbologia do bambu, a compreensão da coletividade e dos “nós” que fortalecem o projeto. Qualquer pessoa pode gerir uma agrofloresta porque o próprio sistema de plantação dá pistas das necessidades e carências. É um sistema que exclui os agrotóxicos do processo e dá abertura para predadores e repelentes naturais. Isso tudo é possível a partir das informações relacionadas à agricultura que consumimos, ou seja, saber buscar as informações que fazem sentido para o sistema agroflorestal. O questionamento proposto pela Ayni é perguntar-se porque esquecemos o princípio da agricultura de subsistência, que por muito tempo foi a forma de manter famílias longe da fome, enquanto hoje ampliamos a produção agrícola em favor do lucro e muitas famílias vivem na miséria.

A proposta da Ayni sobre agroecologia faz parte do conceito de pedagogia sustentável, que é a aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida cotidiana, tendo como objetivo a promoção das sociedades sustentáveis. Dessa forma, percebe-se nas crianças vínculos e evidências de aprendizagem com exemplos reais e vividos por elas. Esse movimento já começa com os pais que procuram a Ayni para matricular seus filhos, pois eles sabem que o contato com a natureza e animais é constante, existe essa relação de respeito compreendendo que somos parte da natureza. E por que mexer na terra? Esse contato visa equilibrar nosso campo energético, pois ele influencia nossos comportamentos, ideias e emoções.

Outra expressão da agroecologia na escola está na sugestão de alimentação. Como as crianças não fazem refeições na Ayni, apenas lanches, se reforça que privilegiem sempre lanches naturais. Assim, as crianças podem trazer de casa seus próprios lanches, como também consumirem frutas da agrofloresta. Já nos cursos oferecidos pela escola, que incluem refeições,

toda alimentação é vegana ou vegetariana, tendo em vista que a escola defende o movimento de preservação e proteção dos animais e acredita que a alimentação saudável é a base de uma mente sadia.

Nesse sentido, entendendo que muitos dos hábitos que temos foram adquiridos a partir das mediações que nos constituem, na Ayni percebi diversas expressões regionais durante as conversas entre as crianças, como falas sobre a culinária local e a agricultura. Outra questão está relacionada à expressão de afeto, que só é mantida caso haja interesse da criança, sendo assim parte dela a iniciativa. Em alguns momentos, as crianças faziam menção aos familiares e à escola regular que frequentam, pois nem todas crianças que estão na Ayni frequentam a mesma escola regular. Assim, compartilhavam sobre dinâmicas que aconteceram na outra escola ou falavam sobre educadores e colegas. Inevitavelmente todos temos camadas de hábitos e saberes que foram adquiridos pela cultura e socialização e essas marcas surgem em variados momentos.

É válido ressaltar que as crianças não podem levar celular para a Ayni, porque o objetivo é desfrutar dos espaços. As tecnologias apenas servem como meios para chegar em algum resultado nos projetos que se desenvolvem nos ateliês, por exemplo, assistindo tutoriais para fazer algum projeto. Pelo que percebi, essa já nem é mais uma questão na escola, é algo natural. As crianças ficam tão livres, concentradas e empolgadas que não há tempo para utilizar as tecnologias como entretenimento.

Por outro lado, algumas crianças já vêm de uma realidade com contato diário com aparelhos tecnológicos e mídias sociais. Foi possível identificar esses pontos em conversas que escutei entre crianças, principalmente sobre jogos digitais. São crianças que tem acesso a celular, televisão e computador no próprio quarto. Esse tipo de vivência com as mídias é diferente de outras crianças que só podem acessar o celular por tempo determinado e sob supervisão. Então é uma questão vinculada a como cada família entende o uso de tecnologias pelas crianças e isso afeta as concepções e os comportamentos delas. Durante minhas vivências na Ayni, entendi que o trabalho feito junto dos pais é problematizar o uso de telas por crianças e o próprio comportamento dos adultos com as telas. As crianças aprendem com exemplos, então a escola incentiva que os pais tenham momentos de convivência em que o foco sejam elas, evitando usar o *smartphone* quando estiverem acompanhando atividades dos filhos.

O uso consciente das telas também é aliado na construção de laços afetivos das crianças, entendendo a importância da convivência com pessoas e a distância das telas para o desenvolvimento de cada ser humano. Como discuti em diferentes pontos da pesquisa, o uso

das tecnologias deve ser voltado ao fortalecimento do aprendizado das crianças e não como forma de distração ou de negociação ao educar.

5.1.3 Os sujeitos educandos

Pensar nos sujeitos educandos que estão na Ayni envolve reconhecer a diversidade de sujeitos. Como expliquei no início da pesquisa, independentemente da posição hierárquica na organização da escola, na Ayni todos estão em uma relação de horizontalidade e mútuo aprendizado, pois a cada atividade se aprende algo, se reflete sobre alguma prática. Nesse sentido, é válido cunhar a concepção de *educandos comunicantes*, tendo em vista que além da relação de mútuo aprendizado cada sujeito tem uma trajetória de vida e de experiências e convívio com as mídias. Esses trajetos particulares de cada sujeito também trazem aprendizados que podem ser compartilhados de forma coletiva. Dessa forma, reconheço os distintos sujeitos educandos que estão em convivência na Ayni: fundador, educadores, equipe da agrofloresta e voluntariado, voluntários, participantes dos cursos, pais, crianças e comunidade.

Nos dias em que estive na Ayni, identifiquei um forte senso de coletividade. Claro que também foi possível perceber como pequenos grupos de educandos se conectam de distintas formas, demonstrando inclusive distintos graus de proximidade. Uma perspectiva que considero interessante é o respeito quanto ao barulho, o que alguém tem medo ou não gosta, “nós” não fazemos, porque a demanda de um é a demanda de todos.

A coletividade também se manifesta em outros momentos, como o caso das impressões coloridas e 3D. Existe uma cota individual para impressões, porém, se algum educando já usou sua cota, pode pedir que um colega ceda sua impressão. Esse tipo de negociação entre os educandos é muito comum. Algumas questões que também têm relação com o sentido de participação na escola estão relacionadas aos combinados. Os educandos sabem que não podem comer nos espaços de estudo, apenas na cozinha e existe também o compromisso com a limpeza e organização, dessa forma, tudo que usam deve ser guardado de volta no lugar e é preciso limpar o que sujam.

Guardar os materiais quando terminar de usar é um combinado que vi repetidas vezes. Se as crianças não guardam, são chamadas a retornar para guardar. Se não o fizerem, sabem que ninguém obrigará, mas terão consequências. Por isso, praticamente todas as vezes que vi isso acontecer, a criança retornava para guardar os materiais ou os próprios colegas faziam esse pedido, reforçando o compromisso coletivo com a organização.

Outro combinado que mencionei anteriormente é que não se pula a corda branca porque é um sinal de respeito aos espaços e por segurança só deve passar pela corda com um adulto. Da mesma forma, a questão do uso de pantufas, meias ou chinelos nos ateliês é para manter os espaços limpos, tendo em vista que todos os ateliês têm assoalho de madeira. As crianças assimilam que ao entrar nos ateliês é como se estivessem entrando em casa. Por isso, o calçado que se usa lá fora não pode ser usado dentro dos espaços. Presenciei inúmeras entradas e saídas de crianças nos ateliês e todos respeitam este combinado com muita naturalidade.

Considero importante ressaltar que os combinados estão em constante atualização, são feitos pelos adultos, mas levam a opinião das crianças em consideração. Mudanças já foram implementadas justamente pelas crianças observarem que determinados combinados já não faziam sentido para a realidade vivida na escola. É importante frisar que, apesar de mencionar que há uma horizontalidade na relação de aprendizado entre educadores e educandos, não devemos colocar as crianças em lugar de educadores, não podemos exigir uma horizontalidade na fala em um conflito com crianças, porque evidentemente elas estão em processo de amadurecimento, estão se construindo socialmente. Na posição de adultos, tanto educadores, pais e sociedade de forma geral, não devemos reproduzir nossas feridas da infância nas crianças e nas nossas vidas.

Da mesma forma, ao pensar nos pilares da escola que são a educação, a economia e a agroecologia, foram questões pensadas coletivamente, não surgiram impostas pelo fundador da escola. Baseado nas escolas que conheceu em suas viagens, Thiago pensou em valores fundamentais para a escola e essa foi uma construção que se deu a partir de conversas e troca de experiências com educadores e voluntários que trabalharam no princípio da escola.

Tive a percepção de sentidos de participação também com o tempo de fala e a autorregulação, primeiro porque existe a premissa de que é importante ser ouvido, então é preciso respeitar quando alguém está falando, mas também é importante saber que todos tem o direito de falar, por isso é importante dosar o tempo de fala. Como citei todos os brinquedos que estão nos ateliês e as possibilidades que estão no pátio pelo bosque, também existe a gestão de tempo nos brinquedos, visando a igualdade de oportunidades para brincar. Por isso, cada brinquedo externo tem uma ampulheta que marca o tempo de cada criança no brinquedo, como o caso da cama elástica.

Vou citar algumas atividades e brincadeiras que presenciei nos ateliês e no pátio durante a imersão. Começando pelo espaço Nina, que é lá fora, percebi que as crianças criam novos espaços entre as árvores, como casinhas imaginárias. Os pequenos estavam brincando com a bola na cama elástica, e outras três crianças estavam brincando no balanço. Na caixa de areia

alguns meninos conversam sobre a “roça” de suas famílias e sobre plantio de milho e aipim, visivelmente são práticas que experienciam em suas casas. Ao mesmo tempo, estava acontecendo a brincadeira de esconde-esconde entre as crianças maiores. O menor educando da escola, que tem 3 anos, também queria participar, mas percebi uma resistência dos maiores aceitarem ele na brincadeira. Dessa forma, o pequeno se aventurou em outra atividade que estava acontecendo na calçada em frente ao Ateliê Thimpu, onde se viam raios de sol. Lá realizavam um experimento com a lupa no sol que queimava uma folha na calçada.

Em seguida, este mesmo educando subiu até o Jardim de Contemplação, onde outros dois colegas estavam explorando possibilidades com os binóculos. Liam um livro de aves e olhavam com os binóculos para a floresta, tentando identificar quais pássaros estavam cantando. Os binóculos são um material do ateliê dos educandos maiores, por isso, os pequenos não têm acesso. Porém, neste caso entendi que quando o pequeno é convidado a participar, ele pode acessar o espaço dos grandes ou mexer nos materiais, mas sempre com supervisão.

No Ateliê Yaku corpo em movimento, em um dos dias mais frios, um grupo de meninas criou uma casa com colchonetes e brincavam de animais como gato e cachorro. Enquanto isso, uma menina foi no tecido pendurado no teto e pediu para a educadora colocar uma música. Ela se embalava e tocava a música “*Here Comes the Sun*”, dos Beatles, e imediatamente lembrei do filme “*Bee Movie*” sobre a vida das abelhas e a produção do mel. Durante a brincadeira de casinha, a educadora percebeu algumas atitudes desagradáveis, por isso interview e fez uma explicação relacionada à educação sexual, que só nós podemos tocar em nossas partes íntimas e precisamos respeitar o corpo e o espaço dos colegas. Quando a brincadeira terminou, guardaram os brinquedos e arrumaram a sala, expressando um sentido de cooperação e autorregulação. No entanto, as meninas que não ajudaram a arrumar a sala foram chamadas de volta para ajudar.

No dia da oficina de pintura voadora, as crianças estavam se avisando sobre a oficina, demonstrando um sentido de participação, amizade e coletividade, um interesse genuíno em participar. Logo em seguida estavam na fila cronometrando quanto tempo faltava para a oficina começar. Quando as portas se abriram lá estava o chão coberto por papel branco, e os tecidos no teto preparados para a interação. A oficina começou com uma atividade de relaxamento, então as crianças exploraram as possibilidades de movimento do corpo imitando animais e a partir daí tiveram acesso a giz de cera colorido para pintar o papel. O momento mais esperado foi a chance de se pendurar nos tecidos do teto e rabiscar o chão ao se balançar.

No Ateliê Uayra dos grandes, três meninos estavam usando a cozinha, cortaram laranjas e um deles fez pipoca no fogão a gás, eles mesmos lavaram a louça. Enquanto isso, duas

meninas estavam fazendo construções com papelão e coisas quebradas, usando cola quente. Uma menina estava fazendo a impressão 3D do “Baby Yoda”⁴³ e disse que não queria ajuda da educadora, que observava. Ao fazer algo sozinha sem ajuda da educadora se sentiu orgulhosa e pude perceber um sentido de autonomia nas práticas vistas neste ateliê.

No Ateliê Thimpu dos pequenos, percebi muitas expressões de criatividade. Três meninas brincavam fazendo arco íris e nuvens de algodão, enquanto pintavam as nuvens com canetinhas coloridas, cantavam músicas inventadas por elas mesmas. Indagadas sobre o que estavam fazendo, afirmaram que eram “trabalhinhos para levar para os pais e profes da outra escola”. Porém, uma menina que chegou no ateliê mais tarde percebeu que as colegas usaram todo algodão e mencionou que não havia sobrado algodão para os outros colegas.

Observando as crianças e a forma como interagem entre si, percebi que elas se adaptam à realidade em que vivem, muitas vezes seguindo colegas em determinadas atividades, como a descoberta do cubo mágico que virou uma “febre” entre elas. Apesar desta adaptação, as crianças são condicionadas ao ambiente e, em determinados momentos, quando uma atividade está se repetindo demasiadamente e gerando ansiedade nelas, os educadores interferem e oferecem outras possibilidades para que possam usar sua energia de forma mais saudável. Da mesma forma, é preciso desmitificar o olhar de julgamento quando uma criança prefere ficar sozinha, brincar sozinha. Esse olhar atento faz perceber que a solidão é diferente da solidão. Muitas vezes uma criança está sozinha porque quer estar sozinha, quer desfrutar do tempo e dos próprios pensamentos, e essa é também uma forma de expressar sua autonomia.

Partindo para uma visão da participação dos pais na escola, a Ayni entende como essencial a presença da família no bosque. Por esse motivo, os pais sempre levam as crianças para além do portão da entrada, até a cordinha branca que dá acesso aos ateliês. Esse momento de conexão entre pais, filhos e ambiente provoca a praticar uma educação diferente, que seja sensível e amorosa e não um fardo. Da mesma forma, na saída ao meio-dia os pais vão até os ateliês para buscar seus filhos.

Os movimentos de participação dos pais na escola incluem encontros com as famílias, encontros separados com grupo de mães e grupo de pais, atividade de observação das crianças durante o horário em que estão na Ayni e existem três combinados muito importantes: prezar pela frequência em respeito às famílias que estão em lista de espera para participarem da Ayni, fazer voluntariado de 1 hora semanal e replicar as práticas da escola em casa. Pude ver na prática

⁴³ Baby Yoda é um personagem fictício do universo da franquia de ficção científica Star Wars, que apareceu pela primeira vez na série The Mandalorian, do serviço de *streaming* Disney Plus.

o voluntariado dos pais e é importante mencionar que esta hora de serviço semanal é em horário comercial. No voluntariado os pais ajudam nos trabalhos de manutenção, limpeza e agroecologia.

Dos participantes dos cursos realizados na Ayni, percebo que a participação nas dinâmicas é satisfatória, pois existe uma abertura ao diálogo e a expressão de suas estranhezas e dúvidas. Na parte de observação pedagógica os participantes não devem abordar as crianças ou afetar suas brincadeiras, a atividade é puramente observar e ficar em silêncio. Na agrofloresta a dinâmica é diferente, pois o participante está livre para fazer o que deseja, seja caminhar, observar, desfrutar do ambiente ou realmente trabalhar. Para isso existem todos os utensílios agrícolas à disposição.

Quanto ao programa de voluntariado, posso compartilhar sobre os contatos que tive durante minhas imersões e, também, pelo processo de seleção para participar do voluntariado. Com as pessoas que tive contato, percebi que o voluntariado é a atividade mais transformadora que acontece na Ayni e isso não significa que é fácil ou divertido. Os voluntários me relataram que a maior dificuldade é justamente estar convivendo com pessoas completamente diferentes de sua realidade. Em relação ao trabalho, todos consideraram muito especial e relaxante, porque se sentiram parte da Ayni. Isso também fica visível quando Thiago compartilhou nas imersões que existe abundância na escola e ela vem de todas as pessoas que passaram pela Ayni e que fazem parte da história, estão nas construções, estão na agrofloresta e estão nos saberes que cada um trouxe e compartilhou.

Tratando sobre a equipe que trabalha na Ayni, que inclui o fundador, os educadores e demais contratados que cuidam da parte da agrofloresta, loja e voluntariado, percebi uma relação de amizade e companheirismo, onde todos estão em uma posição igualitária. A Ayni é uma instituição sem fins lucrativos, dessa forma, todos os valores arrecadados são revertidos para a manutenção da escola, não há ganhos financeiros. A obra de construção do hotel recebeu doações de forma separada da escola por meio de financiamento coletivo.

Atualmente a equipe que trabalha na escola é formada por 8 pessoas contratadas como prestadores de serviço com registro MEI, incluindo os educadores. Thiago, o fundador, não recebe salário. Me perguntei durante os momentos de observação e conversas se não se está reproduzindo um sistema econômico opressor, pensando nas condições de trabalho e salários dos trabalhadores da escola. Nesse sentido, durante as entrevistas, pude entender como são as relações de trabalho desenvolvidas na escola. Todos recebem o mesmo salário, baseado nas horas de trabalho estabelecidas em contrato. Mesmo assim, existe uma flexibilidade na jornada de trabalho, caso a pessoa não se sinta bem para ir ao trabalho ou caso tenha necessidade de

faltar. No período de recesso escolar, a Ayni também entra em férias e os contratados recebem férias remuneradas.

O que causou estranheza para mim foi a compreensão limitada da comunidade de Guaporé sobre o trabalho desenvolvido na Ayni. Essa constatação se dá nas conversas com pessoas que moram na cidade, que estão pela praça, no supermercado ou na sorveteria. Uma minoria conhece a Ayni, outros sabem que é uma escola, outros pensam que é um lugar frequentado por *hippies*. Relembro que Guaporé é uma cidade de interior e apesar de seus 25 mil habitantes, a população tem uma relação comunitária próxima.

Durante minhas vivências na escola, questionei Thiago sobre essa distância entre comunidade e escola. Para ele o que o incomoda não é o não conhecimento sobre a escola, mas o julgamento sem conhecer. Thiago reiterou que não quer que as pessoas se sintam obrigadas a conhecer a escola ou a apoiar o projeto, porque o interesse da comunidade precisa ser verdadeiro e natural. Porém, dessa forma a participação popular na escola é pequena em relação às possibilidades. Reflito que é importante a aproximação da comunidade com a escola, não só para seu crescimento e melhoria, mas para a concretização de um processo educacional. Entendo que os convites para conhecer a escola precisam existir e necessitam estar focados no micro ambiente, local e regional. Da mesma forma que pessoas de outros estados conhecem a Ayni por meio das redes sociais, considero importante ações que façam o projeto ser visível para a comunidade local.

Em relação aos aprendizados e potencialidades para o exercício da cidadania vinculada à ecologia, reforço a entrada da deusa “Pachamama” que em *Quechua* significa Mãe Terra. Essa ponte entre a Ayni e os povos andinos é reforçada em todos os momentos, nas partilhas, nas imagens, nas construções. As dinâmicas de reconexão com a ancestralidade assumem a importância de reconhecer os que passaram pela terra antes de nós e a negação ao etarismo. Em vários países latinos, as cerimônias à Pachamama estão diretamente vinculadas à energia máxima do feminino.

Como compartilhado por Thiago, muitos anos antes da globalização e do aquecimento global, os Incas eram conscientes da importância de cuidar da natureza, e este é um costume ancestral celebrado até hoje com o pagamento à Pachamama onde acontecem oferendas como folhas de coca, sementes e frutos da terra, vinho, conchas e amuletos. Gudynas (2014) também divide percepções sobre essa tradição. Nesse sentido, entendo que como Pacha a divindade é a doadora dos alimentos e dos atributos do tempo e do universo e como Mama reúne em si os poderes maternos. Porém, Gudynas (2014) reforça que podem ser perceptíveis visões distintas sobre Pachamama dependendo do país andino em questão. Algo que é similar nessas regiões é

a não separação entre ser humano e natureza. Sendo assim, as pessoas são parte do ambiente não só biologicamente e fisicamente, mas socialmente.

A partir disso, a Ayni entende que é preciso parar de desperdiçar inteligência com coisas fúteis, quebrar a visão linear e pensar em movimentos cíclicos; por isso, devemos parar de envenenar a comida com o uso de agrotóxicos e conservantes e empreender outras formas de economia que estejam baseadas em um capitalismo consciente e em uma agricultura regenerativa. Na escola, como relatei, existem cotas de impressão e os materiais estão disponíveis, mas não podem ser desperdiçados, porque é preciso ter respeito pelos materiais. Sendo assim, cria-se uma noção de economia e aproveitamento dos materiais que é muito importante.

Da mesma forma, o uso do banheiro sustentável pelas crianças não causa estranheza, mas quando os adultos presenciam esse sistema, geralmente ficam impressionados. E é algo muito simples, porém raramente refletido, como sujar a água para eliminar dejetos e depois ter que tratar a água para voltar a usá-la. Os animais sabem que não devem fazer suas necessidades na água porque depois precisam bebê-la.

O que a Ayni procura, com sua compreensão da educação integral, é que esses movimentos respiguem em outras pessoas. Presenciei momentos muito especiais entre pais e filhos na escola nos momentos em que os pais estavam cumprindo com a hora de voluntariado. Estes pais e filhos limpando e cuidando da escola juntos me fizeram refletir se existe alguma conexão mais forte do que ensinar pelo exemplo. E isso reverbera nas famílias, porque é um combinado de que as práticas realizadas na Ayni sejam replicadas na família, não apenas em relação à economia e ao consumo consciente, mas também na autonomia e valorização da essência da criança.

Outra noção fundamental que observei é do lixo e seu descarte correto. A cada atividade e a cada mínimo sinal de que algo deve ser descartado, cada criança já sabe separar o lixo de acordo com o tipo de material, ou esse lixo se transforma em brinquedo e projeto artístico. É ver na prática como os 4 R's funcionam: reduzir, reutilizar, reciclar e repensar. Acontece que na Ayni é possível entender como o ambiente é um espaço de realização, o campo comunica às crianças sobre sustentabilidade, ninguém dá aula sobre isso.

Nesse sentido, a escola demonstra que a natureza expulsa o que deixamos nela, inclusive o lixo. Isso foi percebido desde a construção da escola, pois o bosque, que é uma área de preservação, estava completamente cheio de lixo que as pessoas da cidade descartavam irregularmente no local. A grande dificuldade de produtividade da agrofloresta é até hoje a recuperação do solo, focando na agricultura regenerativa. Não existe conexão com a natureza

se não nos consideramos parte dela e de nada adianta viver práticas agroecológicas se não mudamos nosso interior, nosso pensamento, nossa atitude diária.

Quanto às carências que percebi, acredito que elas não são novidade para a equipe da Ayni, inclusive algumas delas são mencionadas como melhorias que a escola planeja fazer. Para mim ficou claro que pequenas mudanças nas escolas do Brasil seriam possíveis e não necessitariam alterar leis ou gastar dinheiro para serem implantadas. Pensando nos sujeitos educandos, percebi que não existe um padrão de classe, gênero ou raça, todos são acolhidos igualmente. Porém, é uma pena que a escola só atue pela manhã com capacidade máxima de 30 educandos. A Ayni planeja esta ampliação de turno com a parceria público-privada, pois atualmente a dificuldade em ampliar as atividades é puramente financeira.

Quanto aos cursos que dão sustentabilidade financeira para a escola, também há um interesse de disponibilizar formações gratuitas a partir do momento em que o hotel estiver funcionando na cidade e puder gerar renda para a escola. Sobre o voluntariado dos pais em horário comercial, é algo que foi feito propositalmente para que empresas da cidade estejam comprometidas com a educação das crianças e entendam a importância de os pais participarem ativamente durante o turno em que as crianças estão lá. Porém, vejo que essa decisão pode inibir alguns pais de participarem da Ayni por conta das exigências de seus empregos.

Na parte da agrofloresta existe o interesse em ampliar as atividades, mas senti que o principal é que as crianças tenham mais possibilidades de acesso a este espaço que, por vezes, fica restrito aos adultos. Reflito que seria uma boa opção desenvolver mais oficinas relacionadas ao tema da ecologia na própria agrofloresta. Mencionei durante a imersão que a questão da acessibilidade também é um ponto que pode ser melhorado, apesar de não haver crianças com deficiência na escola.

No programa de voluntariado, pelo que senti nos participantes que tive contato, talvez fosse interessante deixar as pessoas livres para se hospedarem em outros ambientes, não exclusivamente na casa do voluntariado, pois apesar da importância da convivência, existem pessoas com outras vivências, hábitos e percepções que podem não se sentir confortáveis ao compartilhar o espaço com outras pessoas e acabar desistindo do trabalho de voluntariado.

5.2 O trabalho e a experiência: reflexões a partir de minha participação na Ayni

Como venho relatando e refletindo, reconstruindo os caminhos percorridos na Ayni durante o ano de 2023, neste tópico especificamente trago minha experiência na participação dos cursos *Educação para a Paz*, *Formação Vivencial*, *Vivência (Des)aprender* e *Programa de*

Voluntariado. As especificidades de cada um desses momentos imersivos foram relatadas durante a pesquisa exploratória no capítulo metodológico (pag. 52). Sendo assim, agora minha discussão parte da experiência, compartilhando um relato pessoal.

Entendo os limites do meu envolvimento com a escola enquanto pesquisadora, porém, como empreendi uma *pesquisa participante*, considero importante dividir minha visão enquanto participante dos cursos e do voluntariado, pois sem estas experiências minha visão sobre a escola seria muito limitada e dependeria do que os sujeitos entrevistados compartilharam. Nesse sentido, destrincho trechos do meu diário de campo em um texto com minha visão a partir da experiência.

5.2.1 Os cursos e vivências

Quando decidi que a Ayni seria o cenário empírico da minha dissertação, comecei a pensar como me aproximaria da escola, afinal, não conhecia ninguém e nunca tinha ido pessoalmente nela, apenas conhecia o projeto pelas redes sociais. Mas em algum momento o primeiro passo de aproximação precisava ser dado. Minha intenção ao falar com o Thiago pela primeira vez era poder entrar no bosque como pesquisadora. Porém, entendi que para isso acontecer eu precisaria me matricular em algum dos cursos oferecidos pela escola. A Ayni não fornece isenção da taxa dos cursos para pesquisadores por dois motivos: primeiro porque há a necessidade financeira para manutenção da escola e segundo porque muitas pessoas vão até a Ayni para desenvolver pesquisas sobre ela. A intenção com o funcionamento do hotel, que trará mais renda para a escola, é passar a fornecer bolsas para educadores e pesquisadores.

Pelo meu levantamento bibliográfico, percebi que sou a primeira pesquisadora da área da Comunicação a investigar algo na escola. Outros já estiveram lá, mas de forma geral relacionados à pedagogia, arquitetura e engenharia. Dessa forma, me lancei no curso *Educação para a Paz* em janeiro de 2023, tendo lido as informações enviadas por Thiago e sem muitas ideias ou expectativas do que aconteceria neste curso. Porém, ao estar no meio de completos desconhecidos de diferentes partes do Brasil, percebi que haviam diferentes motivos para as pessoas estarem ali.

O primeiro estranhamento veio com o pedido para tirarmos os calçados dos pés e ficarmos de meia ou com os pés descalços. Eu mesma nunca fico descalça, até durante o banho uso chinelo. A primeira lembrança que veio foi da minha infância, quando eu e meu irmão “desconhecíamos” chinelo e queríamos andar pela casa sempre descalços. Essa experiência foi

difícil para mim, porque a todo instante pensava em como meus pés estavam sujos. Mas me propus a viver o curso integralmente, participando.

O início do curso foi com todos sentados no chão em círculo para depois iniciarmos uma dança de mãos dadas. No momento seguinte fomos apresentados ao bastão da fala, que representa o poder da palavra e tem origem nos povos indígenas norte-americanos. Na ocasião, nos apresentamos contando o nome, a cidade de onde viemos e como estávamos nos sentindo exatamente naquele momento. Minha resposta foi: curiosa.

A questão é que o curso está muito mais voltado ao autoconhecimento do que às questões pedagógicas da escola. Isso é reforçado por Thiago, por entender que só é possível mudar a educação das crianças quando o adulto se vulnerabiliza e muda. Dessa forma, durante o curso houveram várias dinâmicas envolvendo dança circular, conversas em pequenos grupos, atividades em dupla e, assim, foi possível perceber como as dinâmicas tocam no íntimo de cada um – sentimentos relacionados à pandemia, preparação para ser pai ou mãe, luto, problemas de saúde, problemas no trabalho, entre outros pontos.

Durante o curso, também tivemos oportunidade de explorar os ambientes da escola, tendo em vista que era período de férias das crianças. Em momentos de partilha todos podiam realizar suas perguntas relacionadas à escola e à forma como se pratica uma educação alternativa nela. Aproveitei deste espaço para me aprofundar nas questões técnicas sobre o funcionamento da escola, questões que trouxe durante a pesquisa no capítulo de contextualização e no presente capítulo de análise.

Compartilho algumas das reflexões que fiz durante este curso, começando por assimilar que fui uma criança mais corajosa do que a adulta que sou hoje. Foi nesse movimento que entendi a importância da *pesquisa participante* na investigação. Estar no curso apenas para observar não teria me dado abertura para refletir sobre minha própria vida, sobre o desafio de fazer uma pós-graduação após passar anos longe da universidade e após uma pandemia. Por isso, entendi que é importante confiar no meu processo, respeitar meu próprio tempo e entender que nesta vida cada sujeito busca algo e essas buscas se relacionam também com a infância que tivemos.

Entendo que o autoconhecimento é um caminho longo e contínuo, que não acaba porque estamos em constante transformação. Eu me transformei no decorrer da pesquisa. Refleti durante as partilhas sobre o privilégio da palavra e o direito de se expressar, o sentido de autorregulação na hora de falar e ao mesmo tempo a necessidade de aprender a escutar, porque é bom ser ouvido e é bom olhar, o olhar além da retina, o escutar além do ouvir. Foi uma experiência muito diferente para mim, pois nunca havia participado de um curso voltado para

o desenvolvimento pessoal. Considero que foi importante começar a imersão por este tipo de vivência, porque assim entendi como a educação dos adultos extrapola o ambiente do bosque da Ayni.

Ao encerrar este curso, entendi que seria necessária uma imersão diferente, onde eu pudesse ver a escola funcionando na prática, no dia a dia com as crianças e com os educadores. E isso foi possível na *Formação Vivencial* que realizei no mês de maio de 2023. Essa vivência foi diferente, pois o foco esteve no processo pedagógico, então, boa parte das minhas anotações foram apresentadas no tópico anterior que discute o processo educacional e a participação dos sujeitos educandos.

Nesta vivência pude adentrar também nas discussões sobre economia e agroecologia. Primeiro, entendo que na Ayni se acredita em uma relação diferente com o trabalho, no sentido de que há algo mais nobre do que enriquecer; existem pessoas tão pobres que só tem dinheiro. Isso pode se relacionar com a ideia de um capitalismo consciente⁴⁴ e ao mesmo tempo a consciência de finitude das coisas e da vida. Parece controverso falar sobre a existência de um capitalismo consciente, mas na verdade é a forma mais sustentável de se adaptar ao sistema econômico buscando provocar menos danos tanto para si mesmo quanto para o planeta. Na vivência conversei com Ramina e Eliane, participantes do curso, sobre como não adianta viver práticas agroecológicas se não mudamos nosso interior, nosso pensamento. É uma mudança de espírito, não apenas de atitude.

A vivência trouxe também a oportunidade de ver como os pais e voluntários participam da escola. Começando pela premissa de que quando queremos fazer algo e temos dúvida, precisamos parar para observar a natureza, porque a natureza é econômica, ela não desperdiça energia. Por esse motivo a escola defende que o ser humano precisa parar de envenenar a comida com o uso de agrotóxicos e conservantes e, da mesma forma, atentar-se para a vida em sociedade. O conceito de família como núcleo de unidade afeta a concepção que temos sobre a sociedade, porque não nos preocupamos com o outro. A exemplo dos povos indígenas, deveríamos manter o senso de comunidade, onde, por exemplo, as crianças são preocupação de todos, não apenas de seus pais.

Durante a vivência, observando as crianças em seus movimentos espontâneos, percebi como muitas vezes focamos em protestar e não temos propostas concretas, não propomos soluções. Na Ayni as crianças são instigadas a falar, argumentar, explicar suas escolhas e negociar em situações de conflito. Refleti também sobre reconhecer nossas camadas de

⁴⁴ Disponível em: <https://ccbrasil.cc/sobre/#movimento>. Acesso em: 23 jan. 2024.

condicionamentos que estão diretamente ligadas com nossa socialização. Fato é que observar os pequenos aprendizados diários das crianças e o quanto elas têm a nos ensinar, me provocou a uma mudança física. Eu estava há 2 anos sem cortar o cabelo, porque costume deixá-lo crescer para fazer a doação. Nessa vivência senti que era o momento de mudar e consequentemente ser útil para outras pessoas, sendo assim, 40 centímetros de cabelo foram doados para a Liga Feminina de Combate ao Câncer.

Minha última imersão compartilhada com pessoas de distintas cidades do país foi a *Vivência (Des)aprender* realizada em novembro de 2023, onde tivemos a presença de German Doin, diretor do filme argentino “A Educação Proibida”⁴⁵ do ano de 2012. Aceitei o convite de participar dessa vivência porque havia assistido ao filme e me impressionado com o acervo documental que foi feito. O foco da vivência foi pensar realmente na forma como tratamos e educamos as crianças.

Nesse sentido, consegui fazer uma relação entre o filme, a vivência e as teorias que discuti sobre a educomunicação. O sistema educacional tradicional é falho, replica desigualdades, estimula a competição, não conversa com a realidade, o foco está só no currículo, na comparação do sujeito e da aprendizagem, educam para a competição. Se pedirmos a opinião das crianças sobre a escola, perceberemos como parece um cárcere, um estacionamento de crianças. Isso é bom na perspectiva do sistema, mas causa danos na perspectiva humana. Apesar disso, seguimos com foco na reprodução deste sistema ano após ano, com recompensas e castigos que nos condicionam, onde existe a manipulação pelo medo. É uma educação administrativa que mantém um sistema de exclusão social. Da mesma forma, contrariando o que foi visto na proposição de Freire sobre a importância das perguntas para o desenvolvimento crítico das crianças, a escola tradicional mata as perguntas.

Dessa forma me questiono: há uma educação para a vida? Quanto do que aprendemos na escola ainda lembramos? Existem projetos que estão há décadas discutindo sobre uma educação ativa, porém, pouco se pratica. Para mim, depois dessa vivência o que ficou ainda mais claro é a democracia como base da educação, entender que a aprendizagem se dá com processos diversos e individuais e um ponto fundamental é uma educação amorosa.

Levo esta experiência como mais um aprendizado em minha vida, reforçando a ideia que a educação não termina, nós vivemos aprendendo. Um dos questionamentos de Thiago ressoa em mim desde o princípio da pesquisa: o que minha alma anseia expressar através da minha existência? Durante os momentos em que estive na Ayni, me perguntei se minha pesquisa

⁴⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OTerSwwxR9Y>. Acesso em: 05 nov. 2023.

não estava tomando um direcionamento pedagógico. Mas agora, ao concluir a investigação, percebo como a comunicação perpassa toda pesquisa, seja nas partilhas verbais e nas expressões corporais, nas trocas de experiências entre completos estranhos, ao comunicar-se com o próprio corpo, com a ancestralidade e na trajetória comunicacional e midiática que cada sujeito carrega consigo.

Assumindo uma visão crítica e minha postura como pesquisadora, entendo a necessidade de descortinar questões que julgo importantes para a pesquisa e que afetam a percepção das pessoas que participam dos cursos na Ayni. Eu me propus a participar de tudo que foi ofertado nos dias em que lá estive, porém, é importante salientar que cada curso é composto por uma amostra diversa de sujeitos educandos.

Tendo em vista que todo ano abrem novas turmas para os cursos, vejo como fundamental explicitar melhor o cronograma do curso porque, apesar do Thiago enfatizar para não se criar expectativas, as pessoas naturalmente criam, e para algumas pode ser bom, como para outras pode ser ruim. Sei que não há como agradar a todos, mas com explicações mais claras e direcionadas as pessoas podem saber se determinado curso será voltado para aquilo que essa pessoa busca. São questões simples de resolver, apenas melhorando a apresentação do conteúdo programático de cada curso ofertado. Por exemplo, eu que participei de três experiências distintas identifiquei dinâmicas que se repetem em vivências, enquanto há dinâmicas que acontecem exclusivamente na *Formação Vivencial*.

Durante os cursos, senti que dos três pilares fundantes da escola, o mais discutido é o pilar da educação. Nessas discussões especificamente surgiram reflexões críticas e aprofundadas sobre o sistema educacional tradicional. Considero fundamental uma abordagem crítica também para os pilares da economia e da agroecologia, pois as conversas dentro destes temas foram superficiais. Como meu direcionamento de pesquisa está na forma como as práticas comunicacionais e educativas são apropriadas pelos sujeitos educandos no sentido de se construírem aprendizados da cidadania vinculada à ecologia, senti falta da discussão que pensa a cidade escola, a escola enquanto espaço político e social.

Nesse sentido, reforço a importância de um debate com posições claras. Não falo na questão de partido político, mas na posição política da escola perante temas como racismo, machismo, capitalismo, homofobia, desmatamento, entre outros temas importantes. Esses posicionamentos da Ayni enquanto instituição ficam implícitos no discurso, mas sinto que são temas que poderiam ser melhor trabalhados para, inclusive, mudar a concepção de pessoas que convivem com a escola, ou ao menos “plantar” questionamentos nos sujeitos educandos sobre

como os sistemas hegemônicos dificultam o acesso da classe trabalhadora à moradia, emprego, alimentação, saneamento, saúde, informação, comunicação e educação de qualidade.

5.2.2 O voluntariado

A história da Ayni começou com o voluntariado. Primeiro, pela experiência do fundador Thiago, que trabalhou dessa forma em diferentes países durante suas viagens e pelo trabalho que faz atualmente na Ayni, sem remuneração. Segundo, pela construção da Ayni que foi possível a partir do financiamento coletivo e do trabalho intelectual e braçal de muitos voluntários. Terceiro, porque até hoje o *Programa de Voluntariado* é uma das formas de manter a Ayni viva em suas construções e espaços com trabalho de manutenção, limpeza, jardinagem e manuseio da agrofloresta.

Minha experiência no voluntariado aconteceu em novembro de 2023, lembrando que o voluntariado é um trabalho não remunerado. Como mencionei na pesquisa exploratória, geralmente o voluntariado é realizado pelo período de 15 dias e em grupos de até 6 pessoas. Nas datas em que programei participar do programa infelizmente não haviam outros inscritos. Dessa forma, passei pelo voluntariado sozinha, interagindo praticamente todo tempo com Eduardo, o guardião da agrofloresta.

Entendo que a experiência de conviver com outros participantes no voluntariado teria enriquecido a pesquisa e ao mesmo tempo teria sido um desafio, pois em conversas com grupos de voluntariado que encontrei durante os cursos, as pessoas me relataram que acreditavam ser a convivência a parte mais desafiadora do voluntariado. Mesmo assim, tive contato com uma família de Bragança Paulista – SP que estava fazendo a *Vivência para Famílias*, outra atividade que é ofertada na escola e tem duração de uma semana. Assim, os pais tinham atividades na agrofloresta e na observação das crianças, enquanto as crianças passavam o tempo nos ateliês e no bosque junto das outras e de educadores.

Meu trabalho no voluntariado foi basicamente relacionado com a limpeza, manutenção e agrofloresta. Fiz diversas atividades, iniciando todos os dias com a limpeza do banheiro e das calçadas. A limpeza dos ateliês é feita uma vez por semana. Também estive envolvida na produção dos cogumelos e pude ver um ciclo completo, com a retirada das toras do bosque, passando por um dia submersas na água para depois sofrerem um choque (no caso, a simulação dos trovões que acontecem na natureza) para então serem empilhadas na estufa. Em uma semana já podemos colher os cogumelos. Outras atividades que fiz no período: limpeza de

canteiros, mudas de manjerição, separação de lenha para os ateliês, organização e limpeza do Ateliê Yurta, limpeza do portão e das placas da escola, compostagem e cobertura verde para canteiros, plantio de verduras, limpeza do Berçário das Plantas, adubação do campinho, limpeza na Casa Ubuntu dos voluntários (que é alugada pela Ayni), entre outras atividades.

Desde maio não voltava na Ayni e vi algumas mudanças, como um canteiro de chás plantado pelas crianças, o campinho de futebol com a clareira aberta recuperando a grama que foi plantada e a estufa dos cogumelos em plena produção. O final do inverno foi um período muito chuvoso, o que prejudicou a produção da agrofloresta. Inclusive, no período em que estive lá, choveu várias vezes.

Imagem 14 - Dia de chuva no voluntariado



Fonte: autora, 2023.

Na presença do casal que estava participando da *Vivência para Famílias* e junto do Eduardo, tivemos conversas muito produtivas sobre assuntos como água, agricultura, economia, turismo, educação e paternidade. Sobre água especificamente Maurício, figura paterna da família paulista, contou sobre o programa Produtor de Água⁴⁶ do Governo de São Paulo, onde pessoas com nascentes de água preservadas recebem subsídio do estado.

Durante o voluntariado tive uma experiência muito especial que foi ver um grupo de crianças ir até a agrofloresta para comer frutas, ver os ateliês e plantar verduras. Começaram colhendo amoras e pitangas, passearam pela horta mandala, escolheram sementes no ateliê para levar para suas casas e plantar. Depois pegaram as ferramentas e, sob supervisão do Eduardo,

⁴⁶ Disponível em: <https://planetacampo.com.br/produtores-de-sao-paulo-recebem-por-preservacao-de-agua-e-nascentes/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

fizeram plantio de alface, beterraba e rúcula. Nestes momentos fui conversando com as crianças e surgiram questões interessantes, como a curiosidade pelas plantas e sementes que estão na agrofloresta, a estufa dos cogumelos e o cuidado com os insetos. Quando estávamos retornando para os ateliês, elas viram uma aranha e me explicaram que não se deve matar os insetos, mas sim chamar um adulto que possa devolver o inseto para a natureza. Brincaram no Circuito da Araucária, espiaram os cogumelos na estufa e me contaram que o que mais gostam na Ayni é poder estar livre, brincar no bosque, poder fazer criações.

Durante o período do voluntariado tive tardes livres, o que possibilitou assistir ao documentário argentino de 1991 “La Escuela de la Señorita Olga”⁴⁷, que compartilha a trajetória da experiência educativa conduzida por Olga e Leticia Cossettini em Rosario de Santa Fé na Argentina entre 1935 e 1950. O documentário começa com crianças opinando sobre a escola como um lugar onde não podem falar, um lugar de regime autoritário. A estrutura do filme parte do depoimento de ex-alunos da escola conduzida por Olga, que relatam como a experiência em uma escola primária foi capaz de mudar a ideia que tinham sobre estudar e aprender.

A escola de Olga não tinha sino, não tinha fila, sem mesas enfileiradas, mas sim grupais e circulares, existia a conexão do currículo com a vida das pessoas e os professores que lá atuaram eram sensíveis às ideias de mudança da escola. Assim era possível ver bairro, paisagem e escola em harmoniosa fraternidade, o que se assemelha à ideia de cidade escola na Ayni. A escola era vista como extensão da infância, e os aprendizados vinham das mais variadas formas, como nos passeios onde podiam aplicar as teorias vistas em aula.

Para Olga e Leticia, a escola precisava despertar alegria nas crianças, por isso viam-na como um ateliê de arte, onde a educação acontece pela arte, com música, poesia para a imaginação, criação e memorização, teatro, dança. Criou-se uma cooperativa de desadaptação à escola formal com aprendizados sobre política. Um ponto fundamental era amar e observar a natureza, aprender com ela.

A escola foi fechada por causa da ditadura na Argentina, ou melhor, Olga foi retirada da escola e se implantou um sistema educacional tradicional opressor. Os ex-estudantes relatam que a escola não morreu, seguiu viva pela memória deles. Esse documentário foi tocante porque mostra como sempre existiram pessoas à frente de seu tempo, tentando mudar a realidade da educação, como há 200 anos Simón Rodríguez já fazia.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YJRzTcNWITY>. Acesso em: 13 nov. 2023.

Em um dos dias de chuva do voluntariado, eu e Eduardo ficamos conversando na Casa de Ferramentas e ali destrinchamos assuntos relacionados aos meios de comunicação, redes sociais e tecnologias. Eduardo contou que teve uma vivência precoce com a tecnologia, apesar de se tratar dos anos 2000. Tinha computador, internet discada e usou uma rede social chamada mIRC⁴⁸, a qual o conectava com pessoas desconhecidas para conversar.

A experiência do voluntariado foi muito intensa, apesar de estar sozinha. Talvez por isso o trabalho tenha exigido bastante da minha força física, algo que não estou acostumada a fazer. De noite estava sempre exausta. Meu plano inicial era realizar todas entrevistas para a pesquisa durante o voluntariado, mas vi que não tinha como. Necessariamente deveriam ser movimentos separados, vividos cada um na intensidade demandada.

Quando estive na Casa do Voluntariado, percebi que talvez não teria aguentado uma experiência com desconhecidos na casa. Realmente conhecer o outro em sua totalidade, passando tempo do dia a dia junto, conhecendo os hábitos, os costumes e a cultura das pessoas é algo que nos exige uma abertura, essa que sinceramente não sei se eu teria durante o voluntariado. Tudo fica no campo das hipóteses, afinal não vivi essa experiência com desconhecidos. Dividir sua privacidade com alguém é diferente de estar viajando e conhecendo um novo lugar e pessoas diferentes. É algo muito particular e cultural, senti meus privilégios e como vivo em um lugar muito confortável. Esse desconforto foi o suficiente para me mostrar que vivo em uma bolha com minha família e amigos. Apesar de termos diversas opiniões divergentes, ainda assim compartilhamos de um mesmo estilo de vida e durante o voluntariado percebi que neste micro realidade de Guaporé já existem muitas diferenças desde minha perspectiva de vida. Sendo assim, o voluntariado não demanda apenas a força física para o trabalho, mas provoca reflexão e autoanálise, olhar para os próprios condicionamentos, julgamentos e preconceitos.

Sobre o trabalho e percepções relacionadas com o voluntariado, descobri que a Ayni nasceu na agrofloresta, foram lá as primeiras bioconstruções. Como Thiago destacou em nossas conversas, o contato com a natureza é algo fundamental na ambiência construída na Ayni. Da mesma forma que comentei sobre os cursos, sinto latente um debate crítico sobre ecologia e sistemas hegemônicos. Senti que a agrofloresta é um ambiente com muito potencial, porém

⁴⁸ O mIRC, criado em 1995, foi um programa que conectou pessoas ao redor do mundo por meio de um IRC – em inglês, Internet Relay Chat, uma espécie de encontro virtual em diversos canais (salas de bate-papo). Apesar de ser uma invenção revolucionária para a época, o mIRC não tinha suporte para fotos. A identificação era feita por meio de um “*nickname*”, ou seja, um apelido. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/02/10-redes-sociais-que-quase-todo-mundo-ja-usou.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2024.

carece de cuidados. Entendo as limitações operacionais e também a dependência do clima para que as plantações se mantenham produzindo.

Para mim ficou claro que o principal é um trabalho com mais planejamento. Os ateliês da agrofloresta precisam de mais organização, mais prateleiras para guardar as ferramentas. Eduardo acaba ficando sobrecarregado, pois precisa gerir a agrofloresta e ao mesmo tempo acompanhar pessoas do voluntariado e cursos, por vezes ele está mais envolvido na parte de gestão de pessoas do que trabalhando propriamente na agrofloresta. Reflito que tanto voluntários, pais e participantes de cursos poderiam ter suas forças de trabalho melhor aproveitadas na agrofloresta, para isso é necessário um planejamento de atividades e a delegação delas.

Entendo que o propósito na agrofloresta também segue o princípio dos ateliês das crianças, prezando pela liberdade de o adulto fazer o que sente vontade. Mas, no caso da agrofloresta onde estamos lidando com a terra e o plantio, é preciso um trabalho mais organizado. Sendo assim, considero importante que se crie um cronograma de atividades, afinal, são muitas coisas para fazer e por vezes nada é feito por conta da falta de direcionamento.

5.3 O desafio de instigar a criatividade das crianças: a Oficina Arte Ecológica

Minha última imersão no bosque da Ayni aconteceu em dezembro de 2023, com a oferta da *Oficina Arte Ecológica*. Essa ideia surgiu principalmente por ter percebido que ao tratar sobre os sujeitos educandos da escola, meu contato foi muito mais com os adultos do que com as crianças. Quando estive na presença das crianças foi para realizar observações do processo comunicativo, sendo assim não interferei nas atividades. Como já havia delimitado que um dos procedimentos de coleta de dados seria entrevista, percebi que com as crianças seria necessário criar outro tipo de conexão, por meio de uma conversa coletiva.

Foi assim que conversei com a educadora Melissa, expondo minha ideia de realizar uma oficina de artes, onde eu pudesse deixar materiais artísticos à disposição das crianças e instigá-las a se expressarem, por meio da arte, para ilustrar o tema da ecologia e o entendimento delas sobre esse assunto. Tomando como premissa que as oficinas na Ayni são convites, sabia que existiam distintas possibilidades, como ninguém querer participar, ou alguns participarem e logo desistirem da atividade, ou realmente atingir meu objetivo com a oficina. Procurei não me ater a roteiros fechados e escolhi fazer a oficina no fluir do dia na Ayni, para que fosse o mais natural possível para as crianças.

Cheguei cedo na escola para combinar os detalhes com os educadores e entendi que, com a experiência do educador Allan com as oficinas e sua formação em Biologia, poderíamos ter uma conversa interessante durante os momentos de criação. A ideia inicial era conversar no Ateliê Yaku, passear pela agrofloresta e depois ir para a mesa externa atrás do Ateliê Uayra para podermos fazer as produções artísticas. Porém, nesse dia havia um grande número de crianças na escola e a educadora Ana Carolina não tinha vindo. Dessa forma, Allan não poderia se ausentar dos ateliês para ir para a agrofloresta. E, de qualquer forma, estava um dia muito quente e cheio de mosquitos, então optamos por não ir até a agrofloresta.

A oficina de nome Arte Ecológica foi pensada dessa forma para que as produções das crianças tivessem conexão com o meio ambiente. Em conversa com Allan, ele me apresentou o trabalho de Gandhi Piorski, maranhense, artista plástico, pesquisador nas áreas de cultura e produção simbólica, antropologia do imaginário e filosofias da imaginação. Em específico discutimos sobre o trabalho desenvolvido em parceria com o Instituto Alana⁴⁹, que objetivou instigar crianças a produzirem arte a partir da visão que elas têm sobre o mundo, sobre o meio ambiente e as mudanças climáticas.

A oficina iniciou com Allan conversando sobre a história da Ayni, contando para as crianças que como elas veem semanalmente, pessoas de vários lugares do mundo visitam a escola. Inclusive eu fui uma dessas pessoas, estive no voluntariado onde as crianças me conheceram. Eu fiz minha apresentação, comentei que esse era um momento para conversarmos, que queria ouvi-las sobre o que gostam na Ayni, sobre o que pensam sobre o meio ambiente e o que aprenderam sobre esse assunto.

⁴⁹ Disponível em: https://alana.org.br/wp-content/uploads/2023/11/SUMARIO_EXECUTIVO_MUDANCAS_CLIMATICAS.pdf. Acesso em: 24 jan. 2024.

Imagem 15 - Roda de conversa



Fonte: Melissa, 2023.

O educador Allan explicou para as crianças que no início da Ayni tudo estava na imaginação de alguém e, para tornar realidade, foi preciso desenhar, projetar a ideia para os outros entenderem. Durante a conversa, as crianças ficaram agitadas para externar o que estavam imaginando. Allan foi sensível ao explicar que existem várias formas de se expressar, de tirar ideias da imaginação e que as crianças estavam convidadas a se expressarem sobre o que gostam, o que melhorariam na Ayni ou no mundo. Quando terminamos essa conversa introdutória, estávamos com 10 crianças participando da oficina.

Fomos na mesa ao ar livre atrás do Ateliê Uayra. Eu já tinha arrumado os materiais de desenho e ficamos ali produzindo arte e conversando por 1 hora. Allan fez uma cabaninha com gravetos, linha e folhas; eu fiz o título do cartaz, Ayni rodeado de folhas de árvores que fiz com decalque em giz de cera. Dois meninos focaram em criar um ateliê de TV e jogos, um fez um desenho sobre isso e o outro montou essa sala em papelão. Uma menina fez o que mais gosta na Ayni que é estar ao ar livre e também desenhou uma grande árvore de natal. Outra menina fez várias árvores natalinas bem pequenas e desenhou a cesta de basquete que vai ser instalada no parquinho da Ayni, a cesta já está na agrofloresta esperando a instalação. Uma menina fez três produções, desenhou um carrinho de açaí, desenhou um tobogã e depois criou o tobogã

com palitos de sorvete e rolinhos de papel higiênico. Os irmãos gêmeos, um fez uma teia multicolorida e o outro fez um dos personagens do filme Elementos da Pixar e Disney, era o personagem que simboliza a terra, uma planta marrom com galhos verdes e frutos vermelhos. Um menino fez um carrinho de banana de controle remoto. Outro menino fez várias bolas coloridas e depois uma colagem de caixa de ovos por cima da folha de papel.

Imagem 16 - Oficina Arte Ecológica



Fonte: Allan, 2023.

Durante a oficina, fui conversando com as crianças. A ideia era que desenhassem algo relacionado ao meio ambiente, ecologia, seus aprendizados sobre o assunto, mas, como foi possível perceber, cada um fez “o que veio na cabeça”, literalmente. Percebi uma dificuldade em conduzir a oficina porque tinham crianças de 5 a 12 anos que queriam falar todas ao mesmo tempo. De momento fiquei pensando que a oficina tinha mudado completamente do cenário imaginado por mim, pois as crianças estavam desenhando tudo, menos algo relacionado à ecologia. Porém, refleti que deveria deixar fluir, se era o que elas queriam expressar e criar naquele momento, porque eu me daria o direito de interrompê-las e quem sabe afastá-las da atividade?

O que mais surgiu durante essa conversa coletiva foi que as crianças gostam de estar na Ayni porque podem ficar ao ar livre, podem brincar, tem muitos materiais legais, podem usar a impressora 3D, podem usar a cozinha, podem praticar o cubo mágico, podem plantar na horta. Também me contaram sobre o filme Elementos que haviam assistido na Ayni, que é um filme

que narra a relação entre elementos da natureza, apesar de suas diferenças, como cada elemento tem um papel indispensável no planeta.

Ao questionar sobre a relação com o meio ambiente, mencionaram que é preciso cuidar das árvores, sem cortá-las ou quebrar seus galhos, que é preciso proteger os animais, não matar ou bater neles, que é importante economizar água, não contaminar a água com lixo, jogar o lixo sempre na lixeira, por mais pequeno que seja qualquer lixo. Comentaram que é saudável comer frutas e vegetais, evitar comer “besteiras” e não usar agrotóxico nas plantações, que não se deve desperdiçar os materiais que usam e nem desperdiçar comida, que é bom doar brinquedos e roupas que não usam mais.

Questionados de onde aprenderam essas informações, a maior parte das crianças mencionou a Ayni, a escola regular e também vídeos que assistiram no YouTube. Alguns citaram que foram ensinamentos dos pais, que praticam os cuidados com o meio ambiente em casa, principalmente a separação do lixo.

Conforme as crianças foram concluindo seus trabalhos, eu e a Luana, que tem 12 anos, fomos montando o cartaz com as produções. Decidimos pendurar na área externa do Ateliê Yaku para todos poderem ver já na chegada da escola. Após a conclusão da oficina, fomos participar do aniversário da Cecília, comemorando com picolés enquanto fizeram o sorteio do amigo secreto que seria revelado no último dia de aula. Os presentes do amigo secreto precisavam ser confeccionados na Ayni.

Imagem 17 - As produções artísticas



Fonte: autora, 2023.

Antes de voltar para casa, visitei a agrofloresta e conversei com o Eduardo sobre a participação das crianças na agrofloresta, pois acompanhei pelas redes sociais da Ayni que as crianças estavam plantando no Berçário das Plantas, onde eu havia ajudado a limpar durante o voluntariado. Eduardo contou que geralmente é um mesmo grupo de meninas que gosta de ir para a agrofloresta. Neste dia, mais uma vez surgiu a ideia de acompanhar o Eduardo na agrofloresta em um movimento natural e espontâneo das crianças, assim plantaram arruda e flores.

A realização da oficina foi importante para a pesquisa, pois pude ouvir o que as crianças pensam sobre a Ayni. No grupo de crianças participantes da oficina haviam distintas realidades familiares, crianças com diferentes personalidades. Inclusive crianças que acompanhei durante meus cursos e voluntariado que pensei que não iriam participar da oficina e foram as primeiras a se interessarem. Reflito que a importância de ver as crianças pintando e conversando em uma mesa no meio de um bosque vai muito além da investigação que empreendi durante a dissertação. Eu percebi como é possível realizar práticas educomunicativas com foco socioambiental nas escolas e em dinâmicas dentro da própria família, procurando conversar com as crianças e questioná-las sobre o que elas pensam.

5.4 As entrevistas: trajetória comunicacional e midiática dos sujeitos educandos, relações e aprendizados na Ayni

Como relatei nos procedimentos de coleta de dados, entendi que para me aprofundar nas relações entre os sujeitos educandos e a Ayni seria necessária uma aproximação em que tivesse a oportunidade de conversar sobre o dia a dia dessas pessoas e sobre seus posicionamentos e vivências quanto a temática ecológica. Os sujeitos educandos não são só participantes na pesquisa, eles criam, produzem, eles são e fazem a pesquisa, enquanto eu transcrevo, traduzo e trago minha perspectiva sobre o que os sujeitos compartilharam durante as entrevistas.

Foram entrevistados 11 sujeitos educandos, sendo 4 educadores: Ana Carolina, Allan, Melissa e Victória; 5 famílias: Lea, Tabitha, Fabricio, Kelly e Renata; 1 voluntária: Cristine; e 1 guardião da agrofloresta: Eduardo. Refleti sobre uma diversidade de sujeitos educandos, vindos de distintas realidades culturais, mas ao mesmo tempo pessoas que percebi serem ativas no movimento educativo da escola. Todos os entrevistados responderam as mesmas questões e as entrevistas foram realizadas em sua maioria no mês de dezembro de 2023. Cada entrevista foi realizada de acordo com a preferência do entrevistado; dessa forma, algumas foram presenciais, outras por vídeo chamada no WhatsApp e uma por texto e áudio no WhatsApp.

As questões da entrevista foram divididas em quatro blocos, sendo o *perfil do sujeito educando entrevistado*; os *usos e apropriações midiáticas/comunicacionais e relações com ecologia, meio ambiente e consumo consciente*; *aspectos culturais*; e a *relação com a Ayni e o tema da ecologia*. A partir dessas questões, busquei uma aproximação com a realidade vivida por cada sujeito, entender qual relação cada um tem com as mídias, se os conteúdos que consomem têm relação com a temática ecológica e quais são os aprendizados construídos a partir de suas vivências e da inserção na Ayni.

O tratamento das informações obtidas nas entrevistas está organizado em cinco tópicos, tendo em vista os objetivos traçados no início da pesquisa. Sendo assim, começo apresentando os sujeitos entrevistados, com informações do dia a dia de cada um. Em seguida discuto sobre as marcas de mediações midiáticas e comunicacionais que configuram os processos comunicacionais/educativos da Ayni, levando em conta as vivências dos entrevistados com as mídias, família, trabalho e comunidade. No tópico seguinte abordo os saberes e competências em relação à ecologia compartilhados pelos entrevistados, dando abertura também para discutir as aprendizagens para o exercício da cidadania vinculada à ecologia. Por fim, o último tópico está voltado para questões críticas e de sugestões de melhorias para a escola.

5.4.1 Conhecendo as(os) sujeitas(os) educandas(os) entrevistadas(os)

Como discuti durante o capítulo teórico, ao pensar nos sujeitos educandos que fazem parte da Ayni preciso compreender que cada um tem uma história, uma realidade cultural e social particular, experiências de vida únicas. Sendo assim, ao entrevistá-los, pude perceber diferentes personalidades e diferentes formas de se expressar. Neste tópico compartilho o perfil dos sujeitos educandos entrevistados com as principais informações pessoais, os aspectos culturais relacionados ao dia a dia de cada um e como conheceram a Ayni.

Iniciando pelos 4 educadores entrevistados, Ana Carolina se identifica com o gênero feminino, tem 29 anos, nasceu em Pelotas – RS e atualmente mora em Guaporé – RS. Trabalha como educadora na Ayni há 3 meses e também dá aulas particulares de Inglês. Tem formação em Biologia e Pedagogia, fez pós-graduação e sua trajetória de estudos começou com ensino privado e estendeu-se à faculdade pública e privada. Ana tem os dias focados no trabalho na Ayni, nas aulas particulares e em casa nos afazeres domésticos, juntamente com seu companheiro Allan, que também trabalha na Ayni. Ana pratica *crossfit*, *yoga*, gosta de pintar e desenhar.

Allan se identifica com o gênero masculino, tem 36 anos, nasceu no Rio de Janeiro – RJ e mora em Guaporé – RS. Trabalha como educador na Ayni há 10 meses e sua formação é em Biologia. Fez pós-graduação e estudou em ensino público e privado. Pratica *jiu-jitsu*, gosta de práticas de alongamento e *yoga*. Em casa divide os afazeres domésticos com a Ana, como a limpeza da casa, lavar roupas, cortar a grama, cuidar dos animais, fazer comida, entre outros. Em seu tempo livre, Allan gosta de construir coisas, lidar com marcenaria e fazer móveis, também gosta de escrever. Ele conheceu a Ayni por meio de uma amiga que mostrou o *site* da escola. Então apresentou a escola para a Ana e ambos participaram do voluntariado da Ayni.

Melissa, educadora na Ayni há 2 anos, conheceu a escola por meio de um amigo, passou a acompanhar as redes sociais e participou do voluntariado. Melissa se identifica com o gênero feminino, tem 44 anos, nasceu em Bom Princípio – RS e mora em Guaporé – RS. Ela mora sozinha, estudou Pedagogia e fez pós-graduação em ensino privado. Sua rotina está praticamente toda relacionada com o trabalho na Ayni e as atividades domésticas. Frequenta academia, participa de um grupo relacionado a terapias, pratica *yoga*, gosta de fazer caminhadas para relaxar e se conectar consigo mesma, ir para a praça e poder sentar na grama, gosta de escrever aleatoriedades, cantar e tocar violão e teclado.

Victória tem 26 anos, se identifica com o gênero feminino, nasceu em Venâncio Aires – RS e mora em Guaporé – RS. Ela mora sozinha, é formada em Pedagogia e estudou em ensino público. Seu dia a dia é voltado ao trabalho na Ayni e ela procura praticar atividades físicas sempre que possível. Trabalha como educadora na Ayni há 2 anos e meio e conheceu a escola a partir do grupo de pesquisa em que participou durante a graduação, também participou do voluntariado da Ayni. É capoeirista, apesar de estar afastada da prática no momento. Gosta de fazer cadernos de forma artesanal e criar *designs* digitais.

Também participou da entrevista Eduardo, que trabalha como guardião da agrofloresta na Ayni há quase 2 anos. Eduardo se identifica com o gênero masculino, tem 37 anos, nasceu em Chapecó – SC e mora em Guaporé – RS há 10 anos junto de sua esposa e duas filhas. Estudou até o ensino médio em escola pública, iniciou diferentes cursos na graduação, mas não chegou a concluir. Ele conheceu a Ayni por morar em frente à escola na época e inserir sua filha nas atividades ali ofertadas. No tempo livre gosta de cuidar da horta na sua casa, brincar com as filhas e está trabalhando com um projeto social focado na prática do *skate* para crianças.

A voluntária entrevistada foi Cristine, que se identifica com o gênero feminino, tem 37 anos, nasceu em Indaial – SC e mora em Rodeio – SC. É empreendedora, formada em Direito no ensino privado. Cristine mora com o esposo e dois filhos. Conheceu a Ayni pelas redes sociais e decidiu participar do programa de voluntariado por 15 dias. Seu dia a dia está voltado

para os afazeres domésticos, cuidados com as crianças e cuidado das finanças da família. A família viveu por um período de forma nômade em um *motorhome*, dessa forma conheceram diversas cidades e projetos sociais relevantes dentro da temática ecológica e de estilo de vida saudável.

Tratando sobre as 5 famílias entrevistadas, inicio pelo Fabricio, que se identifica com o gênero masculino, tem 46 anos, nasceu e mora em Guaporé – RS junto da esposa e três filhos. É formado em Engenharia Mecânica no ensino público e trabalha de forma autônoma. Conheceu a Ayni desde sua fundação, pois é cunhado do fundador da escola. Trabalhou por um tempo na escola e como pai participa há 3 anos. No dia a dia trabalha diretamente de casa, gosta de jogar futebol, de estar em contato com a horta, participa de um grupo de homens sobre autoconhecimento e está estudando sobre mídias sociais, mentoria financeira e engenharia e segurança do trabalho.

Lea se identifica com o gênero feminino, tem 43 anos, nasceu e mora em Guaporé – RS junto do esposo e dois filhos. É pedagoga, estudou Educação do Campo com ênfase em Pedagogia em universidade pública, tem pós-graduação. Conheceu a Ayni por acompanhar pessoas que estavam trabalhando na construção da escola e participa das atividades há 2 anos. Seu dia a dia é como coordenadora pedagógica em uma escola municipal de educação infantil e se dedicando aos afazeres domésticos. Gosta de jogar vôlei, acompanha os filhos na escolinha de basquete, participa da Igreja Católica, gosta de se reunir com um grupo de mulheres da Ayni, onde fazem dinâmicas de dança e autoconhecimento.

Renata se identifica com o gênero feminino, tem 42 anos, nasceu em Muçum – RS e mora em Guaporé – RS com o esposo e dois filhos. Estudou Direito e fez pós-graduação no ensino privado. Fez cursos na área de terapias, onde encontrou sua vocação. Seu dia a dia está focado no trabalho como terapeuta e no cuidado com a casa. Gosta de conteúdos relacionados à espiritualidade, terapias, autoconhecimento. Participa ocasionalmente da Igreja Católica, já frequentou o Centro Espírita, fez aulas de dança e frequenta academia. Participa da Ayni há 5 anos e conheceu a escola por meio de amigos que ajudaram na sua construção.

Tabitha, que se identifica com o gênero feminino, tem 29 anos, nasceu em Porto União – PR e mora em Guaporé – RS desde seus 9 anos de idade. Moram com ela seu esposo e dois filhos. Estudou até o ensino médio em escola pública. Trabalha como costureira e seu dia a dia é basicamente o trabalho, o cuidado com a casa e as crianças. Conheceu a Ayni por meio de uma amiga que tinha filhos participando da escola e participa das atividades há 2 anos. Gosta de sair com as crianças para a praça e parquinho nos finais de semana, participam da Igreja Católica, costumam passar os finais de semana na propriedade do interior.

Kelly tem 46 anos, é natural de Iporá – GO, viveu muitos anos no Rio de Janeiro e atualmente mora em Guaporé – RS com o esposo e o filho. Kelly se identifica com o gênero feminino, estudou Fisioterapia em ensino privado e realizou Mestrado em ensino público. Fez diversas especializações que foram importantes para sua atuação profissional como fisioterapeuta focada em pacientes que sofrem de dores crônicas. Conheceu a Ayni por meio de uma amiga e fez diversas vivências na escola, foi por esse motivo que a família decidiu se mudar de cidade. Kelly gosta de atividades focadas no desenvolvimento pessoal, de estar em contato com a natureza, praticar *yoga*, fazer meditação ativa e busca em suas atividades uma conexão com seu corpo e seu interior.

A partir desta breve apresentação dos entrevistados, passo a refletir sobre suas falas durante a entrevista, onde compartilharam a respeito das mídias que utilizam, os conteúdos que consomem, seus saberes sobre a questão ecológica, as aprendizagens que nutriram a partir da participação na Ayni e os pontos que melhorariam na escola.

5.4. Mediações comunicacionais e midiáticas

Como foi possível perceber no tópico anterior, cada sujeito carrega consigo uma bagagem de vivências que o tornam um sujeito multidimensional. Isso significa que a socialização dos sujeitos também se dá de forma particular, considerando distintas mediações que perpassam a vida e a construção da personalidade de cada um. As mediações são constituídas de distintos espaços, como a família, a comunidade, a cultura, a escola, a universidade, o trabalho, os grupos de amigos, as vivências religiosas e políticas, o uso das mídias, entre outros pontos.

Nesta sessão discuto as marcas de mediações que foram percebidas durante as entrevistas. As questões que proporcionaram essa percepção tiveram foco em informações pessoais, no dia a dia dos entrevistados, nas atividades que participam, nos momentos de lazer e nos conteúdos que consomem nas mídias. As marcas de mediações identificadas contribuem e afetam os aprendizados em relação à ecologia, porém, em certo grau também sinalizam dificuldades em relação aos aprendizados construídos pelos sujeitos.

Dentro da amostra de entrevistados, identifiquei que a maior parte deles não nasceu em Guaporé – RS. Esse ponto trouxe diferentes aspectos culturais explicitados durante as conversas, seja nos sotaques que cada um expressa, como também na forma como mostraram estranhamento quanto à cultura da cidade de Guaporé, principalmente no que se refere aos

debates sobre racismo, homofobia, machismo e política. Da mesma forma, existe o estranhamento das pessoas que viveram a vida toda em Guaporé, seja na forma como caracterizam a Ayni ou como entendem a cultura das pessoas advindas de outras cidades e realidades.

Como mencionado por Lea, que passou a vida inteira em Guaporé, quando os voluntários estavam construindo a Ayni, as pessoas da cidade comentavam que lá estava vivendo um grupo de *hippies*, com seu estilo de vida calmo, fazendo mandalas, se vestindo de forma simples, com cabelos estranhos. Essa percepção distorcida ainda perpassa a cidade, pois em conversas no comércio local muitas pessoas nem sequer sabem da existência da Ayni e outras associam a imagem da escola a pessoas desleixadas ou popularmente chamadas de desconstruídas⁵⁰, ou seja, diferentes. Essa visão é problemática, pois mais de 30 famílias da cidade estão diretamente ligadas à Ayni e sabem que o movimento educativo da escola não pode ser reduzido ao preconceito. Pensando em um processo educacional, é fundamental quebrar com essa visão estereotipada e preconceituosa, fazendo com que a comunidade realmente conheça o projeto para romper com esse pensamento equivocado.

Na perspectiva de uma pessoa vinda de fora da cidade, Kelly compartilha o principal paradoxo que enfrenta ao estar em Guaporé. Ela gosta muito da cidade pela segurança, tranquilidade e qualidade de vida, porém, não vê seu filho crescendo em meio a uma sociedade ainda muito preconceituosa.

Pra eu vir pra cá foi o maior desafio pela cultura daqui, aí não foi a Ayni, foi o entorno. Porque no Rio de Janeiro as pessoas são muito mais liberais, a gente sabe que o machismo é estrutural, mas aqui que é uma cidade pequena, uma colônia, eu me choco muito com isso (...). Eu não sei quanto tempo eu vou ficar aqui, eu amo onde eu moro hoje, não pretendo mudar daqui tão cedo, mas eu penso: eu não quero meu filho adolescente convivendo com meninos aqui com esse pensamento que tem. Porque é aquele pensamento: menino vai para o puteiro, vai jogar bola, as mulheres são vagabundas, mulher objeto, eu que mando... Isso aqui é uma coisa que me choca muito e também o desrespeito com as crianças (...). Porque aí parece que você dentro da Ayni está vivendo numa bolha, mas na cultura do entorno é muito grave a questão do machismo, é muito grave a questão do preconceito e a discriminação (Kelly, 2024).

⁵⁰ Termo cunhado pelo filósofo franco-magrebino Jacques Derrida (1930 – 2004). Atualmente o termo é usado para se referir às pessoas que rejeitam preconceitos e são críticas a convenções e opiniões consideradas hegemônicas. Disponível em: [https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/claudia-laitano-desconstruido/#:~:text=Obrigada.%E2%80%9D%20\(Twitter\)%20DEFINI%C3%87%C3%83O,temas%20como%20g%C3%AAnero%20e%20cor](https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/claudia-laitano-desconstruido/#:~:text=Obrigada.%E2%80%9D%20(Twitter)%20DEFINI%C3%87%C3%83O,temas%20como%20g%C3%AAnero%20e%20cor). Acesso em: 08 fev. 2024.

A percepção de Kelly pode parecer dura em um primeiro momento, mas é uma realidade vivida em diversos lugares do Brasil e do mundo. A importância desta fala está também na relação que existe com o tema da ecologia. Da mesma forma que a cultura local reproduz comportamentos machistas e preconceituosos, no que diz respeito à natureza também se reproduz uma visão utilitarista de que o planeta e os recursos naturais estão aqui para nos servir. Então, há um uso expressivo de agrotóxicos nas propriedades rurais e um interesse em desmatar e enterrar nascentes de água a fim de maior produtividade agrícola.

É importante reforçar que, como qualquer cultura, existem muitos problemas que são reproduzidos geração após geração. Falo com propriedade de uma pessoa que vive no interior desde criança e sei que o processo de mudança de mentalidade é longo e contínuo. Obviamente não podemos generalizar as pessoas que vivem nas cidades interioranas como se todas reproduzissem o discurso patriarcal, homofóbico e racista, ou que defendam o desmatamento, afinal pessoas assim estão espalhadas por todo o planeta, mas é possível que todos já tenham se deparado com conversas que tomaram esse rumo, pensando na realidade do interior da Serra Gaúcha.

Durante a pesquisa, identifiquei a necessidade de uma comunicação institucional da Ayni focada na região de Guaporé, capaz de desmistificar a visão deturpada que se prolifera na cidade e trazer a comunidade para dentro da escola. Na entrevista que fiz com Kelly, ela também mencionou a questão da comunicação como um dos fatores importantes para a integração entre comunidade e escola. Em seu relato, mencionou que no passado as turmas de voluntariado tinham como atividade realizar alguma benfeitoria para a comunidade guaporense. Na turma de voluntariado em que Kelly esteve, ajudaram na pintura da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de Guaporé. Outros grupos fizeram canteiros de flores pela cidade, inclusive o teto verde da parada de ônibus em frente à prefeitura. A retomada desta atividade no *Programa de Voluntariado* seria importante para aproximar a escola da comunidade. Da mesma forma, a comunicação colaboraria na divulgação do turismo com propósito que é uma das atividades realizadas na escola nos finais de semana e fora do período letivo, onde munícipes de Guaporé podem visitar a escola gratuitamente com agendamento prévio.

Entendo que as mediações vão para além da cultura, por isso considero a educação um caminho para a transformação social e consequentemente uma mediação importante na vida dos sujeitos educandos. Identifiquei que a maioria dos entrevistados estudou o ensino médio em escola pública e a maior parte deles possui ensino superior e realizou alguma especialização, seja em ensino público ou privado. Nas falas dos entrevistados, não percebi necessariamente diferenças no discurso sobre ecologia por conta do estudo que tiveram. Os posicionamentos

quanto à questão ecológica estão fundamentados na busca por uma vida mais saudável e nas relações interpessoais que os entrevistados mantêm, seja no trabalho, na família ou em grupos de amigos.

Percebi que alguns entrevistados tiveram posicionamentos críticos mais contundentes, enquanto outros mantiveram suas falas em percepções do senso comum, como separar o lixo, não ser consumista e economizar água. Os entrevistados vêm de distintas vivências familiares, mas a busca por uma vida mais consciente ecologicamente já era um sentimento nutrido por eles, inclusive os que nasceram em Guaporé. Lea e Tabitha mencionam que os filhos têm bastante contato com a natureza nas propriedades rurais das famílias, onde visitam os avós e também conseguem colher as plantações, pegar os ovos das galinhas, o leite das vacas, as frutas diretamente das árvores. Ambas mães entendem que esse contato é benéfico para a saúde física e mental das crianças.

Considerando o ambiente de trabalho como uma mediação válida na discussão sobre ecologia, ao questionar Ana Carolina sobre pensamentos críticos que surgem no dia a dia na Ayni, ela reflete sobre as crianças chegarem na escola expressando o que aprenderam em casa. Esse ponto corrobora com minha discussão teórica, ao entender que os sujeitos educandos podem carregar saberes advindos de suas vivências pessoais com a família, a mídia e a sociedade e não necessariamente esses saberes são corretos, sendo assim precisam ser discutidos.

Isso de trazer o debate, trazer a reflexão, estar na Ayni, você está ali no dia a dia com as crianças e as crianças trazem pra gente muito dessas discussões porque elas trazem o que veem em casa né, então você conhece a casa das crianças pelas crianças, mal ou bem essas discussões vêm todos os dias (...). Sobre meio ambiente na vida, está lá nas pequenas coisas, está no material que a criança vai usar e vai jogar fora, está no ato como ela cuida dos materiais, no ato como ela cuida um do outro, como ela se relaciona, como ela cuida do espaço, está em pequenas conversas até mesmo sobre como uma casa é gerida, sobre machismo, sobre estruturas sociais que estão muito mais nas nuances do que no grosso (...). Às vezes a gente esquece que está em uma bolha, com amigos que pensam igual a nós, aí a gente acredita que o mundo está pensando assim e aí você chega lá e tem a criança que tem medo de botar o pé na terra, que pega o material e joga fora... (Ana Carolina, 2023).

Nesta fala, Ana Carolina compartilhou que muitas vezes as crianças começam a participar da Ayni com medo dos insetos, com noções limitadas sobre desperdício e sobre vivências pontuais que refletem a perpetuação de uma cultura patriarcal. Ana Carolina já foi questionada por crianças se seu esposo a autoriza a comprar determinadas coisas, demonstrando como as crianças percebem em casa a figura paterna como autoridade perante as escolhas das

mães. Neste caso, a intervenção do educador se dá de forma sutil, apresentando para a criança como esse pensamento não deve ser reproduzido e como é importante discutir sobre isso. Seja mostrando como todos seres vivos são fundamentais para o ecossistema, sobre como os materiais que desperdiçamos gastam energia do nosso planeta, como também explicando como as mulheres e mães devem ser tratadas com igualdade perante os homens.

A perspectiva apontada por Ana Carolina em relação aos saberes que as crianças trazem de casa sobre ecologia e meio ambiente conversa diretamente com o que Victória relatou:

Eu falo sobre as questões da terra, ecologia, agrofloresta, cuidado com a terra o tempo inteiro praticamente, porque é isso, trabalhar na Ayni, nos cursos, nas visitas e até com as crianças acho que todos os dias a gente tá falando sobre isso, sobre esse cuidado que é desde o micro até o macro. Desde sei lá, não matar os mosquitos, a mosca... ou vamos tirar a aranha de dentro da sala e não vamos matar ela..., é acompanhar as rugas que estão se transformando, fazendo casulo pra se transformar em borboleta, então é o tempo inteiro falando sobre isso (Victória, 2023).

A mudança da visão das crianças sobre a natureza ficou perceptível quando conversei com elas durante a *Oficina Arte Ecológica*. Quando as crianças respeitam o espaço dos insetos e coexistem com eles no bosque, quando sabem que não devem matar os bichinhos, mas sim deixá-los em um lugar distante no bosque, isso mostra a noção de pertencimento e de igualdade perante os outros seres vivos. Ou seja, as crianças passam a entender a importância de cada ser vivo e compartilham desse pensamento em suas casas, reverberando em outros espaços o movimento educativo que vivenciam na Ayni.

Seguindo na discussão sobre como as vivências do trabalho afetam os aprendizados sobre ecologia, Melissa relata uma experiência pessoal:

Antes da Ayni eu trabalhava em um banco, então era bem diferente. Se for pensar nessa questão de sustentabilidade e ecologia, no banco era muito discurso (...) a gente fala em separar o lixo, mas é anterior a isso. Sim ok, já é alguma coisa, mas vamos tentar não produzir tanto lixo! (...) Hoje estou em um lugar em que sim, a gente pratica o que fala (Melissa, 2023).

A vivência de Melissa demonstra uma quebra com a visão comumente naturalizada na sociedade, onde muitas vezes se replica um discurso sustentável e não se reflete sobre o quanto desse discurso realmente sai do papel. Cabe ressaltar nesse ponto a responsabilidade das empresas e do agronegócio perante a poluição gerada diariamente. Muitas vezes o foco está em repetir para as pessoas jogarem o lixo no lixo, enquanto grandes empresas despejam dejetos industriais diretamente na natureza ou desmatam grandes áreas de mata em prol da

produtividade agrícola. A sustentabilidade defendida por empresas muitas vezes fica só na propaganda, na prática poucas realmente estão trabalhando com responsabilidade social, ambiental e econômica. Claro que a consciência de comportamentos sustentáveis para o planeta deve fazer parte de cada ser humano, mas não podemos nos omitir perante o sistema, acreditando nas promessas feitas sem questionar efetivamente quais atitudes são tomadas para diminuir os impactos socioeconômicos e ambientais.

Pensando nas atividades realizadas pelos entrevistados fora do ambiente familiar e de trabalho, ao conversar com Cristine, que passou mais de um ano com a família em um *motorhome* vivendo uma vida nômade, questionei sobre as conversas do dia a dia nos lugares em que estiveram e nas pessoas com quem a família teve contato.

Conversamos principalmente sobre nosso estilo de vida natural, práticas conscientes, sobre as coisas químicas que a gente tem dentro de casa e que não necessitaria ter, tanta coisa pra limpeza, pra uso no corpo, enfim, sobre todos produtos químicos que tem e a maioria das pessoas não têm a consciência que estão passando no próprio corpo e jogando de volta pro meio ambiente (Cristine, 2023).

Na fala de Cristine surge um ponto importante que é a discussão sobre o uso de químicos. Em nossa conversa ela mencionou que já vem introduzindo esses temas para seu filho maior, para que ele esteja consciente que existem caminhos naturais para curar enfermidades, fazer a limpeza da casa, cuidar do próprio corpo. A consciência crítica sobre os produtos industrializados é fundamental, pois nossa exposição diária a materiais prejudiciais à saúde é cada vez maior e além disso estar ciente do quanto esses materiais prejudicam o meio ambiente.

Pensando também no consumo de materiais plásticos, Victória lembrou que quando participava do grupo de capoeira em Salvador, as pessoas estavam discutindo sobre a mudança dos materiais usados nas oferendas a Iemanjá, como vemos a seguir:

Quando estava em Salvador, eu fazia parte de um grupo de capoeiristas (...) o grupo está diretamente ligado a um terreiro de Candomblé e eles fazem a entrega do presente pra Iemanjá, que é fazer um cortejo até a praia, entregar o presente que é colocado no mar e tem todo um ritual pra fazer essa entrega. A galera estava pensando em como seria esse presente, pra colocar materiais que fossem biodegradáveis, porque em 2 de fevereiro praticamente todos os terreiros da cidade fazem essa entrega do presente, então vai muito lixo pro mar né. Claro, vão flores e frutas que se degradam, enfim, mas também vão barquinhos pequeninhos com as oferendas dentro, então esses barquinhos normalmente eram sei lá de plástico e tal então estavam preocupados em fazer com materiais que fossem biodegradáveis pra não agredir o mar, não poluir,

lembro dessa discussão da galera tentando ver outras possibilidades (Victória, 2023).

A partir do comentário de Victória é possível realizar um simples exercício pensando na quantidade de plástico que descartamos diariamente. O excesso está principalmente nas embalagens que se multiplicam e que com o descarte incorreto acabam chegando nos oceanos, onde ameaçam a vida marinha de diversas formas. A reflexão sobre o plástico também foi mencionada por Lea, Renata e Melissa durante as entrevistas. Existe um movimento crescente para reduzir o consumo de microplásticos que estão nas maquiagens, por exemplo. Essa discussão surgiu no Carnaval por conta das fantasias e uso de *glitter* pelo corpo.

Considerando que as mídias compõem também mediações, trago discussões que surgiram nas entrevistas a partir do questionamento sobre os usos e apropriações midiáticos e comunicacionais e a relação com a ecologia. Reconheço a partir das entrevistas que todos entrevistados possuem *smartphone* e os modelos de aparelhos mencionados podem ser considerados referências no mercado de tecnologia. Todos entrevistados possuem notebook ou computador e conexão com internet via fibra óptica e rede móvel 4G.

A partir dessas informações, questionei os entrevistados sobre quais outros aparelhos tecnológicos eles têm em casa. A maioria dos entrevistados não possui outros aparelhos como rádio, telefone fixo, aparelhos de *games* ou dispositivos Amazon e alguns deles não possuem TV em casa. Outra observação peculiar é que a maioria dos entrevistados não usa TV aberta e nem por assinatura, mas sim serviços de *streaming*, estando entre os mais citados Netflix, Prime Video e Disney.

No que tange ao consumo de noticiários, percebi entre os entrevistados um movimento crescente do afastamento do consumo de notícias. Os entrevistados não costumam ler jornais e revistas, nem mesmo digitais. A maioria deles sabe das notícias por intermédio da família e amigos ou por influenciadores digitais que fazem uma espécie de curadoria de notícias. Ao questionar sobre o motivo deste afastamento, ouvi diferentes questões como a ansiedade causada pelo excesso de informações, o problema da desinformação e as pautas de polarização política que afastam as pessoas dos conteúdos de noticiário. Estes últimos pontos foram mencionados por Allan, que diz não consumir as notícias por meio da mídia local de Guaporé por apresentarem perspectivas distorcidas dos fatos com direcionamento político, inclusive com desinformação.

Ao passo que há um afastamento do consumo de notícias, os entrevistados mostraram noções relacionadas a checagem de notícias e um filtro nas informações que acessam, como

podemos ver na fala de Eduardo (2023): “Ah, sem dúvida eu tenho acesso às informações que me interessam e que fazem sentido pra mim, eu seleciono o que quero ver, com toda certeza”. Nesse sentido, foi possível perceber que os entrevistados demonstram criticidade aos conteúdos que consomem e estão mais engajados a assuntos que são genuinamente de seus interesses. Porém, vale ressaltar que os noticiários de notoriedade internacional mencionam questões ambientais praticamente todos os dias; sendo assim os entrevistados poderiam estar mais engajados às pautas caso tivessem um contato maior com esse tipo de mídia e poderiam estar desenvolvendo outros saberes e aprendizagens a partir desses conteúdos.

Questionados sobre a forma como usam o celular, os sujeitos participantes das entrevistas mencionaram os aplicativos mais utilizados, que são WhatsApp, Instagram, Facebook, apps de banco e Google. Nesses aplicativos, o WhatsApp é usado para mensagens com a família e trabalho, os apps de banco para as finanças, o Google para pesquisas e o Instagram e o Facebook como entretenimento.

Sobre os conteúdos mais assistidos, os entrevistados mencionaram filmes infantis e documentários. Por exemplo, Allan e Ana Carolina mencionaram vários conteúdos assistidos na Netflix que tem relação com vida saudável e ecologia: *Zonas Azuis*, *Down to Earth with Zac Efron*, *Happy*, *Kiss the Ground*, *Rotten*, *Dieta dos Campeões*, *Fungos Fantásticos*. E especificamente sobre educação, a série *Sementes da Educação* disponível no Globoplay. Victória, Eduardo e Melissa também mencionaram *Minimalismo: um documentário sobre as coisas que importam*, disponível na Netflix.

Conforme a entrevistada Victória mencionou, o documentário *Fungos Fantásticos* além de ser esteticamente bonito, trouxe noções importantes sobre a forma como a natureza se comunica e como todos seres vivos estão conectados e são codependentes. Os fungos são o começo e fim, mostram como a vida na terra é um ciclo. Esse conteúdo em específico foi importante por estarem trabalhando com a produção de cogumelos na Ayni. Nesse sentido a entrevistada Cristine também esclarece sua opinião sobre os conteúdos que assistem em sua casa:

Todos conteúdos que a gente sempre preza por assistir, principalmente porque a gente tem filhos e quer que eles sejam criados com um senso crítico maior, sabendo muito mais da onde vem tudo isso que a gente consome, qual a cadeia que tem por trás de tudo e quais os riscos, quais os benefícios, ter uma visão maior para saber qual impacto que tudo isso causa na nossa vida, no planeta, no meio ambiente, no ar que a gente respira, na terra que a gente pisa, então a gente já tem um estilo de vida mais natural (Cristine, 2023).

A colocação de Cristine aponta uma busca por consumir conteúdos que tragam aprendizados para a vida da família e que também provoquem questionamentos sobre a forma como o sistema econômico vigente atua na sociedade, principalmente moldando as relações de consumo. A esta perspectiva acrescento a fala de Renata, que mencionou os principais temas que viu recentemente nas mídias que utiliza:

A gente faz parte do planeta e hoje em dia chama muito minha atenção esse negócio do plástico né, a gente vive muito no plástico e o quanto isso impacta a natureza e nós somos dependentes totalmente dela, então o que eu já vi é nesse sentido de poluição, de lixo, essa consciência ecológica. E tem coisas que a gente procura fazer com mais consciência e em termos de consumismo eu até falo bastante para as crianças que tudo que a gente consome, tudo que a gente está comprando, está gastando algo da natureza (Renata, 2023).

Percebi principalmente nas entrevistas com as famílias, como os pais estão procurando esclarecer para os filhos as noções sobre os materiais usados nos produtos que compram, deixando claro que tudo que temos, tudo que compramos, provoca um gasto de energia do planeta, por isso a importância da reciclagem e do reaproveitamento dos materiais. Dessa forma, entra outro ponto relevante na educação das crianças é entender o “não” dos pais, sabendo que as pequenas mudanças na forma como consumimos os produtos afetam uma escala muito maior da sociedade.

Indagando os sujeitos sobre hábitos de leitura, os livros mais lidos têm relação com autoconhecimento e estilo de vida. Identifiquei que os entrevistados que têm filhos acabam lendo menos do que gostariam por conta das responsabilidades no trabalho e na família. Sobre o que escutam no rádio ou no Spotify, a maioria só escuta músicas e apenas duas entrevistadas costumam escutar *podcasts*, em geral sobre temas atuais ou discussões reflexivas sobre a vida.

Quanto ao uso das redes sociais, todos entrevistados possuem perfis no Instagram e no Facebook, atualmente utilizando mais o Instagram. O uso das redes sociais em sua maioria foi associado ao entretenimento e a maioria dos entrevistados não costuma compartilhar conteúdos pessoais nas redes sociais, apenas conteúdos relacionados ao trabalho, tendo em vista que alguns entrevistados utilizam o Instagram como ferramenta de trabalho. Dentre os entrevistados não existe relação entre a idade e a opção por não postar conteúdos pessoais nas redes sociais, identifiquei essa opção como um movimento focado na privacidade familiar. Percebi que os que tem filhos usam as redes sociais por menos tempo por dia.

Nesse sentido, a maior parte dos entrevistados vê no Instagram postagens de familiares e amigos e também empresas, marcas e *influencers* que são de seus interesses. Melissa contou

que costuma ver reflexões de *influencers* no Instagram, pessoas que ela segue por apresentarem conteúdo relevante para sua vida. Em um caso específico mencionou a reflexão de um *influencer* que viu uma área de mata na cidade que seria destruída para a construção de um empreendimento comercial. “As grandes empresas com muito dinheiro trazem todo um outro lado de que tudo será feito com muito cuidado, de que vão manter algumas árvores, mas o que está por trás disso realmente? Não podemos nos enganar” (Melissa, 2023).

A fala de Melissa demonstra que as mídias, enquanto mediações, se bem aproveitadas podem ser fontes de informação e gerar novos conhecimentos. No caso específico de sua fala, percebe-se que a reflexão proposta por um *influencer* gerou questionamentos na entrevistada, fazendo com que ela refletisse sobre a forma como as empresas se apresentam e o que elas realmente estão fazendo.

O próximo tópico discute os saberes e competências em relação à ecologia mencionados pelos sujeitos educandos nas entrevistas.

5.4.3 Saberes e competências em relação à ecologia

Durante a pesquisa busquei investigar os saberes sobre ecologia expressados pelos entrevistados, a fim de entender como suas vivências afetam suas percepções sobre a temática, como também a participação da Ayni na construção destes saberes. No tópico anterior foi possível perceber o desenvolvimento de saberes a partir das mediações que constituem os entrevistados. Inicialmente percebi que os saberes citados estão focados em questões básicas como economia de água, separação do lixo e redução do consumo supérfluo. A diferença é que pelas falas pude perceber que não é um discurso “da boca pra fora”, os entrevistados realmente praticam o que falam, como colocado por Lea sobre a educação dos filhos:

Penso muito na educação, na conscientização, nessa proposta da gente colocar as crianças em contato com a natureza, de construir com o que a natureza oferece, sem estar consumindo tantos brinquedos comprados. É difícil mudar os adultos hoje em relação a esta consciência, por isso a gente tem que pensar nas crianças que estão vindo, ter essa conscientização do consumo da água, a gente continua toda vez que abre a torneira a falar (Lea, 2023).

Os pontos trazidos por Lea demonstram uma preocupação com as futuras gerações, de forma que as crianças se habituem com um estilo de vida econômica e ambientalmente sustentável e possam levar essa educação adiante nos espaços que frequentam e para gerações subsequentes. Na Ayni já existe o movimento de priorizar brinquedos de pano e de madeira,

evitando o plástico e também em relação ao desperdício da água de estar em pleno funcionamento um banheiro seco, que não precisa de descarga para os dejetos. Nesse sentido o comentário de Kelly reforça o significado do trabalho desenvolvido na Ayni. “O que eu vi dos cuidadores, dos guardiões da Ayni com as crianças, é que o material humano é que faz uma ecologia mais consciente” (Kelly, 2024).

A reflexão de Kelly e Lea toca em outro ponto que é a repetição. Sendo assim, a conscientização é um processo contínuo e é preciso lembrar-se dos princípios da economia sustentável nas pequenas atividades diárias, como lavar a louça, escovar os dentes, tomar banho, dar a descarga, lavar roupa. O exemplo dos adultos é de extrema importância para o aprendizado das crianças. No mesmo sentido vem o comentário de Renata, acrescentando a importância do reaproveitamento dos materiais, sejam orgânicos ou recicláveis.

Eu procuro cuidar bem dos resíduos, a parte da seleção e a parte de restos de alimentos a gente tem a horta e faz a compostagem e tudo que eu posso dar o destino para aproveitamento eu costumo dar. Os vidros recolho por um tempo e depois vejo se alguém quer para fazer compota, ou o moço que faz suco de uva, enfim, eu procuro reutilizar as embalagens, não colocar tudo no lixo (Renata, 2023).

O reaproveitamento é uma importante alternativa na economia circular, pois é possível dar outra função para os materiais duráveis como vidros, plásticos, madeira, metal, entre outros. Ao participar das atividades na Ayni e entrevistar os sujeitos educandos, percebi que o reaproveitamento é um dos saberes que se destaca, pois na escola sempre procuram dar outro significado aos materiais que seriam descartados. Como pude presenciar, muitos materiais viram opções para brincadeiras criativas, seja em um projeto artístico ou até mesmo um novo brinquedo.

Ao conversar com Cristine durante o período em que estive em curso na Ayni, ela me contou sobre a experiência de viver em um *motorhome* com dois filhos pequenos, falou sobre as alegrias e os desafios. A família passou a ter um estilo de vida voltado às necessidades do momento, sem a busca e pressão incessante do sucesso no trabalho e acúmulo de bens materiais. Em 2023 a família buscou conhecer diversos projetos com foco na sustentabilidade e produção agroecológica, como a experiência vivida em um assentamento agrícola em Eldorado do Sul – RS. Nesse sentido, Cristine compartilha assuntos dos quais desenvolveu saberes, seja por sua busca por uma vida com sentido, seja nos conteúdos que consome e nas relações que nutriu:

Compra consciente, destino do lixo, tempo de degradação, pesca predatória, trabalho escravo, minimalismo, vida sustentável, reciclar, reutilizar, cosméticos sustentáveis, estilo de vida natural, alimentação orgânica, longevidade saudável, atividade física (Cristine, 2023).

Os saberes citados por Cristine mostram como a mudança de comportamento em relação às questões do planeta acaba voltando-se diretamente para a vida da pessoa que busca essa mudança. Ao ter uma relação de respeito com a natureza e com os materiais que compramos, passamos a adquirir uma consciência maior sobre o próprio corpo, a saúde e a finitude da vida. O ponto mencionado sobre a pesca predatória também foi citado na entrevista com a Tabitha, onde ela relatou que existem navios que trabalham com a pesca 24 horas por dia e esse tipo de atividade está ameaçando espécies de extinção, dificultando a reprodução dos peixes e causando um desequilíbrio biológico no ecossistema.

Tratando sobre o trabalho escravo, entendo esta discussão como fundamental não só nas famílias como nas escolas. É uma ilusão pensar que uma roupa confeccionada na China chega até o Brasil custando 15 reais. Existe uma necessidade urgente de se questionar sobre o significado dos valores dos produtos que adquirimos. Não é a cadeia de produção em larga escala que vai baratear o custo dos produtos, mas sim o que está nas entrelinhas, essencialmente os trabalhadores em jornadas exaustivas e com pagamentos irrisórios. A escravidão não desapareceu, apenas foi modernizada. Por esse motivo, considero um debate importante pensando em um processo educacional, afinal, o acesso a compras importadas é cada vez mais facilitado e não há uma reflexão sobre o processo de confecção e venda desses produtos ou debater sobre o motivo de não estarmos fortalecendo o comércio local onde cada um vive.

Relacionado ao tema da industrialização e comercialização de produtos, identifiquei que alguns entrevistados possuem saberes vinculados à produção caseira de produtos de limpeza e higiene, por exemplo. Especificamente as vivências de Ana Carolina e Allan culminaram com mudanças nos produtos utilizados na limpeza da Ayni, como explicitado abaixo.

No dia a dia se fala sobre consumo consciente ou ecologia sempre que possível, a gente até tenta trazer algumas coisas diferentes, lá no trabalho mesmo a gente propôs algumas coisas, mudar coisas simples, um detergente por um sabão sólido, o desinfetante começar a fazer lá mesmo, a esponja por bucha vegetal, algumas ações assim, conversando o que der pra fazer (Allan, 2023).

No tempo em que estive na Ayni pude identificar essa mudança, principalmente no uso dos desinfetantes, que agora são naturais. Em conversa com Ana Carolina e Allan, eles

mencionaram que já vêm de uma trajetória de vida com práticas sustentáveis e estão sempre aprendendo algo novo e descobrindo possibilidades de levar uma vida mais natural e simples, focando na saúde e em causar o menor impacto possível ao meio ambiente. Ao questionar Ana Carolina sobre quais práticas benéficas ao meio ambiente eles mantêm em casa, sua resposta foi a seguinte:

Essa pergunta pra mim é muito engraçada, porque às vezes a gente não pára pra pensar. No dia a dia a gente já tem várias coisas, por exemplo, tem a composteira em casa, tem a horta, os animais, temos as galinhas com os ovos, a gente faz nossa própria pasta de dente, faço minhas maquiagens, a gente faz kombucha, todos os produtos de limpeza, desinfetante, amaciante, fazemos os da Ayni também. Como está dentro da rotina não é uma coisa que tem que parar pra pensar sabe (...) meu novo foco agora é a fermentação, com a kombucha fazer hidromel, vinagre. Fazer meu próprio pão, hoje fiz panetone. E os produtos de limpeza são feitos quase 100% em casa, só preciso dos óleos essenciais (Ana Carolina, 2023).

Ao analisar esse trecho, é possível entender como a rotina de práticas ecológicas adotadas por Ana Carolina e Allan passa despercebida no dia a dia do casal, pois já é algo natural para eles, acabam não percebendo o quão diferentes estas práticas estão de outras famílias. Ana Carolina fez questão de esclarecer que não gosta de comparar os hábitos do casal com outras pessoas, porque sabe das particularidades de cada família, de cada lar. Ela mencionou que na realidade deles é totalmente possível confeccionar os próprios produtos, mas não podem se comparar a uma família com crianças, que certamente têm outras demandas e que muitas vezes as jornadas dos pais são tão exaustivas que acabam não conseguindo ter tempo para atividades de lazer ou experienciar outras formas de viver de forma mais sustentável.

Para Melissa, estar na Ayni e buscar todo dia uma vida que faça sentido é o que a aproximou mais de práticas ecológicas, desde saberes básicos que todos deveriam praticar diariamente como economia de água, separação do lixo e consumo consciente, até saberes pontuais como a alimentação orgânica e a confecção de kombucha, que é uma bebida fermentada feita com chás e uma cultura de bactérias.

Com relação à água, desde lavar a louça ter a consciência de não deixar a torneira aberta, tudo que eu posso eu faço (...), o lixo e a questão da separação do lixo, busco no meu consumo quando vou comprar, priorizar embalagens ou produtos que não gerem tanto lixo, se possível optar por embalagem de papel ou vidro que posso reutilizar (...). A questão de comprar roupas tenho optado por comprar em brechó sempre que possível para também não gerar essa demanda de algo novo, reaproveitar (...), busco uma alimentação com produtos orgânicos e com menos industrializados possível, faço minha

kombucha e isso faz cada vez mais sentido, ser dessa forma e não o oposto de ficar adquirindo tudo e pensar no mais, mais e mais (Melissa, 2023).

Nos pontos trazidos por Melissa também é importante observar o que ela fala sobre as embalagens dos produtos comprados e a questão da compra de roupas. Como mencionei anteriormente, o excesso de embalagens é um dos grandes vilões na produção de lixo plástico principalmente. É importante ter essa consciência na escolha dos produtos, mas também é válida uma pressão popular para que empresas desenvolvam formas alternativas às embalagens plásticas, como foi o caso dos canudinhos plásticos, que se tornaram proibidos em diversos países, o que movimentou as empresas e consumidores a pensarem em alternativas como canudos biodegradáveis ou duráveis como os de aço inoxidável.

E quanto ao consumo de roupas e calçados, é crescente a tendência dos brechós, onde se pode comprar roupas e calçados novos ou usados de boa qualidade e menor custo, aumentando a vida útil das peças e evitando o descarte de itens que estão em bom estado. Em minhas leituras sobre consumismo identifiquei que o consumo de roupas e calçados é um dos mais expressivos e a realidade pode ser vista nos lixões de roupas, como é o caso visto no Deserto do Atacama no Chile⁵¹, onde estima-se que 300 hectares foram tomados por esse tipo de lixo. Em estatísticas, a indústria da moda só perde o posto de mais poluente para a indústria do petróleo. O poliéster que está presente na maioria das peças demora 200 anos para se desintegrar.

A mudança de hábitos de consumo e alimentação saudável foi citada pela maioria dos entrevistados, que puderam compartilhar visões críticas sobre a forma como nos relacionamos com os produtos e como nos alimentamos, como podemos ver na fala de Eduardo.

Eu considero muito que a quantidade das coisas no nosso mundo que é material são um problema, então o fato de ter encontrado essa conexão com a terra e com os alimentos também fez mudar o que eu coloco na minha mesa. Prefiro não comer mais carne hoje em dia, muita influência da relação que tenho com os alimentos. Sempre acreditei em um mundo mais alternativo, nunca acreditei na monocultura, apesar de que a gente não tem muita opção às vezes pra adquirir os alimentos que a gente coloca na nossa mesa. Mas hoje o fato de a gente poder trabalhar com consórcios e aqui colocar 10 culturas em um canteiro, é fato que não é viável plantar apenas uma cultura em campo aberto enquanto você pode otimizar esse lugar e aproveitar da energia das plantas para que elas se ajudem. Um exemplo disso é a Milpa, um consórcio pré-colombiano em que você planta milho, abóbora e feijão e elas se ajudam de alguma maneira. Então faz sentido pra mim um processo agroecológico como estilo de vida, como eu tenho na minha casa, porque eu tô cozinhando e

⁵¹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60144656>. Acesso em: 18 fev. 2024.

consigo colher os meus alimentos no meu canteiro e também nutrir um pouco o solo, cuidar da terra, cuidar da água (Eduardo, 2023).

A experiência de Eduardo na agrofloresta da Ayni o aproximou de conhecimentos relacionados a agricultura de subsistência e ao plantio agroecológico como alternativa para tornar a propriedade rural mais produtiva e com um solo saudável. Esses saberes vieram ao encontro das vivências que Eduardo teve na infância com sua família, visitando os avós no interior.

A gente cresceu na cidade, mas sempre teve contato com a área rural. Minha família é do campo, são produtores que trabalham com leite, eu sempre tive contato com a natureza, com a pesca, com alimentos saudáveis, com uma rica mesa farta. Lembro da mesa da minha vó sempre com muito alimento que eles mesmos produziam. Considero que todo ser humano simples, por mais simples que seja, consegue nutrir a terra, cuidar da água, cuidar do solo, descartar corretamente seus alimentos, aproveitar a energia do seu entorno nesses processos, ter um banheiro sem impacto ambiental, sem água. Não faz sentido a gente utilizar água no banheiro pra depois tratar essa água pra consumir novamente (Eduardo, 2023).

Há um ponto importante na fala do entrevistado que destaco: todo ser humano por mais simples que seja pode cuidar da terra. Essa afirmação tem embasamento nos princípios da agrofloresta, entendendo que a natureza é sábia e resta ao ser humano observar e aprender com ela. No sistema agroflorestal as plantas se ajudam, umas servindo às outras, gerando energia em comunidade. Cabe ao ser humano estar atento aos ciclos, solo, pragas e condições climáticas. Muito pode ser aprendido ao observar a natureza. Nesse sentido, Tabitha divide saberes que adquiriu ao participar da Ayni:

O que a gente aprende bastante na Ayni é como plantar sem veneno, mais natural, tipo o adubo é feito lá, os pais que querem levar também de casa o lixo orgânico podem levar e colocar lá na compostagem. O processo de plantio deles é bem diferente e também a cobertura do solo que eles fazem para manter o solo mais úmido (Tabitha, 2023).

Um dos focos da agrofloresta na Ayni é proporcionar um espaço para que os sujeitos educandos estejam em contato com a natureza. Mas, além disso, é possível aprender diversas técnicas de plantio, controle de pragas e adubação do solo, como mencionado pela entrevistada. A produção da agrofloresta é comercializada para as famílias e aos pais que não possuem horta em casa podem levar os resíduos orgânicos para a compostagem feita na escola, que vira adubo para as plantações da agrofloresta.

Os saberes expressados pelos entrevistados vão além de questões práticas relacionadas à ecologia. Pude perceber saberes críticos em relação à noção de habitar o mundo, de ser um grão de poeira cósmica perante a imensidão do universo. A entrevistada Victória refletiu sobre isso:

A consciência de se entender como parte de um todo, de algo que é muito maior (...) eu fui criada em uma cidade que é pequena, que é do interior, então essa noção de cuidado com a terra é qualquer coisa que tem, bota veneno pra matar porque é uma praga. Tem larva na horta? Bota veneno pra matar. Vai comer veneno? Azar, matou a larva que estava lá comendo as folhas (...) essas noções mudaram muito quando eu fui pra Ayni (...). O que vem da terra, vem por algum motivo, então a gente tem que respeitar (Victória, 2023).

O comentário de Victória demonstra uma quebra da visão que ela tinha sobre o meio ambiente, sinalizando que a partir de suas inserções em ambientes diferentes como a universidade e o trabalho passaram a ter uma visão integrativa sobre as questões ecológicas. Essa quebra possibilita que a entrevistada discuta as diferentes visões sobre ecologia em sua própria família e nas relações de amizade que cultiva.

Para Kelly a questão ecológica passa muito pelo entendimento que os seres humanos têm de si mesmos. “Eu acredito que se a gente não olhar pra dentro, a gente não consegue olhar pra fora (...). Meu ato político é olhar minha própria sombra, olhar onde eu poderia estar sendo destrutiva pra mim, pro outro, pro mundo” (Kelly, 2024). A partir dessa reflexão, a entrevistada demonstra como são importantes os momentos de autoanálise sobre o próprio comportamento, sem tantos julgamentos ou comparações com o papel cidadão de outras pessoas.

Não separado dos saberes sobre ecologia estão as aprendizagens no sentido de uma cidadania ecológica na sociedade. Por esse motivo, a próxima sessão está focada em trechos das entrevistas que demonstram o senso de coletividade e ações cidadãs dos sujeitos educandos.

5.4.4 Aprendizagens para o exercício da cidadania vinculada à ecologia

Nas entrevistas busquei formular questões em blocos que fossem aproximando o sujeito educando da temática ecológica. Aos poucos os entrevistados foram percebendo como muitas de suas ações benéficas ao meio ambiente já fazem parte da rotina e não são refletidas no dia a dia. O último bloco da entrevista esteve focado na relação com a Ayni e o tema da ecologia, então foi neste ponto que surgiram as falas relacionadas com aprendizados para o exercício da cidadania.

Reforço que a aprendizagem não acontece de forma isolada ao participar da Ayni, pelo contrário, é em muitos casos um caminho que já vinha sendo traçado pelos entrevistados e se consolidou ao encontrar um espaço que faz sentido dentro de suas buscas por uma vida mais saudável, preocupada com o planeta e com a educação das crianças. Nesse sentido, a aprendizagem surge dos conteúdos que os entrevistados consomem, da relação com as mídias, das relações de trabalho e estudo, na família, comunidade e amizades, ou seja, a aprendizagem acontece de forma integrada, não está unicamente ligada a Ayni.

Pra mim o que faz muito sentido é a gente realmente buscar qual é a forma, alguma forma de se conectar com a natureza. Por exemplo, pra mim é sentir o pé no chão, na terra, afundar o pé na terra, embarrar. E essa conexão, na busca por esse momento, que seja um minuto, que seja cinco minutos, a partir disso buscar dentro da gente o que é que faz sentido pra fortalecer essa conexão, parar de buscar fora porque é a partir disso que tudo vai encontrando seu fluxo natural (...) a conexão de dentro pra fora (Melissa, 2023).

A fala de Melissa retrata meu comentário inicial, de como ser um cidadão ecológico passa pelas experiências particulares de cada ser humano, de encontrar em si mesmo a conexão que se estabelece com o restante da vida do planeta. Quando a entrevistada menciona que é preciso parar de buscar fora o que na realidade está dentro de si mesmo, se refere a entender o que cada um pode fazer de melhor para si mesmo e para o planeta, sem estar se comparando a outras pessoas, entendendo as possibilidades de mudança dentro de sua realidade, se conhecendo e se assumindo como agente de mudança. Essa reflexão se conecta com a fala de Eduardo, dentro de sua experiência trabalhando na agrofloresta:

Eu acho que o sonho seria trabalhar só com a terra, eu gosto muito de estar com a mão na terra, se eu pudesse escolher faria só isso, mas sou grato pelo que vem, pelos desafios que a gente recebe aqui dentro que são de um grande aprendizado. O principal desafio, assim, o mais difícil de lidar, francamente são com as pessoas, acaba rolando uma troca grande de energia, mas também tem um lado bom, isso que é um aprendizado. Eu acho que tem a ver com os espelhos né, quando algo em uma pessoa ou em uma criança incomoda a gente, tem muito a ver com a gente, então todo dia a gente está se trabalhando aqui dentro, porque vem pessoas de diversos lugares do país, do mundo, então é bem intenso (Eduardo, 2023).

A vivência de Eduardo explicita um comportamento presente na sociedade, que é a importância de conviver com outras pessoas, em especial se pensarmos em distintas realidades culturais, mas também as dificuldades que surgem a partir dos contatos interpessoais que se estabelecem. Nestas relações, como Eduardo mencionou, há muita troca de energia, mas além

disso há troca de saberes, há questionamentos, há quebras de visões distorcidas, há aprendizados. Sendo assim, a socialização, o senso de comunidade, a participação coletiva são questões fundamentais quando tratamos sobre uma cidadania ecológica. O entrevistado Allan reflete sobre isso ao observar as crianças na Ayni:

Eu acho que só a referência que é ser um lugar bioconstruído, praticar uma economia consciente, porque o consumo consciente já é mais complexo de você entender, a gente está em uma sociedade em que é difícil entender como é o consumo consciente. Mas só de ser um lugar que é uma referência, de ter paredes construídas em barro, e o quanto isso é possível, e poder conviver com o meio ambiente em si ali com a natureza, as crianças estão dentro de uma floresta e por si só elas já veem as estações do ano, como as coisas mudam de temperatura, de umidade nas plantas, dos animais que estão ali, então só esse ambiente já proporciona um aprendizado enorme. É isso, o ambiente em si é um convite (Allan, 2023).

Como é possível identificar no comentário de Allan, aprender sobre ecologia na Ayni está muito mais relacionado ao ambiente do que a uma aula específica sobre essa temática. As crianças estão mais concentradas nas nuances e nos pequenos movimentos da natureza do que os adultos e isso instiga a curiosidade, incentiva a criatividade, aproxima-as de debates importantes como as mudanças climáticas e a poluição. Por exemplo, durante o voluntariado eu e Eduardo instalamos um pluviômetro acessível à altura das crianças para que elas tenham a noção da quantidade de chuva que caiu na região onde moram, adquirindo aprendizados não só sobre o clima e a precipitação das chuvas, mas também aprendendo sobre o funcionamento do pluviômetro e as unidades de medida.

Nas conversas em que tive, três entrevistadas mencionaram situações pontuais que acontecem em Guaporé e demonstram uma mudança na forma como a população age em relação ao meio ambiente, aprendizados que foram construídos a partir de políticas públicas sobre preservação do meio ambiente e cuidado com o lixo na cidade. Na entrevista com a Tabitha, ela mencionou que os alagamentos em Guaporé, oriundos do arroio que passa dentro da cidade, diminuíram consideravelmente a partir do momento que a prefeitura começou a fazer campanhas sobre o descarte do lixo e a limpeza do arroio passou a acontecer com maior frequência. Apesar disso, a entrevistada recordou durante a entrevista o triste episódio da enchente de setembro de 2023 que atingiu a Serra Gaúcha e o Vale do Taquari, que acabou destruindo cidades e deixando mortos. Nesse sentido, além da menção ao problema do lixo, a entrevistada relata uma preocupação com o desmatamento:

Eu acho que é mais o pessoal se conscientizar mesmo né, porque o pessoal não se preocupa muito com o desmatamento e agora o pessoal reclama porque dá enchente e não sei o que, mas tem um porquê né! Nunca aconteceu de dar enchente que nem deu desta vez, está cada vez pior (Tabitha, 2023).

A entrevistada entende que as mudanças climáticas fazem parte da história do planeta Terra, sempre aconteceram e vão seguir acontecendo. A questão é como as mudanças estão sendo aceleradas por conta das ações da humanidade. A reflexão de Tabitha se relaciona com a questão do planejamento urbano ineficiente, onde famílias acabam sendo obrigadas a viver em áreas de risco e as matas ciliares são cada vez menores, o que provoca desastres em grandes enchentes.

Com a preocupação da cidade de Guaporé voltada para os recorrentes alagamentos, além das ações comunitárias sobre o descarte correto do lixo, Victória acrescenta os movimentos que estão sendo realizados nas escolas:

Quando eu fui numa reunião da comissão das cidades educadoras, eu não conheço muito bem esse projeto, mas eu descobri que Guaporé tem um projeto de reciclagem do lixo que é em parceria com as escolas, que eles separam exatamente todos os tipos de plástico (...) isso envolve as famílias também nessa separação do tipo do reciclável (Victória, 2023).

O projeto mencionado por Victória também foi citado nas entrevistas de Tabitha e Lea. A questão da reciclagem do plástico ainda é complexa porque são muitos tipos de plástico descartados diariamente. O trabalho que as famílias realizam junto das escolas é focar na separação destes resíduos, por exemplo as tampinhas plásticas das embalagens, as garrafas, as sacolas, etc... O projeto Cidades Educadoras é reconhecido oficialmente em 34 municípios brasileiros e tem por objetivo assumir a cidade como território educativo. Sendo assim, a educação extrapola os muros da escola. No Brasil, a ideia de uma cidade educadora dialoga com as proposições de autores citados nesta pesquisa, como Paulo Freire, Milton Santos e Ladislau Dowbor, essencialmente ao discutir sobre como a educação escolar precisa estar em diálogo com a vida, o cotidiano dos educandos.

Acrescentando sobre os resíduos de vidro e eletrônicos, Lea contou sobre outra iniciativa que está dando certo em Guaporé:

Um projeto do meio ambiente que deu certo aqui na cidade foi sobre a coleta dos vidros. O pessoal realmente não tem mais muito vidro na praça ou no chão nas ruas. E até nós mesmos, esses dias tínhamos uma garrafa de champagne e a gente não coloca mais aqui no lixo do prédio, a gente deixa no carro e no momento que passa lá perto do *container* que recicla só vidros, que tem só um

na cidade por enquanto, a gente vai e coloca lá, então se tem a consciência voltada a isso (...) tem também a reciclagem dos eletrônicos e funciona, o pessoal está mais consciente (Lea, 2023).

O “Eco Ponto de Vidro” citado por Lea está localizado ao lado da Igreja Matriz de Guaporé e foi instalado em junho de 2023, dentro das atividades do mês do meio ambiente. No primeiro mês de funcionamento foi recolhido em torno de uma tonelada de vidro. É válido ressaltar que o vidro é 100% reciclável e no ciclo produtivo não são registradas perdas de material, por isso a importância de projetos que incentivem a reciclagem, principalmente pensando em realidades interioranas onde a coleta de lixo não acontece na mesma frequência que na cidade.

Como pontuado anteriormente nas falas de Melissa e Victória, é importante pensar no descarte correto do lixo, no entanto a reflexão deve ser anterior a isso, pensar no motivo por produzirmos tanto lixo e a partir disso pensar em um consumo que seja realmente consciente.

Eu acho que tudo tem a ver com o meio ambiente. O problema do nosso mundo é o consumo das coisas, é comprar as coisas sem limites, é ter um monte de coisa fútil que a gente não precisa. Ter carro, roupa, comida em excesso e tudo isso vira lixo, vira embalagem que vai pro lixo. Eu acho que saber dizer não e colocar limite pra tudo na vida e viver com coisas ao nosso redor, mesmo que materiais, coisas que nos preencham, acho que o minimalismo diz muito disso, ter coisas materiais que façam sentido pra gente, não que se torne um peso ou que eu tenho para mostrar pro próximo. Então acredito muito nisso, em ter tudo com sentido, ter coisas e pessoas que nos nutram, que sejam nutritivas para nossa vida (Eduardo, 2023).

A crítica de Eduardo está focada na questão do consumismo e o quanto esse comportamento afeta a vida do planeta e as relações humanas. Como pontuado por ele, o comportamento consumista sempre acaba gerando novas demandas, novas falsas necessidades a serem saciadas e além disso pode estimular pensamentos direcionados ao egocentrismo, a querer viver em constante comparação com outras pessoas e sentir a necessidade de ter mais do que os outros têm. O estilo de vida minimalista tem como base uma vida direcionada ao bem estar e experiências, não ao acúmulo de bens materiais. É um movimento crescente onde as pessoas passam a querer em sua vida coisas e pessoas que façam sentido dentro de seus propósitos, isso significa investir tempo e dinheiro no que realmente importa, fazer um exercício crítico na hora de adquirir os produtos: eu realmente preciso comprar isso?

Como discutido anteriormente sobre o consumo de roupas e pensando no aproveitamento integral das peças, Tabitha divide uma perspectiva que tem relação com a economia e o reaproveitamento:

Faço bastante doação das roupas das crianças que não usam mais, tipo minha irmã está vendo as roupinhas que eram dos meus filhos, que minha outra irmã tinha me dado. A gente guardou e foi assim passando de uma pra outra, até porque é caro comprar roupa de criança e bebê não gasta muito a roupa, então deu para todo mundo aproveitar. Daí minha irmã está separando e as que ela não quer eu vou pegar e vou doar (Tabitha, 2023).

A colocação da entrevistada traz a questão econômica para o debate, entendendo que o valor gasto na compra de roupas infantis é alto e as crianças crescem rápido, fazendo com que as roupas sejam descartadas rapidamente. Nesse sentido entram duas possibilidades que são a venda das peças em brechós ou a doação. No caso da Tabitha, ela e as irmãs realizaram um ciclo das roupas infantis dentro da própria família, aproveitando integralmente as peças e colaborando para a economia circular.

Pensando em aprendizagens que surgiram no contato com a Ayni, questionei os entrevistados sobre o que poderiam me contar a partir de suas vivências na escola. A maior parte dos entrevistados mencionou a mudança no tratamento com as crianças e na forma como entendem a educação, mas também na relação com os produtos adquiridos e no contato com a natureza no sentido da produção de alimentos.

Eu acredito que a partir da Ayni deu pra perceber mais o valor de utilizar os materiais de forma mais natural, mais correta, por exemplo, os brinquedos de madeira ao invés de plástico e o quanto esse contato com a natureza é saudável, é bom, é benéfico, de as crianças poderem produzir seus próprios materiais, não vir tudo pronto, então essa parte estimula também a criatividade. Então o que eu vejo é isso, que a gente precisa estar consciente e dar consciência para as crianças desde cedo, porque tudo vem dos recursos naturais, então se a gente pode estar utilizando isso de forma mais consciente, a gente vai estar auxiliando o todo (Renata, 2023).

No comentário de Renata ela toca em pontos muito importantes dentro de um processo educacional: a autonomia das crianças e o estímulo à criatividade. Ambos pontos andam juntos, pois no momento em que há espaço para a autonomia das crianças, há abertura para criarem com liberdade. A entrevistada Cristine acrescenta como o exemplo dos pais é importante na conscientização sobre o consumo e a ecologia:

Nosso filho de 7 anos já tem uma consciência muito maior e crítica quanto a várias coisas. Ele me vê produzindo nosso sabonete, nosso creme porque ele tem dermatite atópica, nosso desodorante. Ele sabe o mal que o desodorante de mercado faz, então assim vários pontos que ele já sabe (Cristine, 2023).

Nas noções destacadas por Cristine é possível perceber o desenvolvimento de um pensamento crítico a partir das discussões que acontecem na família a respeito dos produtos disponíveis nos mercados para cuidado com a higiene pessoal. Cristine passou a fazer diversos produtos de forma natural em casa, gerando menos impacto ambiental, cuidando da saúde e economizando na hora de fazer compras.

Minha família adota práticas ecológicas e de consumo consciente que beneficiam o meio ambiente, desde usar sabão natural, usar nosso creme, usar nosso desodorante, utilizar menos remédios possíveis, tudo tentar de forma natural, detergente também não usamos mais, é tudo com sabão. Lava roupas químicos também não usamos mais, só sabão de coco natural que eu faço. Meu filho usa fraldas de pano, não usa fraldas descartáveis, não uso lenço umedecido para limpar ele, só papel toalha e tento fazer higiene natural sempre quando dá com ele desde pequenininho. Fazemos muita coisa da nossa alimentação, tentamos comprar o menos possível, principalmente ultraprocessados, tentamos produzir nosso alimento, principalmente as hortaliças (Cristine, 2023).

Ao compartilhar as práticas de sua casa, Cristine acrescenta uma percepção importante sobre o uso de fraldas descartáveis. Diariamente um bebê necessita de várias trocas e a cada troca se usa uma fralda descartável. Novamente são assinalados os pontos da economia financeira e a redução na produção de lixo ao utilizar-se de fraldas de pano que podem ser lavadas e reutilizadas. Porém, apesar da viabilidade de utilizar-se das fraldas de pano, é importante considerar que nem todas famílias conseguem estar com os bebês durante todo o dia para este cuidado específico e existem distintas realidades, seja no acesso à água para lavar as fraldas de pano, como o próprio acesso às fraldas.

Da mesma forma o casal Ana Carolina e Allan, que fazem diversos produtos em casa, dividem a perspectiva de como as pessoas veem ações não convencionais quando se trata de consumo:

As pessoas gostam da parte de economia, de ser natural e tal, mas muitas vezes tem aquele “nojinho” das coisas, como se não fosse funcionar (...) tem uma resistência por causa da sociedade né, é complexo, a gente é ensinado de que não se compra isso porque isso aqui é melhor, se é natural vai ser ruim e aí é um processo (...) socialmente de modo geral nossa primeira reação quando chega uma coisa que a gente não conhece geralmente é medo (...) a mudança geralmente gera resistência. Até que você pensa: ah isso é estranho, mas beleza, vai usando que daqui a pouco tá todo mundo acostumado (Ana Carolina e Allan, 2023).

A fala de Ana Carolina e Allan me levou para os trechos onde discuti sobre as mediações identificadas nas entrevistas. Como os entrevistados afirmam, comportamentos e ações que fogem das convenções sociais geram resistência e muitas vezes provocam visões distorcidas ou preconceituosas. Ana Carolina, ao inserir os desinfetantes naturais para uso nos banheiros da Ayni pôde perceber a estranheza das pessoas que lá convivem. Porém, com o tempo perceberam que realmente é funcional e os desinfetantes naturais passaram a fazer parte do dia a dia da escola. Nesse sentido, mudar de mentalidade e estar aberto às mudanças também é um aprendizado para o exercício da cidadania, entendendo que o ser humano não é um ser “fechado”, mas sim um ser em transformação.

Como Cristine tocou no ponto da alimentação saudável e da produção de alimentos na própria horta, a entrevistada Lea compartilhou sua mudança de mentalidade e atitude a partir de sua inserção na Ayni:

Eu mudei muito a questão de ver a terra só produzir pra ti (...) fazer uma horta bem linda e maravilhosa e ela te retornar com produção. O Dudu nos ensinou que as plantas se comunicam entre elas, entre várias espécies, não precisa ser só alface e repolho, elas podem ser misturadas porque elas conversam, coisas que ninguém tinha me dito antes. De ficar ali plantando sem precisar dizer me dá o fruto, só plantar, só a conexão com a terra é de um significado que as pessoas não tem mais essa valorização (Lea, 2023).

Este comentário que retrata o contato dos pais na agrofloresta não foi trazido apenas por Lea, outros entrevistados também relataram aprendizados relacionados a agricultura de subsistência e produção de alimentos orgânicos, como visto anteriormente na fala de Tabitha sobre saberes que adquiriu no trabalho voluntário dos pais na agrofloresta da Ayni. O principal sentido do contato com a agrofloresta é a reconexão com o próprio interior. Surgem diversos aprendizados não apenas sobre como produzir sem agrotóxicos, mas entender os benefícios oferecidos por cada planta que está na agrofloresta.

Retomando os princípios de um processo educacional, a entrevistada Kelly compartilha como a cidadania ecológica é anterior ao contato do ser humano com a natureza. Essa dimensão da cidadania se coloca antes de tudo na compreensão de si mesmo como parte da natureza.

A Ayni pra mim é um movimento de reconexão com a natureza que cada um é (...) é uma forma da gente se reconhecer como a natureza que existe, sabe, não é algo a se fazer, tipo “nós temos que salvar o planeta”. Nós podemos, enquanto indivíduos, ter uma postura mais consciente pra vida que vai refletir neste todo, no quanto a gente quer consumir, no quanto a gente acha que é

importante comprar coisas, acumular coisas, no quanto a gente é consciente do que a gente está descartando de lixo ou não, então são vários aprendizados pra mim (...). Acho que tem uma coisa pra mim na Ayni que é a cooperação, não tem competição, não é se eu sou melhor. Nenhuma árvore está vendo se ela é melhor que a outra, se ela é mais bonita que a outra, elas só existem. Então me traz uma coisa assim de como é a gente viver num estado mais natural, que é sendo o que a gente é (Kelly, 2024).

A reflexão de Kelly toca em um ponto muito importante no processo de aprendizagem e na vida em sociedade, que é a cooperação. O sentido de coletividade é a base para aprender a ser um cidadão ecológico, mas não podemos esquecer que existem outras dimensões da vida que se entrelaçam para esta aprendizagem. Dessa forma, a aprendizagem cidadã acontece pelo processo educacional. Considero relevante discutir os preceitos da pedagogia sustentável na educação, ou seja, a partir da participação, igualdade, liberdade, diálogo, autonomia, criticidade, criatividade, inventividade e prática, discutir temas que fazem parte da realidade dos educandos e que sejam voltados à construção de sociedades sustentáveis.

Diversos autores discutiram ao longo dos anos sobre a “ecopedagogia”. Apesar de não ter cunhado o termo, Paulo Freire esteve entre esses estudiosos e defendia a educação ambiental crítica nas escolas. A ecopedagogia é uma abordagem educacional que integra princípios da ecologia e da sustentabilidade no processo de ensino e aprendizagem. Esse tipo de pedagogia busca promover uma consciência ambiental e uma relação harmoniosa entre os seres humanos e o meio ambiente, dessa forma se reconhece a interdependência entre os sistemas ecológicos e sociais, destacando a importância de uma educação que leve em consideração não apenas as necessidades imediatas dos indivíduos, mas também as das gerações futuras e do planeta como um todo (Gadotti, 2001).

A ecopedagogia enfatiza a importância de uma educação holística, que integra conhecimentos científicos, culturais, sociais e éticos relacionados ao meio ambiente. Ela busca desenvolver nos educandos não apenas um entendimento dos problemas ambientais, mas também habilidades práticas e atitudes responsáveis em relação à natureza. Geralmente envolve práticas de ensino que incentivam a conexão direta com a natureza, como aulas ao ar livre, projetos de conservação ambiental, hortas escolares e outras atividades que promovam uma experiência imersiva com o meio ambiente (Gadotti, 2001). Durante minhas imersões na Ayni e com entrevistas realizadas, percebi como a ecopedagogia é aplicada na escola, mesmo sem mencionarem esse tipo de abordagem pedagógica. Inclusive as reflexões dos sujeitos educandos entrevistados retratam a noção de pertencimento e de unidade em relação à natureza, como expressado pelo entrevistado Fabricio:

Se fosse resumir assim, eu diria que está tudo interligado, inclusive a produção de comida. Eu acho que muito do que eu aprendi na Ayni já fazia parte de mim em alguma instância. Esse símbolo do reciclar mostra que tudo é um ciclo, pela produção que a gente percebe o quanto que os dejetos, no caso dos nossos banheiros, eles servem como adubo para a horta, como que a gente pode reaproveitar muita coisa que a gente joga fora, tanto para adubar a horta para fazer com que aquilo ali cresça, não usando agrotóxico, como na hora que a gente vai consumir o alimento, fazendo outros tipos de alimento. Eu diria que o principal é isso, o quanto é cíclico essa história da comida e dos dejetos. Está tudo ligado, não existe esse lance de jogar fora e agora que se vire sei lá, onde a gente vai enterrar, que a natureza dê conta (Fabricio, 2023).

O entrevistado traz uma discussão pertinente sobre o que significa reciclar e como a natureza vive em processos cíclicos. Somos tão parte da terra que quando morremos viramos adubo para a vida seguir seu fluxo natural, sendo assim, da morte surge a vida. O banheiro seco na Ayni é algo que quebra com a visão linear, mostrando o quão possível é não usar água para descartar dejetos. Na Ayni por hora o adubo orgânico advindo dos banheiros é usado apenas na agrofloresta, porém, é totalmente possível utilizar esse adubo na horta, afinal o longo período de cura do material torna seu uso seguro na produção de alimentos.

Em consonância com a reflexão de Fabricio, Victória compartilhou sua visão sobre os aprendizados para a cidadania:

A gente ter essa consciência de que não tem um fim, de que as coisas não acabam, mas que é sempre uma continuação e a gente faz parte dessa continuação, a gente é responsável por essa continuação. Seja nos movimentos mais pequenos do dia a dia que parecem insignificantes, sei lá, separar o lixo, coisas básicas, ou muito antes voltar no porquê a gente está produzindo tanto lixo (...) ver qual é a motivação desse consumo, para onde estão indo todas as coisas que são um novo começo e que não são um fim. As coisas não vão pro lixo e depois somem, é um ciclo, então entender para onde vai e o que vai acontecer com tudo isso (...) Ter essa conexão com a natureza e entender que tudo se conecta, está tudo conectado, sentindo dizer que a gente é parte, o ser humano não está aqui pra dominar, para usar e somente usar, a natureza não está aqui só para nos servir mas sim para “ser” com a gente, respeito e consciência coletiva maior com a terra (Victória, 2023).

Trago a fala de Victória como um resumo de tudo que foi conversado e refletido durante as entrevistas, de como os temas da ecologia, comunicação, educação e cidadania convergem entre si. Como necessidade social o debate sobre ecologia está diretamente ligado à cidadania, pois é fundamental agir com responsabilidade, valorizar os recursos naturais, ter consciência sobre o passado, presente e futuro da humanidade. Para que estes debates avancem, a educação é a ponte primária, seja nos exemplos vindos da família como nas provocações realizadas na

escola. E o meio pelo qual o debate ganha voz é a comunicação em suas mais diversas formas, o ato de comunicar como intrínseco ao ser humano.

5.4.5 Esperançar mudanças: comunicação e educação para emancipação

O último questionamento das entrevistas esteve relacionado com as melhorias que os sujeitos educandos entrevistados gostariam de ver acontecendo na Ayni e até mesmo críticas ou sugestões que consideram importantes para a escola. Este tópico destaca falas dos entrevistados de forma a englobar as sugestões que foram citadas em relação a Ayni, categorizadas por assuntos que foram mencionados nas entrevistas. A partir dessas discussões, exponho uma reflexão a respeito da realização das entrevistas e as constatações que fiz durante os movimentos empíricos que empreendi.

Tendo chegado até este ponto da investigação, é válido questionar-se sobre como a questão ecológica também passa pela divisão de classes, pela realidade vivida por cada pessoa. É pertinente refletir, por exemplo, como a discussão sobre economia de água no sertão nordestino é completamente diferente de um centro urbano no sul do país. No sertão animais e pessoas morrem de sede e fome, não há água, as chuvas são escassas e as temperaturas são altas.

A consciência ecológica também se coloca na criação e execução de políticas públicas de acesso aos recursos naturais. Como falar sobre economia de energia com famílias que esperam há anos pela energia elétrica? Há famílias brasileiras que compraram geladeiras que nunca foram usadas por falta de energia. É cruel pensar na disparidade de acesso aos recursos naturais. Sabe-se que a região do semiárido nordestino possui uma condição climática desfavorável, porém esse fator não justifica o abandono das famílias que lá vivem perante a assistência dos governos. Essa reflexão está embasada nas contribuições teóricas de Boff (2015) Rivera Cusicanqui (2018) e Santos (2001), pois um ponto criticado pelos autores é a questão de o acesso aos recursos naturais estar diretamente relacionado com o poder econômico.

No caso da Cidade Escola Ayni, localizada na cidade de Guaporé, Serra Gaúcha, a reflexão sobre o uso dos recursos naturais necessita ser problematizada diariamente. De acordo com dados do IBGE do ano de 2021, a cidade tem um PIB per capita de R\$ 43.858,55 e pode-se considerar uma cidade desenvolvida, com ótima localização geográfica, com clima favorável para produção agrícola e recursos naturais abundantes. É por esse motivo que muitas vezes a população de toda região negligencia a forma como os recursos naturais são utilizados. Em comparativo com realidades urbanas de grandes centros, trago o comentário de Kelly:

Eu moro no interior, eu tenho minha hortinha, eu adoro andar com o pé no chão, ficar no meio do mato, é outra vida né. O escuro... a noite aqui quando a gente apaga as luzes, não tem uma luz e nem barulho, isso já restaura tudo né, porque é muito gostoso dormir sem outros barulhos. Eu viajo a trabalho, não é que eu não durma, mas eu falo: gente que loucura, como é que eu vivi tantos anos numa cidade com tanto barulho, tanta gente! (Kelly, 2024).

A partir deste comentário, é possível perceber o conforto e tranquilidade do interior de Guaporé; contudo, como mencionei na contextualização da pesquisa, nos últimos anos a cidade enfrenta uma onda de violência diretamente relacionada ao tráfico de drogas. Sendo assim, apesar da cidade oferecer majoritariamente boas condições para se viver, existem comunidades mais vulneráveis e isso se reflete nos educandos que frequentam as escolas do município. Nesse sentido, a Ayni busca oferecer um ambiente diferente do convencional e integrar famílias de distintas realidades socioeconômicas.

Conheci a Ayni como pai porque a gente buscava para nossa filha Luiza, que hoje tem 9 anos, uma educação diferente, num lugar sem angústia, porque a escola para mim foi algo que me fez sofrer muito com o *bullying* e com a dificuldade de aprendizado. Então acho que tem muito a ver com as violências que a gente sofreu quando era criança, de buscar um lugar que respeita o sentimento dela (Eduardo, 2023).

Eduardo, na posição de pai, destaca que estar na Ayni foi uma escolha refletida, baseada em suas próprias experiências na escola quando criança. Como Kelly também mencionou, a Ayni é um espaço de acolhida da pessoa como ela é, em sua completude. Os 11 sujeitos educandos entrevistados se mostraram satisfeitos com a escola, com o método de ensino e consideram que a equipe de educadores está trabalhando em sincronia. Algumas melhorias foram sinalizadas repetidas vezes, como trago a seguir.

A maior parte dos sujeitos educandos entrevistados relata a preocupação financeira com o projeto e a atuação em turno único, fatores que estão limitando melhorias na infraestrutura e a participação de mais famílias guaporenses na escola. Os sujeitos educandos acreditam que com o funcionamento do Hotel da Ayni poderão melhorar as condições da escola, com contratação de mais profissionais, investimento em novos materiais para as crianças e fornecimento de bolsas para educadores e pesquisadores vivenciarem a escola e poderem expandir a ideia do projeto para outras cidades. Da mesma forma, com a melhoria das finanças e a ampliação da equipe existe a possibilidade de atuar no turno da tarde também, fazendo com que a escola atenda crianças e adolescentes até 14 anos.

Nesse sentido, os educadores entrevistados mencionaram que pontos que podem ser melhorados estão relacionados com o aumento da participação dos pais na escola. Apesar dos combinados sobre a participação, disseram que muitas vezes apenas um dos pais participa mais ativamente na escola, seja mãe ou pai. Os educadores estão elaborando constantemente formações e grupos de famílias para aproximarem os pais da escola, pois entendem que as crianças apresentam melhora no comportamento a partir do momento que veem os pais presentes no dia a dia da escola.

Uma das educadoras mencionou que considera importante a contratação de uma profissional da área de Psicologia para acompanhar as crianças na Ayni, pois muitas vezes os problemas apresentados por elas fogem da compreensão e da possibilidade de atendimento adequado por parte dos educadores. Ter uma profissional na escola tornaria a relação entre escola e família mais próxima e mais assertiva nas carências e nos incômodos expressados pelas crianças.

A perspectiva da comunidade foi um ponto citado, como surgiu no tópico sobre as marcas de mediações. Os entrevistados ainda sentem uma resistência da comunidade de Guaporé sobre a educação que se defende na Ayni. Como mencionei anteriormente, uma possível alternativa para a aproximação da comunidade é investir em ações de comunicação e até mesmo integração com outras escolas do município.

Refletindo sobre a entrevista realizada com a voluntária que participou do Programa de Voluntariado por 15 dias, ela esclarece sua visão sobre melhorias na Ayni:

O trabalho na Ayni foi muito bom, de conhecer mais de perto a realidade da escola, o que está por trás, de ver como tudo funciona. O que eu mudaria... acho que poderia ter mais organização para que todo mundo pudesse trabalhar mais, dedicar mais tempo. Acho que como não tem uma organização bem delimitada e também o trabalho vai mudando muito conforme a época do ano, eu acho que a gente fica um pouco sem trabalhar, sinto que eu poderia ter trabalhado mais no tempo em que eu estava lá, fiquei um pouco ociosa, digamos assim (Cristine, 2023).

A percepção de Cristine se alinha à minha visão, como relatei no tópico sobre minha experiência no voluntariado. Apesar de se propor a liberdade de fazer o que sentir, o que pulsar, na agrofloresta pessoas que nunca trabalharam com a terra podem ficar sem um rumo em termos do que pode ser feito. Relaciono nossa percepção semelhante durante a experiência do voluntariado ao fato de sermos mulheres que já tiveram contato com horta, plantações e afins. Sendo assim, outras pessoas vindas de realidades distintas podem ter uma compreensão completamente diferente do trabalho no voluntariado.

Da mesma forma que no voluntariado se preza pelo livre arbítrio, nas dinâmicas educativas da Ayni, como retratei no tópico sobre o processo educ comunicativo, as crianças não são induzidas aos temas, elas é que propõem o que querem fazer. Porém, como acontecem as oficinas semanalmente onde são ofertadas atividades para as crianças, Fabricio deixa uma reflexão importante:

Na Ayni tem muito a questão de não induzir a criança a nada, de trazer um tema, tipo: “ah galera vamos lá pra agrofloresta”, não rola isso. Mas eu acho que tem alguns temas que são essenciais em qualquer escola, uma opinião muito pessoal assim, como ecologia, tecnologia, política, economia, artes, música... Então eu acho que alguma coisa devia ser sugerida e quem não quer não faz. São algumas coisas que pra mim são fundamentais pra construção do ser humano nos dias atuais (Fabricio, 2023).

A colocação de Fabricio é relevante para a discussão proposta nesta pesquisa, pois o não direcionamento das atividades também me gerou dúvidas se alguns temas importantes não deveriam ser abordados nas atividades com as crianças e os adultos na Ayni. Inserir uma nova abordagem pedagógica esbarra novamente na limitação do número de educadores, porém, poderiam ser desenvolvidas oficinas que direcionassem para temas fundamentais para o desenvolvimento crítico dos sujeitos educandos. No mesmo sentido do apontamento de Fabricio, trago a reflexão de Victória:

Eu acho que trazer essas discussões que são sociais e culturais, acho que isso melhoraria a convivência e a relação com as famílias. Tipo fazer encontros pra conversar sobre isso que a gente está conversando agora, sobre consumismo, sobre capitalismo, sobre feminismo. Trazer questões pra se discutir sobre como se reproduz machismo, como as questões raciais também que são super importantes, de gênero. Questões sociais e culturais podem estar mais presentes dentro das discussões do que acontece (...) o objetivo não é que todo mundo pense igual, mas que todo mundo se respeite (Victória, 2023).

A sujeita entrevistada acrescenta também a importância de discutir temas sociais nos cursos e formações com os adultos que frequentam a Ayni e menciona como a conversa de nossa entrevista é um exemplo possível de se realizar, provocando os sujeitos educandos a refletirem sobre suas realidades a partir de questões simples, mas que trarão reflexões importantes para a convivência em sociedade.

Enquanto pesquisadora, reflito sobre a importância da discussão trazida por Fabricio e Victória, pois ao caracterizar a Ayni como um projeto educ comunicativo, necessariamente a criticidade sobre temáticas de relevância social precisa acontecer. Foi bom poder dar esse

espaço de fala aos entrevistados para expressarem questões que muitas vezes acabam não discutindo nas reuniões pedagógicas ou com as famílias.

Após todas leituras e reflexões propostas na contextualização da pesquisa e nas teorias discutidas, reforço a percepção da educação a partir de Morin (2013). O autor defende que a educação não pode estar limitada à transmissão de conhecimentos, é preciso desenvolver a capacidade dos sujeitos de lidar com a incerteza e a complexidade do mundo contemporâneo. A interpretação dos fenômenos depende do sujeito e de sua visão de mundo, por isso a relevância de uma abordagem transdisciplinar que promova não apenas a memorização de fatos, mas também a capacidade de pensar de forma criativa e inovadora (Morin, 2013).

Minha visão sobre as entrevistas é de que algumas foram mais aprofundadas que outras e isso está relacionado com a personalidade de cada sujeito educando entrevistado, alguns são mais falantes, outros mais diretos. Não considero que as entrevistas tenham tom de superficialidade pois senti uma abertura dos sujeitos educandos para contarem práticas que costumam realizar em suas casas, inclusive estive pessoalmente na casa de alguns deles.

Como já expus durante o tópico voltado às observações na Ayni, é perceptível um esforço educ comunicativo na escola que possibilita identificar elementos da dimensão ecológica, como senso de coletividade, participação, igualdade, diálogo entre educandos, estímulo à criatividade e inventividade, criticidade, noções sobre economia, lixo, preservação ambiental, cuidado com os animais, cuidado com os espaços e materiais da escola. A partir das entrevistas, consegui me aprofundar no entendimento das dimensões antes observadas e percebi que há limitações no processo educ comunicativo, como as apontadas nas falas dos sujeitos educandos entrevistados anteriormente.

Com isso não quero dizer que há um método específico a ser seguido para que se configure um processo educ comunicativo, mas reflito que justamente a discussão ainda muito embrionária de temas como racismo, machismo, homofobia, feminismo, ecologia, política, economia, capitalismo e tecnologia acaba prejudicando o potencial crítico da Cidade Escola Ayni. Entendo a posição dos educadores e do Thiago como fundador e membro ativo da escola, em muitas vezes não trazer temas “polêmicos” por não saber como será a reação dos educandos. Contudo, reforço que estabelecer esse diálogo é fundamental, pois por mais simples que sejam, os questionamentos que nos causam desconforto ficam ressoando em nossa mente, nos fazendo refletir. Da mesma forma, entendo que as pessoas que efetivamente participam da Ayni estão vivendo em consonância com os pilares do projeto. A maioria dos sujeitos educandos entrevistados reforçou que estar na Ayni fortaleceu pensamentos que esses sujeitos já nutriam

anteriormente, ou seja, há um viés cidadão se consolidando dentro deste projeto, em processo de construção, em processo de amadurecimento.

Esses trechos me fizeram recordar o trabalho de Cheron Zanini Moretti⁵², indicação de leitura que recebi durante a qualificação. A pesquisa de Cheron discute a insurgência como princípio educativo da pedagogia na América Latina, fugindo da visão formal da educação. A partir disso entendo a insurgência diretamente ligada aos movimentos de resistência. Não consigo pensar na educação brasileira sem um movimento insurgente após tantos ataques à democracia nos últimos anos. A democracia e a liberdade são questões fundamentais no processo educativo e, como Freire defendia em suas obras e em sua atuação como educador, não há uma pedagogia neutra porque a educação é um ato político.

Ressaltando o direcionamento desta pesquisa para a dimensão ecológica da cidadania, a partir das minhas observações durante os cursos e voluntariado e o contato com os sujeitos educandos na oficina criativa e nas entrevistas, identifiquei que na Ayni falta aprofundar a discussão e compreensão crítica dos porquês da crise ecológica contemporânea, das questões sociopolíticas, econômicas e estruturais envolvidas. Identifiquei que há um investimento significativo em transformar as práticas diárias em relação ao meio ambiente, mas falta discutir compreensões críticas de fundo sobre a problemática ecológica, pois o processo educ comunicativo necessita de um pensamento, uma reflexão, uma compreensão crítica do mundo para poder transformá-lo. O direcionamento da escola para estas questões poderia levar futuramente os sujeitos educandos a terem posicionamentos mais políticos em relação a problemática ecológica. Como identificado durante a pesquisa, há distintas maneiras de trabalhar essas questões com as crianças e com os adultos, é uma questão de construir metodologias e estratégias que sejam produtivas para os diferentes sujeitos educandos presentes na Ayni.

Posso afirmar que o tópico sobre as mediações me surpreendeu, pois percebi que os entrevistados têm uma relação com as mídias mais relacionada às necessidades de comunicação e entretenimento. Para mim foi uma descoberta ver que estes sujeitos estão consumindo muito menos a televisão, seja ela aberta ou paga. Os *streamings* estão ganhando espaço porque as pessoas acabam tendo mais opções de escolha e liberdade em assistir a qualquer horário, sem depender de uma programação específica. O consumo de notícias foi praticamente nulo entre

⁵² Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 2008. Título: Educação Popular em José Martí e no movimento indígena de Chiapas: a insurgência como princípio educativo da Pedagogia Latino-Americana. Autora: Cheron Zanini Moretti, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

os entrevistados, identifiquei um movimento de afastamento das notícias principalmente por sentirem ansiedade e outros sentimentos negativos relacionados ao excesso de informação.

Essa perspectiva se vincula a questões trazidas em um episódio do *podcast* Mamilos⁵³ que ouvi recentemente sobre como nossa sociedade está “inofocada”. O excesso de conteúdo a ser consumido acaba gerando uma ansiedade nos sujeitos. Pensar nas mediações me fez lembrar também das noções de ambiente, como nós o impactamos e como ele nos impacta, relembrando o conceito de lixo de Flusser. O lixo não é apenas uma questão de resíduos materiais, mas também uma questão cultural e filosófica. Refletindo sobre a dimensão tecnológica, os produtos têm ciclos de vida cada vez mais curtos, então nós descartamos. Mas neste processo o lixo também nos descarta, pois nossas ações de consumo e descarte têm consequências que vão além do material.

Após toda jornada empírica e analítica da pesquisa, reflito sobre minha relação com o campo e as afetações na minha percepção sobre o fenômeno investigado. Entendo que a metodologia que desenvolvi adaptou-se satisfatoriamente ao cenário investigado: as observações buscando os detalhes e nuances com todo registro feito no diário de campo; minha busca por uma participação genuína nos cursos e voluntariado; minha aproximação com as crianças para conversar e desenhar; e meu contato com educadores e famílias que possibilitou o desenvolvimento de um número relevante de entrevistas. Entendo que minha aproximação com a Ayni me fez ver os problemas e, ao mesmo tempo, explicitar possibilidades de solução para as carências identificadas. Conhecer a realidade social e ambiental da cidade de Guaporé e região também possibilitou um olhar mais atento aos principais problemas ambientais e ações que a escola vem discutindo para melhorar e proporcionar uma educação emancipadora aos sujeitos educandos.

Como relatei no tópico sobre saberes e aprendizados relacionados à ecologia, muitas reflexões sobre ecologia advindas das entrevistas estiveram fundamentadas no senso comum. Porém, há entrevistas que se destacaram e foram além das visões básicas sobre preservação ambiental. Sendo assim, não posso dizer que a crítica ecológica fica no raso, mas é evidente que há uma limitação. Esse limite pode estar relacionado com os fatores familiares, culturais, socioeconômicos e com o acesso dos entrevistados às mídias e à educação escolar e universitária. Reflito que com mais debates críticos acontecendo nos encontros da Ayni, as concepções dos entrevistados seriam afetadas, reforçando posicionamentos, modificando visões distorcidas e gerando novos saberes e aprendizados.

⁵³ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0BXSCM8wUfev8XmMPsKo5S>. Acesso em: 01 mar. 2024.

A partir da investigação e conversa com os sujeitos educandos, percebi um potencial na agrofloresta da Ayni, não só na questão de produção agroecológica sustentável, mas na reflexão crítica sobre agricultura, meio ambiente, alimentação e consumo. Entendo que as práticas desenvolvidas na Ayni conversam com as contribuições de Ana Maria Primavesi⁵⁴, agrônoma pioneira na área da agroecologia. A perspectiva defendida pela autora é de que seres humanos e natureza precisam viver em harmonia e equilíbrio, entendendo a terra como um organismo vivo. Identifiquei esta noção sobre a terra na Ayni e entendo que seria uma ideia interessante começar a introduzir esses ensinamentos para as crianças na agrofloresta.

Encerro o capítulo analítico refletindo que comunicação e educação enquanto campos sociais fundamentais na constituição das sociedades, podem promover a emancipação dos sujeitos educandos por meio de um aprendizado crítico e reflexivo, que se estabeleça em diálogo e cooperação, aceitando as pessoas como elas são. A emancipação do sujeito não está apenas relacionada com a autonomia, mas com o sentido genuíno da liberdade, onde os sujeitos não se sintam impedidos, limitados ou incapacitados para realizarem as atividades que desejarem. Uma educação emancipadora dá espaço para a fala dos educandos, incentiva que eles expressem suas opiniões e possam construir novos saberes; assim se está construindo também uma comunicação emancipadora, onde a palavra é importante, onde a voz é ouvida.



⁵⁴ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/03/centenario-de-ana-primavesi-uma-vida-de-amor-a-terra>. Acesso em: 18 jan. 2024.

6 REFLEXÕES SOBRE A JORNADA

Foi um longo caminho percorrido para chegar até este capítulo da pesquisa. No início do curso de Mestrado ainda estávamos receosos com o “fim” da pandemia de Covid-19, fato este que culminou com toda realização do Mestrado com aulas remoto-presenciais. Apesar dessa falta de presença física no campus, aos poucos fomos participando de eventos que proporcionaram encontros entre colegas e nossa dedicação fez com que cada disciplina fosse aproveitada ao máximo, com a participação ativa de todos.

Não bastasse essa nova realidade que passamos a acolher com gratidão, tendo em vista que muitos perderam suas vidas, o PPG em Ciências da Comunicação foi surpreendido pelo fechamento arbitrário do programa a partir da direção da Unisinos. Já vínhamos em um processo de cura de um governo irresponsável e insano que provocou o desmonte da educação no país. Como fazer pesquisa, como ser estudante, como ser educador nesse contexto? Eu tinha planos para um Doutorado neste PPG por inúmeros motivos, seja pela acolhida que tive com professores de uma sensibilidade e humildade notável, seja pela qualidade do ensino, seja pela proximidade com o local onde vivo, seja por nossa excelência em pesquisa, de renome internacional, que culminou com a avaliação máxima pela Capes.

A questão é que a roda capitalista segue girando, independente da situação em que nos encontramos. Não aceitamos essas manobras de interesse comercial, lutamos pela continuidade do nosso PPG e de outros 11 fechados, em especial o de Ciências Sociais que me acolheu em uma disciplina. Porém, somos pequenas criaturas perante o valor do capital financeiro. Sendo assim, mantivemos nosso compromisso com a pesquisa e a ciência, independente do triste rumo de uma história de mais de 30 anos de muito estudo e dedicação no PPG em Ciências da Comunicação.

Esse processo de luto abalou nosso entusiasmo, mas mesmo assim permanecemos construindo conhecimentos que possam ser relevantes à sociedade. No primeiro ano de Mestrado, estive focada em realizar disciplinas e cumprir com a carga horária exigida pelo PPG. Como resultado destas disciplinas, desenvolvi artigos que foram apresentados em congressos e seminários, mas também textos construídos para integrar a dissertação. O segundo ano do Mestrado foi dedicado à construção da dissertação, onde grande parte da base contextual e teórica foi desenvolvida até a qualificação e o refinamento da metodologia e empiria ficou para a parte final da pesquisa.

Foi uma jornada desafiadora e ao mesmo tempo gratificante, pois segui trabalhando em tempo integral e estudando simultaneamente. Durante a pesquisa, não mencionei o local onde

trabalho, mas entendo que seja pertinente trazer uma reflexão a respeito disso. Meu envolvimento direto com a questão ambiental passa pela minha história de vida morando no interior, mas também pelo meu atual emprego em uma indústria madeireira e de reflorestamento. Conversei sobre isso durante uma das entrevistas, do quanto pode parecer contraditório falar sobre meio ambiente e trabalhar em uma empresa que depende diretamente das árvores.

Porém, entendo que trabalho em uma empresa que atua em consonância com as normas do Ibama e do Ministério do Meio Ambiente e, além disso, dependo financeiramente desse emprego. Sendo assim, não me mostro cega ou omissa aos problemas que identifico na sociedade, pois entendo que atualmente as pautas acabam sendo esvaziadas quando a discussão surge da forma errada. Meu intuito com a pesquisa não foi criar um discurso politicamente correto, mas sim mostrar como é importante introduzir a temática ecológica desde a infância para que possamos conviver com adultos mais conscientes e críticos, não conformados com os problemas ambientais e capazes de mudar, mesmo que minimamente, a realidade onde vivemos.

Neste momento de conclusão da pesquisa, reflito também sobre meu amadurecimento durante o processo de formação no Mestrado. Entendo que a principal transformação aconteceu na forma como eu entendia as perspectivas metodológicas de uma investigação. Abandonei a visão limitada que tinha sobre os métodos e passei a entender a metodologia como um sistema vivo, em constante ajuste e formulação. Foi fundamental para a pesquisa ter construído um capítulo que reflete sobre a produção de conhecimento, a construção da pesquisa como um processo artesanal e o significado de se fazer ciência. As questões éticas que permeiam as investigações geralmente são mais discutidas, porém minha postura enquanto pesquisadora e produtora de conhecimento é algo que eu não havia refletido durante a Graduação, por exemplo. Empreendi uma postura reflexiva e crítica sobre as fases da pesquisa que fui construindo ao longo destes dois anos, sabendo que ela é feita de escolhas que também precisam ser refletidas, pois dão direcionamento para o estudo e não são neutras, elas são baseadas em minhas experiências de vida e em meu posicionamento político. Por isso a importância de momentos de distanciamento da pesquisa e de um envolvimento saudável com os sujeitos educandos coparticipes, possibilitando ver nuances e contradições do fenômeno investigado.

Entendo que minhas escolhas metodológicas trouxeram uma visão ampla sobre o objeto investigado, pois o uso de estratégias multimetodológicas propiciou movimentos distintos e complementares uns aos outros. Questões que identifiquei nos momentos de observação puderam ser aprofundadas durante conversas e entrevistas, o diário de campo foi peça

imprescindível para elaborar a contextualização sobre a Cidade Escola Ayni como também para descrever e analisar o processo educ comunicativo que acontece na escola. Meu contato com diferentes sujeitos educandos trouxe perspectivas diversas para a pesquisa, podendo identificar concretizações, possibilidades e carências do processo educ comunicativo e da forma como a escola discute a problemática ecológica. Da mesma forma, minha participação ativa nos cursos e voluntariado trouxe para a pesquisa a perspectiva da experiência, sendo possível acompanhar a rotina da escola com mais clareza e entender seu funcionamento institucional.

Os arranjos metodológicos, apesar de terem possibilitado uma visão ampla do fenômeno investigado, não culminaram com uma visão completa, pois entendo a multidimensionalidade do objeto investigado, as limitações encontradas e o fato de que a pesquisa não é algo definitivo, mas sim um emaranhado de ideias, reflexões e construções que pode evoluir à medida que novas investigações aconteçam. Neste sentido, entendo que uma das limitações da pesquisa esteve relacionada com o tempo disponível para a investigação empírica, tendo ocorrido durante minhas férias do trabalho. Entendo que com o tempo adequado para uma investigação deste porte poderia ter realizado um número maior de entrevistas e me aprofundado mais nas discussões estabelecidas com os sujeitos educandos entrevistados, realizando outras dinâmicas que pudessem evidenciar o pilar da agroecologia na Ayni e como os sujeitos educandos percebem as discussões de fundo da problemática ecológica contemporânea.

Na contextualização da pesquisa, apesar de não me aprofundar sobre a Revolução Industrial e as Guerras Mundiais, consegui empreender uma discussão de como essas mudanças socioeconômicas afetam os rumos da sociedade até a atualidade. Dessa forma, busquei refletir sobre a concepção do desenvolvimento social e como essa visão ficou marcada pela ligação com o crescimento econômico e não com as condições de vida da população. As perspectivas abordadas no capítulo foram base para pensar alternativas de mudança que possam ter como preocupação central o ser humano e a natureza. Entendendo a educação como pilar para a transformação social, encontrei no conceito da educ comunicação socioambiental uma forma frutífera para discutir a temática ecológica no ambiente educativo. Sendo assim, a partir de metodologias de ensino que tenham foco na aprendizagem dialógica, crítica e não no conteúdo, é possível discutir a questão ambiental dentro das escolas a fim de se produzir conhecimentos úteis para os educandos, capazes de provocar um pensamento crítico.

A partir da reflexão sobre o contexto em que a Ayni está inserida, numa localização geográfica privilegiada e com uma população majoritária com boas condições de vida, consegui perceber problemas ambientais e sociais que acontecem repetidamente ao longo dos anos, que se vinculam à agricultura intensiva, ainda baseada na exploração indiscriminada de recursos

naturais e no uso demasiado de agrotóxicos, o grave problema dos resíduos industriais descartados de forma irresponsável e os problemas de conscientização da população quanto à problemática ecológica. Compartilho aqui uma experiência particular. Diariamente no trecho que percorro da minha casa até o trabalho, que são 4 km em uma rodovia asfaltada, vejo inúmeros tipos de lixo jogados nas margens da rodovia. Sempre me questiono quantos sacos de lixo eu poderia recolher neste pequeno trajeto. Ou seja, todos os dias pessoas que “sabem” os danos causados pelo descarte incorreto do lixo, seguem fazendo isso sem o mínimo de consciência ambiental e respeito pelo planeta em que vivemos. O caminho da conscientização não acaba, ele é repetitivo, ele é lento, ele é todo dia.

Baseada na discussão sobre o contexto da pesquisa, em termos teóricos consegui trazer para a investigação questões fundamentais para pensar a relação entre educação, comunicação, cidadania e ecologia. Nesse sentido, a problematização sobre o conceito da educomunicação trouxe pontos importantes para serem observados na Cidade Escola Ayni, como participação, igualdade, liberdade, diálogo, autonomia, criticidade, criatividade, inventividade e a conexão entre teoria e prática. Em relação à reflexão sobre os sujeitos comunicantes e as apropriações comunicacionais e midiáticas, pude em primeira instância definir que cada sujeito é único e tem experiências e afetações de mediações de forma particular. Sendo assim, ao compreender sua constituição enquanto sujeito, é fundamental conhecer sua história, sua visão de mundo. Foi a partir desse conceito que pensei nos sujeitos copartícipes desta pesquisa como *educandos comunicantes*. Trazendo para o debate a dimensão ecológica da cidadania, entendo que a cidadania não é algo adquirido ao nascer, mas sim um processo. Dessa forma, não há como pensar em cidadania sem considerar a perspectiva da natureza, de como somos parte de um todo. A partir dessa problematização teórica, identifiquei a importância de aprender com os povos originários, entendendo que a humanidade é completamente dependente da natureza para sobreviver, não o contrário. Sendo assim, ações diárias em relação ao consumo e ao uso dos recursos naturais fazem diferença no todo e fortalecem cobranças que precisam ser feitas em relação aos governos, aos órgãos de fiscalização ambiental e à sociedade como um todo.

A construção contextual e teórica da pesquisa deu corpo e suporte para a realização da pesquisa empírica. Dessa forma, ao caracterizar a *proposta educativa* da Cidade Escola Ayni e os aspectos vinculados à agroecologia, reflito que por a escola ser contraturno há uma liberdade maior na forma como conduzem seus processos de aprendizagem. É possível identificar elementos de pedagogias como Montessori e Waldorf, contudo a Ayni desenvolveu sua própria pedagogia alternativa. A história da escola é baseada na filosofia de povos andinos e inspirada também nos povos originários, na forma como se compreende a infância, as noções de

comunidade e o cuidado com a natureza. Na minha percepção, entendo que a agrofloresta é um dos ambientes da escola menos aproveitado no momento e com o maior potencial de realizações para pensar na problemática ecológica, tanto com os sujeitos educandos adultos como com as crianças. Para isso é necessário desenvolver dinâmicas que pensem especificamente na abordagem de temas como capitalismo, consumismo, ecologia e política.

Tendo acompanhado grandes mudanças na Ayni desde meu primeiro contato no ano de 2022, entendo que com o funcionamento do Hotel da Ayni com o objetivo de gerar renda para a manutenção financeira da escola, será necessária uma forma clara de prestação de contas, não só com as pessoas que convivem diariamente na escola, mas inclusive no *site* da instituição, para que futuros visitantes saibam com clareza o posicionamento da escola e das pessoas envolvidas em sua manutenção. Como trouxe durante a pesquisa, a transparência do que é feito na escola é importante para não se reproduzir um sistema econômico opressor.

Ao analisar as *práticas comunicacionais/educativas* realizadas pelos sujeitos educandos da Cidade Escola Ayni em relação aos temas/conteúdos, espaços (presenciais, digitais), metodologias, linguagens, técnicas e participação dos sujeitos educandos, percebo um processo educ comunicativo em amadurecimento. Pontos fundamentais podem ser percebidos ao interagir com a escola, como o sentido de participação e coletividade, o incentivo para que as crianças desenvolvam projetos de forma autônoma e possam se expressar livremente, o diálogo como questão fundamental nas brincadeiras e soluções de conflitos e as experimentações teóricas que são trazidas para a realidade concreta dos educandos. Os temas e conteúdos discutidos partem da iniciativa do educando, o uso dos espaços como ateliês e pátio é livre, enquanto o uso de aparelhos tecnológicos tem finalidade educativa. Identifiquei que a participação acontece satisfatoriamente, pois as crianças interagem bem coletivamente, da mesma forma que os sujeitos educandos adultos. Contudo, reflito que há limitações no processo educ comunicativo da escola, como o distanciamento da comunidade guaporense, a atuação em turno único, a falta de um planejamento nas atividades do voluntariado e o não direcionamento das atividades que pode estar prejudicando a abordagem crítica de temas de relevância social, para além dos relacionados com a ecologia, pensar também no machismo, feminismo, racismo e homofobia, por exemplo. No que concerne à realidade ecológica, senti falta de uma problematização crítica da crise ecológica que vivemos que aprofunde a compreensão de fatores econômicos, políticos, sociais além dos culturais envolvidos, das dimensões estruturais envolvidas.

Analizando os *saberes e competências* construídos pelos sujeitos educandos em relação à ecologia e expressados durante nossas conversas, identifiquei que muitos estão ligados a visões do senso comum, contudo, isso não desmerece estes saberes. Os saberes e competências

dos sujeitos educandos já faziam parte de sua trajetória de vida e foram reforçados a partir da inserção na Ayni. A construção desses saberes partiu das vivências familiares, culturais, de trabalho, de estudo e de contato com as mídias. Nesse sentido, pude identificar noções sobre a separação correta do lixo, o cuidado com materiais e espaços, a alimentação saudável evitando produtos industrializados ou alimentos produzidos com uso de agrotóxicos e o acionamento efetivo dos 4R's (reduzir, reutilizar, reciclar e repensar). Senti falta, principalmente nas entrevistas com os sujeitos educandos adultos, de uma problematização e criticidade maior quando a questão ecológica, compreendendo a cadeia que está por trás da crise ambiental.

Como *mediações midiáticas e comunicacionais* que configuram os processos comunicacionais/educativos da Ayni, reconheço afetações da comunidade, família, trabalho, escola, cultura e a relação com as mídias. Reflito que as mediações tem papel configurador dos posicionamentos dos sujeitos educandos entrevistados quanto à questão ecológica, apesar de alguns mencionarem que houve rupturas de comportamentos que tinham a partir da inserção na Ayni. Da mesma forma, sinto latente uma problematização sobre as mídias e os conteúdos que podem ser acessados nelas. Como a escola mantém os equipamentos de comunicação e informação para fins puramente educativos, reforço a relevância de um debate sobre o motivo por não usarem *smartphone* quando estão na Ayni e até mesmo refletir sobre como as mídias pautam a ecologia. A partir desses questionamentos se pode estabelecer uma visão crítica e mais consciente na relação dos sujeitos educandos e as mídias.

Tendo vislumbrado o potencial das redes sociais da Ayni, a partir de minha análise identifiquei que atualmente estas mídias são usadas apenas com a finalidade de divulgar os cursos, voluntariado e hotel. Não há como ignorar o componente tecnológico, porque ele faz parte dos sujeitos educandos. Sendo assim, entendo que as mídias podem ser utilizadas para mostrar o que a escola faz, os trabalhos que realizam, as criações das crianças e ações da escola para transformar a realidade. Assim é possível ampliar a visão sobre a educação popular e o processo educomunicativo que estão sendo construídos na Ayni.

Ao analisar as práticas comunicacionais/educativas e os saberes e competências desenvolvidos na perspectiva da educomunicação e de construção de cidadania vinculada à ecologia, reflito que as aprendizagens para a cidadania partem principalmente da visão crítica sobre a questão ambiental e do sentido de se assumir como parte da natureza, por isso a responsabilidade e importância de atitudes conscientes. Entendo que os sujeitos educandos desenvolvem práticas sustentáveis em relação ao meio ambiente em seu dia a dia e podem expandir a compreensão que já têm a partir de provocações e reflexões que aconteçam na Cidade Escola Ayni.

Tomando como base a metodologia que desenvolvi nesta investigação, avalio que futuros estudos dentro da temática da educomunicação socioambiental em escolas poderiam desenvolver uma pesquisa-ação acompanhando oficinas e grupos de discussão com os temas importantes que foram relacionados no decorrer da minha pesquisa. Penso que uma das carências da Cidade Escola Ayni é a criticidade relacionada aos pilares da economia e da agroecologia. Por vezes a discussão fica essencialmente centrada na crítica ao sistema educacional tradicional, perdendo-se o potencial crítico de outras dimensões sociais e políticas.

Os sujeitos educandos da Ayni se apropriam de práticas comunicacionais e educativas da escola de distintas maneiras, cada um dentro de suas possibilidades e de sua realidade. Essas apropriações colaboram na construção de saberes relacionados à ecologia, juntamente das vivências e história de vida de cada sujeito. Assim se conduz o processo de aprendizagem de uma cidadania ecológica, que apesar de não ser plena, está em construção e amadurecimento.

Finalizo a pesquisa satisfeita com o trabalho realizado, refletindo que meus movimentos investigativos trouxeram contribuições relevantes para o campo da educomunicação socioambiental, trazendo uma perspectiva a partir de uma escola de educação alternativa. Para a Ayni a pesquisa também será reveladora por trazer dimensões que muitas vezes passam despercebidas no dia a dia das pessoas envolvidas na escola, possibilitando discussões e melhorias na sua abordagem pedagógica e na consolidação de um processo educomunicativo capaz de gerar reflexões críticas sobre a questão ambiental.

Encerro essa jornada lembrando as palavras do educador Paulo Freire, que reverberaram em minha mente durante esta jornada. Apenas atualizo a citação a partir de minha perspectiva enquanto mulher fazendo ciência: os seres humanos se libertam em comunhão.



Ninguém liberta ninguém,
ninguém se liberta sozinho:
os homens se libertam em comunhão.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Elefante, 2016.
- AYNI. **Uma escola para inspirar**. Disponível em: <https://www.ayni.org.br/>. Acesso em: 24 jun. 2022.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean. **Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres, dignidade e direitos da mãe terra**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BONIN, Jiani Adriana. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2013.
- BONIN, Jiani Adriana. Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p. 213-231.
- BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Efendy *et al.* **Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- BOSI, Eclea. Entre a opinião e o estereótipo. In: _____. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre *et al.* **A profissão de sociólogo**. Preliminares epistemológicas. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- BRAGA, José Luiz. A prática da teoria na pesquisa em comunicação. **Galáxia**. N. 41, p. 48-61, 2019.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Revista Matrizes**. V.1, n. 2, p. 73-88, abr. 2008.
- CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania**. São Paulo: Loyola, 2005.
- COULDRY, Nick. Do mito do centro mediado ao mito do Big Data: reflexões sobre o papel da mídia na ordem social. **Comunicação, Mídia e Consumo**. V. 16, n. 47, p. 407-431, 2019.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. 2003. Disponível em: www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf. Acesso em: 25 set. 2020.

DOWBOR, Ladislau. **O capitalismo se desloca**: novas arquiteturas sociais. São Paulo: Edições SESC, 2020.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

FERRARINI, Adriane V. **Desenvolvimento econômico**: conceitos, práticas e desafios, 2022 (mimeo).

FERRARINI, Adriane V. O Ethos da Inovação Social: implicações ético-políticas para o estudo de práticas produzidas em diferentes ambientes. **Contemporânea**. V. 6, n. 2, p. 447-466, Jul-Dez, 2016.

FERRARINI, Adriane V. **Pobreza**: possibilidades de construção de políticas emancipatórias. São Leopoldo: Oikos, 2008.

FIGARO, Roseli. Comunicação e trabalho: implicações teórico-metodológicas. **Galáxia**. V. 39, p. 177-189, 2018.

FIGARO, Roseli; GROHMANN, Rafael. A recepção serve para pensar: um “lugar” de embates. **Palavra Chave**. V.20, n.1, p. 142-161, 2017.

FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula. O objeto da comunicação e a comunicação nas ciências. **Curso Básico de Teorias da Comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org). **O educador**: vida e morte. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

FREIRE, Paulo. Educación y participación comunitaria. **Revista Tarea**, p. 29-33, mar. 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Tanise D. et al. Sen e o desenvolvimento como liberdade. In: Niederle, Paulo André; Radomski, Guilherme. **Introdução às teorias do desenvolvimento**. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**: Ecopedagogia e educação sustentável. Buenos Aires: CLACSO, 2001.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

GOMES, Itania; ANTUNES, Elton. Repensar a comunicação com Raymond Williams: estrutura de sentimento, tecnocultura e paisagens afetivas. **Galáxia**. Especial Dossiê Historicidades, p. 8-21, 2019.

GOMES, Pedro Gilberto. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista FAMECOS**. V. 23, N. 2, p. 1-20, 2016.

GRAZIANO DA SILVA, José Francisco. **A modernização dolorosa**: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GUDYNAS, Eduardo. **Derechos de la Naturaleza**: ética biocéntrica y políticas ambientales. Lima: CLAES, 2014.

GUDYNAS, Eduardo. **Extractivismos**. Ecología, economía y política de un modo de entender el desarrollo y la Naturaleza. Cochabamba: CEDIB, 2015.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. A ideologia e a teoria da comunicação. **MATRIZES**. V. 10, n. 3, p. 33-46, 2016.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

KAPLÚN, Mario. **Comunicación entre grupos**: el método del Cassette-Foro. Ottawa: CIID, 1984.

KAPLÚN, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. **Revista Comunicação & Educação**, p. 68-75, jan-abr. 1999.

KAPLÚN, Mário. **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, p. 55-70, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**. Lisboa: Relógio D'Água, 1989.

LIVINGSTONE, Sonia. Audiences in an age of datafication: critical questions for media research. **Television & New Media**. Online First, p. 1-14, 2018.

MALDONADO, A. Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, A. E.; BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. **Perspectivas metodológicas em comunicação**: Novos desafios na prática investigativa. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013.

MALDONADO, A. Efendy. A perspectiva transmetodológica. In: OLIVEIRA, G.; SANTOS, L.; BONITO, M. **Comunicação em contexto de pesquisa**. Assis/SP: UNIPAMPA, 2019, p. 183- 212.

MALDONADO, Alberto Efendy. A construção da cidadania científica como premissa de transformação sociocultural na contemporaneidade. In: Compós, Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: UFRGS/Compós, 2011. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1582.pdf. Acesso em: 14 mar. 2022.

MALDONADO, Alberto Efendy. Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa. In: _____ (Org.). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**. 1 ed. Salamanca/Espanha: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014, v. 1, p. 17-40.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: MALDONADO, Alberto Efendy *et al.* **Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre, Sulina, 2011, p.277-303.

MALDONADO, Alberto Efendy. Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural. **Intexto**, n. 34, p. 713-727, set./dez. 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tercera parte Autoimplicación: La emergencia del sujeto. La acción de la palabra. La palabra de la acción. In: **La palabra y la acción: por una dialéctica de la liberación**. Bogotá: Editorial Universidad Pontificia Universidad Javeriana, 2018.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. Os procedimentos do consumo. In: **Pensar as mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.

MILLS, Charles Wright. Sobre o artesanato intelectual. In: _____. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 21- 58, 2009.

MOGLEN, Eben. El manifiesto puntoComunista. In: LAGO, Silvia (comp.). **Ciberespacio y resistencias: exploraciones en la cultura digital**. Buenos Aires: Hekht Libros, 2014, p.69-81.

MORIN, Edgar. **O método: o conhecimento do conhecimento**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2013.

PADILLA, Noel. Reflexión crítica del lugar de enunciación. Transubjetividad en el estudio del discurso. In: PADILLA, N., **Descolonialidad del lugar de enunciación: Aportes para la**

construcción de una Semiótica del Sur (Tese de Doutorado). Caracas: UNEARTE, 2020, p. 61-92.

PEREIRA, Carmen Rejane Antunes. Inspirações e formulações metodológicas na pesquisa em comunicação: marcas de uma travessia. In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). **Processualidades metodológicas**: configurações transformadoras em comunicação. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2013, p.149-170.

PERUZZO, Cicilia M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

PERUZZO, Cicilia M. K.; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. Comunicação para o desenvolvimento: aspectos teóricos desde a modernização ao “buen vivir”. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. V. 15, n. 4, p. 11-26, 2019.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Un mundo ch’ixi es posible**: ensayos desde um presente en crisis. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

RODRIGUES, Waldecy; SANTOS, Nayara Silva. Karl Polanyi e o desenvolvimento econômico: um novo olhar sobre o regional / local? **Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE**. V. 1, n. 36, p. 168-190, 2017.

RODRÍGUEZ, Simón. **Simón Rodríguez, Obras Completas**. Caracas: Ediciones Rectorado, 2016.

SAGGIN, Livia. Perspectivas epistêmico-metodológicas: fundamentos, escolhas, itinerários e inspirações. In: SAGGIN, L., **Educomunicação Comunitária**: horizontes para repensar a educomunicação, a comunicação comunitária e a cidadania comunicativa (Tese de Doutorado). São Leopoldo: UNISINOS, 2020, p. 167-190.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. El método progresivo regresivo. In: _____. **Crítica de la razón dialéctica**. Buenos Aires: Losada, 2012, p. 80-145.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e mediatização. In: MORAES, Denis (Org.). **Sociedade mediatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 19-32.

SODRÉ, Muniz. Uma ciência pós-disciplinar. In: **A Ciência do Comum**. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 19-111.

SRNICEK, Nick. **Capitalismo de Plataformas**. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

VERÓN, Eliseo. **Semiosis social II: ideias, momentos, interpretantes**. Buenos Aires: Paidós, 2013.

WINQUES, Kérley; LONGHI, Raquel. Mediação, recepção e consumo frente à explosão dos algoritmos. **Encontro Anual da COMPÓS 2020**. Campo Grande: UFMS, 2020.

WOTTRICH, Laura. Atravessamentos metodológicos na pesquisa em Comunicação. São Paulo, **Intercom - RBCC**, v. 44, n. 2, p.21-33, maio/ago. 2021.

APÊNDICE A- ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO: CENÁRIOS, PRÁTICAS E PARTICIPAÇÃO NA AYNÍ

1º eixo – Cenários do processo educ comunicativo

- Contextualização de materiais e espacialidade
- Quais e como os conteúdos são trabalhados
- Quais e como as dinâmicas acontecem
- Equipamentos tecnológicos e possibilidades de utilização nas atividades

2º eixo – Como ocorre o processo educ comunicativo

- Práticas e processos pedagógicos desenvolvidos
- Saberes e competências comunicativas
- Pistas e elementos da dimensão ecológica
- Marcas de mediações identificadas durante o processo

3º eixo – Os sujeitos educandos

- Como a participação pode ser percebida
- Aprendizados e potencialidades para o exercício da cidadania vinculada à ecologia
- Quais são as carências percebidas

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA: TRAJETÓRIA COMUNICACIONAL E MIDIÁTICA, RELAÇÕES E APRENDIZADOS NA AYNÍ

BLOCO 1: Perfil do sujeito educando entrevistado

- Nome:
- Idade:
- Sexo:
- Onde você nasceu e onde mora atualmente?
- Quem mora com você?
- Qual sua profissão?
- Você estudou?

Se sim, até qual nível de estudo?

Ensino público ou privado?

BLOCO 2: Usos e apropriações midiáticas/comunicacionais e relações com ecologia meio ambiente e consumo consciente

- Você tem notebook/computador?
- Qual o tipo da sua conexão com a Internet? (banda larga, fibra, 4G, via rádio)
- Que outros aparelhos de comunicação você têm? (TV, rádio, telefone, aparelho de som, tablet, Alexa, Xbox ou PlayStation, Kindle)
- Você tem celular/smartphone? Se sim, qual marca e modelo?

Você usa o celular para quê?

Usa aplicativos? Quais?

- Você lê jornais ou revistas? Quais?
- Você assiste TV? É televisão aberta ou paga?

- Assina algum serviço de streaming? Se sim, quais?

- O que você costuma assistir na televisão ou streaming?

Você já viu conteúdos sobre ecologia, meio ambiente consumo consciente nestes espaços?

Conte o que lembra de ter visto. O que aprendeu com estes conteúdos?

- Você escuta rádio ou Spotify?

O que você costuma escutar no rádio ou no Spotify?

Você já ouviu algo ecologia, meio ambiente consumo consciente nestes espaços? Conte o que lembra de ter visto. O que aprendeu com estes conteúdos?

- Você vai ao cinema?

Que tipo de filme assiste?

Você já viu conteúdos sobre ecologia, meio ambiente consumo consciente nestes espaços?

Conte o que lembra de ter visto. O que aprendeu com estes conteúdos?

- Como você usa a internet e com qual frequência?

Onde acessa a internet?

(computador, celular)

- Na internet, existe algum local onde você lê notícias, reportagens?

Você já leu alguma notícia ou conteúdo relacionado ao tema da ecologia ou algo que remete a este tema? Lembra sobre o que era? O que aprendeu com estes conteúdos?

- Você participa de redes sociais? Quais? Com que frequência?

Qual a rede social de sua preferência? Por quê? Participa de grupos?

- Você tem alguma dificuldade no uso da Internet ou aplicativos?

- Quais são as ferramentas digitais (redes sociais, aplicativos, programas) em que você sabe fazer mais coisas?

- Já produziu algum conteúdo na internet (vídeo, fotos, texto, música)? Sobre o que?

Costuma compartilhar conteúdos na internet? De que tipo?

Você já viu conteúdos sobre ecologia, meio ambiente consumo consciente nestes espaços?

Conte o que lembra de ter visto. O que aprendeu com estes conteúdos?

- Você costuma ler? Que tipo de livro?

Você já viu conteúdos sobre ecologia, meio ambiente consumo consciente nestes espaços?

Conte o que lembra de ter visto. O que aprendeu com estes conteúdos?

BLOCO 3: Aspectos culturais

- Descreva como é seu dia a dia e atividades que realiza. Nos espaços que frequenta, conversa sobre ecologia e meio ambiente? Que tipo de coisas conversa?

- Participa de atividades culturais, políticas e religiosas? Que tipo? Nestes espaços, conversa sobre ecologia e meio ambiente? Que tipo de coisas conversa?

Você lida com algo relacionado à agroecologia ou meio ambiente?

Adota práticas ecológicas, de consumo consciente ou que beneficiam o meio ambiente no seu cotidiano? Quais, descreva. Onde aprendeu?

- Costuma expressar-se em produção de conteúdo ou produção artística fora da internet? (trabalhos manuais, texto, música, dança, teatro, pintura). Faz algo relacionado à ecologia, consumo consciente ou meio ambiente?

BLOCO 4: Relação com a Ayni e o tema da ecologia

Relação e trabalho na Ayni

- Como conheceu a Ayni?
- Como é o seu trabalho na Ayni? Quantas horas por dia?
- Você gosta do seu trabalho? O que mudaria nele?
- Há quanto tempo você participa das atividades na Ayni? Por que você participa?
- Quais atividades que faz na Ayni considera mais interessantes? Por quê?

Concepções e aprendizados

- Das práticas desenvolvidas na Ayni, e baseado nos conhecimentos que você já tem, o que pode falar sobre ecologia, consumo consciente, meio ambiente?
- Estar na Ayni afetou a forma como você age ou entende as questões relacionadas à ecologia? Aprendeu algo que possa mencionar?
- As vivências na Ayni trouxeram algum pensamento crítico sobre os temas da ecologia, do meio ambiente e do consumo? Por exemplo, contra hegemonias, capitalismo, consumismo? O que aprendeu?
- Existem atitudes relacionadas à educação e ecologia que você mudou a partir da inserção na Ayni? O que aprendeu na escola e que levou para a sua vida?
- Os aprendizados que fez na Ayni tem relação com outros aprendizados que você tinha sobre ecologia, meio ambiente e consumo consciente? Onde havia aprendido?
- Você tem sugestões ou pontos que entende que poderiam ser mudados na escola? Se sim quais? Como poderia ser mudando?